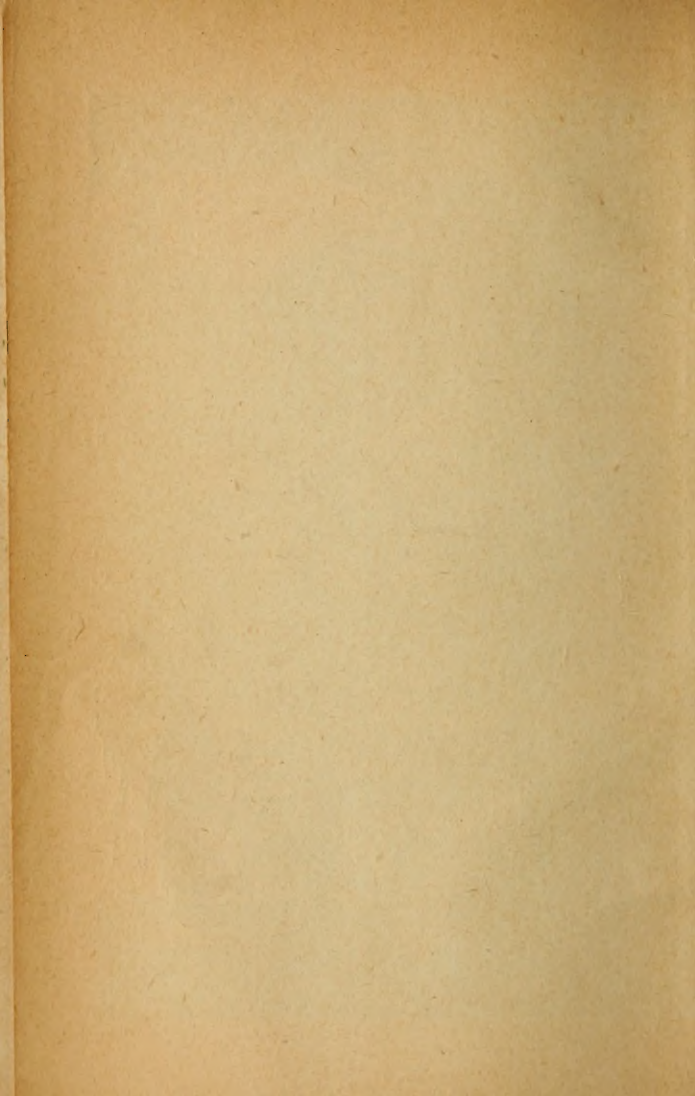
ABEL BOTELHO
Mulheres da Beira

BEIRA
BAIXA

COLECÇÃO LUSITÁNIA

ABEL BOTELHO

Mulheres da Beira

EDIÇÃO ILUSTRADA

COLECÇÃO LUSITÂNIA

1 — *Amor de Salvação,* por C. C. Branco.
2 — *Riquezas do Pobre,* por C. C. Branco.
3 — *Eusébio Macário,* por C. C. Branco.
4 — *Corja,* por C. C. Branco.
5 — *Cartas de Amor,* por Sóror Mariana e *Carta de Guia de Casados,* por D. Francisco Manuel de Melo.
6 e 7 — *Nossa Senhora de Paris,* por V. Hugo.
8 — *Amores do Diabo,* por C. C. Branco.
9 — *Frei Luís de Sousa* e *Um Auto de Gil Vicente,* por Almeida Garrett.
10 — *José Bálsamo,* por C. C. Branco.
11 e 12 — *Madame Bovary,* por Flaubert.
13 — *Menina e Môça,* por Bernardim Ribeiro.
14 — *Brasileira de Prazins,* por C. C. Branco.
15 — *Camões,* por Almeida Garrett.
16 — *Romance dum homem rico,* por C. C. Branco.
17 — *Cartas do meu moinho,* por A. Daudet.
18 — *Freira no subterrâneo,* por C. C. Branco.
19 — *Viagens na minha terra,* por Garrett.
20 — *Carrasco de Vítor Hugo José Alves,* por C. C. Branco.
21 — *Rafael,* por Lamartine.
22 — *O Arco de Sant'Ana,* por A. Garrett.
23 — *Mosaico e Silva,* por C. C. Branco.
24 e 25 — *Noventa e três,* por Vítor Hugo.
26 — *A Religiosa,* por Diderot.
27 — *Livro de Consolação,* por C. C. Branco.
28 — *Atala, René,* o *Ultimo Abencerragem,* por Chateaubriand.
29 e 30 — *Ultimos dias de Pompeia,* por Lord Lytton.
31 — *Mulheres da Beira,* por Abel Botelho.

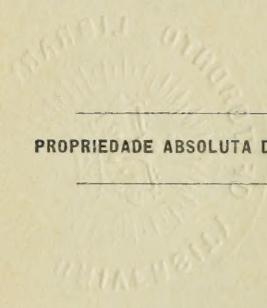
Em preparação:

32 — *O Alfageme de Santarêm* e *D. Filipa de Vilhena,* por Garrett.
33 — *Flôr d'Alisa,* por Lamartine.
34 — *Maria da Fonte,* por C. C. Branco.
35 — *O ilustre Dr. Mateus,* por Erckmann-Chatrian.
36 — *Scenas da vida boémia,* por Henri Murger.
37 — *Dama das Camélias,* por A. Dumas.
38 — *No Bom Jesus do Monte,* por C. C. Branco.
39 — *Manon Lescaut,* pelo Abade de Prévost.

Surdira a êste tempo do sul uma rapariga perfeitaça
e louçã, com um cêsto à cabeça...

Mulheres da Beira

Lp.Por
B7483m

ABEL BOTELHO

Mulheres da Beira

2.ª EDIÇÃO, REFUNDIDA

347883
14. 3. 38

LIVRARIA CHARDRON, DE LÉLO & IRMÃO,
EDITORES. R. DAS CARMELITAS, 144 — PORTO

A

DELFIM DE BRITO GUIMARÃES

AO POETA E AO AMIGO

NOTA DOS EDITORES

Não era intuito nosso publicar a segunda edição do presente livro na «Colecção Lusitânia»; mas, um incidente inesperado e estranho a isso nos força. Com efeito, quando há nove anos, aproximadamente, adquirimos a propriedade de «As Mulheres da Beira», *ficou estabelecido entre nós e o snr. Abel Botelho que, numa nova edição do mesmo volume, entrariam os contos intitulados «Marranica de Boialvo» e «Os Miradouros».*

O ilustre escritor, porêm, foi adiando sucessivamente a realização dessas páginas que de-certo imprimiriam maior fulgor artístico ao seu já tam brilhante trabalho literário, e eis que de súbito vimos anunciada nos jornais, com grande espanto da nossa parte, a publicação de «As Mulheres da Beira» *pela Empresa Lusitana, de Lisboa. Tendo em nosso poder documentos com que provávamos que essa obra nos pertencia exclusivamente, apressamo-nos a dirigir ao proprietário da Empresa referida a seguinte carta:*

«Pôrto, 2 de Fevereiro de 1917.

Ex.^{mo} Snr. F. A. Miranda e Sousa

23, Calçada do Ferregial

Lisboa:

Vimos ontem, com surprêsa, uma segunda edição do livro de Abel Botelho — «Mulheres da Beira» — *editado por V. Ex.ª, com a rúbrica: «editor e proprietário». Há aqui um equívoco que carece de ser esclarecido.*

Com efeito, a propriedade do livro mencionado pertence-nos e foi por nós comprada em 22 de Junho de 1907.

O autor está vivo, é nosso ministro em Buenos Aires e tem sido sempre editado pela nossa casa.

O original para a segunda edição das «Mulheres da Beira», *muito emendado, está em nosso poder. ¿A que atribuir o caso que tranqùilamente estamos expondo a V. Ex.ª? ¿Teria alguém vendido a V. Ex.ª a propriedade de um livro que há perto de nove anos adquirimos?*

A questão, como vê, é de gravidade. Pedimos portanto a V. Ex.ª elucidações sôbre o assunto.

At.^{os} Veneradores,

Lélo & Irmão.

Como previramos antecipadamente, nenhuma resposta obtivemos. Éramos esbulhados com tôda a semcerimónia daquilo que licitamente compráramos e, ainda por cima, escarnecidos! Decidimos então entender-nos com um advogado para pedirmos à lei a salvaguarda de direitos insofismáveis; mas, êsse advogado aconse-

lhou-nos a investigar, antes de mais nada, se o snr. Abel Botelho haveria feito o registo do volume aludido na Biblioteca Nacional, quando lançou à publicidade a sua primeira edição. Verificamos que o insigne romancista não cumprira tal formalidade por supor, ingénuamente, que ninguêm teria a audácia de apropriar-se do seu labor mental sem mesmo o consultar. Ora, o snr. Miranda e Sousa, que acumula, com a actividade de editor de livros que não paga, a de procurador nos tribunais da capital, encontrando um postigo de fácil acesso, entrou na casa alheia sem que da escalada lhe resultasse a menor responsabilidade jurídica. Da responsabilidade moral não faz sua ex.ª caso algum, pelo visto.

Convêm, pois, que os incautos nunca deixem uma porta aberta em sítios por onde passem «procuradores» com êste respeito pelo que é dos outros.

Dadas estas explicações necessárias, acrescentaremos apenas que «As Mulheres da Beira» aparecem agora *na nossa* «Colecção Lusitânia» *— de que constitue o n.º 31 — com as emendas e correcções que o seu autor lhes introduziu quando nos fez a venda da propriedade do seu livro. A segunda edição legítima dêsse livro é a que temos a honra de apresentar aos que se interessam pela literatura nacional.*

Pôrto, 8—2—1917.

A FRECHA DA MIZARELA

I

O vale de Arouca, esguio e fertilíssimo, é quási completamente fechado em tôrno por serrania alterosa, que o estrangula e cinge de perto, deixando-lhe apenas das bandas de oeste um como respiradouro a fornecer-lhe comunicação fácil com o país circunjacente. Ao norte a serra do Gamarão, por leste o monte cónico da Mó, e a serra da Freita ao sul, parece erguerem-se aprumadas e vigilantes, como esculcas ciosos do riquíssimo tesouro que na profundidade das suas faldas tão galhardamente ocultam.

E é realmente um tesouro aquele vale ! Não há no Minho torrão, por mais mimoso, que o iguale na pujança e na frescura. — Vai-o regando a todo o comprimento o rio Arda, abundante e suave no deslizar de suas mansas águas, e oriundo de dois riachos, que par-

tindo das eminências a leste de Arouca, a tornear a vila, logo abaixo se confundem irmãmente em um só.

Quem pelo mês de julho visitar esta porção das margens do Arda, còradas de um verde tam viçoso e tam salutar, conhece-se entranhadamente deliciado; robustece-se-lhe o corpo e encanta-se-lhe o espírito. Toma-o um desejo ardente de se confundir com aquela natureza tam livre e tam robusta, em que a seiva revoluteia num turbilhão vigoroso e fecundo, animando mil seres alegres e refeitos, como as crianças criadas nos fartos regalos da abundància e no conchêgo macio dos carinhos das bôas mães.

As hastes de milho, achegadas e compactas, enchem largos campos, erguendo triunfantes ao ar as suas bandeiras loiras, como se se preparassem para uma batalha colossal... por entre elas põem a espaços manchas de um verde mais viril os sobreiros, os amieiros e os salgueiros, por cujos troncos as vides trepam amorosamente, ou de cuja rama se deixam lànguidas descair... traçando a capricho por entre o milho suas finas linhas sinuosas, também as árvores de fruto ostentam o seu colorido atraente e festivo, ao passo que desparzem na atmosfera vivos aromas apetitosos... lá mais para a orla dos campos, já junto às abas do monte, abundam formosíssimos os castanheiros, com a sua corpulência copada e espessa e o seu tom verde escuro inimitável, esbatido na clara poalha da mais encantadora inflorescência... mais para a orla ainda, e já na encosta, aprumam-se os pinheiros esguios e rumorosos, e as carvalheiras ásperas e sombrias. Por entre tudo isto, o rio sinuoso e escuro, lembrando um arabesco gravado numa esmeralda. E ferindo docemente o ouvido, um murmúrio confuso e fresco, efeito da labuta prodigiosa de tanta existência ali em plena elaboração.

Subâmos agora a qualquer das serras adjacentes:

que contraste, que pobreza, que desolação! Aí os terrenos são magros, secos, maninhos; é agreste o ambiente; a vegetação é enfezada e efémera. Os principais contrafortes da serra do Gamarão, de natureza xistóide, teem uma côr atrigada escura; apenas salpicada de negro nas mais abruptas vertentes, onde rompem do terreno grandes massas de pedra, em folhetos, lascada e luzidía, quais se foram as extremidades seculares, postas a descoberto, de algum gigantesco livro petrificado.

Esta monótona côr escura do solo cortam-na em parte os pequenos e graciosos grupos de flores campanudas, côr magenta, da urze *queiró;* a flor labîada do tojo, amarela como a gema de um ovo; e mais raras vezes a brilhante flor branca do sargaço, com as suas cinco pétalas dispostas em larga corola, recolhendo lascivas os orvalhos da manhã. Esta mesma vegetação, única na serra, é pouco abundante e vigorosa. Dos serros arredondados e lisos alonga-se desolada a vista do viandante, a um e outro lado, sem descortinar mais que a solidão agreste da montanha; nas vertentes o esqueleto pardacento e descarnado de um ou outro castanheiro, vítima da moléstia; e apenas nos vales estreitos e profundos uma diminuta porção de campos de milho, lutando custosamente contra a hostilidade do *meio* em que os trouxeram a vegetar.

Na Freita é maior ainda a aridez. Aqui o sub-solo é granítico; agrupam-se a espaços, em disposições caótiacas, enormes pedregulhos, musgosos e negros, que o tempo tem ido desbastando sensivelmente, e que parece terem sido reùnidos com algum misterioso intuito por mãos de gigantes sobrenaturais. Por vezes um só penedo, espontâneo *dólmen*, carcomido e tôsco, erecto no ápice de um morro, e cujas inúmeras lâminasinhas de mica brilham como diamantes, quando ridente o sol as ilumina, parece um trono gigante, para o génio das sel-

vas trabalhado pelo génio das tempestades. Cobrindo os flancos, vegeta a urze; nos planaltos superiores, onde empoça um tanto a água, crescem os fetos rústicos, algumas gramíneas alpestres, e essa relva miudinha e rasteira, verdadeiro manjar para os gados, sôbre cujas fôlhas delicadas de sonho o orvalho se deposita em gránulos de prata.

Numa criadora manhã de julho de 187..., um dos pastores dêsse tempo, mocetão quando muito dos seus dezoito anos, divagava com o rebanho pelos altos da Vala e do Arressaio, entre os quais discorre apertada a ribeira de Gilde, afluente do Arda. Eram cinco da manhã. O sol doirava já o cume das eminências, arrancava da face polida das lousas scintilações de aço, e perolava as lágrimas de orvalho recolhidas na corola das florinhas silvestres. Murmurando obscuro, o regato serpeava pelo vale ainda imerso na sombra, como se fôsse a despertar; e uma viração áspera e fresca agitava levemente as urzes, a segredar-lhes dêsses mistérios incompreensíveis com que a Natureza celebra de contínuo a sua comunhão universal... Um marco geodésico, em alvenaria, meio esboroado, atestava ali esta parva birra do homem em nivelar, em despoetizar quanto é acidentado, irregular e belo.

Sentado de encontro a êle, o nosso pastor scismava vagamente, perdido nessa vaga alheação dos solitários; e de quando em quando lá ia uma pedra contra alguma rês mais arredía:

— Eh ! aqui, doirado !

E que belo quadro o do rebanho ! Os cordeirinhos, nédios, alvadíos e mansos, pausadamente tosquiavam do solo a mesquinha vegetação. Flanqueando-se amorosamente, soltando a espaços a toada resignada de um balido, no olhar velado e doce a expressão compun-

gente de vítimas sem recurso, na enriçada alvura da lã uma imagem fidelíssima de neve recêm-caída, morosos e cabisbaixos, pisando, leves como garças, o terreno debaixo dos seus pés pequeninos, formavam com o bistre convulsionado da serra uma delicíosa harmonia de contôrno e de côr.

Por entre êles destacavam no tamanho e na côr os machos, os chibos, de ordinário pernaltos e negros, com os chavelhos enfeitados e longos chocalhos pendentes do pescoço. Uns Lovelaces caprinos. Presunçosos e foliões, irrequietos, vivos, turbulentos, saltitavam de contínuo, quebrando com a petulância de seus lestos movimentos o tardo vaguear do resto do rebanho.

Em tôrno da manada, enormes cães felpudos zelavam-lhe cuidadosamente a integridade.

Voltando ao pastor. Era de compleição ampla e robusta, um primitivo luso. O arcaboiço proeminente e sólido tinha-o coberto por uma carnação vigorosa, se bem que depauperada pela deficiência da alimentação; a tez rugosa e tostada acusava a acção prolongada do suão das montanhas; e a obliqùidade do tronco à frente proviera-lhe do hábito de galgar contínuamente desníveis consideráveis. Tinha a testa curta, o cabelo áspero, intonso e côr das barbas do milho, e o olhar entre sonhador e alvar. Scismava, perdido numa como contemplação mística e indefinida, algum inconfessado rapto de amor... devaneava, como êsses visionários ascetas, que no cume aguçado das serras entrevêem e adoram muitas vezes brancas aparições celestiais. Vestindo uma grosseira camisa de estôpa, arremangada, por sôbre a qual se abotoavam franzidas umas tôscas calças de saragoça, arregaçadas tambêm, descalço, ao lado o chapéu de palhña, com a cabeça perdida, as pernas em arco e os braços trigueiros e angulosos abandonados sôbre os joelhos, scismava no que quer que fôsse de puro, desinteressado e alto. Os olhos,

meio cerrados, impediam que a crua luz do exterior fôsse ofuscar o suavíssimo encanto que lhe vivia na alma; e de-certo os seus pensamentos eram tam alvos como a lã das ovelhas que guardava.

Nêstes duros recessos da serrania há ainda muito sentir lavado e bom. O *verde* que cobre os serros alpestres, não é o das pestilentas podridões modernas, mas sim o da oxigenada esperança; produze-o a clorofila, não o *virus;* não embrutece, aviventa; não dissolve, regenera. Essa meretriz sedutora, — a Civilização, — ainda não tem estradas a macadame que a conduzam a perverter os montes, molemente reclinados no seu *landau.*

Surdira a êste tempo do sul uma rapariga perfeitaça e louçã, com um cêsto à cabeça, que se dirigia veleira pelo caminho aberto na montanha: era a padeirita de Gondra, que todos os dias ao romper da alva marchava para Arouca, a abastecer-se de pão trigo, e agora regressava com êle, no desempenho da sua recovagem diária e matutina.

O caminho, ao aproximar-se do marco geodésico, passava-lhe sensivelmente a leste, e ia derivando depois pela encosta, sumindo-se breve, até alcançar no fundo o curso da ribeira. Ao avançar por êle, a môça devia ser avistada do alto, mas por alguns minutos apenas; e o pobre pastor nem provavelmente daria fé que uma alma cristã, como a sua, ia passando tam perto dêle e cortando a solidão.

¿ Mas que fenómeno foi êste ?... Súpito o rapaz erguia o tronco, estouvadamente, cravava com fervor o olhar na môça, e por um lento movimento de cabeça aí vá de acompanhar-lhe com os olhos ávidamente o caminhar. Com os olhos não digo bem: com a alma... tam exclusiva e ardente era a sua preocupação !

De pescoço estendido, órbitas dilatadas, e já abria os braços como que na espectativa de um amplexo ardentemente desejado. Antes que pudesse sentir o leve ruído dos passos da padeirinha, pressentira-a, adivinhara-a; e agora, à sua aproximação, parecia que ia lançá-lo contra ela uma corrente magnética invisível.

De longe o avistou a rapariga; não manifestou a menor surprêsa, qual se houvesse notado um facto com que contava já... e ao encarar com aquela postura perdidamente ansiosa, aquela estranha e potente fascinação, sorriu entre desdenhosa e contente, continuando no mesmo andar o seu caminho.

Quando ela passava mesmo em frente ao marco, o rapaz ergueu-se de salto. Aventurou um passo à frente, deu em coçar a nuca, presa de um grande embaraço, e por fim lá arriscou com voz trémula e contrita esta saùdação:

— Ora salve-a Deus, santinha...

— Salve-o Deus, irmão... — correspondeu a môça, sem parar.

— ¿ Vai p'ra longe assim tam carregada ?

— Agora vou, vou p'ra perto; p'ra Gondra vender êste pão.

— Se lhe não faz minga que eu a ajude, levo-lhe o cêsto até à ribeira.

— Ah ! não é preciso... eu posso bem.

E, estas palavras ditas com um modo sacudido, ingrato, dobrou o passo e breve desapareceu.

O rapaz deu com o punho um forte murro na testa, e o seu rosto contraíu-se num ranilhamento de desespêro. Duas furtivas lágrimas rolaram-lhe quentes pela face, brilharam súbito iluminadas pelo sol, e foram insinuar-se-lhe envergonhadas aos cantos dos lábios descaídos.

Ele amava doidamente a padeirinha. Há dias que a tinha visto pela primeira vez quando ela, como ago-

ra, regressava do seu tráfego habitual; e desde então nunca mais deixara de àquela hora vir sempre ao alto da vala, para a ver passar. Nunca lhe tinha ainda falado. Se não fôra o instintivo temor do redículo, teria, sim, ajoelhado já ante ela, tomado por um impulso de religiosa adoração... Um acobardamento indominável, o receio de uma acolhida de desagrado estrangulavam-lhe a voz na laringe e apenas lhe permitiam o exprimir-se pelo olhar. E essa linguagem eloqùentíssima percebera-a ela de há muito; por isso ria vaidosa, sempre que topava com aquele símbolo vivo de uma afeição, por ela inspirada, e que na sua despreocupação juvenil a tonta sobranceiramente desprezava.

Neste último dia, qualquer congestivo ímpeto havia quebrado o encanto e rompido com a mudez. — Meu Deus, ¿ e p'ra quê !?... ¿ P'ra que lhe falara êle ?... Um acolhimento sêco, frio, quási hostil, fôra a justa punição do seu atrevimento ! — Devia adorá-la em silêncio, encerrar-se com ela num redil imaginário e puro, erguer-lhe altares pela serra, que cobriria de flores... devia recortar no céu alto, pela noite, a sua imagem, na floresta simbólica das estrêlas... mas dirigir-lhe a fala... que falta de respeito, que profaração ! Como a sua voz soara arreliativa e áspera a par co'a voz daquele anjo, tam argentina e tam pura ! E ela agastara-se por fôrça; na manhã seguinte tomaria outro caminho, embora mais longo ou custoso, só para não passar por ali. Num momento de irreflexão imperdoável afugentara êle o seu ideal, fizera tombar a árvore dos seus sonhos...

Na madrugada seguinte, lá estava no alto da Vala, não quieto e manso como na véspera, à espera que o coração lhe desse rebate da aproximação da môça, que tinha como certa; mas desassossegado, rabioso, trémulo, trepando aqui, descendo acolá, a prescrutar com a vista os montes em tôrno, a mergulhá-la persistente em

todos os caminhos que podia descobrir. E emquanto êle assim analisava sôfrego, um a um, os atalhos, as carreteiras, as simples vias de pé posto, receoso de que por algum dêles lhe escapasse, sem ser visto, o seu amor, dava saída à sua sobreexcitação por meio de pedradas e berros descompostos, dirigidos inconscientemente ao rebanho, e que iam fazer esvoaçar espavoridas as ninhadas de perdizes novas.

A môça era natural de Gondra e filha de um pobre lavrador, vélho e avaro, insociável como um serrano e manhoso como um aldeão. De há muito viúvo, habitava com a filha uma pequena casa rústica, de pedra sôlta e telha vã, tam tisnada no exterior pelos embates do tempo, como ennegrecida e imunda no interior. Poisava a habitação na margem direita da ribeira de Gondra, no mais profundo do angustiado vale, rodeada por um escasso campo de milho e de vinha, que, com aquela, constituía tôda a riqueza imóvel do lavrador. Era delicioso o sítio, pelo seu recato e amenidade excepcionais. Uma longa fila de amieiros, anediados e correctos, vestia as margens do ribeiro; e as latadas anosas e espessas cobriam grandes porções do solo com uma bela sombra bucólica, da qual o confôrto, impagável nas horas calmosas do estio, uma viração amena e constante vinha ainda solícita aumentar.

Nas traseiras da choupana alteava-se em declive suave até uma altura enorme a serra estéril de S. Pedro. Pela frente, um pontão rústico de troncos de pinheiro, sôbre os quais assentavam transversalmente quatro tábuas também de pinho, dava serventia ao caminho de Gondra para a vila; e para lá da ribeira aprumava-se abrupta a serra do Arressaio, com as encostas aspérrimas eriçadas de bastos pinheirais. O horizonte

era aqui limitadíssimo, diminutíssima a convivência humana.

Pois neste berço repousado e puro, neste *oásis* em que a Natureza empregara pródiga os seus encantos mais ingénuamente atraentes, nascera e fôra criada a padeirita do nosso conto. Orfã de mãe desde os oito anos, passava de ordinário o tempo a trepar às encostas, a pescar peixe miúdo na ribeira, e a dormitar sôbre os montões de tôjo sêco, amontoados para estrume em frente da habitação... quando não ia fazer o caldo e talhar a boroa para o jantar, ou cuidar dos erguios galináceos da sua reduzida criação.

Deslizava para ela estúpidamente a vida, neste apertado círculo de sensações e conhecimentos, neste vale êrmo, tristonho e só, até aonde não penetrava nem a fúria das tempestades, nem o arruído das paixões. Das pessoas, conhecia seu pai, que passava horas sôbre horas sentado à varanda, silencioso, a fabricar rêdes e chumbeiras, e um ou outro indivíduo de Gondra, que acaso por lá se demorava alguns minutos a cavaquear; das coisas, nada mais que o rudimentar arranjo da casa e o cultivo da vinha e o fabrico do pão. Era imensamente ignorante; mas o seu temperamento nervoso, ávido de comoções, de bulício, de coisas novas, dava-lhe não raro dolorosas aguilhoadas na curiosidade, que a punham scismadora e triste, porque antevia no mundo o que quer que fôsse de belo, de ruidoso, de vívido e scintilante, que lhe era defeso conhecer e gozar.

Por vezes, ao ouvir falar das maravilhas do Pôrto, da sua Tôrre dos Clérigos, do seu Palácio, da estranha animação da sua Ribeira, questionava importunamente o pai com um choveiro de interrogações, em que insofrida e sôfrega pululava tôda a sua ânsia de saber. O pai porêm, em vez das almejadas respostas, em trôco das descrições pitorescas que ela solicitava, para lhe

alimentarem a doida imaginação, soltava-lhe quatro pragas violentas e recaía na mudez habitual:

— Raios parta os do Pôrto mal'as suas grandezas! Esses, sim, teem dinheiro, andam em bons carros, gozam quanto é bom. Nós cá os da serra, — com mil diabos! — nem lenha temos muitas vezes no inverno, nem uma pinga p'ra nos aquecer!

Quando a rapariga fez quinze anos, disse-lhe o pai solenemente: — que ela estava uma mulher feita, que lhe era preciso trabalhar, que o amanho da casa lhe deixava muita hora livre para outra ocupação; que èle era pobre e o pouco que tinha lhe custara muita baga de suor para o ganhar; que a preguiça nem o próprio Diabo a queria, e que nada havia como o trabalho para dar saúde e vigor. Depois explicou-lhe, com uma solicitude manhosamente interesseira, que já lhe tinha arranjado em que se empregar... não havia agora em Gondra padeira, que fôsse diàriamente a Arouca, e ela podia aproveitar. Era um negócio rendoso, um dos melhores de por ali, um ovo por um real; não deixava menos dos seus seis vintens por dia, e chegava mesmo em certos dias a oito e até a pinto. — Que lhe deitasse a mão.

— Ela era nova e bonita, haviam de atrever-se-lhe... mas que não tivesse sustos; fôsse séria e desempenada, que ninguêm seria capaz de a molestar.

A filha aceitou radiante a proposta da nova ocupação. Ir ver Arouca e o seu convento! Que ventura! E depois, aquelas casas caiadas, com caixilhos de vidraça, e a estrada a macadame, alva como fita de nastro, a ziguezaguear, a brilhar... e os homens, os *fidalgos* de lá, que por fôrça haviam de ter outras caras, menos anegradas e rugosas que as dos de Gondra, e que haviam de andar mais aceados... não teriam as mãos ásperas, nem andariam descalços a mostrar uns pés gretados e negros, mais esquinados que a face de um

penedo! E o respirar livremente o ar sadío e corrente das grimpas das montanhas; e o descortinar daí muitas terras, muitas, destacando ridentes a alva mancha da casaria dentre o negro esverdeado dos campos de cultura. E mil outras miragens de felicidade, alumbrando a sua imaginação insaciável, acendendo o seu temperamente irrequieto e buliçoso.

Na véspera da primeira partida para Arouca, de puro exaltada, nem dormiu. As primeiras viagens foram para ela uma revelação; descerraram-lhe ante os olhos deslumbrados as delícias de um viver inteiramente diverso daquele que tinha levado até ali. Foram a princípio de desgôsto as suas mais fortes sensações. Conhecia-se como que humilhada e estranha no meio daquela gente: daquelas mulheres, que ela odiava, trajando chitas de côres vistosas, calçando leves chinelinhas, cingindo o pescoço em muitas voltas com pesados grilhões de oiro... aqueles homens, a quem ela se entregaria de bom grado, sem escolha, e que de-certo nem para ela atentavam sequer!

Nasceu-lhe pouco a pouco o desejo de se polir, de se igualar às da vila. Breve comprou um pequeno espelho circular, de moldura de chumbo, que lhe custou trinta réis. Pôs algum cuidado no arranjo da pocilga que lhe servia de quarto de dormir: a cama, que antigamente permanecia todo o dia em indiscreto desalinho, agora era logo feita de manhã, a manta escrupulosamente alisada e a dobra do lençol muito igual. A sua pesada saia de burel trocou-a por uma de chita, amarela com floritas rubras; os pés, outrora escodeados e sujos por costume, cuidou de lava-los quotidianamente com esmero; o tronco, airoso e cheio, apertou-o com um coletinho de pano, curto e decotado, sem mangas, puxando à frente os seios, e que deixava entre êle e a saia escapar-se em gracioso tufo a camisa atrigada de pano cru; sôbre o seio vinham sobrepôr-se as duas

pontas de um grande lenço lúbrico de ramagens apopléticas; e um outro lenço, quási todo branco, passado pela frente da testa, ia atar-se-lhe sob a nuca, emmoldurando deliciosamente aquela cabeça bem quadrada e varonil, que no seu nariz grande e direito, no seu queixo em ponta, na sua tez morena e ligeiramente tostada, apresentava um mixto brunido e arrogante, de romano e de peninsular. O farto cabelo castanho, que usara cortado curto na frente, puxado à testa, rente aos olhos, anediava-o agora ao espelho cuidadosamente, apartava-o ao centro, e alteava-o ao lado em duas marrafas muito macias, ligeiramente ondeadas.

Como arrebique inseparável e querido, duma ténue fita de veludinlho pendia-lhe sôbre o colo uma cruz de oiro, que lhe legara sua mãe.

Não se efectuou sem rudes repreensões do pai esta metamorfose, que êle chamava uma tonteria, um desperdício, e que lhe cerceava grandemente os magros proventos da recovagem do pão. A verdadeira tonteria da filha percebi-a êle de mais; compreendia em que resvaladíos escolhos poderia ir esbarrar aquela súbita liberdade intempestiva, concedida a uma organização tam finamente impressionável, e tam inexperiente, tam cega ainda. Não lhe importava porêm; o seu cinismo exclusivista de avarento apenas se preocupava com o dinheiro que ela do trabalho lhe podia colhêr. Emquanto a honra, dignidade, pudor, chamava-lhes *lérias* e ria como um descrente.

E não faltavam de facto à rapariga as graçolas, os grossos requebros, os ditos picantes, que ela saboreava sôfrega, qual se foram a nata do galanteio, a mesma quinta-essência do amor. Consumiam-na vagos desejos, laborava-a uma quente e deliciosa ânsia, que ela a si mesma não sabia explicar... e que a faziam caminhar pela serra horas e horas, até submeter essa perturbadora emoção pelo cansaço.

Por um dia claro e limpo de maio, ao sair de Arouca, em vez de tomar directamente para o alto da Vala, subira para leste, ao Sêrro do Cão, eminência da qual lhe haviam dito que se avistava o Pôrto. Olhou na direcção de noroeste, e o seu agudo olhar de montanhesa lá enxergou a custo, muito ao longe, uma nódoa esbranquiçada e extensa, que se aquatintava pela convexidade dos montes azulados, a espaços corôada pelos rolos de fumo das fábricas, meio extinta na vaga nebulosidade da atmosfera, e cortada quási ao centro por um fino prumo esguio, que como um dedo gigante se elevava ao céu. Era a Tôrre dos Clérigos.

— Que alta que deve ser! E que grande a cidade!... Quem me dera lá!

Na manhã em que André tam alterado a esperava, ela voltou à aldeia pelo caminho costumado. Vinha em demanda do pecureiro. Comprazia-lhe aquela santa persistência do rapaz; afagava-lhe o amor próprio. Não que ela o quisesse p'ra nada! era um serrano, um perfeito urso, um lôbo... Mas nem por isso deixava de ir todos os dias receber gostosa o tributo daquela afeição puríssima, coquetear com o que desdenhava. — Era mulher.

Neste dia foi ela a primeira a romper o silêncio:

— Bôs dias, amigo... ¿ Então, tôdas as manhãs por aqui?

— Ando co'as minhas reses, bem vê... — redarguiu, balbuciando, André, a quem atarantara ainda mais a ostensiva afabilidade da môça do que a sua aparição.

— Amanhar a vida, faz bem... Então até mais ver!

E dispunha-se maliciosamente a partir. André porèm, animado pela graça da rapariga, e disposto alêm disso a explicar-se de vez com ela, deu alguns passos, e com uma voz lamuriante:

— ¿ Pois já se vai ?...

— ¿ Quere-me alguma coisa ?... ¿ Talvez comprar algum pão ?

— O meu pão, menina, não se amassa nas vilas; é duro como a lousa e negro como os meus calções... Diga-me só a sua graça, se faz favor.

— Sou Ana, p'r'o servir. — lesta respondeu a padeira, com uma inopinada desenvoltura que denotava nela a intenção de gaiatar.

— Ora, Aninhas, eu quisera... — Suspendeu-se, com os olhos pregados no chão.

— Quisera... desempache, diga lá ! — E poisando o cêsto, sentou-se graciosamente no solo, com as pernas encruzadas e o rosto fito em André, numa expressão provocadora patente.

Queria incitá-lo a falar, a explicar-se... André teve-se mudo uns segundos, dominado por um embaraço invencivel; mas afinal, sacudindo a cabeça resoluto:

— Diga-me, Aninhas...: ¿ queria ter muitas terras, muito gado, muita riqueza ?

— Oh ! se queria... ¿ e vocemecê ?

— Eu lhe digo... D'acolá, — e apontou para sudoeste, — d'acolá daqueles pinocos da Serra Grande avistam-se quatro bispados. Pois eu queria-os todos meus, só p'ra uma coisa... p'ra lhos dar !

— Ora agora, que lembrança ! Vocemecê está a reinar...

— Não estou, Aninhas... Queria-os, p'ra lhos dar; p'ra mais nada, não !

— Fracos desejos tem você !

— Engana-se ! O meu desejo é grande... tam grande que até me acobardo de lho confessar.

— Você não é homem... Se eu o percebo... ¿ Qual é o seu desejo, vamos a saber ?

Então André, num amoroso ímpeto indomável, caíu de chofre junto de Ana, ajoelhado sôbre ambos os joe-

lhos, e apertando-lhe brutalmente os braços e as mãos, exclamou:

— O meu desejo és tu!... Quero-te, como a lôba quere aos filhos, como o musgo quere ao penedo a que se apega, como Deus quere a todos nós!

A ladina da Ana, que começara o diálogo a brincar com o amor de André, sentia-se agora comovida, invadia-a o simpatismo da paixão. Ia quási a balbuciar também uma frase apaixonada... Mas de repente lembrou-se das casas caiadas de Arouca com caixilhos de vidraça, dos homens que não andavam descalços, que usavam uns chapéus lustrosos e macios, que cheiravam a um ignorado aroma, superior ao *montesinho* dos anhos e dos cabritos; e a sua natureza azougada e doida reagiu presto contra aquele impulso honesto e bom.

Pondo-se rápidamente em pé e sobraçando o cêsto, retorquiu em tom de mofa:

— O rapaz ensandeceu por fôrça! Dizer-me que me quere!... Ora não há!

E já arrogante e estouvada se afastava, emquanto repunha o cêsto sôbre a cabeça, fazendo na sua frente pular medrosos os coelhos, e trauteando de arreganho:

Menina não seja vária,
Recolha o seu pensamento,
Que beijos são impostura,
Palavras leva-as o vento...

Na madrugada seguinte, — uma formosa manhã de estio, fresca e limpidíssima, em que o azul claro e pardacento da atmosfera parecia a visão de um lago coberto por finíssimo véu de gaze, — o fidalgo da Mó saiu a caçar, a pé, de chumbeira a tiracolo, clavina de dois canos ao ombro, charuto ao canto da bôca, seguido por um criado e precedido de três famosos perdigueiros.

Baixo, amplo e refeito, acusava uma sã organização hercúlea, tomada indubitavelmente no berço, mas depois a largo trecho desenvolvida por freqùentes exercícios físicos, por uma alimentação abundante e substanciosa, e pela tonificante gimnástica do pulmão nas grandes altitudes. Caçava quási diáriamente, por hábito, mesmo no maior rigor do inverno; muitas vezes se entregava de gôsto aos mais rudes trabalhos rurais; e tinha um grande cavalo rosilho, que o levava em duas horas de Arouca a Oliveira de Azemeis.

Trigueiro, olhos e cabelo negros, nariz rasgado e viril, mãos largas e nodosas, espáduas horizontais, todo o seu corpo tinha bem evidente a rúbrica da fôrça e da pujança. Era fogoso, atrevido, femieiro e brigão. Contando agora 30 anos, desde os 15 que a sua vida se contava por uma ininterrompida série de desaguisados, de cruezas, de sem razões, de estupros, de lutas armadas em feiras, de cacetadas distribuidas por arraiais. Era forte como um toiro e imberbe como um adolescente, devasso como um colegial e irrascível como a tormenta.

As pobres aldeãs temiam-no; e muitas, mesmo a tremer... o adoravam, porque irresistívelmente as hipnotizava o diabólico poder dos seus grandes olhos negros. Ele gabava-se com o mais cínico desplante de que as havia «de levar a eito.» No seu rosto movediço e radiante desabotoava-se invariável, como uma flor vermelha de maio, a vaidade do triunfo nunca desmentido.

Não são raros pela província êstes exemplares repugnantes de conquistadores do surro e do tamanco, espécie de pachás de baixa estôfa, proventura resquício ainda da dominação mussulmana no país.

Nessa manhã, pois, ao dobrar o cotovelo que faz o novo caminho ìmunicipal, quando torneia o morro de Santa Luzia, encontrou-se o fidalgo com Aninhas, que

descia para Arouca ao tráfego costumado. Agradou-lhe; pôs-se a segui-la e a disparar-lhe um vivo tiroteio de baixos e triviais galanteios, que a faziam còrar e estremecer. — Não que a gentil moçoila valia bem um bando de perdizes, co'a breca!

A rapariga estugava o passo, açodada, vermelha como uma romã, emquanto os três perdigueiros, brèjeiramente apostados em lhe tornar maior o embaraço, a cercavam solícitos e brincões, com a sua costumada afabilidade cosmopolita, saltando, correndo, lambendo-lhe as mãos, atravessando-se-lhe na frente, passando-lhe por entre as pernas, quási a ponto de a fazerem cair. O vélho criado êsse ficara para trás, discretamente.

Poucos minutos volvidos, o fidalgo, em vez de continuar na peugada da môça, seguia já mas era ao lado dela, falando sempre, tentando recortar suas frases galantes... emquanto Ana, com um turbilhão nos ouvidos, sacudida por um latejar das fontes sonoro como bater de martelo, e por umas palpitações do coração fortes como punhadas, quási não percebia palavra do torpe arrazoado daquele Romeu de viela, daquele Tartufo sertanejo.

Mas emfim, como não há mal que se não acabe, quis a *bôa* fortuna da môça que essas poucas palavras, de longe em longe percebidas, fôssem exactamente as que lhe revelavam que o seu requestador era um fidalgo, — que honra!... — o fidalgo da Mó, — que deslumbramento! Conhecia-o por tradição, e há muito que ardia em desejos de o conhecer pelos seus olhos. Aí o tinha! O acaso fornecia-lhe agora inesperadamente a ocasião.

No fim de contas, ¿ porque não havia de êle gostar dela?... E gostar dum modo diferente daquele por que quisera às outras; isto é, gostar dela lá do fundo, mesmo lá de dentro?... Podia muito bem ser; ela tinha

perfeições para isso. — E que bom, as outras a morderem-se depois de inveja, tôdas raivosas !...

Principiou então de olhá-lo, primeiro a mêdo, espaço a espaço, furtivamente, depois com mais confiança e maior insistência, depois naturalmente já; e ao passo que procurava afectar nos ademanes, no andar, no gesto a mais glacial indiferença, os olhos, — êsses traidores ! — febrilmente vidrados pelo alvorôço, ora se lhe acendiam como dois carbúnculos, como se tivessem o sol no fundo, ora se lhe embaciavam lânguidamente num delicioso esfumado de manhã primaveril.

No entanto, sempre muda.

Já muito perto da vila, quando o fidalgo, depois de lhe haver reiterado mais uma vez os seus protestos de amor dosimétrico, seguidos por umas quaisquer propostas equívocas, lhe perguntou, um pouco impacientado: — ¿ Então, que me diz ? — retrucou-lhe ela, sem o encarar, num tom gaiatamente desdenhoso:

— Digo que Deus é bom senhor...

E desatou a correr, a refugiar-se na vila.

Ele estacou, retesou as pernas numa atitude triunfante, como quem antegostava mais uma vitória, e, radioso como um girassol, acendeu segundo charuto aos restos do primeiro, emquanto monologava:

— Mais hoje, mais àmanhã, és minha !

Por aqueles dias mais cercanos, André não conseguiu tornar a ver a padeira. Esta, sabendo-o no alto da Vala, torcia e alongava de caso pensado o caminho, para o não encontrar. O pobre pastor sabia-o, poderia ir aguardá-la em alguns dos pontos do seu novo roteiro, desejava mesmo ardentemente fazê-lo... mas falecia-lhe o ânimo. Porquê ? Porque a amava perdidamente.

A timidez é o diagnóstico certo do amor. Quem

ama, receia... Teme desmoronar ao primeiro movimento ousado ou indiscreto êsse fugacíssimo castelo ideal e santo, que só um afecto lídimo sabe elevar com pedaços da própria alma.

Assim, taciturno e selvagem, o nosso André lá ia curtindo medonhamente o seu exaspêro, como na estreita célula um condenado a prisão perpétua.

A termos que, no dia de S. Bartolomeu, quando principiaram a decampar das serras a leste de Arouca os pecureiros da serra da Estrêla, dando por terminada a sua costumada migração de todos os anos, o nosso André, de puro alucinado, juntou-se a êles com o seu rebanho, deixou resoluto o berço natal e partiu também.

II

Volvido um ano, volveram os gados a povoar as serras, desde a Freita ao Gamarão.

Pelas onze horas da manhã de um dos dias de julho mais calmosos e estivais, era eminentemente pitoresco e original o quadro que se desenrolava no planalto do cume da serra da Freita.

O calor ardia asfixiador, causticante; a calma poisava completa e profunda. As fôlhas do sargaço, imóveis, demonstravam que nem aquela branda viração, peculiar da serra, soprava por então. Os penhascos de granito, — escuros e luzentes revérberos, — expeliam umas lufadas escandescentes e abrasadas, como se foram êles mesmos possantes focos de calor; o próprio solo queimava; e a atmosfera pesada e pardacenta lembrava a fumarada que exala uma vasta fornalha em acção.

Numa das vertentes do monte vegetava enfesado e raquítico um pequeno pinheiral, atravessado por um

fio de água, delgado e escasso, que em breves scintilações de estrêlas ia derivando rápido e esquivo, em cata de sombra e de frescura. Sob os pinheiros, os gados aglomerados, em pé e dispostos em círculos numerosos, com os focinhos tocando-se, aguardavam pacientes e taciturnos que, passada a hora da sésta, passassem também os maiores rigores da insolação.

Não longe alguns pecureiros, em grupo animado e amigo, de palestra saboreavam sua parca refeição de pão centeio e queijo, regado generosamente por um belo vinho verde, que a clássica borracha de coiro guardava e distribuía.

— Este ano não hei-de eu deixar de ir. — dizia o mais novo, — à *Frecha da Mizarela*, que pelos modos sempre é coisa p'ra se ver.

— Ah! bô; pois não é!... — obtemperou gravemente um homúnculo dos seus 40 anos, magro e felpudo como um vélho bode. — A água a cair de uma altura daquelas, lá no fundo, e a levantar uma poeira branca, que um homem não sabe se é água, se é fumo!

— E diz que não se ouve em cima barulho nenhum.

— Nem raça... Aquilo é coisa do diabo, a água a caír tam de alto e sem se sentir!

— ¿ E que altura tem a queda?

— Há opiniões... — disse, entrando na palestra, um terceiro conviva. — Mas eu cá por mim, que estive na cidade e já vi a tal corrente de água, mesmo de baixo, onde muito pouca gente vai, entendo que tem mais altura do que a Tôrre dos Clérigos.

— Abaixo, abaixo... — corrigiu com ar sentencioso o velhote, — não chega a tanto; só por se ver muito de perto é que parece assim. Que o mais, não tem mais altura que as tôrres da Sé. — E levou negligente à bôca o gargalo da borracha, com gulosos movimentos da laringe, afilada e longa como um bico de abestruz.

— Mas diga-me, seu Manel, ¿ então pode-se descer té lá ao fundo, té onde cai a água ?... — interrogou, prosseguindo, o rapaz, cuja nóvel imaginação se excitava fantasiando e exagerando as maravilhas da queda da Mizarela.

— Pode, pode, mas com muito trabalho; e p'ra isso é preciso levar de Albergaria das Cabras alguêm que saiba guiar a gente. Não que aqueles pedregulhos não são de fiar ! Escorregam que nem unto ! Aquilo é tudo coisa dos moiros, ou do diabo, que o diga eu...

— Você assusta-me, seu Manel !

— Susto tinhas tu, se souberas tudo, meu rapaz...

— Susto há-de êle ter, quando vir o *palácio do rei*, — acudiu o da Tôrre dos Clérigos, cortando com a navalha um naco de queijo. — Olha: são três cavernas, de bôca negra com'a cauda de um grilo, umas à ilharga das outras e tapadas. Viveu ali um rei moiro, que deixou numa um monte de oiro, e noutra um tesouro de diamantes, que chegava p'ra comprar tôda a cristandade...

— Ena, pai ! ¿ e porque é que ainda ninguêm roubou tamanha riqueza ?...

— Porque na terceira gruta fechou o alma do diabo uma camada de peste, capaz de matar inteira a população da terra ! E como ninguêm sabe onde está a peste, nem onde estão o oiro e os diamantes, tambêm ninguêm se aventura ao roubo, com mêdo de se enganar e vir a empestar todo o mundo, em vez de enriquecer !

— Olha que tal...

— Se lá fores, rapaz, — aconselhou ainda, — não deixes de ver tambêm a *cadeira* e a *tina do rei*... mas não entres numa, nem te assentes na outra ! Olha que ficavas tolhido p'ra tôda a tua vida.

— Rapazes !... — aqui exclamou o vélho Manuel, — lá vem o André,

Das bandas do Arressaio surdira efectivamente no alto o ingénuo pastor, vermelho, ofegante, o suor pela fronte em camarinhas e o cabelo empastado nas fontes e na testa, corredio e húmido.

— Viva o André! Por pouco te não ficavas lá hoje...

— Anda p'r'a sombra depressa! que o sol escalda.

— Bebe uma pinga p'ra refrescar.

E formou-se em tôrno do moço um grupo interessado e amigo.

André, porêm, com os lábios vincados e a pálpebra tôrva e sinistra, arremessou-se perdidamente contra o solo, sem que nem de leve correspondesse ao solícito empenho da comitiva em o confortar.

Fez-se no grupo um movimento simpático de verdadeira compaixão.

— Más novas colheu, coitado!

— Quem toma amores por gado veleiro, é a sorte que tem!

— Chega-te p'r'a aqui, André!

— Agora chego... deixem-me!

— ¿ Pois tu não hás-de tragar nem beber nada?

— Tragar já eu hoje traguei, mas foi coisa pior que fel... — Fez pausa e depois, numa explosão de exaspêro: — Qu'a Aninhas fez o seu gôsto no passado inverno... — E, com a voz a estrangular-se-lhe na laringe... — Deu-se ao fidalgo da Mó!... Ah! mal haja a hora em que eu a conheci.

— Deixa-te de maluqueiras, rapaz... — aconselhou paternalmente o vélho. — Que a leve o diabo e ma-los fidalgos, que não servem senão p'ra nos desonrar. Dá um pontapé de vez nestas recreadas, que não sabem senão perder-se e mais a quem lhes quere bem! Tens por êsse mundo muita môça honrada e linda que possa gostar de ti.

— Mas de nenhuma gosto eu, como desta, que era

mesmo uma perdição! Como o coração me batia e me chamava p'ra ela! como me encantavam aqueles olhos baixelos e negros, aquela graça de lebre, aquele ar soberano de águia, aquelas ancas roliças como um vélo de lã!...

E, prostrado no abandôno da suprema desesperança:

— Eu morro, eu morro se a não torno a ver!

E chorava e arrepelava-se como criança mimada a quem contrariaram pela primeira vez.

— Diabo! a mulher deu-lhe por fôrça coisa a beber... — observou crendeiramente o mais moço, a meia voz; e depois, mais alto: — ¿ E quem te deu a nova?

— Foi o traste do pai! Eu lá atinei co'a casa, a casinha do vale. Ia co'o sangue alvoroçado... batiam-me as fontes com alma... via tudo vermelho... e até me custava a enxergar o caminho. O vélho estava à varanda, a fazer muito sossegado uma rêde. Olhou-me desconfiado e quási como a um inimigo. Perguntei-lhe p'la filha; respondeu-me desvergonhadamente: «Não sei dela; foi-se p'r'o fidalgo da Mó, o snr. Antoninho, que a andava a requestar. Fez a asneira, lá se avenha... Ah! o fidalgo tem dinheiro; pior que ela estou eu, que quási não tenho vintêm.» Esta fala do vélho caíu-me como uma martelada no coração... Abalei dali p'ra fora como doido, e vim direitinho p'r'aqui.

Depois de uma curta pausa acrescentou, com os punhos cerrados e no olhar a expressão do mais entranhado rancor:

— Ladrão de fidalgo!... hei-de matá-lo! Juro-o por alma de meu pai. E a ela... — emendando com suavidade, — a ela, abraçava-a agora enternecido e perdoava-lhe tudo, se tivesse aquela de a ver.

— Forte parvoeira lhe deu! — disse de banda para o grupo, entre compungido e satírico, o Manuel.

A êsse tempo ouviu-se uma voz, argentina e fresca, não longe sentidamente a descantar:

> Tudo que há triste no mundo
> Tomara que fôsse meu,
> Para ver se tudo junto
> Era mais triste do que eu...

Para André o mesmo foi ouvi-la, que reconhecer a voz de Aninhas naquele melodioso gorgeio.

Ergueu-se súbito. Notando que o som vinha das bandas do sul, correu a ascender ao morro por êsse lado; e após um segundo de pausa no alto, durante o qual mergulhara ávido a vista na encosta da outra banda, exclamou transportado:

— Aninhas ! tu aqui ! ?...

E precipitando-se pela vertente, desapareceu.

Os outros pecureiros, suspensos e atónitos, interromperam a um tempo a sua refeição modesta e correram prestes empós de André, alguns empunhando ainda na dextra o navalhão de ferro e na sinistra um alentado naco de pão.

Chegados também ao alto, descortinaram então na vertente que se lhes desdobrava sob os pés, e a meio declive, o vulto de André, parado, extático, em muda e exclusiva adoração, de joelhos dobrados, as mãos erguidas; e no fundo, mesmo sòbre a linha que as águas pluviais seguem durante a invernia, Ana, imóvel e ostensivamente retraída, sentada sôbre um calhau. Estava magra e descòrada; tinha as feições apagadas, a côr da cera, os membros alquebrados, pendentes, sem vigor.

Denotava a fome e o sofrimento. No seu todo doentio e triste estampavam-se eloqùentemente as privações

e o desalento. Vestia uma saia de lã escura, ainda em bom uso, com seu fôlho largo e tufado, mas destingido sem dúvida pelo roçar aturado das urzes e dos penedos; uma jaquetinha curta e elegante não conseguia ocultar-lhe a opulência do seio, que se arredondava numa pujança de curvas pouco vulgar para tam tenra idade; ao colo a mesma cruz de sua mãe; e das orelhas pendiam-lhe, triunfantes e buliçosas, pesadas arrecadas de oiro, despedindo intensas irradiações... O preço do seu amor!

Passeava alheadamente a vista em tôrno, com os olhos abertos num desmesuramento idiota. Ao descortinar André, nem deu fé a princípio, nem mesmo o reconheceu.

— Ana, minha Aninhas! ainda bem que te encontro. Não podia viver sem ti! — prorrompeu André, primeiro quási a mêdo; depois com crescida exaltação. — Anda p'ra mim, minha santa, anda p'ra mim, que te hei-de querer como ninguêm. ¿Tu não estiveste com o fidalgo, pois não?... Dize-me, dize-me que não!

— Estive, estive, por meu mal... — respondeu Ana, pausadamente, com um tom demorado e grave, quási sem consciência do que respondia, antes cuidando que pensava em voz alta. — E agora pago bem caro a minha tôla presunção! Por tanto querer a mim mesma, por desatender quem me queria bem, acabei por me perder... Esse fidalgo gozou-se, depois pôs-me fora de casa, como um traste inútil, acompanhando o seu desprêzo com o insulto de algumas libras... Ai está o meu passado. O presente é a vergonha. ¿O futuro qual será?...

— O futuro, Aninhas, é o meu amor e o meu perdão! — explosiu apaixonadamente André. E aproximava-se da môça, humilde, receoso, quási suplicante.

Ela pregou demoradamente os olhos nêle, passou ambas as mãos pelo rosto, qual se houvera despertado

naquele instante, e expandindo-se numa alvorada brilhante de reabilitadora alegria, exclamou, erguendo-se e caminhando para o pastor:

— Ah ! meu André, ¿ porque te não escutei eu, há um ano ? ¿ P'ra que escarniquei de ti ?...

Mas André transfigurara-se de repente. Apenas a padeirita se levantou, que êle retrocedeu, apavorado e nojoso, no semblante a expressão do asco mais estreme e da mais bravia repugnância. Notara no ventre de Aninhas uma proeminência característica, nos quadris um alargamento anormal, que lhe acusavam nitidamente o estado de gravidez. Então o seu feroz instinto serrano irritado dilatou-se, ruidoso e sêco como o estoiro de uma bomba de dinamite:

— Ai ! o que te fez o fidalgo !

E como a desgraçada empalidecesse, baixando a cabeça submissa, a confessar tácitamente a falta de que a acusava:

— Espera que eu te ensino, cabra ! — rugiu num ímpeto de cólera ferina.

E uma pedrada, arrojada por mão vigorosa e certeira, presto iria ferir a pobre môça, se os da comitiva não houvessem corrido a tempo, a colhêr em flagrante a fúria do pastor.

Pelo decurso do dia e durante tôda a noite seguinte, André não pôde sossegar. Baralhavam-lhe o bronco cérebro uma aluvião de idéas, atropeladas, confusas e mal distintas, que o traziam raivoso, perdido e louco pelos dédalos tenebrosos da incerteza e da dôr. Ora lhe crepitavam no encéfalo as mais sanguinárias tenções de vingança; ora se lhe diluía a vontade no lago tépido e dormente da bonança e do perdão. Abalado por uma excitação extraordináriamente tensa e vibrante, beliscado por desejos quási inconcebíveis, por apetites

bestiais, movido de brutas e leoninas intenções, assim divagou o desconfortado pastor durante a interminável noite, ao acaso, sem rumo certo, num perdimento de si mesmo, numa como anulação da inteligência e da vontade que o deixava joguete passivo das paixões que o roíam.

Sem dar por tal, torneara tóda a serra por oeste, seguindo a Souto-Redondo e Quintela; daí ascendera a Venda-Nova, depois a Albergaria das Cabras, e ao alvorecer do dia poisava inconsciente no alto da Mizarela, depois de ter percorrido à-toa para cima de 15 quilómetros. Aqui, o seu corpo alquebrado rolou para sôbre um penedo artísticamente cavado e trabalhado pelos séculos, espécie de cadeira gigante, com seu assento, encostos para os braços e espaldar, e que os serranos na sua ingénua linguagem imaginativa chamam a *cadeira do rei.*

O sítio é êrmo, árido e triste a mais não poder. Ante êle o espírito humano, de natureza sociável, recua pávido e como que se arreceia daquela imponente solidão.

A *cadeira* rodeiam-na pedregulhos ásperos e apinhados como vagas petrificadas, onde a custo vegeta a urze *queiró;* para o sul quebra-se abruptamente o solo num declive quási vertical, eriçado também de penhascos ennegrecidos, ponteagudos e nus; ao fundo da quebrada, despenham-se em cataracta de mais de 60 metros as nascentes do rio Caima, vasto lençol de água desdobrando-se em catadupas frementes sôbre o granito, e que, furiosamente espadanando, após a queda, nas múltiplices anfractuosidades daquela rocha, naquele caleiro estreitíssimo e cerrado, sem que o som do seu impetuoso cair chegue aos ouvidos do observador do alto, assume um ar misterioso e fantástico, o que quer que seja de estranho e sobrenatural. Para alêm da torrente, um outro contraforte aspérrimo e fraguento

e um outro morro estéril continuam monótonamente o anterior.

Enfesada vegetação de urgueiras, de fetos e de carvalhas borda as margens profundíssimas do rio, como se amedrontados os próprios vegetais evitassem tam desoladora estância. Enormes nódoas circulares de musgo negro lá estão marcando como anátemas a côr pardacenta e uniforme do granito puído pelas águas. Longas lascas de pedra, verticais e salientes, destacam-se do terreno aprumado dos montes, cortando-o de alto a baixo, a parecerem espinhas dorsais a descoberto de gigantescos animais desconhecidos. Uma paisagem, em suma, soturna, temerosa e alpestre como poucas, digna verdadeiramente de ser admirada.

Pois êste sítio medonho e lúgubre, duma beleza agreste incomparável, mergulhava-se por aquela ante-manhã num véu de penumbra igualitária e fresca, que esbatia os contornos das coisas num esfumado dantesco, indefinido. André não via nada; apenas, um pouco acalmado pelo frescor da madrugada, punha em ordem os seus tumultuários pensamentos. Terminara por decidir-se a procurar Ana, pedir-lhe perdão da sua ira intempestiva da véspera e coabitar, até mesmo casar com ela. Fazia-lhe, afinal, pequeno vinco na sua rude e bronca dignidade a cópula frutificada de Ana com o fidalgo. Se o facto se houvesse dado com um da sua igualha, então, sim ! O caso era outro. Porêm fôra um fidalgo, um indivíduo de mais alta esfera, de cujo crime o alcance êle mal chegava a perceber. E, sobretudo, amava perdidamente a rapariga. Razões tôdas estas de sobra para apagar com a esponja da tolerância a falta por ela cometida.

Tem tam escassa sensibilidade a consciência do serrano, como circunvoluções o seu cérebro. É romba de mais para destrinçar bem uns tais e tantos casuísticos melindres de honra e de moral, que os homens

da cidade respeitam e observam, a maior parte das vezes, valha a verdade, por mera e artificial conveniência.

Decidido por fim a topar com Ana a todo o custo, ergueu-se André e pôs-se a caminho, descendo a encosta, a descantar, numa reminiscência dolorosa:

> Tudo que há triste no mundo
> Tomara que fôsse meu...

Súbito vê ante si, da outra banda da cataracta, erecta na borda de um rochedo largo e cavado, aquela que êle ia pedir ansioso aos mais apartados recessos da serrania... Era a mesma Ana que estava ali assim, em pé, na atitude de quem escuta, quási sôbre a face das águas, que lhe formavam um pedestal majestoso e casto, e recortando opacamente o seu vulto cheio e ondulante no puríssimo azul claro da atmosfera, ainda mal desperta para o dia que despontava.

Ela também torneara a serra, mas por leste, em oposição a André. Chorara lágrimas de sangue; e caíra por fim, extenuada de fôrças e cansada de espírito, na *tina do rei*. O entoar da sua quadra da véspera despertara-a... e agora se erguia a inquirir quem tam ternamente a cantava por ali.

Ao descortinar da outra banda do rio André, derivou-lhe pelo rosto uma tristeza indefinível, confrangeu-se tôda de vergonha e pavor:

Ele porêm:

— Ana, meu anjo, perdôa-me, sim?!... Eu quero-te muito, bem sabes. A minha acção de ontem foi filha do meu amor. Mas passou; tudo esqueci... tudo te perdoei! Vem p'ra mim!... Olha: lá em baixo, naquelas grutas, ao par da peste há muito oiro e muito diamante. Eu irei lá furtá-los; o coração há-de encaminhar-me bem... E depois, quero botá-los aos teus pés!... Mas não,

não; ¿ p'ra quê diamantes, riquezas, fidalgarias?... Na pobreza viveremos melhor. Os nossos destinos hão-de ser irmãos como duas frautas repetindo harmoniosas o mesmo ar. Que felicidade que vai ser a nossa!... Vem p'ra mim, anda! não te acobardes, meu amor!

Cada frase apaixonada de André pungia na alma de Ana como um punhal... porque lhe entremostrava risonhas miragens de ventura, que ela em sua consciência entendia não dever compartilhar. Por isso redarguiu, no tom do mais calmo desespêro:

— Estou muito suja p'ra ti... vou-me lavar primeiro!

E de um ímpeto convulso arremessou-se à torrente.

Ao choque do obstáculo, as águas esparrinharam numa corôa puríssima de prata e de aljofres, e logo envolveram em alva e fresca mortalha, salpicada por um instante de raras pintas de sangue, o cadáver daquela mártir, que foi veloz despedaçar-se de encontro à penedia.

...Um raio de sol quási branco veio então iluminar a torrente, emquanto, batidas por êle, as codornizes entoavam despreocupadas os seus primeiros cantos matutinos.

Outubro 1883.

UMA CORRIDA DE TOIROS NO SABUGAL

De toiros, não digo bem. De um toiro. Era um só a vítima, naquela saturnal sertaneja de rascoas frandunas e arraianos vinolentos. Custara sessenta duros, em Espanha; e alugado de domingo em domingo pelas diferentes aldeias do concelho, para ser corrido, a quinze tostões por tarde, ia à custa dos seus brios e do seu sangue rendendo ao dono uns lucrosinhos bem bonitos.

Aldeia da Ponte, Rendo, Nave de Haver, Quadrazais, Alfaiates tinham sucessivamente refocilado a sua torpe selvageria neste espectáculo dum nobre e grande animal, espicaçado covardemente a garrochadas. Mesmo, naquela última povoação, o entusiasmo chegara a ponto de tôda a *geral* passear em triunfo sôbre fueiros, em tôrno da praça, um audacioso e bruno mocetão, — belo sátiro de vinte anos, — que conseguira pa-

rar o boi, dorido e trémulo, com uma estúpida lançada entre as espáduas, donde o sangue jorrara impetuoso. Por um milímetro não ofendia os pulmões do animal.

— Que valente ponta de garrocha! Tinha a grossura e o tamanho dum dedo *mendinho*. Bravo moço!

E toca de montar à apoteose aquele Frascuelo estremenho, no meio dum berreiro de *mussorongos*.

Neste domingo, coubera a vez ao Sabugal, a orgulhosa vilória do castelo de cinco quinas.

Castelo das cinco quinas
Não o há em Portugal,
Senão ao cimo do Côa
Na vila do Sabugal.

A tarde estava calma, pesada, imóvel. numa concentração muda de tormenta. Uma imensa nuvem negra, ameaçadora e espessa, mascarava a doce rutilação vermelha do sol das cinco horas. O seu bôjo pantagruélico inchava em proeminências de flocosidades pardas, — a prenhez da tempestade. Uns certos meios-tons crus e sinistros, duma dura nitidez metálica, denunciavam-lhe nos flancos gigantes a electricidade a expluir. E todo aquele monumental encastelamento aéreo, sombrio e parado em ar de ameaça sôbre a adusta desolação da paisagem, tinha os bordos franjados de oiro pálido, como se fôsse um grande pano funerário.

O céu livre era de zinco; e despejava sôbre a praça uma luz lívida, ansiosa.

A praça!...

Só por um arrôjo *huguesco* se poderia dar tal nome àquele largo, pequeno e irregular, todo dentado em reintrâncias de cunhais de casas rústicas, com seus

varandéus e alpendres, entremeadas com muros de quintais, e o trilho promìscuamente de terra sôlta e grandes lágeas de xisto escorregadio, — esqueleto, a descoberto, do solo subjacente. Um enxurdeiro de aldeia, improvisadamente arvorado em praça de toiros, com tôdas as desigualdades, tôdas as imprudências, todo o pitoresco e todo o imprevisto das diversões genuìnamente populares. Nem autoridade, nem *Botas*, nem corneta imperativa, nem *ex-cegos* da Casa Pia; simplesmente a loucura, a desordem, os factores do acaso, a alma do povo.

Como carácter e emoção era muito melhor.

Cercavam a praça sua dúzia de casas, dum andar sôbre o térreo, tôdas por caiar, escalavradas, imundas, tendo à frente uns abscessos tôscos em degraus, superados por patins sem guardas, dando ingresso para o interior. Nem uma linha regular por todo o âmbito do recinto. Umas e outras de esguelha, dir-se-ia que estas casas se acotovelavam com olhares de desconfiança; nos intervalos delas, havia pequenas rugosidades de murosinhos baixos de pedra sôlta; e a face livre, onde uma rua desembocava, tinham-na obstruido com carros enormes de bois, armados inteiramente, para maior segurança, das suas duras sébes de salgueiro.

Quando, do alto dum dos patins, consegui dominar a praça, estava a toirada prestes a principiar. Tudo apinhado de gente. Homens tisnados e feios, a cara tôda rapada, — à espanhola, — vestidos de saragoça, camisa alva de grande colarinho sem goma, polaina ou meia até ao joelho, sapatos ferrados, chapéu grande de aba e roseta ao lado. Mulheres brancas e redondas, atarracadas, lenços de lã azúis, pintalgados de amarelo e verde, passados de sôbre a testa em volta da nuca, e com as pontas a atar na frente, petulantes. Tudo isto coalhando os recantos seguros da praça, pejando escadas e varandins, irrompendo oblìquamente

das janelas, como labaredas, ou empilhados dentro das sébes dos carros, em pé e de braços para o ar, como nos paineis de *alminhas*. Tudo vozeando, praguejando, guinchando, arrotando, bramindo numa assuada infernal.

Os garotos escanchavam-se nas árvores, penduravam-se dos telhados, alapavam-se sob os carros, entre as rodas, cavalgavam os fueiros. — Não tinha nada de brilhante o colorido dêste caleidoscopo, em que predominava o pinhão das saragoças e o alvo das camisas... antes se amortecia sob o que quer que fôsse de constrangido e lúgubre, que vinha do alto. Um colorido de pesadelo, rútilo aqui e ali, à custa dum esfôrço, mas no tom geral apenumbrado e triste duma tinta morna de opressão.

Em tôrno à praça, uma paliçada se erguia de grossas garrochas de amieiro, muito compridas, ferradas na ponta, convergindo tôdas para o portelo do curro e sustentadas pelos *lidadores*. E êstes, com uma intrepidez de *opereta*, emquanto enristavam para o curro a floresta dos varapaus, encostavam-se às escadas dos casebres, o pé já posto cautelosamente no ínfimo degrau, — todos em mangas de camisa e em cabelo, colete com abotoadura de vidrilhos amarelos, preso por um só botão.

Sai finalmente o boi.

Numa arremetida furiosa e cega, ardente de liberdade, partiu logo várias garrochas em quatro saltos soberbos, estimulado, ébrio das vaias da multidão. Depois parou a meio da praça, os olhos injectados, o coiro todo fremente, a considerar... Os restos das garrochas partidas jaziam pelo chão, abandonados; emquanto os *lidadores* respectivos, agora do alto dos varandins, o desafiavam pálidos... e felizes. Se algum,

mais atrevido, se aventurava um pouco a aproximar--se-lhe, pelas costas, de garrocha em riste e pé atrás, voltava o toiro para êle o focinho, manso, aconselhador, quási amigo, — e êste simples movimento de pescoço era bastante para pôr em fuga o corajoso *toreador.*

O boi era formoso. Preto retinto, alto, grande, cernelha erecta, *arrancando* bem. Mal empregado!... Parado e desdenhoso, pedia adversários dignos para ali. — Apresentassem-se-lhe o Roberto ou o Mourisca, e veriam então! Mas com aquela miserável *cuadrilla*... Era preciso que êle fôsse muito abastardado, para lhes dar a honra de lutar. — Persistia pregado, atento mas indiferente, docemente sacudindo com a cauda alguma mosca importuna.

De repente, lança um olhar oblíquo para um muro próximo, corre, e salvo-o num salto.

Tumultuosa barafunda no recinto, protestos, imprecações, injúrias, a multidão irrompendo no alcance do bicho pela vila. — Felizmente para êles, alêm do muro havia uma estrumeira funda e lodosa, em cuja traiçoeira moleza irremissívelmente o pobre boi se afundara. Era fácil torná-lo à praça.

Tornou; desta vez contrariado, impaciente, mau. Meneava ameaçadoramente as pontas, escarvava, levantava em expirações possantes grandes colunas de pó.

A praça estava animadíssima. No meu varandim premia-se um apinhoamento abafadiço de populares. Esmagavam-me. — Vélhos pastores, contrabandistas, moleiros, bandoleiros, queijeiras, serranas de cabelo de estriga e braços encodeados. — Respirava-se um cheiro nauseabundo a suor trespassado, temperado pelo aroma fresco duma pirâmide descomunal de raízes de

carvalho, erguida ali mesmo ao pé. Por trás de mim, regougava hipócritamente o dono da casa:

— Pouca vergonha de divertimento !... Fôsse eu administrador, que o *poribia !*

— Ora essa ! — retrucou-lhe um do lado, — ¿ e você p'ra que vem ver ?

E o vélho, com um ar de importância:

— Eu estou no que é meu !

Num dos dergaus do patim, um lascivo marmanjão estabelecia sonsamente contactos de várias ordens com uma rapariga que lhe ficava mesmo na frente, em baixo, no degrau inferior. E ela, com fingida indignação, amável:

— Ora vá !... Olha que levas um murro !

A minha esquerda, dizia o escriturário da administração, apontando para um varandim fronteiro:

— Diabo ! ali tam espremidos !... Estão ali, estão a *balhar* em baixo... com'o ano passado, pelos Santos, foi do côro da igreja... que veio *balhar* tudo abaixo quando a varanda rompeu !

Na verdade, o patim estava descomunalmente abarrotado. Ao menor impulso, via-se que transbordaria. No meio do apertão, uma mulher de meia-idade, com uma criancita ao colo, fazia-se notar. A pobre criança, sufocada, chorava muito, estrebuchava. E a mãe, batendo-lhe:

— Estás calada, mafarrico ! ? O *dianho* te levasse !

O anjinho porêm renitia em carpir-se, intransigente na sua aflição de asfíxia. Então deram à mulher um logar à frente, desembaraçado, mesmo na borda do patim; e a criança agora batia as palmitas, respirando à vontade, rosadita e feliz, tôda contente.

Alastrava o entusiasmo. O toiro, espicaçado, tinha-se gradualmente enfurecido. Derivavam-lhe da garupa e dos flancos alguns ténues fios de sangue. Os

rapazes atiravam-lhe de longe choupasinhas de papel. E o nobre animal mugia de desespêro, por se ver tam ridículamente escarnecido.

As mulheres, afogueadas, faziam um alarido de ensurdecer. Algumas, amamentando os filhinhos, cuspiam insultos para a praça. Uma pendurava-se da janela, muito vermelha, quási apoplética, — grandes arrecadas de oiro, um ramo de cravos amarfanhado na mão calosa, — berrando pilhérias vêsgas, dum canalhismo avinhado. Outra, de preto, — viúva recente, — provocava doidamente o boi, do alto dum muro, com um lenço encarnado na ponta duma cana. A amásia do escrivão, — de laço de sêda azul-clara com renda, medalha de oiro e bom vestido de lã, — essa mantinha-se mais grave, num comedimento antigo de matrona no Coliseu, limitando-se a bater discretamente as palmas por ocasião das sortes.

E ao longe o trovão, casquinador, fazia concêrto de quando em quando com esta atroadora alacridade.

Ao tempo o boi, num movimento defensivo de recúo, encontra o portal vélho duma loja, despede-lhe um tremendo coice, a porta cái em estilhas, e do portal escancarado irrompe... uma porca a grunhir. Hilaridade geral. Uma voz grita, aflitíssima:

— Ai ! a minha *marrana* que lá se me vai !...

Quási ao mesmo tempo, o boi pisava a marrã inofensiva, que recolheu à loja gemendo, com uma perna partida, a coxear.

O muro por onde o animal tinha saltado, estava reforçado agora com um alentado carrão, deitado de través; e um garoto sentava-se-lhe vitoriosamente, com um resto de garrocha em punho, sôbre a roda superior, — horizontal. Não obstante, o boi torna a fitá-lo, forma o pulo, e êle aí vai por cima do carrão e do garoto, sem lhes tocar.

Trazido de novo à lide, vèxado daquela perseguição brutal e pusilânime, persiste em ocupar o meio da praça, indiferente, com um grande ar de desprêzo e piedade. A confusão e o cansaço começavam a ganhar a multidão. Os *lidadores*, sem fôrças e sem garrochas, esmoreciam. Um só persistia em estimular o boi, denodado e incansável. Tinha atrevimentos loucos. Reptava destemido a morte, com ardor. E o boi ganhara-lhe má vontade. Perscrutava-o matreiramente, com um intento reservado.

Num momento de descuido, corre sôbre êle, — cornos baixos, fumegante... O rapaz mal teve tempo de precipitadamente subir alguns degraus do patim fronteiro ao meu, ofegante, côr de cidra. Preparava-se o boi para salvar os degraus, cobertos de gente. Faz-se um marulho aterrado em todo o patim. A mulher da criança, em cima, à beira do precipício, suplicou, com a alma na laringe:

— Não me empurrem, por amor de Deus!

O boi retrocedeu.

Continuava entretanto a alastrar uma desanimação crescente, um enervamento de tédio progressivo. O toiro não dava mais. O povo bocejava e emmudecia. Os *lidadores*, exaustos, tressuavam. Deu-se a toirada por finda. Veio a choca, recolheu o boi; e a festa ameaçava terminar assim, num reles desconsolo, num desalento de mau agoiro, num descoroçôamento vergonhoso.

De repente, da parte dos não saciados, que eram muitos, explodiu uma reacção violenta, irreprimível.

— Que semsaboria! por aquilo não valia a pena ter dado os quinze tostões. Vamos a fazer sair o bicho outra vez!

Mas a fera tinha já vindo à praça por três vezes: era o ajustado.

— Embora ! — clamam alguns influentes, — dão-se mais cinco tostões ao dono.

Assim foi.

E quando ainda muita gente estacionava na praça, esperando, descuidosa... quási inesperadamente, milagrosamente... eis que o boi torna a saír.

Então, era de ver a estarrecida precipitação de tudo aquilo a trepar para os patins, os carrões, o muro, o arvoredo, não importa para onde, numa clamorosa debandada de pavor. Do alto do patim, um hercúleo grisalhão, dando para baixo a mão a outro, bradava-lhe:

— Vá ! se queres *tropar*, *tropa*.

As saias duma rapariga que escalava uma árvore, enfunadas pelo vento, deixaram escarninhamente ver à praça, num relance, aquelas duas flores de que na *D. Branca* fala o Garrett. Grande troça abrèjeirada fustigando a agilidade da môça, numa orgia de alusões obscenas. E a animação redobrava, estimulada pela subitânea reaparição do toiro, a pique de dar seu desastre.

Entretanto a trovoada, soprada do vento, começava a espalhar. E, a propósito, contava-me muito convicto um aldeão, meu vizinho; — que na véspera de noite, um raio matara um rapaz, no caminho de Penamacôr, e que o tinham encontrado, na madrugada, «ainda com o fato e as costelas a arder.»

Mas o tal garrocheador incansável volta, radiante e destemido, a maltratar o animal. Morde-o uma exaltação crescente de vertigem; e tambêm odiento o boi volta sonsamente a espreitá-lo, sem trégua, com lampejos de rancor na pupila fulgurante... Súbito, arranca de novo para èle. O rapaz, irónico e lésto, reescala o mesmo patim. O boi estaca, furta, escarva o solo, raivoso, fulo, encarando sempre o agressor. Ansiedade

Hei-de ouvi-lo tóda a vida, èsse mugido lancinante.

Mulheres da Beira

em tôda a linha... Por fim, esporeado de raiva, o animal resolve-se, arma pulo e lança-se sôbre a escada com tôda a impetuosidade da sua massa enorme.

Ferve e rebrame um refluxo indescritível no patim. Aflitivamente uns pelos outros, com asas, todos trepam, vôam, cegos, perdidos, propulsando em cima um medonho transbordamento... Uma dúzia de pessoas, — entre elas a mulher da criança, — são projectadas de arremêsso contra o lagêdo da praça.

O alarido, o berro unânime que então vibrou pelo recinto! E acima dêle, — desesperado, trágico, — rasgando o ar, dominando o pavoroso ulular da multidão, um grito estrídulo de angústia!

Em baixo, no lagêdo insensível, a pobre mãe desmaiara para o lado, deixando a descoberto... a criancinha esborrachada.

Nesse instante as nuvens abriam, e um comovido jôrro de luz ensangüentava o recinto. Emquanto o boi se abeirava do cadáver pequenino, lambia-o docemente, e depois de dominar tôda a praça silenciosa com um demorado olhar de exprobração, soltava um alto mugido plangente para o céu...

Hei-de ouvi-lo tôda a vida, êsse mugido lancinante!

Junho 1885.

A PONTE DO CUNHÊDO

I

Naquele dia, marchava de Oliveira de Frades para Viseu, encorporado numa leva de recrutas o moço João da Silva. — Bom rapaz. Com a sua pontinha de génio, é bem verdade; capaz mesmo, quando enceguecido pelos clarões da ira, de cometer um mau passo, uma atrocidade, um crime. Porêm, em compensação, muito dadivoso, esmoler, perdulário mesmo a bem do próximo.

Não pequenas reprimendas da mãe, a avara Gertrudes, lhe valera esta sua dadivosa qualidade; pragas, vociferações, queixumes, sóvas homéricas de tamancos, expulsões temporárias do lar... Pois se aos dez anos, em dia de fornada, já o bom do João tinha por costume arrebatar lestamente uma boroa, das maiores, mole ainda e fumante da recente cosedura, para ir, com a alma cheia de sol, destribuí-la pelos míseros aleijados que

de costume ladeavam a estrada, marcos lamuriantes da dor e da miséria. E, de volta a casa, lá sofria o inocente, numa risonha resignação, quási agradecida, o brutal castigo materno, corolário fatal da sua bôa acção.

— Seu larápio ! Ando eu aqui a engoiar-me com trabalho, p'ra você ir co' êsses maltrapilhos esbanjar o que eu amanho !

E, zás ! uma forte dose de tamancadas naquele ponto basilar em que a nossa coluna vertebral termina, em atrofiada reminiscência do longo apêndice caudal de nossos avós.

Aos 15 anos, mais despachado de mãos, convertia o pobre rapaz as provisões de milho e fruta da mãe num Eldorado inexgotável para os mendigos do logar. A vélha cangorça sofria, dêstes adoráveis desmandos, torturas indescritíveis, superiores a tudo quanto dos suplícios de Prometeu, das Danaides, de Tântalo, de Sisifo nos conta a mitologia pagã. Berrava, praguentava, espumejava e mordia-se em ataques da mais raivosa fúria, no convencimento inelutável de que já não podia agora aplicar ao filho, adulto e feito, os repuxados castigos corporais antigos.

E sempre teimando o João na sua !

Depois dos 15, como lhe acontecia ter várias vezes de ir a Viseu, nunca o fazia que não levasse sub-repticiamente à mãe alguns tostões, para confortar com êles os pobres da cidade. Para castigo, a mãe fazia-o passar ao relento a noite do regresso. — Era uma desgraça aquele seu filho ! Havia de a levar breve à sepultura. Parecia tê-lo concebido só p'ra seu castigo... Nem que êle fôra filho do *démo !* — E a megera exorcizava-se e benzia-se, numa ridícula confusão de gestos e visagens. Tudo debalde: o rapaz não tinha emenda.

— Olhe, mãe... dê-me vocemecê cada mês três quartinhos p'r'os pobres, que eu nunca mais lhe mêxo num alfinete.

— Tu 'stás doido, rapaz!... Ai, os meus pecados!... Nem três patacos te dou, quanto mais... tu varres-me o juízo.

— Três quartinhos... ¿ Dá, ou não dá?

— T'arrenego, mafarrico!

— Bem... continuaremos na mesma.

E continuava.

Gertrudes era uma destas naturezas sórdidas de avarenta, — escória da humanidade, — que a bestializante inacção da província cria a-miúde, vivendo só para entesourar. Era nela inata a sofreguidão do ganho. A riqueza era a sua obsessão constante, a Moeda era o seu Deus. Desde a mais tenra puerícia que os folhetos do cérebro se lhe haviam ordenado em livro-caixa, a alma se lhe crivara em esponja, o coração se lhe fechara em mealheiro. Hedionda, arisca, repelente, contava 37 anos e parecia já ter 50. Uma caixa forte coberta por um andrajo. Lidava, moirejava de contínuo. Monopolizava em Oliveira a maior parte dos misteres servis das famílias remediadas, com grave dano das muitas mulheres necessitadas e laboriosas, suas convizinhas, que lá iam penosamente ganhando a vida a trabalhar com honradez. Ela esfregava casas, lavava roupa, mondava os campos, ia a compras, ia a recados, e ainda lhe ficava tempo para procuradora espiritual dos outros, rezando coroas e rosários por segunda intenção. Aproveitava, açambarcava tudo.

¿ Vinha de novo para a vila um empregado, uma autoridade, — administrador do concelho, advogado, escrivão, mestre-escola? Aí estava a Gertrudes logo de volta com êles, a oferecer os seus serviços: que lhes lavava a casa, sempre que fôsse preciso... escusavam de contar com outra mulher p'ra isso... aquilo era uma terra de mandrionas, de calaceiras; e que em tendo

roupa suja, aproveitassem da sua barrelinha... era muito bem feita e com descanso; e que ela mesma lhes iria à fonte, lá ao pé do cipreste, ao cimo da vila; e podia mesmo fazer-lhes as compras... conhecia a melhor loja, o dono era seu compadre... serviam-na com limpeza e tudo muito bem pesado. E que não tomassem paqueta dali, principalmente p'ra recados... eram tòdas umas ladras, umas doidas... ela tinha a experiência; que iria aonde quisessem... sempre era já mulher de assento... nunca ainda as pernas lhe tinham falhado, — bemdito Deus! Mesmo a Vouzela, a Vilharigues, a S. Cristóvão, o que quisessem... ia lá num pé e vinha noutro!

Se o recêm-vindo tinha família numerosa, crianças, parentes vélhos, ainda mais solícita a Gertrudes se desatava em oferendas. — Fazer meiotes para os meninos, levá-los à mestra ou a passeio, ensaboar os cueiros, fazer companhia aos vélhos quando os patrões tivessem que sair para longe. Às famílias apaixonadas por *criação*, a essas impingia largas dissertações erudítas de sabença na especialidade: os leitões para aqui, os pitos para ali, os marrequinhos para acolá! Afirmava sobretudo a sua competência no tratamento dos perus, cuja delicada organização o áspero clima de Oliveira cruelmente hostilizava.

— Os perus, emquanto novos, minha senhora, são muito *ventoreiros;* qualquer ar de manhã fria *bonda* p'r'os matar... Devem principiar por não comer senão ovos cosidos, dados à mão; depois farelos trigos cosidos, com couves ou urtigões; depois então, mais tarde, o milho.

E com ar pedante epilogava:

— Mas isto cada coisa a seu tempo, já se vê... Emfim, é preciso saber.

E as famílias por bom preço lhe fiavam afinal o amanho caseiro; emquanto que, estirando por um pro-

dígio de vontade as horas, para tudo arranjava tempo, ocasião e logar a repugnante onzeneira.

A sua cardenha, acanhada, tarraca e negra, tôda de pedra sôlta, de valadio o teto, com parreiral ante a porta, erguia-se no extremo setentrional da vila, ao cabo de um íngreme e alto ladeiramento, formando vértice, ali fechando pelo tôpo um quelho mal cheiroso e imundo. A frente, que defrontava o quelho, olhava ao sul, com o seu quinchoso irregular, e uma única janela, despadieirada e fantástica como um ôlho de ciclope. Das traseiras partia em direcção ao norte um pequeno campo, também da Gertrudes, suculenta horta em miniatura, alcançando o íngreme declive em que ali a vila se alcandora sôbre o Vouga, na crista dum temeroso despenhadeiro, basto povoado duma rumorosa profusão de carvalhos e de pinheiros. — Um sítio apartado e êrmo, com seu estranho ar de mistério. Nem uma coutada de bruxas. Um antro numa selva. Dava-se ali bem a Gertrudes; queria aquela solidão hostil e tenebrosa a proteger-lhe como a lágea dum túmulo os preciosos valores amontoados.

E era mesmo de preferência no puro rigor do inverno, quando, pela calada da noite impenetrável, furioso o vento esfusiava fazendo dançar espavoridamentej os ramos descarnados do arvoredo, e em silvos plangentes vinha arrastado estorcer-se na angustiada corcóva da viela, era então que, tôda trémula, frente à arca do dinheiro a vélha ajoelhava, abria-a, atirando num sacão contra a parede a tampa, debruçava-se, mirava-lhe ávidamente, com a alma nos olhos, com um riso batente. o conteúdo... depois, mergulhando, delirante de prazer, as mãos coireáceas e os braços descarnados no montão das peças, dos dobrões, das libras, punha-se a chocá-los com ímpeto, a levantá-los

numa demora voluptuosa, a desparzi-los do alto em chuva rutilante, cujas magas scintilações a luz trémula da candeia fazia multiplicar e crescer. A sonoridade fascinadora do oiro caído e revolvido não podia então ser distinguida lá fóra... abafava-a o grosso bramir da tempestade. Esse som limpidíssimo perdia-se em meio do troar da procela, como no fragor sanguinolento das batalhas se perdem os sons estrídulos das marchas guerreiras. Por isso a Gertrudes de preferência escolhia para êstes seus bródios com o dinheiro as temerosas noites revôltas em que se encoleriza a Natureza.

Ora numa dessas noites, — noite de janeiro, frigidíssima e implacável, — entregava-se ela delirantemente à vesânica adoração do metal, emquanto estrugia fora a tormenta impetuosa. Havia-se sentado no chão, as pernas em cruz, formando forca os joelhos, junto da ampla arca de carvalho, e empilhava no regaço montõesinhos de libras rutilantes, que depois, sacudindo o avental, num tilintido límpido desmoronava, para logo voluptuosamente os tornar a erguer. — Súbito, um golpe de vento, entrando sem custo pelas fendas do teto esconjuntado, apagou-lhe a candeia. Então a megera confrangeu-se tôda, abalada dum louco, um indominável terror, o peito cosido contra o oiro, a cabeça quási no chão, retesos os braços a cingir, a aproximar os joelhos... e assim permaneceu horas e horas, mergulhada na mais completa escuridade, pávida e gelada, a tremer, a escutar, a rezar, a carpir-se... 'té que os primeiros alvores matutinos, restituindo-lhe a tranqùilidade, lhe permitiram ver o suficiente para reguardar à pressa o seu dinheiro.

Nesse dia, dizia uma inimiga dela, que a observara, a uma outra:

— ¿ Já viste hoje a Gertrudes ?... Parece desenterrada !

— É que foi a noite passada à Abustarenga falar co'o diabo!

II

Era de uma fealdade repulsiva e característica a Gertrudes da nossa historieta. Alta, esgalgada, curva, tinha o seu perfil o que quer que fôsse de rapinador e adunco. A linha do seu corpo emmagrecido era negra e rígida como um bico de ave de rapina; lembrava a unha inexorável de algum grande carnívoro pre-histórico. Era uma ânsia de adquirir, sempre espectante... um ladrão espreitando.

Que cabeça aquela! que eloquentíssima lição de frenologia!... O rosto, muito comprido, adelgaçado na testa, aguçado para o queixo, e com os ossos malares excessivamente largos, figurava remotamente uma cruz... a cruz viva da sua existência, tôda privações e sacrifícios.

O cabelo, corredio, de uma côr suja e baça, entre o ruivo e o castanho, apartava-se-lhe ao centro e descia aos lados a colar-se contra as fontes, numa pastosidade lisa de cabeleira mongol. Junto aos ossos frontais, a testa, muito acanhada, quebrava-se e fugia abruptamente, em ângulo muito pronunciado, e a sua linha de ruptura descrevia aos lados duas fundas concavidades, cujo ramo inferior se prolongava, muito longe, té ao extremo das maçãs do rosto, salientes, pontudas, hostis como os cotovelos de um anémico. Inferiormente a elas, uma segunda concavidade se desenhava também, assaz pronunciada e longa, que ia terminar no queixo em acerada ponta de sofreguidão e de cobiça.

Na testa, um labirinto de rugas; aos cantos das

órbitas profundíssimas, patas de galinha descomunais; das asas do nariz, dois sulcos profundos e cavilosos. — duas rugas acusadoras da mais feroz e inabalável decisão, — dispartindo e descendo a perder-se nos extremos da longa bòca, desbeiçada e fina como um rasgão; no queixo parecia que algum caranguejo tinha gravado as suas emmaranhadas garatujas; e sôbre o lábio duas séries simétricas de rugasinhas paralelas subiam obliquàmente para as narinas, num problemático arranjo de hieroglifo.

O todo côr de argila. Apenas as duas proeminências faciais rebrilhavam lisas e rubicundas, como duas esferas do jôgo do bilhar. E os olhos, pardo-amarelados, redondos, fundos, pequeninos, de ordinário apagados numa arteirice hipócrita, relampeavam por vezes súbito com lucilações ferinas. — Em suma, um rosto feito de antipatia e de crueza, um mixto repugnante da fera e do gatuno.

O corpo não desdizia da cabeça. Era todo osso, músculo e pele. Prejudicava-o a carência quási absoluta dessas graciosas massas de tecido celular, que arqueando-se, avolumando, inflando, sabem vestir o arcaboiço da mulher com as formas apetitosas e macias de uma frutificação luxuriante.

Pescoço tostado, rígido e longo, todo insculpido em cordoveias fenomenais; ombros largos e descarnados; socavado o peito; os braços todos nas rudes linhas da sua forte musculatura, como se estivessem dissecados; as pernas sêcas, rugosas, escoriadas, rubras; os pés gretados, negros, insensíveis.

Um lenço barato de chita de ramagens; uma jaqueta escura de briche, arremangada té ao sovaco; saia muito curta de baeta, em xadrezinho azul e preto; pela frente um avental cinzento de serguilha; pernas e pés descalços: eis o traje habitual desta mulher.

Nunca fôra bonita, nem mesmo em muito nova. Filha legítima do feitor da grande quinta de Varziela, fôra criada na clara independência festiva da liberdade campesina. Correndo por aqueles campos fora, desajudada, só, quási selvagem, revigorara o corpo e enrudescera o espírito. Depois, como se visse muito cedo órfã de pai e mãe, também mui cedo acabaram de lhe empedernir a alma as ingratas dificuldades da sua vida sem arrimo, sem recurso, sem afectos.

Parentes não tinha nenhum. O *fidalgo* da Varziela, êsse, tam depressa teve notícia da morte do pai da Gertrudes, que para logo o substituiu por outro e mandou pôr desapiedadamente a criança fora do portão senhorial da sua herdade.

Tinha a pequena então 12 anos. Dirigiu-se a Oliveira de Frades, com um saquitel de trapos debaixo do braço, à cabeça uma cesta com os tamancos e duas côdeas de pão, na algibeira algumas bôas moedas de oiro, aturado fruto do génio eminentemente económico do pai. Começou por ser cabreira. Com quatro cabras compradas abastecia de leite a vila, quási sem competência, porque não havia então ali quem diáriamente o fornecesse.

Principiou assim calculadamente e bem o seu amanhar da vida. O abandôno quási completo da sua situação, a derivação hostil da sua sorte, haviam-lhe feito sentir, com tôda a intensidade preventiva da desgraça, a necessidade imprescindível de trabalhar, de lutar, de persistir para poder viver. Gravaram-se-lhe indelevelmente no cérebro maleável de criança as máximas indeclináveis da labutação a todo o transe, do combate tenaz contra a miséria. Olhou apavorada para o seu futuro, implacável e negro como uma furna, e teve mêdo... Queria viver, ganhar, subir vagarosa,

mas segura, pela escaleira difícil que conduz à abastança e ao bem-estar.

Com o dinheiro do espólio paterno alugou êsse mísero cardenho do extremo norte da vila, comprou as cabras, e principiou a exercer a sua indústria, tôda forte no orgulho nativo de pessoa que vive do próprio esfôrço.

E começou de correr-lhe o negócio auspicioso. Aquelas parcas moedas de cobre, penosamente amassadas, cada madrugada, de porta em porta, no seu peregrinar moroso de tangedora e mugidora de cabras, tomou-se breve de grande afeição por elas, pôs-se a querer-lhes sôfregamente, ardentemente, como se foram parcelas da própria alma. Contava-as e recontava-as, ao recolher a casa, num exclusivismo impetuoso de namorada, escondia-as pressurosa a um canto, umas bem junto às outras... e principiava a sentir um certo prazer, vago, inconfessado, obscuro, mas nem por isso menos intenso, em as entesourar. Não raros dias chegava a passar fome, só para não diminuir o tam idolatrado pecúlio.

Muitas vezes à noite, ao fechar o seu dia todo faina e ocupação, sentia que precisava cear.

— ¿ E se eu fizesse um caldinho de unto, migado com boroa ?...

A saliva acumulava-se-lhe na bôca. Mas se ela não tinha em casa nem uma fôlha de couve, nem um traço de pão !... Podia ir comprá-lo... E encaminhava-se para o dinheiro; e ao encará-lo tam juntinho, tam certo, tam sossegado, não tinha alma de lhe bulir. E esquecia as reclamações instantes do estômago na intensidade absorvente do gôzo contemplativo.

Assim se lhe desenvolveu precoce e rápido o sentimento da avareza, que o pai lhe transmitira em gérmen; assim, do amor pela existência foi derivando fácil para o amor pelo dinheiro.

Sacrificava-lhe tudo.

Trabalhava em quanto podia, entregava-se ávidamente a todos os misteres lucrativos que lhe fôssem compatíveis com o sexo e a idade.

De manhã cedo o leite, que já não vendia mugido às portas das casas, como de princípio, mas em bojudas vasilhas de fôlha, cúmplices mudas de escandalosas falsificações. Depois os simples recados, as recovagens longe, as lavadelas, o remover do estrume, o carrear das *novidades*. E durante a noite, longos serões produtivos, fiando à luz de pinhas acesas, para forrar o azeite.

De uma manhã, — bela manhã brumosa de setembro, — partia ela tôda açodada no desempenho de uma recovagem a Vilharigues, quando pelas alturas de S. Tiaguinho se encontrou com dois fidalgos, que andavam a caçar. O snr. Josèzinho do Monte e o morgado da Corredoura, dois mancebos *muito principais* e muito atrevidos com mulheres.

Ela estugou o passo, olhando sempre na frente, um pouco receosa daquele encontro intempestivo.

Mas os dois bargantes, mal deram por ela, pararam a olhá-la com insistência, de um modo provocador e petulante, a um tempo sensual e atrevido, cobiçoso e cínico. Passou-lhes fugaz pela mente um pensamento bestial. A rapariga era nova, (tinha 15 anos), o logar azado e ermo... ¿ porque não caçariam aquela tenra corsa transviada ?

O morgado alcançou-a risonho, expansivo como um cravo, e fez-lhe impudente a sua proposta, ao passo que lhe estendia liberalmente o braço com uma bela libra refulgente, erguida entre o polegar e o indicador.

Mal viu e ouviu a Gertrudes tudo isto... Incendeu-se-lhe o rosto numa ruborização instintiva de virgem

machucada, e soltando em resposta uma praga virulenta, desatou a correr veleira, até se distancear dos dois enormemente.

— Forte pouca vergonha! Que grande atrevimento! Não haver castigo p'ra uns meliantes assim!... A acenar-me co'a libra, o patife! Nem que êle ma desse!! O que queria era gozar-se de mim, e depois... nem libra, nem nada!

E a sua entranhada orientação de usurária fixou-se persistente na imagem da libra, a despeito das reflexões austeras da consciência. O pudor instintivo cedera e aplacara-se, com o distanceamento da causa que o havia provocado. E ficara a libra fulgindo no espaço, tentadora, sorridente. Na Gertrudes anulara-se a mulher, desnudara-se a garra. E a garra aplaudia a recusa feita ao morgado, não principalmente porque a revoltasse aquela proposta brutal, desfechada contra a sua honra, mas porque... o homem depois não lhe dava a libra.

III

Alguns meses depois daquele seu encontro com os dois *fidalgos*, sentiu-se possuida a Gertrudes duma impetuosa ambição.

O casebre ao norte da vila, em que habitava, ia brevemente à praça para partilhas; não só o casebre, como a feracíssima veiga que lhe partia das traseiras a precipitar-se na aprumada encosta que domina o Vouga.

O preço era barato, convidativo, excelente. Demais, pressentia-se que haviam de ser poucos os ofertadores; poucos e pouco interessados. Uma compra vantajosa, sem questão nenhuma. Além disso, a sua

casinha de há três anos; aquele tugúrio humilde que ela já se ia acostumando a chamar seu! O mudo confidente da sua cobiça infrene... o vasadouro misterioso às suas inconfessadas ambições!

Se ela pudesse adquirir tudo aquilo, que bom que era!... O dinheiro quási que lhe chegava. Largá-lo-ia de bom grado, para o dar por essa bela herdade, que breve a indemnizaria magníficamente do sacrifício de o largar.

E, assoprado por êstes pensamentos, um indominável sorvo de avidez erguia o pobre espírito da Gertrudes muito alto, muito alto, té o estontear de todo com a franca antevisão remota da opulência.

Mas, — horrível contrariedade! — para a conta faltava-lhe uma libra. Uma libra para atingir o preço marcado; se acaso os concorrentes *picassem*, então muito mais lhe faltaria. Que tormento!

— ¿ Que hei-de fazer?... ¿ Pedi-lo emprestado?... Arreda! Dinheiro é sangue... Nada, nada de empréstimos... Mesmo parece-me que *bondará* a libra, p'ra segurar... Não há quem queira aquilo de vontade; hão-de oferecer baixo.

Depois, mergulhada numa angústia indizível: — A libra... a libra!...

Uma noite levou inteira a cogitar no modo de a obter. Não dormiu. Depois, pela ante-manhã, vestiu-se um pouco mais esmeradamente que de costume; lavou-se, coisa que ela quási nunca fazia *p'ra se não desgastar*; levou mesmo o desperdício a ponto de prodigalizar algumas gotas de azeite no anediar do cabelo; e saiu para a rua, decidida, afoita, no rosto a expressão triunfante do general que marcha a uma conquista, que tem de antemão como certa.

Era uma destas madrugadas de inverno, frias, limpidíssimas, em que o ar corta como lâmina de punhal acerado e a luz aviva e acusa com uma minudência

impertinente e nítida de aquarela de colegial, os mais insignificantes detalhes da paisagem. — Dirigiu-se para S. Tiaguinho a nossa heroína. Perscrutava insistentemente com os olhos tôda a planura em tôrno, emquanto os pés lhe escorregavam, fazendo ranger as altas ervas cobertas de geada.

Andava em cata do snr. morgado, o da Corredoura. Resolvera vender-se-lhe. Êle era generoso... sempre depois lhe daria a libra.

Naquele dia não logrou vê-lo, que êle não saíra a caçar; nem igualmente nos dois seguintes.

Ao cabo porêm de um bom par de madrugadas, empregadas sempre *a catá-lo*, a desvergonhada onzeneira encontrou-o, meteu-se-lhe pelos olhos, incendeu-lhe no íntimo a inata bestialidade criminosa... e obteve, não uma libra, mas duas. Que delícia !... A casa e o campo haviam de ser dela !

E foram.

Assim como foi de natureza a frutificar êsse *garfo* de sangue fidalgo, enxertado ao ar orvalhado de janeiro no seu rude tronco plebeu.

A prenhez não tardou a acusar-se-lhe, clara, fatal, irrecusável, com todo o seu cortejo nauseabundo de sintomas. Não havia duvidar... E aquela alma problemática e sombria alanceava-se em violências donde se mantinha duramente arredado o mínimo rebate de amor materno. Eram tudo raivas, desânimos, desesperações, arrependimentos. Que desgraça, achar-se *assim ocupada !* Uma bôca mais a sustentar, uma pessoa mais p'ra vestir ! Decididamente, o diabo resolvera nunca a deixar juntar um vintêm !

No seu furor exclusivista de usurária, insensível a tudo que não fôsse o próprio lucro, chegou a pensar vagamente em ir ter a S. Pedro com uma *mulher de*

virtude, que lhe desfizesse a criança. Pensou em ir, mas não foi; valeram-lhe os poucos anos, que ainda não haviam dado tempo ao calejar completo daquela consciência de abutre.

Doutras vezes queria-se matar. Susteve-a uma esperança incerta, mas persistente, mesmo quási absurda na sua gratuita insistência, de que — talvez a criança viesse morta... Ela lidava tanto, alimentava-se tam mal... que poderia acontecer.

E uma vaga fé nesta solução, tam veementemente desejada, fazia que a repulsiva comborça trabalhasse ainda mais e muito que o costume, no seu criminoso empenho de provocar o que tanto queria.

Ou então apelava lacrimosamente para a Providência, rogando-lhe que, a ter de vir o filho, que fôsse uma menina; sempre a faria trabalhar com ela, a seu lado, muito obediente; emquanto que um rapaz, depois de crescido perdia-lhe o respeito e podia-lhe dar para mandriar.

Ao mesmo tempo, esforçava-se por ocultar às da vila o seu estado. Debalde porêm ! ¿ Que coisa há aí, das atinentes ao sexo, que não adivinhe nas outras uma mulher experiente ?

— A *história* da Gertrudes já vai adiantada...

— Ora se vai !... Diz ela que é mal no ventre, flatulências... Pantomineira ! Nem que a gente não saiba ver.

— Deixa lá ! que afinal... o que ela traz lá dentro tem de sair p'ra fora... e então se verá quem mente.

Saíu um menino, robusto e galante como os das crónicas louvaminheiras dos *Correios das salas* dos jornais. Pouco faltou à mãe que o não estrangulasse. Mas, afinal, afez-se pelo império do hábito ao novo estado de coisas, e resolveu continuar marchando filo-

sóficamente pela estrada da vida, com aquele tropêço atrelado como um castigo.

O morgado, o pai do mafarrico, a-pesar de muito apertado e instado, não concorreu com um ceitil.

— Não está má esta!.. Eu sei lá se êle é meu!

Passados os meses da amamentação, meses duma extensão interminável, todos percas e apensionamento, todos pragas e azedumes, todos negrura e desespêro, voltou a Gertrudes sôfregamente ao moirejar antigo. Ardia por se resarcir do tempo perdido; a sua ânsia desmedida parecia então centuplicar-lhe as fôrças e o alento de um modo sobrenatural.

De manhã cedo, dava uma sôpa de leite ao pequeno; vestia-lhe uma espécie de saco de baeta, franzido e atacado com um cordel ao tenro pescocinho, apenas com duas aberturas por onde os braços lhe saíam, roliços e vermelhos, a executar êsses movimentos incertos e sem fim aparente, que são o encanto da primeira puerícia; acautelava a loiça, as meadas, o linho, os lumes; fechava a porta à chave; e lá ia para o trabalho, horas e horas seguidas, emquanto o Joãosito, — coitado! — para ali se ficava só, no embrutecimento idiota dos primeiros meses, a chorar, a rir, a chupar-se os dedos, a bracejar, a carpir-se, a rebolar--se pelo sobrado imundo do casebre, e a revolvêr inconsciente com as perninhas irrequietas as moles dejecções, ainda quentes, que ao fundo do saco se lhe amontoavam, numa promiscuidade sórdida de caneiro.

Depois dos cinco anos, como o rapaz lhe remexesse tudo em casa, endiabradamente, mandava-o para a escola. Ia de manhã e vinha sôbre a tarde. Todo o dia livre dêle: era o que se queria. Que aproveitasse, ou não, do ensinamento, pouco se lhe dava disso. O essencial era ter onde o arrumar.

Mas o rapaz aproveitou. Era tam bruto, quanto

cuidadoso. Assim, à fôrça de tempo e de perseverança, tornou-se um dos primeiros da classe.

Uma tarde em que êle entrou em casa, todo ufano, sobraçando um pequeno livro de contos infantis, prémio dado gostosamente pelo mestre, e em que êle esperava da mãe um abraço, — o primeiro, — de gratidão, de incitamento e de ternura, apenas ouviu desalentado a seguinte reprimenda:

— Bravo, snr. doutor... Ande-me co' as letras, que está servido! Imaginas que nasceste p'ra isso, meu pateta!... ¿Que é do dinheiro p'ra te fazer letrado?... Pedaço d'asno!

E arrancando-lhe bruscamente das mãos o livro, que arremessou ao fogo da lareira:

— Uma enxada, meu rico! Ora o tolo!

Era o João de natureza tôda afectiva e sentimental. Resultado talvez da eventualidade um pouco romanesca da origem.

Além disso, do pai tinha os escassos rudimentos de inteligência, da mãe um fundo de carácter agressivo, brusco e feroz.

Amor pela mãe, nenhum; antes sua pontinha de aversão, muito açapada lá no fundo da alma, como no recesso do antro uma fera. As demasias afectuosas do seu natural, todo sentimento e caridade, gastava-as doidamente em acções esmoleres, em vagas cogitações, em leituras aturadas. Lia muito, tudo quanto podia apanhar. Quási nunca percebia; mas chamava-o àquele exercício a sua proveniência do *garfo* aristocrático, junto com o seu temperamento impressionável.

Infelizmente porêm, o pecúlio bibliográfico da vila não era de molde a encarreirar-lhe muito lisamente a apoucada inteligência. Livros de cavalarias, poemas gongóricos e românticos, folhetos inverosímeis. Uma

literatura falsa e contaminosa; criminosa armadilha aos ingénuos; um panteon de inconcebíveis façanhas, quando não era um patíbulo de tremendas patifarias.

O nosso rapaz leu tudo; e assim foi tornando o espírito enfermiço com a assimilação embarulhada e purulenta do *Afonso Africano*, o *Cavaleiro da Cruz*, o *Han de Islândia*, a *Formosa Magalona*, a *Academia dos Singulares*, o *Carlos Magno*, o *Desengano de Zêlos*, os *Três Mosqueteiros* e os *Três Corcundas*.

Muito raro, livros como o *D. Jaime*, o *Amor de Perdição*, as *Flores do Campo*, o *Eurico*, tentavam baldadamente orientar no verdadeiro sentido aquela cabeça transviada.

De trabalhos manuais nunca quis saber.

Assim foi medrando até homem o nosso João. Entrou no sorteio para o serviço do exército. Pobre e desprotegido, coube-lhe necessáriamente o encargo de ir ser soldado, com grande folgança da mãe, que morria por ver longe dela aquele valdevinos, que não fazia nada, que não lhe dava senão gastos, que nem mesmo se resolvera nunca a embarcar!

O mísero rapaz encarou horrorizado a perspectiva da sua entrada na fileira; revoltava-o e abalava-o enormemente essa nova forma de escravidão.

— O mãesinha, livre-me, que eu vou lá morrer! Pague um homem por mim. Não posso co' aquela vida, minha mãe!...

Mas a mãe não se moveu. Tomara-o ela p'ra bem longe!

Por isso, naquele dia, marchava de Oliveira de Frades para Viseu, encorporado numa leva de recrutas, o moço João da Silva.

IV

Sentou praça no 14 o triste rapaz, e a sua iniciação militar foi-lhe intensamente bestificadora e dolorosa.

Arrancado assim bruscamente à sua aldeia, àquela remansada beatitude campesina, em que desde a primeira infância se conhecera, encarou idiotamente, ao apresentar-se na secretaria do regimento, o seu comandante, o ajudante que lhe resenhava irónico os sinais característicos, o sargento que lhe foi em seguida distribuir um uniforme desageitado e cómico... todo aquele aparato marcial de que se via repentinamente opresso, sem transição, sem aviso.

Naturalmente franco e bom, falava aos superiores com a liberdade de voz e de gesto que em Oliveira costumava de usar com os seus companheiros de folia; e quando com voz sêca e breve o intimavam a que unisse os calcanhares e não movesse os braços, no seu primeiro espanto o pobre bisonho sentia roçar-lhe a alma um sôpro gelado que o aniquilava, lhe destruía a bonomia natural, lhe cerrava o coração à expansibilidade, e principiava a perverter-lhe o natural, de sua essência aberto e meigo.

Depois, a aparatosa solenidade do juramento da bandeira invadiu-o todo com a sua hirta majestade... comoveu-o, aterrou-o a leitura do regulamento disciplinar, com o seu férreo cortejo de condenações à morte, deportações, encarceramentos... deu-lhe tudo isto uma forte noção de submetimento, de alheamento da vontade, de escravidão incondicional. Por forma que o pobre rapaz tinha na voz breves lágrimas de rebeldia impotente, quando repetia maquinalmente as palavras da fórmula, pronunciadas pelo tenente-coronel.

Depois ainda, amarfanhou-o o ensinamento brutal e automático da recruta; ao passo que na caserna as troças, as graçoias, os ditos causticantes, as grossas obscenidades, todos êsses marhosos artifícios do viver do soldado em comunidade, gravando-se profunda e fácilmente no seu espírito, que conservava ainda a moleza e a virgindade primitivas, acabaram por lhe perverter um pouco o moral. No físico, insinuaram-se-lhe mansamente as emanações pútridas da caserna, as deficiências de alimentação, as faltas de agasalho, de luz, de movimento. — Um duplo envenenamento, moroso e inevitável, uma enorme degradação legal.

Chegado o mês de julho, dispartia do ministério da guerra para os quarteis-generais das províncias uma ordem-circular instante de remessa de grossos contingentes de homens, que fôssem reforçar os regimentos de Lisboa. Apropinqùava-se o dia 24, — dia de gala de fresca data, — e era mister que se celebrasse, com todo o lantejoulado luzimento da nossa mentìrosa excelência em matéria de exército, essa imprescendível *parada*, arteiro espectáculo dado em pábulo à estupefacção alvar do povo e às reclamações pomposas da época.

Entre o contingente enviado do 14, então marchou para a capital, não pouco contente, o nosso João. Atraía-o a novidade, seduziam-no de antemão as imaginadas belezas e diversões da provecta filha de Ulisses. Quando mais, que lá do norte não trazia saùdades. Só se fôra da mãe... Porêm essa, nem lhe mandava dinheiro, nem mesmo, a não ser de longe em longe, lhe escrevia. E êle sabia corresponder com uma indiferença, frisando pelo ódio, àquele egoísmo inabalável.

Gostou de Lisboa.

Andou de princípio deslumbrado, atolambado, par-

vo. Fascinava-o o aspecto amplo e alegre da cidade, a afabilidade dos habitantes, a abundância das distracções. Agora aqui, sim ! o espírito espanejava-se--lhe risonho, como um pintaínho ao sol. Que prazer o da contemplação demorada do largo Tejo, o das tardes de música no Passeio, o das *petisqueiras* baratas nas tavernas convizinhas do quartel !

Ao desfilar na praça de D. Pedro, no dia da *parada*, ante a tribuna rial, de tal forma se comoveu e distraíu a contemplar absorto o rei e a raínha, que perdeu o seu logar na formatura, o que lhe valeu duas guardas de castigo.

Então aquela feira das Amoreiras, essa era o seu maior encanto ! Achava ali acrescentada, embelezada, enriquecida a *feira franca* de Viseu; era como se a estivesse revendo pela lente ampliadora de um cosmorama.

Ele pertencia a caçadores 2, aquartelado em Vale do Pereiro; portanto, não longe do largo do pitoresco mercado, que a majestosa arcaria do aqueduto pombalino ladeia, numa afirmação colossal de solícita previdência. Assim, cada tarde seguia para lá invariávelmente, e por lá vagueava ditoso, até *ao recolher*. Por vezes mesmo levava o seu entusiasmo pelos Dallot e o peixe frito ao ponto de se arriscar a pedir uma *dispensa do recolher*. Se a lograva, que reinação impagável !

E aí se plantava, horas seguidas, ante os barracões dos teatros, a remirar num charro êxtase os palhaços, os gladiadores, as actrizes, sobretudo as dançarinas, surramposas e anémicas, sujamente vestidas de cassa, de papel doirado e do paninho.

Aqueles pernis dessangrados e esguios, que a malha côr de carne vestia, numa escarnecedora abundância de rugas sobrepostas; aqueles seios murchos, e pendentes, numa bandalhice acusando a fome, a crápula

e o desmazêlo; aquelas clavículas salientes e pontudas, escalavrando os colos em desigualdades trágicas de protesto, eram outros tantos afrodisíacos poderosos para o bom do rapaz. Davam-lhe enérgicos rebates na sensualidade; punham-lhe desejos febrís na carne.

Breve arranjou namòro; mas namôro sério, aturado, *para bom fim:* uma criadinha dum segundo andar, ali ao pé, na rua do Salitre. Era num prédio vestido de azulejo, de dois andares, à esquerda de quem desce.

Encontrara-a pela primeira vez, de uma tarde, na sua dilecta feira das Amoreiras, a passear em companhia da cozinheira da mesma casa. — Não que ela não era ali qualquer coisa ! Era a criada dos quartos das senhoras. — O rapaz fisgou-as, mal que as viu, descuidosas e alegres por entre a mesclada onda da populaça. A cozinheira, a-pesar de nova, não se lhe recomendou por predicado algum de apetite; a outra, essa, sim ! Alta e direita como um granadeiro; magrinha, mas bem feita; pálida, duma palidez baça de santinha de marfim; farto cabelo castanho; olhos muito magaros, da mesma côr. E, depois, o belo casaco comprido de merino preto, a bela gargalheira de oiro ao pescoço, o belo chapéu com plumas. — Uma tentação !...

Elas pela sua parte engraçaram tambêm com o ar lhano e bondoso do João, com a sua tez morena de saúde, os seus dentes alvos de neve, a sua estatura desempenada. Deixaram-se conduzir.

O nosso soldado embriagava-se de prazer ! ensandeciam-no fumaradas de entusiasmo, electrizavam-no fúrias de intensos gozos antevistos. Levou-as ao teatro, e pagou-lhes depois a ceia e os pasteis. — Tinha consigo mais uns vintens naquele dia, foi o que lhe valeu.

Não poder êle fazer-se obedecer por um daqueles omnipotentes *génios* das novelas que lera em Oliveira! Que libertinagens, que escândalos, que bródios êle se não permitiria então!... Infelizmente, nada disso podia, coitado! Esvaziada a magra bôlsa e haurido o último decilitro, limitou-se a acompanhá-las pacatamente a casa, combinando para o dia seguinte uma entrevista *com a de dentro.*

Pegou breve o namôro, como as roseiras ordinárias, que pegam de estaca... Quando não se podiam falar escreviam-se. O nosso tresloucado galucho, escravo da sua ridícula tendência sentimental, não tardou que não vestisse os seus amores dos ouropeis mentirosos daquelas hipócritas e imorais abnegações de 1830. Ao mesmo tempo, amedrontava-o a afamada felonia das mulheres de Lisboa. Eram tôdas um pôço de malícia, — dizia-se. E João supunha-se já um outro *conde de la Fére*, cinicamente ludibriado por aquela *Ana de Bueil* curando de engomados e mesinhas de cabeceira. — Embora! Havia de cumprir-se o destino... Casar com ela, fazê-la inseparável da sua existência, irem passar no remanso protector da província largos anos intermináveis de ventura!

As suas cartas eram impagáveis de estilo e de carácter; davam dêle fotográficamente a nota pessoal. Revelavam a um tempo o estado de lastimável desorganização a que lhe haviam reduzido o espírito as párvoas leituras indigestas, e acusavam de que funambulescos arroubos de amantética energia era capaz aquele coração de títere abrasado.

Daremos uma na íntegra, para completa elucidação do leitor:

«Snr.ª Maria. — Pois eu já abastante tempo que eu andava para lhe articular duas Letras para lhe proguntar se andava preocupada com outros amores! por-

que os meus sentidos não andão preocupados com outros amores senão com os seus por isso foi omotivo que me obriguei a pegar na pena para lhe declarar o quanto o meu coração tem imaginado em vossa pessoa quando eu tive a fizionomia de ler todos os seus paragrafos que me articulou na sua carta pois se essas frases não forem baldadas posso-me chamar o homem mais felis do mundo ! ! ! — mas sempre julgando que a menina que anda com as ideias em outros amores isso será verdade ou será um sonho meu ! ango adorado neste momento em que eu tive o minimo encomodo para lhe declarar que as suas palavras que são sempre muito e muito sinceras que a mim me fazem cativar pois tendo eu o seu coração verdadeiro o meu mais não pode ser ! é omotivo que eu dirijo mais esta a pençamento que talvez eu não seja merçedor desse seu coração mas como a menina declarou na sua carta que me indicava uma amisade sincera pois eu bem sei que a menina que dá bem a conheçer o amor que me tem pois se esse amor não fôr ingrato ainda espero ter uma certa contemplação com a menina só com o andar do tempo é que virá a craditar que esta minha Carta que ade ser uma verdadeira testemunha para continuar o amor que o meu coração dezeija ser correspondido talvez que agora o não julgue mas com uma prova evidente o julgará ! e com isto não sou mais istenço deste que a ama até á morte sempre constante-mente. — João.»

«*N. B. — eja me esquecia hontem vi o criado lá de casa é um perfeito galego e quem sabe se a menina Maria tambem gostará delle ou ! quem o soubesse mas como não Advinho nada posso dizer.*»

Estas preciosíssimas jóias de tolice apreciava-as imensamente a ladina servilheta, que levava o namôro

de brincadeira, como tinha levado todos os anteriores, como ia levando os mais que cultivava ao mesmo tempo.

A cada uma que vinha de novo, lá corria ela para a cozinheira, tôda lépida.

— Cá está outra... vamos a ler.

E no fim da leitura:

— Que bonitas falas, hein!... Parece esperto o meu João.

— Talvez andasse nos estudos.

E a Maria contava às amigas, muito desvanecida, que de tôdas quantas cartas recebia, as do João eram as melhores; tinham passagens que até a faziam chorar.

O pior era que a rapariga, tôda passeios pela rua e cavacos da janela, teimava em esquivar-se ao galanteio prático das aproximações a furto e dos abraços no escuro, mais do que podia sofrê-lo o ânimo sofredor do nosso tímido Romeu.

De uma manhã, muito cedo, logo depois da *alvorada*, foi-se êle presto té ao Salitre, enfiou de esconso pela escada do prédio da *sua idolatrada*, e tratou de alapar-se, muito quietinho e muito atento, no patamar da água-furtada, então sem habitantes, e do qual poderia observar imediatamente o que se passasse em baixo, no 2.º andar.

Ele sabia que a sua Maria era quem tomava quotidianamente o pão.

— Anda! que hoje apanho-te, depois de partido o padeiro, antes que tenhas cerrado a cancela... Deves-me uma prova de confiança. Deixa estar!... Se gritares, tanto pior para ti.

E aguardou, trémulo, ofegante, o coração a galopar-lhe no peito.

Lá veem passos vagarosos e pesados pela escada...

O padeiro, sem dúvida. — Espreitou a mêdo: era o vendilhão do leite.

Tocou a campaínha; a Maria assomou à porta, risonha e fresca; seguiram-se uns comprimentos banais e inexpressivos; depois o som gorduroso do leite vertido... O João ia aproveitar o instante, arrojar-se, saltar... Não, não... aguardaria o padeiro. Como para depois da partida dêste é que tinha planeado o assalto, iludindo a dificuldade o nosso homem ficou-se, numa estúpida inacção maquinal.

Daí a boa hora e meia, novos passos subindo, desta vez leves e apressados... Era emfim o moço da padaria; um lindo rapagão de Aveiro, musculoso, imberbe, pele velutínea e branca de mulher. Vinha descalço. — Seu barretinho de sêda preta, posto graciosamente sôbre o ôlho direito; camisa arremangada e aberta sôbre o peito rosado e macio; calça de linhagem branca, muito cerce à côxa; rodeando a cinta uma larga faxa azul.

Arreou do ombro o cêsto e tocou. O João escondeu-se apressadamente...

Sentiu então abrir-se a cancela, e a voz da Maria que cumprimentava, muito afável, mais do que ao leiteiro, mais do que era de esperar de quem como ela se achava enleada, — dizia, — num profundo amor exclusivo pelo bom do militar. Depois, durante a contagem e o recebimento do pão, um diálogo prolongado e quente, a meia voz, de que o nosso galã de tarimba apenas pôde colhêr algumas palavras sôltas.

— *Um*... Esperei-o... todo o dia.

— Não pude vir.

— ... outra vez. *Dois*... ouviu?

— ... minha flor.

— *Três*... cá de lérias... *Quatro*... você... ¿ metido com outra?

— Não me... nem a brincar!

— ¿ *São seis menos cinco*, não são?... Tome lá.

O João estava sôbre brasas, via tudo côr de fogo, dançava-lhe o soalho sob os pés violentamente!

Seguiu-se o contar do dinheiro, igualmente demorado e cortado por íntimas ternuras em surdina.— Era de mais!

Ergueu-se impetuoso e cego, como uma fera, rugindo uma virulenta imprecação de vingança.

Ainda entreviu, antes de precipitar-se, a Maria com as mãos apertadas rijamente pelas do padeiro, o seio palpitante e os olhos húmidos de volúpia... Golpe superior às suas fôrças! Tomou-o um delíquio de desesperado assombro. Amparou-se à parede para não cair.

Daí a poucos segundos, ao voltar a si, estava a escada deserta e a porta fechada.—Os dois tinham dado por êle e haviam-se logo posto a seguro, cada um de sua banda.

V

Esta desilusão magoou profundamente o nosso terno Adónis. Ia adoecendo do choque, coitado! Teve-o de pé a sua organização robusta de beirão montesinho. Mas o seu espírito,—essa locomotiva do disparate, correndo a todo o vapor pelas traiçoeiras campinas da sensibilidade, sustado rudemente pela chocarreira inércia daquela perfídia amorosa, descarrilou sem remédio... E o seu coração,—um torrão de açúcar mascavado,—principiou a deliquescer na água-chilra da traição à fé jurada.

Pobre João!

Desta desventura amorosa, e de várias outras ainda, a cada uma das quais fatalmente o arrastava, depois do concêrto da antecedente, a sua natureza incorrigível de romântico piegas, tomou para lição os mais

descaroáveis conceitos em matéria de coração de mulheres.

— São tôdas uma peste! — sintetizava êle, indignado, entre grandes folgares trocistas dos camaradas.

Terminado o seu tempo de serviço obrigado na fileira, passou à Guarda Municipal, no posto de cabo, que devera ao seu bom comportamento e abundantes letras. Porêm agora, na Guarda, novas e não menos duras provações o esperavam, a torturar-lhe acinte os seus melindrosos nervos de mulher. Eram as brutalidades repetidas a que não raro o obrigava a natureza do serviço: emprêgo da fôrça contra os ébrios, coacções e reprimendas nos presos refilões, coronhadas de bom quilate pelos desordeiros de comícios e assuadas. — Não era de molde que aplaudisse tais processos a sua organização, tôda benignidade e doçura. Os arrebatamentos da tempestade são incompatíveis com a tonalidade calma dum céu azul.

Assim foi vivendo desgostoso e triste o nosso João, amarfanhado contínua e cruelmente pelas realidades brutais da vida, sentindo pedra por pedra a escodear-se o castelo de fictícias idealizações que êle párvoamente erguera no ar da sua imaginação enfêrma. — Desmoronamento providencial! Ia-lhe deixando ver mais claro e mais batido o piso da existência.

Da mãe pouco ou nada tinha sabido, entretanto. Recebia dela, têrmo médio, duas cartas por ano; não dava para mais aquela cerrada afeição de negra. Por elas sabia o filho que a megera ia tendo sempre saùdades e continuava a servir com dedicação a snr.ª D. Adelaide, do adro. «E que se fôsse deixando estar nas tropas; era muito bonito, muito aceado, e sempre gozava mais...»

O rapaz ia-se deixando, de-feito, estar. ¿Que é que o chamava a Oliveira?... Nada! Apenas uma pingue herança, por morte da mãe.

E estremecia, tinha horror de si mesmo, quando esta idéa inconfessada e negra lhe fustigava o cérebro. A verdade porêm era que no seu íntimo, todo suavidade e brandura, o desapêgo egoísta da mãe fizera o milagre de germinar em desapêgo igual.

De facto a Gertrudes, logo no dia seguinte ao da partida do filho como recruta para Viseu, seguira para o adro, muito lacrimosa e humilde, e fôra bater à porta duma casinha modesta e baixa, tôda caiada, de um só andar ao nível do chão.

Seriam 7 horas da manhã, — uma preciosa manhã de outono, serena e risonha como o dormir dum justo. O ar, caricioso e imóvel, parecia envolver as pessoas e as coisas num doce véu de bonança e de frescura; as últimas exalações do orvalho matutino erguiam-se diáfanas para o azul, como as notas materializadas de um cântico de prazer; e os raios do sol, ainda muito oblíquos, deixavam na penumbra o grosso da casaria, esqueciam a fachada austera da igreja, para doirarem apenas intensamente, no alto do campanário, o belo catavento de ferro oxidado, um grotesco cavaleiro rompante, de chapéu armado e espada em punho, pisando um pobre infante derribado, que tenta defender-se erguendo a custo acima do rosto a espingarda. — Patriótica alusão às nossas vitórias sôbre a última invasão francesa.

Como não tivessem ouvido da primeira, a Gertrudes bateu segunda vez. Então sentiu-se um leve ruído de passos arrastados no interior daquela habitação austera e limpa, que parecia sorrir-lhe, amável como um bom convite, na sua alvura irrepreensível.

Uma vèlhinha veio abrir. — A própria D. Adelaide: bôa mulher... dos seus 70 anos, corcovada e gotosa, a mais bem formada alma feminina que abrigavam te-

lhas de Oliveira. Muito caritativa, muito ingénua, muito afável, serviçal, tolerante, muito temente a Deus. Sempre amiga dos pobres... e de tôda a gente. ¿ Havia um baptizado numa casa ? Emprestava toalhas bordadas, louças, vasos para flores. ¿ Uma doença ? Fornecia panos de linho, talhava ligaduras, fazia fios, preparava remédios caseiros, mandava marmelada. ¿ Uma morte ? Ia ela mesma arranjar a câmara mortuária, e aí plantava religiosamente o seu belo crucifixo de marfim, pregado em pau-santo, e acendia gostosa os seus grossos brandões de cera, nos castiçais de prata.

Aos mendigos, esmolas em abundância, todos os sábados.

Vivia sòzinha naquela casa, que lhe tinha deixado em sinal de reconhecimento, junto com um bom par de cruzados, uma senhora que ela servira 20 anos.

A Gertrudes ia quotidianamente curar dela, arranjar-lhe a casa, fazer-lhe o comer. Faltaria a qualquer outra ocupação; a esta, nunca. De há muito espionava com persistência felina aquela santa vèlhinha, já meio voltada para a Eternidade; farejava-a incessante, solícita, sem tréguas. Era um abutre visando uma pomba.

A D. Adelaide já mais que uma vez lhe tinha falado para que ela a fôsse servir com assento, ficando de portas a dentro. — Ela estava gasta e quási tolhida; podia-lhe dar alguma coisa de repente... não devia estar assim sem ninguêm.

A Gertrudes, tomara ela ! Que belíssimo ensejo para a subjugar de todo ! ¿ Mas o João ? o João só, em cima, sem fazer nada, a dar-lhe cabo de tudo !... Uma coisa não compensaria a outra; nada, nada !

E fôra adiando arteiramente o caso, na expectativa ardente do que acabava de acontecer: o recrutamento do rapaz. — Agora, sim ! Alugaria o casebre de cima e iria para ali... O serviço da vélha dar-lhe-ia ainda tem-

po para moirejar por fora... Depois, tudo aquilo dela !... um negociarrão !

— Ah, ¿ és tu, Gertrudes ?... Vieste hoje cedo ! ¿ E tam triste ?... ¿ E então que tens ?

— Ai ! minha senhora, bem no dizia eu !... O meu rico filho lá vai caminho da cidade... bem no dizia, adivinhava-o o coração !... Rico filho da minh'alma !

— Coitada !... Olha, tem paciência. São ordens, bem sabes. No fim de três anos, êle vem outra vez.

— Três anos ! Nem eu chego lá... São de pedra êstes snrs. do govêrno !... Não o torno a ver, o meu rico João, que com tanto carinho criei !

— Vamos, vamos; tem paciência... Eu também gosto dêle: é um excelente rapazinho, um belo coração... ¿ mas, que queres ? Devemos levar com paciência as provações que nos manda o céu.

— Eu ainda o quis livrar, minha senhora; mas se êsse negócio está tam caro !... Não tinha posses p'ra tanto, — sabe-o Deus !

E erguia para o céu piedosamente os olhos, vermelhos do esfregar do lenço, em cujas pálpebras, medrosas, raras, as lágrimas apareciam.

— ¿ E então agora hás-de ficar a viver só, naquela casa, p'r'ali assim ao desamparo ? — tornou-lhe a boa vèlhota, compadecida.

— Eu sei, senhora... Tenho o coração tam triste, que pouco se me dá.

— Nada de desesperar, Gertrudes, que é contrário à lei de Deus... Olha, vem p'ra minha casa agora. Dormes cá. Fazemos companhia uma à outra; e eu sempre te deixarei tempo p'ra servires as outras tuas amas tôdas. Queres ?...

— Ai ! senhora, é um bem tam grande p'ra mim, que nem sei se deva...

— Anda, anda, — terminou D. Adelaide.

E arrastou docemente para o interior da casa a imunda onzeneira, que, tôda no íntimo rejubilada, de joelhos lhe beijava a barra da saia, lamuriante.

VI

Serviu-a por 12 anos, indefectivamente, com todo o ganancioso apêgo duma sanguessuga do oiro e todo o ciúme intransigente de um zeloso namorado. Apartara quási inteiramente a pobre mártir da convivência humana. Ao cabo dominava-a, mandava-a, dirigia-a, pouco faltava para lhe bater.

Entretanto, a casa alugada ia-lhe rendendo bem, e sempre tinha tempo para servir várias famílias da vila, com o mesmo prodigioso afã de outrora. Era a multiplicação constante do lucro... uma garra numa ventoinha... um *venha-a-nós* ininterrompido.

A santa vèlhinha estimava-a, queria-lhe muito; já confundia por úitlmo os bons com os maus tratos, no idiotismo crepuscular da sua grande senilidade. Ao cabo, morreu de carcoma, deixando a sua dedicada serva herdeira universal.

Gáudio enorme e não menor tormento para a Gertrudes. Gáudio pela bondade excepcional da herança; tormento pelo receio àlerte de ser roubada. Entraram com ela intensos médos, terrores invencíveis; — mórmente de noite, ao conhecer-se só naquela casa, tam fraca e tam impotente contra qualquer agressão.

Logo ali ao escurecer, já ela se fechava cuidadosamente, correndo ferrolhos, atravessando trancas, pendurando companhias enormes de molas de aço muito sensíveis, que por um extremo havia pregado em cada porta. — E nem assim podia dormir! Sobressaltavam-

-na a cada instante sonhos pavorosos em que se via atacada, salteada, espoliada de quanto possuia... E lá ia então prostrar-se, alvoroçada e louca, ante o oratório lavrado da sua defunta ama, a rezar, a rezar, a rezar até pela manhã.

Coisa singular! O seu maior pânico era originado por pesadelos em que se sentia roubada por mulheres! Por mulheres, as quais, no seu entender, aonde pusessem a unha, levavam tudo... Por aquelas de cujos trabalhos mais de uma vez se tinha desapiedadamente apoderado! — Uma das formas alegóricas do remorso, afinal...

Neste estado desesperador e agudo, veio então acercar-se-lhe manhosamente o Bernardo, o beato mais refinadamente hipócrita de tôda aquela redondeza.

Homem forçudo de 40 anos, alto, espadaúdo e largo, — uma compleição tôda feita para o trabalho. Filho porêm de um antigo egresso, circulava-lhe nas veias o capilé da fradesca beatitude. Dessorava-lhe o sangue uma linfática aguadilha, feita de inércia e de preguiça. Era uma energia submersa no ócio, uma robustez molemente adormecida. Abominava as canseiras quotidianas, o sadio lavrar dos campos, as longas caminhadas fatigantes; queria-se regalado, repoisado e farto, na impagável despreocupação monástica dos confrades de seu pai. Um dêstes biltres daninhos, em suma, que ainda hoje por aí enxameiam, bastos e impudentes, última legião dessa ominosa praga do monaquismo, de domínio tam nefastamente prolongado no país.

Quando moço, fôra por muitos anos criado da bela casa dos Correias, de S. Pedro; e aí, bem alimentado e vestido, contraíra hábitos de comodidade e bom passadio, manifestamente inadequados à sua condição ser-

vil. Então o seu geito afidalgado, bem como a sua crescente repugnância ao trabalho, fizeram-no despedir.

Nesse tempo, aos 25 anos, era uma actividade oculta num mandrião. Fino e refalsado por hereditariedade, cogitou no melhor meio de poder viver sem grande dispêndio de trabalho, à custa dos seus semelhantes, e logo deliberou explorar o pingue fundo de superstição encravado nas almas rudes e crendeiras daqueles pobres beirões.

Fez-se beato.

Escanhoou cuidadosamente a cara, como um cónego; vestiu-se todo de preto, ao pescoço, invariável, um amplo lenço de lã, substituindo gravata e colarinho; pendente do colete, em vez de corrente de relógio, uma das célebres *cadeias de S. Pedro*, toda de aço, com o seu grilhão partido e a sua cruz invertida; apagou a mobilidade varonil das feições numa expressão untuosa e meiga; adaptou à sua refalsada máscara, quando falava, um franzir de beiços e um mascar especial; ageitou os olhos a contemplarem por costume o chão, resignados e humildes; e ei-lo pelas igrejas em peregrinação constante, criando irmandades, promovendo festas, lembrando romarias, arranjando procissões.

Luminosa idéa! Vivia regaladamente agora, o maroto! Jantares aqui, merendas acolá, oito dias passados em casa dêste, quinze na daquele, gratificações, presentes, o juiz desta irmandade a obsequiá-lo como a um amigo, o cura daquela freguesia a aconselhar-se com êle em casos, que reputava difíceis, da sua tam simples pascentagem rural. Nem um frade crúzio, nem um cónego regrante, nem um freire de Alcobaça poderiam como êle orgulhar-se de tantas prebendas, benesses e distinções, ainda por cima acrescentados com o valor imenso da sua inteira liberdade.

— Se eu para o fim da vida arranjasse um conche-

gosinho seguro... uma viúva remediada e devota... um padre qualquer retirado, gozando as suas rendas só e triste, sem família... Pode ser. Era uma fortuna... Vamos nós a catá-la, que talvez se encontre!

De uma vez, por ocasião de uma primavera excessivamente fria, tempestuosa e negra, foi-se o Bernardo a Oliveira de Frades com o fim de organizar preces votivas a Santa Bárbara, na sua singela capelinha branca, a erguer-se graciosa e pitoresca numa desafogada eminência, a leste da vila.

Então, por entre a faina dos preparativos, logo o seu ôlho ladino descobriu a casinha modesta do adro, tôda caiada, dum só andar ao nível do chão.

Soube de quem a habitava. Foi logo lá bater.

Muito bem recebido.

— Venho importunar a senhora, queira desculpar... mas é que êste ano vai tam mau para os pobres lavradores, que é preciso tratarmos de aplacar as iras do Senhor. Ele há-de atender-nos, que é bom e misericordioso; sobretudo se fizermos subir até Ele a valiosa intercessão dos seus eleitos.

Depois, com a expressão cada vez mais untuosa, os olhos sempre no chão, e um descalçar e calçar alternado da chinela do pé direito, — gesto muito próprio dêle nas grandes ocasiões, — exalçou as virtudes de Santa Bárbara, a sua particular eficácia em casos de trovoadas e terramotos, a conveniência da projectada festa, o seu provável luzimento, e por fim a necessidade de recorrer para isso ao generoso bolsinho dos verdadeiros fieis... (Não era destituido de inteligência êste manhoso Bernardo, e sabia ser mesmo eloqùente quando lhe convinha, desentranhando-se então numa verbosidade ôca e melíflua, bebida na sua leitura freqùente dos livros de orações.)

E a D. Adelaide, muito comovida: — que sim, que achava muito bôa a idéa, que contasse com ela p'ra tudo em que entendesse que lhe podia prestar. E que viesse mais vezes a sua casa, sempre que quisesse; gostava muito de freqùentar pessoas cristãs.

O Bernardo freqùentou com efeito assíduamente a casa da bôa e simplória vèlhinha; mas esbarrava ali pela frente com um estôrvo enorme, uma sentinela dura e vigilante, na qual previa um inimigo: — a Gertrudes. Esta tinha chegado mais cedo. Por modo algum consentiria que a desbancassem, para empolgarem o que já por direito de antiguidade lhe pertencia.

Odiavam-se cordialmente os dois... De longe em longe, em meio de edificante palestra entre os três, se o Bernardo contraía a inexpressiva untuosidade do semblante numa ligeira visagem de rancor, e calçando o chinelo para se aprumar nas pernas, erguia do pó da terra os olhos chamejantes, logo ia encontrar num relance o olhar pardacento e ferino, não menos rancoroso e incendido, da repelente mãe do João.

A excelente D. Adelaide, objecto insciente dêste sórdido duelo de sofreguidões, estimava de-véras o incansável Tartufo sertanejo; estimava-o protectoramente, como se fôra seu neto. Desejaria imenso fazê-lo feliz. Um dia chegou a aventurar à criada esta questão:

— ¿ Que te parece o nosso Bernardo, hein ?

— Hum !... Acho-lhe mais de sonso que de bom, minha senhora.

— Deixa-te disso, mulher. Sempre hás-de ser desconfiada... até com os melhores ! E um homem perfeito e muito bom... um santo... muito temente a Deus. Bem fará quem a êle se chegar !

A Gertrudes, atónita, olhou de revés a ama, emquanto interrogava:

— Que quere a senhora dizer com isso ! ?...

— Olha lá, Gertrudes, — acudiu de pausa, muito

mansa e persuativa, a D. Adelaide, — ¿ e se tu casasses com êle ?...

— Crédo ! A senhora sempre tem coisas !... Casar-me, nesta idade ! ¿ E p'ra quê ?... Ora, ora, não há !

— Então ! eu estou com os pés p'r'a cova, pouco mais poderei viver; teu filho não te volta cá tam cedo. Se havias de ficar p'r'aí só, ao desamparo...

— E aconselha-me p'ra companhia um calmeirão que não pode consigo, de preguiça... um lambareiro... um maricas ! Isso não é de pessoa amiga.

E, alteando a voz e gesticulando muito:

— Olhe que eu, senhora, sempre fui *muito girante;* co'a ajuda dêstes dois braços e d'Aquele — (apontando para o céu) — que nos vê a todos, tenho levado a minha vidinha conforme tenho podido, mas sempre à fôrça de trabalho. Ai ! não... Desde pequenina que sempre lidei com alma ! Quando me amanhecia um dia sem ter que fazer, punha-se-me na alma uma nuvem negra... isso era p'ra mim uma *scismação*, que até secava !

— Bem sei, mulher, bem sei... mas agora, para a velhice, precisas descanso e companhia. Eu deixo-te bastante com que viveres sem mais precisão de trabalho.

— Nada, nada ! Olhe, minha senhora... mulher *canseirosa*, como eu, não pode fazer boa massa, unida a homem mandrião.

E a D. Adelaide, coitada ! que naquele matrimónio antevia o único meio de contemplar a ambos com os seus haveres, não escandalizando nenhum, morreu afinal sem o ter conseguido.

Com essa mágoa se finou.

A Gertrudes herdara tudo. O outro de há muito se retirara, convencido da impossibilidade de vencer a sua temível antagonista.

Mas depois, ao sabê-la só e salteada de contínuo por terrores pavorosos, veio acercar-se-lhe então manhosamente. Começou por lhe manifestar a sua grande pena da morte da santinha, e terminou propondo-lhe casamento.

— Eu não procuro mulher p'r'a *pouca vergonha*, saiba-o vocemecê. Nunca quis saber de mulheres p'ra isso, nem quando rapaz, quanto mais agora!

E descalçava e calçava o chinelo, e franzia os beiços, e mascava muito, todo pudibundo. Depois acrescentou:

— ¿ Vocemecê nunca foi à romaria do S. Macário, lá p'r'o norte, ao alto da serra, a 4 leguas daqui?... Mas há-de saber ao menos a história do santo. Ele era filho de um almocreve, que andava anos e anos por fóra de casa, indo recovar ao Pôrto, a Lisboa e até ao Algarve. Assim, o bom santinho mal conhecia o pai... Vai um dia em que o encontrou deitado co'a mãe, depois duma longa ausência, e não o reconhecendo, pareceu-lhe um estranho... e matou-o! Depois, tendo conhecido o seu êrro, foi-se pezaroso para aquela ermida, a fazer penitência por tôda a vida. Descia de joelhos a Souto, a buscar pão e lumes, deixando as asperezas das penhas tintas do sangue que lhe escorria das carnes laceradas... Os frutos, levavam-lhos no bico os passarinhos. De uma vez, quando subia de Souto para a capela, encontrou no caminho uma môça a lavar as pernas, e parou a olhá-la estimulado. Então os lumes, que levava na mão, incendiaram-se-lhe, e êle tomou o caso como de milagre a avisá-lo de que estava pecando...

Depois concluiu, mentindo com tôda a impudência:

— Ora eu, snr.ª Gertrudes, nunca precisei dêstes avisos... nunca fui tentadiço da carne. Se o receio é êsse, pode unir-se a mim sem mêdo, que nesse ponto não a hei-de incomodar.

E o caso foi que, passados dias, lá casava com êle a Gertrudes, satisfeita por ter arranjado assim, a dissipar-lhe os terrores, um companheiro que não seria dos piores; mas um pouco entristecida no íntimo pela sua categórica profissão de fé em matéria de relações sexuais. — Emfim, talvez que com o tempo... E então... ela evitaria que o seu homem trouxesse lumes!

VII

Quando o João soube em Lisboa, por carta dum amigo, que a mãe tinha casado, ia desmaiando de pasmo, ia sucumbindo ao espanto. Custava-lhe a acreditar tam rematado disparate. Ao mesmo tempo, sentia-se tomado dum como ciúme mal definido, duma indignação vaga e persistente. Tinha zelos do amor da mãe, êsse amor que êle não compartilhara nunca, a um outro dado inopinadamente agora!

Os bens da mãe deviam vir a ser só dêle. ¿Com que direito um intruso vinha antepôr-se-lhe a gozá-los, a dispendê-los, a usufruí-los, a desbaratá-los talvez?

— É um desafôro!... Não posso nem devo consentir!

Pediu explicações para Oliveira, ao amigo, sôbre as qualidades e o modo de viver do padrasto. Quando soube que êle era um homem sem ocupação, um carola, um beato, um hipócrita, dobrou nas imprecações, nas cóleras, na ânsia de regressar à Beira. Precisava ir lançar em rosto à mãe tôda a vergonhosa demência da sua ridícula e serôdia lua de mel... precisava ir arrancar dos seus bens futuros aquele pegajoso escalracho!

Faltavam-lhe dois meses para terminar o seu tempo na Municipal. Pareceram-lhe dois séculos. Arrastou-os penosamente, sempre brusco, atrabiliário, inquieto. Ao cabo dêles, tirou a baixa e partiu.

Chegou a Vouzela numa quarta-feira, pela manhã. Era em agosto. O calor pesava sôbre as encostas, calcinante e opressor como uma armadura em braza. Esperou pela tarde, para seguir viagem. Eram três horas de caminho de Vouzela a Oliveira; bastava sair às quatro.

A essa hora prosseguiu a marcha, já consolado na próxima antevisão do seu têrmo. Consolado, não digo bem... preocupado, é melhor; porque, se a espaços lhe iluminavam a alma as scintilações doiradas da alegria por se ver tam perto da sua aldeia, a maior parte do tempo caminhava absorvido por idéas inquietantes e sombrias, por sinistros e vesgos pressentimentos.

A tarde estava a fechar-se, morna, calma, sorridente e luminosa como um devaneio de criança. O sol, próximo ao poente, deixava já na sombra a encosta setentrional da montanha, por onde se desenrolava a estrada: uma encosta escalvada e lisa como o crânio dum sábio, de cuja argila a côr vermelha tomava assim no escuro uma tonalidade violácea e lúgubre... e cujas íngremes faldas iam deixar-se beijar pelo Vouga, lá muito em baixo, num concêrto umbroso e profundo de mistério.

Em face, do outro lado do rio, uma outra montanha se erguia igualmente, aprumada e gigante, esta com o vermelho tostado do solo espessamente vestido pelo verde-retinto do arvoredo... aqui, ali, manchas de casitas brancas, poisando graciosas e lavadas, como pombas... e subindo por ela lentamente, serenamente, rasando os cavoucos, chanfrando as herdades, franjando as árvores, uma ampla toalha de oiro, atenuada e melancólica, — a fugaz irradiação do sol que ia descendo.

O nosso João ia andando e seguia com o olhar inconscientemente, na outra margem, a branda ascen-

ção luminosa daquela banda de fogo, cada vez a estreitar-se e a apagar-se mais, deixando após si o esbatimento dos relevos, a quietação, a noite. Seguia-a... e quanto mais as sombras do crepúsculo iam invadindo os serros, na mesma progressiva e uniforme ascensão, desde o rio, onde ja eram profundas, té à linha do sol, onde ainda lutavam com a pulverisação radiosa do astro-rei, tanto mais êle se sentia invadido também pelo desânimo e a tristeza. Parecia-lhe que essa esteira de sol lhe arrastava para o alto os restos da sua bonomia antiga, e que, no momento em que ela, já fina e mal distinta, por completo se evolasse do mais elevado cume dos montes fronteiros, êle ficaria também para sempre mergulhado na hipocondria e na dòr...

Caso estranho! Treze anos atrás, percorrera êle ao envés aquela mesma estrada: ia ser soldado. Deixava os amigos, a família, as amantes, o lar. Era um suplício andando! Agora voltava, já livre, sem mácula na sua conduta, sem pêso algum na consciência; ia em breve rever os sítios dilectos dos seus jogos, das suas preocupações, dos seus trabalhos, dos seus amores. Iam aclamá-lo os pobres, iam abraçá-lo os amigos, ia acariciá-lo a mãe... A mãe?!... Não, não a tinha... — E seguia para a vila mais acabrunhado, mais opresso, mais triste do que a deixara há treze anos!

Chegado à ponte d'Azia, sentou-se a descansar. — Decididamente era uma loucura adiantar-se mais... Arreceava-se do seu primeiro encontro com a mãe e o padrasto; temia um arrebatamento, uma cegueira, uma cólera que o incitasse ao crime.

Em volta dêle, como a Terra contrastava, na sua paz suavíssima e impecável, com o turbilhão que lhe fervia lá dentro! — Um poema de amor, uma doce mansidão de vida. O ar... como um carinho. O ceu, dum leve azul de cinza, lembrava uma imensa sèda azul, tôda coberta por finíssima gaze transparente. O

murmúrio das águas do Vouga chegava ao ouvido, indistinto e flébil, a confundir-se com os sons que a viração da tarde modula, ramalhando nas carvalheiras e pinheirais. As emanações das culturas, dos grandes campos de pão, das muitas árvores frutíferas, envolviam tudo nas suas ondas balsâmicas. Grasnavam ao longe os sapos, aflautadamente. O dobrar solene das *avè-marais* saltava, trémulo e ressonante, nos ecos das quebradas. Ali perto, numa leirita de terras de milho, uma criança andava encanando pacíficamente a água, a fazer a sua rega, emquanto descantava com uma arrastada voz, melodiosa e argentina:

> Janela sôbre janela,
> Janela sôbre telhado...
> Quem tem uma filha só
> Cuida que tem um reinado.

E, em frente, a leve aguada luminosa, reduzida agora a uma estreitíssima fita, quási imperceptível, inflamava num intenso rubor de incêndio as vidraças do casario de Vilar.

O nosso João, penetrado da bucólica suavidade que o circundava, reevocou então as visões imaculadas e risonhas da sua infância... teve saùdades. — Evidentemente, era a sua adorada terra natal que lhe dava as boas-vindas! Reconhecia todos aqueles sons e aspectos familiares. Para o receber condigna e amoravelmente, via-se que o seu berço vestira as mais afectuosas galas, e palpitante envolvia-o numa vaga idealidade enternecida... Agora, a ruborização das vidraças de Vilar, prestes a apagar-se, pareceu-lhe um incitamento amigo. — Pôs-se em pé ansioso, os olhos marejados de lágrimas, e encaminhou-se rápido para Oliveira.

A mãe recebeu-o estupefacta, porque não tinha sido prevenida; e fria, contrariada, azêda, porque a vinha embaraçar o rapaz.

— Ah! és tu?... — balbuciou ela, confrangendo as feições num hostil constrangimento.

— Sou eu, sim, snr.ª... pois então! Ainda não morri.

— Deus louvado, meu filho! ainda bem; mas é que...

— Venho-a impecer, bem sei... Melhor!... Ai! não que êle é só incampar os filhos p'ra longe, lá p'r'o fim do mundo, e não se importar mais dêles, como fazem as cadelas!

— Filho, então?... — corrigiu, entre suplicante e severa, a Gertrudes.

— ¿E... o tal sujeito adonde está?

A usurária ficou-se alguns segundos embaraçada, antes que respondesse:

— Foi-se a Manhouce e volta só àmanhã.

— Tenho pena; queria conhecê-lo já hoje. Morro por lhe... beijar a mão!

E os olhos faíscavam-lhe.

A mãe arredou-se logo da saleta, sob pretexto de lhe ir arranjar o quarto, mas em verdade com o fim de pôr termo a um diálogo que ameaçava terminar por modo não muito conciliador.

No dia seguinte, evitou-o o mais que pôde, refugiando-se no seu trabalho, como na toca o gamo perseguido.

Ele saíra logo de manhã. O ar que respirava naquela casa, envenenava-o... parecia-lhe que aspirava, gaseificados, o egoísmo, o ódio, a perfídia. Foi-se a tomar fora do verdadeiro ar puro que aviventa. À porta principal da igreja um triste mendigo jazia, esfomeado, imundo. Acercou-se-lhe, conduziu-o solícito a

casa, preparou-lhe um caldo bem temperadinho e quente, e depois, vendo pendurada de um cabide uma bela roupa completa de casimira, vestiu-lha caridosamente.

Sôbre a tarde, chegava de Manhouce o Bernardo. A mulher, que o aguardava à porta, disse-lhe logo, tôda alterada:

— ¿ Não sabes ?... Veio ontem o João !

— ¿ Que João ?...

— O meu filho !... Está lá dentro.

— Tu estás tôla, mulher ! ?

— Não estou, não, por meus pecados ! É êle em carne e osso.

— E que *história* vem êle cá fazer ! ? Sim, ¿ que quere êle de nós ?...

(Aquela palavra, — *história*, — era para o Bernardo sinónimo de *diabo*, palavra que êle, embora à mente lhe acudisse a idéa correspondente, nunca ousava proferir.)

— Eu sei, filho ! É um azar, uma desgraça !

E entraram ambos, de mau humor. O João voltava ao tempo do quintal.

— ¿ É o snr. meu padrasto ?

— Sou, sim, meu rapaz... e espero que virei a ser seu amigo, — acrescentou melífluamente o Bernardo, emquanto o seu olhar e o daquele, um contra o outro, fuzilaram como pederneiras.

A Gertrudes, assustada sem saber de quê, rezava e benzia-se pelos cantos, atabalhoadamente.

— Ora esta !... ¿ que é do meu fato novo, ó Gertrudes ?... Eu deixei-o aqui no cabide.

— Lá deve estar... só se o furtaram.

E acorreu pressurosa à saleta, onde estavam os dois.

— Pois não está !... ¿ Que *história* de sumiço levaria êle ?... Faz-me falta p'r'a festa, se não aparece !

— Essa roupa, — acentuou pausado o João, — ves-

ti-a eu a um *proletário* que esta manhã tiritava de frio, ali no adro, quási nu. Precisava mais dela do que qualquer de nós.

— Esta não é má!... Então assim se dispõe da minha roupa, sem mais nem mais! P'ra quem entrou ontem de novo p'ra casa, é um tal adiantamento...

— Cuidei que o meu padrasto, religioso e caritativo como é, aprovaria a minha acção.

— Gosto de gente caritativa, mas nos termos; não vamos nós agora a desfazer-nos de tudo, sem dó, nem tino... Você há-de aprender comigo a ser prudente na esmola, deixe estar.

— Um refinado embusteiro, é o que você é! — regougou a meia voz o João; emquanto o Bernardo, que o ouvira, se punha a balancear os braços ameaçadoramente.

A Gertrudes intercedeu então, tôda compostura e mimos:

— Então, então... êle não fez aquilo por mal.

— E que o fizesse!... — urrou furioso o filho, dando um formidável murro sôbre a mesa.

Voltava a Gertrudes a persignar-se, atabalhoada, ao passo que o Bernardo, se esgueirava para a rua, medroso e sorrateiro.

E o caso é que os dois decrépitos cônjuges naquela noite mal puderam dormir. Porque ainda os andrajos do mendigo, arremessados muito avisadamente pelo João para sôbre a cama dêles, aí largaram enorme profusão de parasitas dipteros e apteros, que os torturaram sem descanso.

Ao outro dia, o rapaz foi-se à tulha, encheu um saquito de milho, e foi dá-lo muito lésto e esquivo ao pobre que tinha vestido na véspera com a roupa do padrasto.

O Bernardo deu logo fé do roubo. Calou-se muito calado; e à noite por ocasião da ceia, disse para a mulher com voz resoluta e breve:

— ¿ A chave da tulha, mulher ?

— Tenho-a aqui.

— Pois dá-ma cá !

— ¿ P'ra que a queres tu ?... ¿ Desconfias de mim ?

— Desconfio da tua cabeça de avelã, que se esquece do que deve, e não se lembra de que as chaves servem para fechar.

— Não te entendo, homem...

— A tulha esteve hoje aberta !... — e acrescentou, olhando de soslaio para o enteado, que estava lívido: — Alguèm tirou milho de lá, entendes ?

— Ai os meus pecados ! meu rico milhinho ! E então êste ano que êle está tam caro !

O João, que assistia mudo ao diálogo, levantou-se aqui, dirigindo-se à mãe, e disse-lhe tambêm, imperioso:

— Dê-me essa chave, minha mãe !

Mãe e padrasto acuaram, admirados.

— Dê-me a chave, não ouviu ? !

— A chave é p'ra mim ! — acudiu o Bernardo, levantando-se tambêm, colérico, incendido.

— Exijo-a eu, co'a bréca !

— E eu quero-a, *co'os diabos !* — (Desta vez, irreprimivelmente, a palavra veio corresponder-lhe à idéa, precisa e nítida como um bom retrato).

A Gertrudes, no meio dos dois, trémula e hesitante, não sabia que fazer... sibilavam-lhè maquinalmente os lábios uma avè-maria, emquanto os olhos pávidos lhe passavam do rosto raivoso de um dos antagonistas para o do outro, num automatismo de vaivêm.

— Então, mãe, ¿ não ouviu ?...

Ela estendeu o braço rígido na direcção do marido, que guardou a chave jubiloso.

Então o João, fora de si, tombou a mesa de comer,

numa tilintada infernal de louça partida, e saíu atropeladamente para o jardim, monologando raivas surdas, cego, perdido, insano.

Ao deitar da cama, dizia para a mulher o Bernardo:

— Isto assim não é vida! Ou te ficas comigo, ou com êle: vê lá... Neste inferno não se pode viver. Anda a gente sempre a pecar.

E a Gertrudes chorava, tôda aflita, e com ternas modulações na voz soluçava:

— ¿Pois tu queres-me deixar, meu Bernardinho?... Não digas isso, p'lo amor de Deus!

Parece que já o homem tinha ao tempo amolecido na sua austeridade virginal, a ponto de precisar de uns lumes milagreiros que o avisassem do perigo.

— Olha, escolhe! — decidiu êle. — E o que tens a fazer.

— Deixa estar que eu àmanhã vou ver se o arrumo p'ra bem longe.

— Fala ao filho do Joaquim do Monte, que está p'ra embarcar. Eles eram amigos; talvez se resolva a ir com êle o teu rapaz.

— Lembras bem, homem!

— Mas eu parece-me que êle que não há-de querer ir... há-de querer ficar aqui pespegado, p'ra estorveiro da nossa paz! Olha, tu podes castigá-lo bem, mulher!... Ele não é legítimo... não lhe deixes nada, entendes?

— Isso não pode ser; nem que nós tivéssemos filhos do matrimónio. ¿Não vês que êle foi baptizado como meu filho?

— Que pena! Era o melhor castigo que se podia dar àquele *mafarrico*. Esta *história* destas leis *tamem* sempre são bem mal feitas!

— Cala-te, cala-te... não esteja êle por aí a ouvir.

O João tinha ouvido tudo, com efeito, subtilmente amparado à porta da alcova.

VIII

De manhã, — era um sábado, — voltou o Bernardo a Manhouce, e não regressaria senão domingo, pela noite. Havia ali, — nesta tristonha aldeia perdida entre os ásperos granitos da serrania, por cujos fundos córregos apenas, aqui, ali, vicejavam raquíticas escaleiras de campos de milho, — uma grande festa ao orago da capela, ornada com seu belo arco triunfal de madeira e buxo, ante o adro, por entre cujas colunatas uma grotesca música de pequenas figurinhas, recortadas em pinho por um curioso do logar, tocava imóvel uns instrumentos inclassificáveis. O Bernardo era desta festa a alma e o juiz.

Tinha conseguido dominar inteiramente o carácter férreo de sua mulher. Levara-a pela religião. Incutindo-lhe no ânimo supersticioso escrúpulos e mêdos sem conta, obrigava a pobre vélha, à noite, quando opressa e gasta de fadiga, a rezar, horas seguidas, de joelhos ante o oratório lavrado, que fôra da D. Adelaide. Depois, ao senti-la exausta, inerte de fôrças e de espírito, deixava-a então deitar-se... e entre os desfalecimentos do cansaço e o abandôno da sonolência ia-lhe arrancando uma a uma, sem esfôrço, as condescendências, as concessões, as humildades.

Primeiro, — continuarem a habitar aquela casa, que a Gertrudes queria alugar, indo viver para o casebre antigo; depois, — alimentação melhor: ovos fritos ao almôço, manteiga, vitela às quintas e domingos; depois, — dinheiro para um fato novo; depois, — camisas engomadas fora, cada uma por 30 réis; e assim por diante, interminavelmente, à custa da toleima dela o seu regalo.

Durante êsse sábado e domingo, conservou-se o João concentrado e brusco, quási feroz... Nem uma palavra à mãe! As faces tinham-se-lhe cavado em dois vincos ameaçadores.

Ao entardecer de domingo, passada a sésta, saíu de casa, tôrvo e cambaleante como um ébrio... Ergueu maquinalmente os olhos para o catavento de ferro oxidado, do alto do campanário, e então julgou ver as feições do padrasto no perfil ferrúgento do infante derribado... Sorriu dum modo estranho e dirigiu-se, trocando hábilmente as voltas ao olhar dos curiosos, pela encosta quási vertical do norte, a descer à ponte do Cunhêdo.

Ladeou a extensa e produtiva herdade que ali possuia a mãe, embrenhou-se pelo mais intrincado da ramaria dos carvalhos, e deixando os zigue-zagues vertiginosos do caminho, salvou directamente a descida quási a pino, saltando, rebolando-se, resvalando pelo mais espesso e agreste do matagal.

Chegado a baixo, viu ante si a ponte, aprumada e negra como um pesadelo, e por entre ela seguindo o Vouga, compacto e negro como um rio de tinta. E a destacar-se dessa negrura, aparecia-lhe entre os olhos e o rio... o perfil ferrugento do infante derribado, com as feições untuosas do padrasto.

O sítio é de-véras medonho e lúgubre, principalmente àquela hora do crepúsculo. — A um e outro lado da corrente, dois contrafortes hirtos e arrogantes como cabeças colossais de ciclopes, que uma vegetação desordenada e luxuriante de pinheiros, de salgueiros e de carvalhos cobre como que de uma barba impenetrável. Ao meio, de través, a ponte, ameaçadora e fúnebre na solidez lutuosa do seu granito de séculos, alta de mais de 50 metros sôbre o rio, e cuja altura, já de si considerável, parecem aumentar desmesuradamente as an-

gustiadas dimensões do leito do rio e a escruidão quási completa daquele profundíssimo recesso. A luz moribunda do dia que findava, coroando esbatida e branca os cumes das duas montanhas marginais, vinha a morrer, a morrer té cerrar-se sob a ponte numa negrura implacável de catacumba etrusca. Em frente a Oliveira, na margem direita, lá muito ao alto, os elevados pilares do aqueduto do convento de S. Cristóvão, agudos, cambos e negros, sobranceiros às copas do arvoredo, cortavam-se indecisos, como fantasmas ou como forcas, na diafaneidade pardacenta do céu.

E o João via, manchado em vermelho sôbre êsse fundo alvacento, o perfil do infante com as feições do padrasto, como se enforcado pendesse da cornija do aqueduto... Tomou-se da ferocidade agressiva da paisagem. Levado sem dúvida ali por algum propósito sinistro, aquela medonha e crua braveza do sítio acabou de o resolver.

E entre os olhos e a paisagem continuava a interpor-se-lhe, teimosa e implacável, a imagem do infante do campanário, sempre derribado, vestindo as feições doces do seráfico Bernardo. Para onde quer que olhasse, lá lhe acompanhava ela o olhar: cabriolando, — negra, — pela transparência parda e quente do céu... despenhando-se, — violácea, — das comas rumorosas do arvoredo... derivando, — rubra de sangue, — ao longo da opacidade negra da corrente.

O caminho de Manhouce para Oliveira fazia-se pela ponte do Cunhêdo, ponte lendária e temida, — que o diabo construira numa só noite, e sob cujo arco principal crescia *erva de encanto*, a uma altura a que ninguêm era capaz de chegar.

Seriam 10 da noite quando o bom do Bernardo, pachorrentamente montado numa pequena mula de ar-

rieiro, vinha descendo a encosta da serra, caminho do Cunhêdo.—Correra um regalo a festa! Não houve uma desordem, êle gozara ufano as honras de *mordomo*, e, para cúmulo de sorte, boa maquia lhe coubera da caixa das esmolas... Tinha bem valido a pena! — Passara já o aqueduto de S. Cristóvão, e agora deixava à direita o solitário mosteiro, ali suspenso verticalmente sôbre os despenhadeiros, por um admirável prodígio de equilíbrio, de que só teriam sido capazes a paciência e a tenacidade fradescas.

A noite... como um prego. Não havia luar; e as estrêlas, poucas e apagadas, vertiam apenas essa claridade irrisória e quási nula, própria das noites de verão.

Principiava a ter mêdo o Bernardo! Aquele deserto na sombra aterrava-o, sem êle bem saber porquê... Marchava receoso, confrangido, trémulo, na antevisão instintiva dum desastre. Parecia-lhe que da sombra avançavam para êle traiçoeiras mãos homicidas... E encomendava-se a Deus, fervorosamente.

Entretanto, ia em respeito recordando a lenda singular daquela ponte. — Há dois séculos não existia, mas sim uma outra, de madeira, a jusante da actual. Dela se serviam quotidianamente os frades, que de S. Cristóvão se iam para as bandas de Oliveira, a missionar... Porêm de uma vez, por ocasião de um dia horrível de temporal, a impetuosa torrente do rio cheio destruíra-a, deixando apenas uma das traves de margem a margem atravessada.

Sôbre a noite, — uma noite escuríssima, como a presente, — um frade recolhia de Oliveira, montado na sua burrinha... e o quadrúpede lá salvou miraculosamente o rio, ao longo da travesita, sem que o bom do freire desse fé do desmoronamento. Chegado ao mosteiro, perguntaram-lhe admirados:

— Como atravessaste tu o rio!?

...como que se entrevia um bracejar aflitivo e trágico..

Mulheres da Beira

— Ora essa ! pela ponte.

— Como, pela ponte, se o rio a levou !...

Aclarado o caso, por milagre o tiveram os do convento.

Aqui o Bernardo chegara à beira do rio. Ouvia-lhe distintamente em baixo o marulhar.

No seu terror invencível, pareceu-lhe também que a sólida ponte havia desaparecido, e que as águas iam tragá-lo sem recurso... Aquietou-o o tropel metálico das patas da cavalgadura no pavimento lageado... A ponte existia, felizmente ! Estava ali, estava em casa.

Súbito, na dura escuridão da noite, como que se entreviu um bracejar aflitivo e trágico... um vulto negro despenhado do parapeito... ao passo que distintamente rasgou o ar um berro tremendo de angústia, depois o som cavo da água brusco chocada por um corpo pesado, e o galopar desenfreado dum quadrúpede na calçada.

IX

O cadáver do Bernardo, achado ao outro dia, 25 quilómetros abaixo do Cunhêdo, detido por um dos encontros da ponte do Pessegueiro, foi enterrado de-bruços. — Segundo a superstição popular, quando um homem assassinado é enterrado assim, não tarda que se lhe não descubra o assassino.

Assim aconteceu.

Ao cabo de três dias, foi encontrado nas minas do Braçal, semi-morto de fome e de fadiga, o moço João da Silva. Confessou tudo. A justiça condenou-o em breve a degrêdo por tôda a vida.

¿ E a Gertrudes ?

Dolorosamente surpreendida pelo homicídio do marido, adivinhando para mais naquele crime a mão tresvariada do próprio filho, sentiu-se ferida no coração

pela mais cruciante das amarguras. Viu naquela catástrofe tremenda, que a um tempo lhe arremessava os dois únicos entes da família, um para a cova, o outro para a infâmia, a punição divina do seu egoísmo inumano, da sua vida tôda interêsse e usura, onde mal haviam achado campo para brotar as doces afeições da alma... Então sofreu enormemente, de todo o sofrimento com que ainda podia uma alma humana, té aos 50 anos quási indemne de provações.

A desgraçada vendeu tudo quanto tinha, tudo, incluindo a sua herdade do extremo norte da vila, tudo menos o mísero casebre que ficava contíguo a esta. Nêle se instalou, reservando para o sustento uma dotação pequeníssima, e distribuindo resoluta o melhor dos seus bens por asilos, por igrejas, por hospitais.

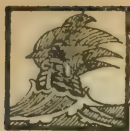
Pouco e pouco, ensandeceu.

O aturado excesso de trabalho, as espantosas molhadelas sem conto, as rápidas passagens, no inverno, da temperatura candente do forno para as lestadas cortantes do exterior, a lavagem prolongada de roupas, horas e horas, com as pernas mergulhadas na água frigidíssima do ribeiro, tinham-lhe carreado fatalmente o reumatismo, a gota, a paralisia parcial. Hoje, lesa por completo do lado esquerdo, passa monótonamente os dias, idiota e muda, penosamente sumida numa poltrona de rodas, que uma sua caridosa vizinha e enfermeira, a tia Doroteia, lhe faz rodar em dias tépidos de sol para baixo da parreira, ante a porta, a gozar, — acabrunhada e impotente, — a eterna serenidade amiga da Natureza.

E então, quando por acaso alguma fôlha sôlta da latada lhe vem ter ao regaço, procura ela ainda, sôfrega, cedendo ao seu vélho hábito arrepanhador de usurária, escondê-la no seio ou no bôlso do vestido...

Agosto 1885.

A FRITADA

I

O viandante que tenha saído de Arouca para nordeste, com destino a Lamego, depois de haver franqueado a serra estéril do Gamarão; depois de ter descido a passar sôbre o Paiva na ponte medonha de Alvarenga, sob cujos arcos altíssimos a água ruge temerosa, estrangulada por castelos gigantes de penedos, quási a pino; depois de haver tornado a subir, em longa ascensão interminável, uma nova serra, escalvada e árida, cujos cabeços se lhe vão alteando na frente uns após outros, a cortar-lhe o passo cada vez mais elevados, cada vez mais sinistramente implacáveis; depois de ter atingido a crista acuminada de *Campo do Bispo*, donde se avistam muito ao longe, lá para o sul, as serras de Tamanhos, de Arada, da Estrêla e S. Macário, e ao longo da qual o caminho, uma aresta sempre à beira de um precipício alto de mais de 500 me-

tros, produz em quem o percorre, olhando os vales de em baixo, vertigens que fazem pensar no quadro encantador, *Le vertige*, de Jean Béraud; depois de tudo isto, dêste fastidiento e mal seguro peregrinar pela aspereza e a solidão, logra chegar a uma aldeia misérrima e taciturna, chamada Aveloso, poisada a meia encosta sôbre as lágeas nuas.

Duas dúzias de casas, de pedra sôlta de granito, cobertas quási tôdas de colmo, de telha muito poucas, àcachinadas, negras, e ao acaso dispostas sôbre o solo, como um bando de enormes corvos petrificados: eis a aldeia. O tom escuro das suas choças e dos seus casebres casa-se tam intimamente com a côr do terreno pedregoso e tostado, que, vista de algumas centenas de metros de distância, a povoação parece uma pedreira. Daí perdem as habitações a fisionomia própria de abrigos humanos, para assumirem a feição selvagem do penhasco, donde parece haverem saído com pezar.

Nem uma horta, nem um bosquesito, nem um campo, nem um quintal. Simplesmente a urze, o tôjo, o sargaço, e largas manchas vermelho-arroxeadas de *panasco*, similhando vestígios sanguinolentos de alguma batalha colossal. O estrume e as imundícies cobrem em guisa de empedrado os espaços irregulares dos quelhos. À entrada, há uma pequenina fonte, e mais para o alto a capela, modesta e simples como o próprio símbolo da Fé.

Um encanto, assim, esta aldeia negra e triste...

Quem, pelo caminho de Alvarenga, nela entra, descobre logo à sua esquerda a fonte, à direita o íngreme declive da montanha, e em frente uma casa das mais rústicas da aldeia. — Quatro paredes, formadas por pequenas pedras cambaleantes, que sem avareza deixam entrar o suão e a geada; arrimando-se à parede que

olha a fonte, uma escada de quatro degraus, igualmente de pedra, com um pequeno patamar e o seu varandim e alpendre; ao lado da porta uma janela com um caco em que florejam alguns cravos; sob a janela uma porta de curral; e aberta em cada uma das três outras paredes, uma fresta esguia e refractária à luz, como seteira de templo egípcio: eis o exterior. Entremos.

Um só aposento, acanhado e imundo, frio como um *in pace*, e que a noite parece ter forrado todo com pedaços de treva. O sobrado, de largas tábuas de castanho, repelindo-se hostilmente, é mole, e falso como o lôdo. Cobrem as tábuas espessíssimos estratos de um mixto singular de poeira, lama, água e detritos orgânicos, escorregadio e pérfido, todo orografado em saliências altas como serras, em abismos gretados e torvos, lembrando o revôlto planisfério da lua... aqui áspero como lixa, alêm untuoso como o talco, acolá instável como um pântano. ali duro e polido como a lousa... mais difícil certamente de pisar sem risco iminente de queda do que êsses pavimentos axaroados dos salões aristocráticos de Yeddo.

É um dos laços mais perigosos armados pelo serrano contra o habitante da cidade. o sobrado do seu casebre. A bota nada pode com êle; só o ampio tamanco ferrado é capaz de o dominar.

Pois tinha destas cordilheiras gordurosas a nossa casa de Aveloso. À direita da porta de entrada acumulavam-se em desordem uma cadeira de pau, um escabelo, um ancinho desdentado, três enormes chocalhos de cobre para gado, e uma foice roçadoira; de encontro à parede contígua, duas enormes arcas de carvalho, altas como homens e amplas como toneis, cambadas e ciclópicas, com os braços das fechaduras pendentes como orelhas de um vélho quadrúpede estropiado, guardavam religiosamente, de séculos, as colheitas anuais da batata e do cen-

teio; na parede seguinte, frente à porta, dois exíguos beliches, à ilharga um do ourto, separados da sala por uns fumados tabiques de pinho, alojavam dois catres asquerosos, verdadeiro asilo da porcaria, conúbio inviolável de mil coisas esfarrapadas, gordas e repugnantes, que a luz nunca ousara tocar, e cujo só aspecto despertava visões aterradores de intoleráveis suplícios de sucção; depois, ao terceiro muro, o da esquerda, encostava a lareira, flanqueada por dois longos bancos de pinho, ressequidos e hirtos como troncos de árvores de floresta por onde tivesse lavrado um incêndio. À esquerda da porta, uma mesa cambaleante sustentava loiças de barro vidrado ou negro, de formas rudimentares; do teto fuliginoso, deixando ver o reverso das telhas, pendem dois presuntos e algumas peças de fumeiro; e o forno a um ângulo da casa, e a gamela do pão junto à muralha, e a dobadoira ali ao meio, e uma prateleira pejada de pequeninos queijos, e os panos de serguilha, e as mantas de lã, e os promontórios da boroa, e os cajados, e a grande talha de barro com o azeite, e a panela com as cinzas, e a caixa dos ovos, e a do sal, e muitos outros miúdos objectos matizando e atravacando aquele recinto lôbrego e desconfortável, dando-lhe a fisionomia própria, o tom particular.

E havia ainda, lutuosamente pesando por tôda a parte, essa côr fumada e mortal que nas longas veladas de inverno vai assentando a combustão incompleta e lenta dos enormes brasidos da lareira.

Estamos em 1882. É noite. Noite de agosto, calma e abafada. Há muito já que a sineta da capela soltou o seu dobre de *avè-marias*, como um balido a perder-se de eco em eco no fundo das quebradas... São 10 horas.

Sentada num dos bancos da lareira, uma rapariga

dos seus 20 anos faz renda. E horrívelmente feia, — coitada! — e não tem mais que dois dedos em cada mão: o polegar e o mínimo. Aleijada sem dúvida. Continuam-lhe os pulsos duas protuberâncias carnudas, intumescidas e angulosas como pêras de sete cotovelos, tendo cada uma ao alto três cicatrizes horrorosas dos três dedos ausentes, e flanqueados derisóriamente pelos dois dedos extremos, dobrados e pequeninos como jograis.

Uma lástima aquelas duas mãos! Duramente ofendidas pela Natureza ou a Desgraça... E todavia vão obrando prodígios êsses dois côtos grossos e vermelhos, cheios de saliências e de costuras que lembram a escultura hesitante e monstruosa do troglodita primitivo. À fôrça de perseverança e de vontade, conseguem quatro dedos fazer o que só poderiam fazer dez. E as agulhas obedecem sujeitas ao esfôrço daquele aleijão potente, e a renda vai saindo, malha por malha, ponto por ponto, simétrica, lisa e correcta, sem uma omissão, sem um desmando.

Fronteira à aleijadinha, fia uma mulher de idade, provavelmente sua mãe.

A candeia, suspensa de um traço de pau entalado na parede, mal alumia o aposento com a sua luz fumada e mortiça, còrando de tons duros os rostos das duas mulheres, enviando um raio perdido contra a face da almotolia próxima, e deixando o mais numa penumbra húmida e confusa. Mais longe da lareira a lua, que vem de nascer, estende sôbre o soalho negro o paralelogramo branco e longo da porta escancarada, a quebrar-se oblíquo junto à base das duas arcas, que escala depois a tôda a altura, como um largo lençol de linho.

Trabalham em silêncio as duas, tão bem que se ouve apenas o som áspero e impertinente da estriga, puxada da roca pela anciã, e alisada com saliva antes

de se enrolar no fuso. Súbito, no alvo paralelogramo da porta, estendido pelo sobrado, recorta-se nítidamente em negro a cabeça de um homem, depois os ombros, depois o tronco, depois todo o corpo, e o homem entra no casebre.

— Salve-as Deus, santinhas!

E, chegando-se à vélha, a beijar-lhe a mão:

— Bôas noites, minha mãe.

Depois batendo familiarmente com a mão na espalda da rapariga:

— ¿E tu como vais, Eufrásia?

A môça, que tinha còrado ligeiramente à entrada do seu familiar interlocutor, ergueu para êle, sorrindo, os olhos húmidos de ternura, mas não respondeu.

— ¿Então que o traz por cá a estas de-soras, snr. Joãosinho? — perguntou naturalmente a mãe de Eufrásia, num tom entre afável e respeitoso.

— Eu lhe digo, mãesinha. Vou a Lamego... vou ver o rei! — retorquiu entusiasmado o Joãosinho, um mocetão largo, musculoso e forte, de tez morena como o bistre e melena grifa como um leão.

— ¿Êle sempre lá vai, êsse *mafarrico*?

— Olé se vai! Deve lá fazer a sua entrada àmanhã.

— ¿Que pena que não tenha tido algum estorveiro pelo caminho!

— ¿Então a mãesinha embirra com a viagem dos nossos reis?

— Pudera não! Se isto de viagens *políticas* são *tolérias*, que não dão remédio a nada e ainda em cima hão-de carregar sôbre a gente.

E deu com fôrça ao fuso, fazendo-o girar entre os dedos trémulos e descarnados.

— Deixe lá, mãe, isto sempre é bom; faz correr o dinheiro... E êles são uns santos.

— O dinheiro... Da bôlsa do pobre p'r'a do rico! — emendou sentenciosa a vélha, abanando a cabeça.

Depois, continuando a fiar serenamente: — ¿ E então quando se marcha ?

— Vamos já: eu, o Tomé da Prelada, mal'o José do Rosário. Que lindo que há-de ser !... Adeus, mãesinha; adeus, Eufrásia.

E saíu a correr.

— Deus te leve em paz... — rosnou entre dentes a vèlhota; emquanto Eufrásia mal podia reprimir um leve suspiro e deixava cair duas furtivas lágrimas, a embeberem-se-lhe no avental de serguilha.

II

Eufrásia era filha, com efeito, daquela bôa vèlha, democrata por instinto, a tia Antónia, que enviuvara, ia já para nove anos, e cativara os gerais respeitos da aldeia pelo seu excelente porte, pelo seu modo bem falante e pela sua constância no trabalho. Tinha dois filhos: Eufrásia e um rapaz, mais moço do que esta, que agora divagava para as bandas da Gralheira, com 50 cabeças de gado.

Uns vinte anos atrás, quando andava amamentando a Eufrásia, fôra chamada a casa do snr. Antoninho Júlio, a melhor casa de Aveloso, a única caiada, que poisava no extremo do povoado oposto à capela. A mulher do snr. Antoninho acabara de dar à luz uma criança e não tinha fôrças nem leite com que a criar. Haviam-se lembrado da tia Antónia, que era robusta e sã como poucas e estava então em condições de o poder fazer. A tia Antónia, rogada: — que não dizia que não redondamente; mas que, emfim, sem *próguntar* o seu homem não podia dizer nada assente; que esperassem suas senhorias, que dali a uma hora trazia a resposta.

Consultado o marido, — um vélho pergaminho vestindo um esqueleto, — resolveu-se que não havia inconveniente, antes vantagem manifesta, na adopção da proposta do snr. Antoninho. Sempre era uma casa que ostentava quatro janelas de frente, grandes e envidraçadas; e os senhores dela tinham em baixo, na vertente do ribeiro, caminho de Tendais, grandes campos, os melhores de tôda a redondeza, que davam nos anos mais escassos dôze carros de pão. E isto afóra os gados, que eram bastos como pardais. Depois, muito amigos dos pobres. Deixar de *fidalgarias*. Que fôsse ser ama do *menino* e levasse a Eufrásia, que podia bem dar de mamar aos dois.

E então se instalou a tia Antónia na *casa-branca*, no desempenho das suas augustas funções de nutrice. As duas crianças foram assim a par crescendo, irmãs na idade, nos instintos, na doçura, mas não no desenvolvimento físico. Ao passo que o Joãosinho bracejava, tenro e vigoroso, numa luxuriante vitalidade de madre-silva, ficava-se para trás a Eufrásia, nesse débil enfezamento da *begónia* trazida a vegetar ao ar livre. Ele era a frescura, a pujança, o entusiasmo, a alegria; ela a aridez, o definhamento, o quietismo, a tristeza. Nêle desabrochava uma aurora... nela cerrava-se um crepúsculo.

Terminada a crição, generosamente paga pelos pais do Joãosinho, continuou, natural, a sua irmãsita de leite a freqüentar-lhe assiduamente a casa, porque êle assim o requeria. E os pais, que tudo fariam em prol do seu querido filho único, eram os primeiros a promover com instância as quotidianas visitas de Eufrásia ao seu querubimsinho. Dias e dias sucessivos, ia a mãe levá-la pela mão à *casa dos senhores*, e buscá-la apenas ao entardecer. Dos três anos em diante, já ia a pequena só. Se alguma vez tardava um pouco, vinha o pequeno João buscá-la, muito iroso, increpando-a graciosamente pela sua negligência.

Depois êles aí vão passar semanas inteiras, sob a tutela da mãe do Joãosinho, à quinta do ribeiro, durante um mês de maio vivificaz e tépido como poucos. Aí, por êsse solo declivoso e fendido, inundavam-se de sol abundantemente, livres e harmoniosos como dois sons acordes da mesma melodia; por aí corriam despreocupados e chilreantes como duas codornizes novas. Chilreantes... perdão. A pequena não chilreava. Nascera muda, a infeliz!

Era êste mesmo o grande desgôsto, a nuvem negra no ingénuo céu azul do Joãosinho. ¿Porque a não levavam a Arouca, ao dr. Amaral? ¿a Lamego, ao dr. Mendes? ¿ou a Viseu, ou ao Pôrto?... Ela poderia sarar, cobrar a fala. E instava com os pais impetuosamente, para que tratassem de fazer com que a sua querida irmãsinha pudesse falar.

Mas o mal era de natureza incurável. Nem a medicina, nem a superstição, largamente prodigalizada em laringes de cera e em óbulos avultados de dinheiro, lograram operar o milagre desejado. Uns agudos silvos guturais, inarticulados, estrídulos, eram o único vocabulário da pobresita aldeã.

Provinha-lhe de ser muda a sua tristeza e retraimento habituais. Não podendo falar, forçada a fazer-se compreender as mais das vezes por meio de gestos de títere, de acenos grotescos de bonifrate, preferia então a pobre não comunicar com o próximo. Daí, um natural concentrado, uma alma reflexiva e embocetada como um botão de rosa por abrir...

E aquelas duas meninices, que se amavam, continuaram amando-se na adolescência. O mesmo conviver íntimo e honesto, a mesma comunidade escampe de idéas, de desejos, de intenções... Com uma diferença, porêm: João amava em Eufrásia a irmã dedi-

cada e benévola, a serva desinteressada, a confidente discreta e lial; Eufrásia amava em João o homem sadío e forte, o senhor exclusivo e absoluto, o depositário supremo do seu querer. João via em Eufrásia uma complacência; Eufrásia via em João um ideal. O primeiro amava por egoísmo, por hábito; a segunda amava por... amor!

Quando ambos contaram quinze anos, entenderam as famílias respectivas que seria conveniente guardá-los um pouco um do outro, e cortaram-lhes as guias das recíprocas liberdades. Mas nem por isso êles deixaram de, como dantes, conviver muito, passando-se sinais esquivamente, indo muito contentes juntar-se, por atalhos ínvios, às furtadelas.

Eufrásia era feia e quási repelente. Cabeça enorme; o cabelo enriçado, vermelho e curto como lã de carneiro; abaulada a testa, lustrosa e rubra como uma maçã criada com muito sol; ausência quási completa de sobrancelhas, — êsse coroamento do olhar; e as pálpebras oblongas e estreitas, debruadas de vermelho; e as íris, de côr castanho-clara, repelindo-se por efeito de um estrabismo pronunciado; e o nariz, um tubérculo à flor do rosto; e a bôca longa, fina e direita como uma frincha. Depois, o tronco definhado e sêco; os ombros sobremaneira estreitos e ladeiros; gibardo as costas num princípio de carcunda; bacia e ventre excessivamente largos; mãos e pés descomunais.

Pelo contrário, o snr. Joãosinho era um rapagão desempenado, robusto e belo, na acepção mais viril e ampla da palavra. A sua cabeça trigueira de Apolo esculpido em granito, o seu tronco airoso e refeito, os seus braços rijos como ameaças, as suas pernas direitas e longas como troncos de *eucaliptus*, formavam um conjunto apetitoso e notável, em que já atentavam não pouco as môças do logar.

Ora uma tarde em que os dois irmãos se encon-

traram no adrosinho da capela, contou o João à Eufrásia, todo expansivo, que a *Zéfinha* andava há tempos a olhá-lo *assim a modos que com toleima*, e que na véspera até lhe tinha dito: «Quem dera que vocemecê fôsse pastor, que eu seria sua rês !...» A pobre Eufrásia empalideceu como uma defunta, saltou logo a casa, pretextando um *mau ar*, deitou-se sem ceia e tôda a noite chorou a bom chorar.

¿ Porque lhe vincara tão fundo na alma a ingénua comunicação do snr. Joãosinho ? ¿ Importava-lhe porventura que ardessem de amor por êle tôdas as *Zéfinhas* do logar ? ¿ Passaria êle a estimá-la menos por êsse facto ? ¿ Não seria ela sempre de futuro, como té àquele tempo, a sua Eufrásia, a sua bôa amiguinha, a sua inseparável, a sua irmã ?...

Inseparável ! Irmã !...

Se acontecesse êle desposar uma mulher, deixaria por fôrça a pobre muda de ter tam grande parte no seu convívio; continuaria a ser sua irmã, sim, mas a distância, vivendo longe dêle, na penumbra do afastamento, quási da indiferença, como se fôssem um e outro dois pinheiros, cada um de sua floresta, separados por centenas de léguas de distância. — Não podia ser !...

E depois, esta palavra, — irmã, — não a satisfazia, não lhe dava o significado exacto do afecto que tão desinteressadamente lhe votava. Irmã ?... Nada, não era nada disso ! Não que os irmãos separam-se, entregam-se a uns homens e mulheres estranhos, que surdem importunos de repente, vindos não se sabe donde nem com que direito, e ela não queria separar-se do seu querido João !

— ¿ Mas então que quero eu ?... — prescrutava Eufrásia a dentro de si mesma, deitada de costas sôbre

o catre, os olhos desmesuradamente abertos na escuridão do aposento. — ¿ Que quero eu ?...

E ao confessar-se que o amava, que o desejava acima de tudo, cerrou bruscamente os olhos e confrangeu-se tôda, tentou como que reter o próprio pensamento... tal qual como um fanático que em meio da página sacrossanta do seu livro de *Horas* súbito deparasse com uma obscenidade ou uma blasfêmia.

Parecia-lhe também uma blasfêmia, um atentado monstruoso e imperdoável, êste amor pelo seu irmão de leite. Punha-a estarrecida, coitada !

— ¿ Como cheguei eu a isto sem me conhecer ?... Desgraçada de mim ! Êle pode lá importar-se comigo noutro sentido, êle pode lá ter-me amor !... — E chorava perdidamente, agora de-bruços, com a face mergulhada no travesseiro de palha de centeio.

Com a luminosa despreocupação, inerente à mocidade, nunca o belo Joãosinho se apercebera do amor da irmã. Quando mais que abundavam os episódios galantes a apostarem-se em o distrair, em lhe solicitar o pensamento de amorío para amorío, como o aroma solicíta a borboleta de flor para flor... Ele era de natureza inconstante e caprichosa: o que lhe agradava hoje poderia desprazer-lhe àmanhã. A sucessão das suas idéas, dos seus desejos, fazia lembrar o catavento do campanário da freguesia. Depois, nada valia para êle como uma resolução subitânea, impensada, imprevista, posta imediatamente em prática, a todo o transe, custasse o que custasse. Romântico por índole, ou talvez de raça, (o pai fôra em Viseu, quando estudante, um boémio de truz), não raro praguentava daquelas aldeiolas estúpidamente inertes, escassíssimo alvo ao galhardo disparar de suas proezas. Que ferro, não poder ir para Viseu !... Nunca saíra do recinto da sua freguesia; fôra o próprio pai quem o ensinara a ler e a escrever.

O caso era que o femeaço da serra morria por êle, e requestava-lhe à porfia as atenções. E êle saíu-se femeeiro com os que melhor o são, o maroto! Corria empós de aventuras com mulheres, como empós do rasto da lebre e caçador.

Depois, dava-lhe vantajosos fóros de libertino a sua qualidade de herdeiro da melhor casa de Aveloso, e de grande sabedor de leitura de cartas, sentenças e outros papeis. Letra redonda ainda havia na aldeia mais cinco que a liam, assim, assim... Mas da de cartas, isso, ninguêm como êle! Era um chavão. «Se me fizesse favor, snr. Joãosinho... é do meu homem que está no Brasil.» «Se o snr. Joãosinho quisesse dar-se *àquela* de me ler estas duas regrinhas... chegaram ontem... são de meu filho que está na tropa, em Lisboa.» E êle sempre pronto, sempre risonho, com uns ares enfatuados de quem prestava um serviço de inestimável aprêço, parando onde elas pediam, comentando as frases menos claras, lendo segunda e terceira vez. E elas, depois, desentranhando-se em agradecimentos a primor... Um felizão!

E lá ia êle infligir à pobre Eufrásia o suplício da narração dos seus triunfos. Desfiava-lhe miúda a história dos seus projectos, das suas aventuras mais recentes, dos amavios que pusera em campo para seduzir tal ou tal; levava mesmo a crueldade a ponto de lhe pedir conselho por vezes; se achava que fazia bem em requestar a fulana, que talvez fôsse melhor virar-se para sicrana...

A desgraçada ouviu emquanto pôde.

Um dia, mal êle começava uma das historietas costumadas, impelida por uma fôrça insuperável, mixto de ciúme, de comiseração e de amor, tapou com as mãos os ouvidos e fugiu dêle a correr, gritando, gritando sempre, de mêdo que ainda a pudesse atingir algum som longínquo daquelas coisas insuportáveis. —

O Joãosinho compreendeu então... Nunca mais lhe contou palavra e dobrou para com ela em respeitos e atenções: respeitos que a faziam sofrer enormemente, porque sob êles não lhe era custoso divisar o mesmo gêlo da indiferença!

A tia Antónia descobriu com a àlerte perspicácia materna os primeiros sintomas da doença moral da filha. Primeiro aconselhou-a em rodeios, narrando-lhe fins desastrados de casos análogos; depois repreendeu-a sem azedume, mas com firmeza; fez-lhe notar ainda friamente a desigualdade das duas condições dêle e dela, a nenhuma probabilidade de um enlace matrimonial entre ambos, a própria disformidade dela; por fim, entrou mesmo pelo declive das censuras ao viver do snr. Joãosinho: — tudo baldadamente!

Aos dezoito anos, tinha o Joãosinho perdido o pai e a mãe. Era absoluto senhor seu. Tornou-se então impertinente, agressivo, altaneiro, um tiranete, um mandão. Todos os da aldeia reputava seus servos, e de todos exigia respeitosa homenagem, submissão quási incondicional. Porque uma tarde um rapazito, que ia correndo, se foi sem querer de encontro a êle, deitou-lhe mão, levou-o a casa, atou-o a um colunelo de pedra e ali assim o fez passar a noite inteira, amarrado. Doutra vez, espancou desalmadamente um velhote, laborioso e pacífico, que sob o pêso da enxada lhe passara por diante das janelas sem o cortejar. — Nem tinha competidor na insolência, nem na maldade.

Daqui o gérmen de uma surda malquerença, rápido acrescida no terreno favorável do péssimo comportamento do rapaz. Alguns havia no povoado que o malqueriam de-veras; sobretudo o João do Oiteiro, homem brusco e irrascível, de há muito que ardia em desejos

de ter com êle uma rixa, para lhe provar práticamente «como se descarta a gente de quem é ruim.»

E a bôa da Eufrásia a cada momento receando que êle fôsse vítima de qualquer desastrosa ocorrência. Ela que era a doçura humanizada, a excelência com forma visível, a suprema benignidade encarnada na suprema abnegação, não compreendia aquele caráter maleável e perverso como uma lâmina de Toledo... Quando o arrogante brigão vinha desabafar junto da mãe e da filha, dando aberto discurso ao extravasamento injustificado da sua bílis sempre alterada, lá saía a irmã a suplicar-lhe com o olhar que fôsse manso, a ordenar-lhe com o gesto que tivesse mão nos seus desmandos, a implorá-lo com um gemido para que visse e torneasse os perigos em que poderia cair.

Ora o João do Oiteiro possuía para as bandas de Tendais um campo que partia com o do Joãosinho, campo de grande estimação por causa de uma nascente que tinha, e que nem nas maiores estiagens acontecia de secar.

Em agosto de 1880, uma falta de água quási absoluta afligiu os habitantes de tôda a serrania, desde Aveloso até Feirão. Os milhos mirravam-se e secavam, como esqueletos de víboras em pé; emmagreciam os gados a olhos vistos, procurando embalde pelas encostas a pastagem e a frescura; a terra esboroava-se e fendia-se, crepitante, como uma acha de lenha ao fogo; a atmosfera poisava imóvel como um lençol em brasa; parecia que o sol dardejava sôbre os cabeços em cada raio um anátema de extermínio. E a nascente do João do Oiteiro sem secar! — Que sorte! que fortuna!

E então sucedeu que o nosso Joãosinho carecesse instantemente de regar os seus campos, cuja produção se finava de sêde; e o vizinho com uma água ali ao pé. — ¿Se êle a desviasse?... Ainda que fôsse só por uma noite, seria a sua salvação. O diabo era se o

homem levava o caso a mal... talvez valesse mais pedir-lhe... Ora adeus!... Ele, pedir! Não nascera para isso. — E naquela noite desviou para o seu campo as águas do outro.

O do Oiteiro pulou de raivoso, quando deu por tal. Foi-se logo de manhã a casa da tia Antónia, e disse-lhe:

— ¿ Ouviu, tiasinha? Previna o seu *menino* que me não repita a graça, que lhe pode sair cara.

— ¿ Que lhe fez êle, *sôr João?...*, — interrogou assustada a vélha, emquanto Eufrásia, que estava frigindo umas sardinhas, logo corria para ao pé dos dois, ansiosa, com a frigideira na mão a fumegar.

— O que me fez!?... — trovejou o queixoso. — Desviou-me a noite passada a água, p'r'a meter nos campos dêle, sem me pedir, sem me avisar! A água é muito minha, — p'ra isso Deus m'a dá! — e não p'ra que ma roube o primeiro meliante.

— Sossegue, homem, *consid're-se;* talvez você esteja enganado.

— Agora estou, tia Antónia, — rugiu o João do Oiteiro, cujos olhos pequenos e muito próximos, de sobrancelhas tocando-se, e cujas largas maxilas de carnívoro lhe davam uns longes de João Brandão. — E o que lhe digo: roubou-me a água!

— Valha-nos Deus!

— Que não torne, se não quere ser *vendimado:* oiçam bem!

E saíu.

Mãe e filha logo partiram em direcção à *casa-branca*, a avisarem o *menino* do perigo e a conjurá-lo juntamente p'ra que não tornasse. — Que tivesse cautela... O do Oiteiro era homem de maus fígados; p'los modos já fizera parte da quadrilha das Portas de Montemuro. Que não tornasse, não?... Deus havia de breve fazer chover.

Ele primeiro enfureceu-se; depois riu a rebentar e

prometeu às suas boas amigas o que tam instantemente lhe pediam. A Eufrásia porèm julgou ver por detrás daquela promessa um pensamento de reserva. — Talvez efeito do seu muito amor por ele.

Fôsse como fôsse, todo o dia não viu senão o João do Oiteiro... côr de fogo, enorme... a estrangular o seu querido *senhor*.

De tarde voltou à *casa-branca*, a instar com o Joãosinho para que não tornasse a desviar a água. Ele prometeu-lho, muito sossegado, mas a rapariga lá tornou a enxergar sob tam boas palavras o que quer que fôsse de reservado e terrível. — Tomou então uma resolução... Depois da ceia, fechou a porta de casa em falso, e foi-se mansamente deitar, ao tempo de sua mãe. Deitou-se vestida. Apenas um respirar nasal, pausado e alto, lhe deu a certeza de que sua mãe dormia, ela que salta abaixo do mísero catre, atravessa a casa nos bicos dos pés, descalça, abre de mansinho a porta, premindo-a ligeiramente contra os gonzos para não gemer, depois poisou fora, no patamar, cerrou a porta sôbre si com mil cuidados, desceu ainda descalça a escada, em baixo calçou os tamancos, e ela aí me vai veleira caminho de Tendais.

Não fazia luar. As casas negras e conglomeradas da aldeia pareciam um rebanho adormecido. Muito ao longe, os grilos entoavam a sua trémula cantilena de lâminas de oiro em vibração. O céu, a-pesar de estrelado, mergulhava-se no vago esfumado das noites estivais e derramava apenas sôbre a terra uma débil claridade. Mal visíveis, tremulantes as estrêlas... Apenas a *Grande-Ursa*, mais aparente, desenhava uma poltrona imensa, destinada ao Génio da noite; e fronteira a ela, do outro lado do polo, *Cassiopeia* encurvava-se ante o olhar apavorado de Eufrásia como um grande ponto de interrogação.

¿ Que iria na verdade suceder ?

Ela caminhava apreensiva e assustada, realmente, não dêsses pequenos sustos pueris que nas suas horas ordinárias lhe não teriam permitido arriscar um só passo, assim só, pela calada da noite e da solidão; mas assustada no mais íntimo e essencial da sua alma... assustada por *êle*, pelo seu amor.

Chegada à fazenda do Joãosinho, não viu ninguêm. Avançando a mêdo, cautelosa, com o mesmo silencioso perpassar de sombra que empregara ao saír de casa, foi sentar-se sôbre um cômoro, oculta pelo tronco de uma oliveira, e mesmo a dois passos da sebe que dividia as duas herdades. Perscrutou com o olhar ávidamente a sebe e o murosinho baixo de separação; não distinguiu viva alma. Todavia, um secreto pressentimento lhe dizia que o do Oiteiro estava ali... Ao cabo de uma boa hora, sentiu passos, passos despachados e firmes de quem vinha seguro de si. Pôs-se em pé, ansiada e convulsa, o coração a galopar-lhe no peito, na espectativa opressora duma desgraça iminente. — Era *êle!* Vinha pôr em prática o tal pensamento reservado.

...Com efeito. — De cigarro ao canto da bôca, chapéu para a nuca e enxada ao ombro, descantava a meia voz:

> Menina que está à janela
> Dê-me a mão, — quero subir;
> Eu sou muito vergonhoso,
> Pela porta não hei-de ir...

Chegado à linha divisória das duas propriedades, abateu a sachola, arremangou a jaqueta e a camisa, e, sempre cantando, pôs-se a abrir um valado estreito, por onde a água do campo vizinho derivou a correr, breve e rumorosa, longe a longe entrançada por agulhas de prata.

Então a Eufrásia julgou ver, da outra banda da

sebe, a linha sinistra e negra dum cano de espingarda, apontada contra *êle!* Soltou um grito cruciante, e de um pulo de pantera arremessou-se com as mãos à frente da espingarda, como se elas pudessem ter fôrça para sustar o ímpeto da deflagração. O João do Oiteiro tinha dado ao gatilho. O projéctil, levando diante de si os seis dedos da heroína, foi cair, quebrada a fôrça, aos pés da vítima a que era destinado.

...E a Eufrásia ficou aleijada desde então.

III

O Joãosinho nunca tinha ido a Lamego, nem mesmo por ocasião da Senhora dos Remédios, custava a crer! As suas digressões para longe de Aveloso, encetadas apenas depois que pela orfandade se sentira emancipado da tutela paterna, tinham-se limitado à ida a Viseu, no ano passado, por ocasião da *feira franca.* Gostara, gostara muito! Ganhara 30 moedas ao *monte* e fartara-se de ver coisas novas. — Havia de continuar.

Pela madrugada de 14 de agosto, entrava êle no venerando burgo das lendárias côrtes afonsinas, montado numa bela égua castanha, aparelhada com albardão e retranca, e ladeado pelos seus dois companheiros de viagem, o Tomé da Prelada e o José do Rosário. A cidade ostentava-se festival, sécia e garrida, como uma *houri* que aguarda o seu senhor. Por tôda a parte a animação, a graça, o entusiasmo, a alegria. Cada habitante um festeiro, cada habitação um regosijo.

Porque é assim a vetusta *Lameca* dos romanos, a cidadela secular do mouro *Almacave:* aos primeiros rebates de uma festa, aos primeiros empuxões do pra-

zer, esquiva-se mazombal e inerte... mas também, uma vez desperta da sua habitual sonolência, ninguém como ela se anima, se multiplica em artistas, se embriaga em manifestações, se desdobra em projectos.

Desta vez tinham ali resolvido festejar de estrondo a monarquia nas pessoas dos seus augustos representantes, que os vinham amigavelmente visitar. Nomearam-se comissões para o embelezamento e adôrno das ruas, planearam-se colunatas, riscaram-se pavilhões; a câmara empenhou-se para mobilar condignamente os Paços do Concelho e aí dar hospedagem aos riais viajantes; e em poucos dias estava transformado por encanto o rebarbativo aspecto da cidade. No edifício da câmara rebôcava-se o frontispício, forravam-se de papeis luxuosos os aposentos, desdobravam-se alcatifas, desencaixotavam-se bugigangas; pelas ruas improvisavam-se a cada canto jardins; as casas recebiam com júbilo um benefício que já de há muitos anos não conheciam, — eram caiadas; no Rocio principiavam de erguer-se duas elegantes colunatas, que no seu início o povo, ao encarar-lhes o esqueleto descarnado e solene, denominava *as forcas;* ao longo da casaria aprumavam-se numa profusão ridente os mastros para bandeiras, os postes para iluminação, os plintos, os coruchéus. Remoçava com rapidez a cidade... engrinaldava-se com amor.

Por tôda a parte o martelar sêco e nutrido dos carpinteiros cortava o sossêgo dos bons burgueses adiposos. E já o cansaço tomara conta dos mais ardidos propugnadores da festa; tirara-lhes o apetite e não os deixava dormir. Depois chegou o indispensável emissário do Ferrari, chegou parte da companhia do Gimnasio: êstes para darem uma récita de gala no teatro, aquele para dar de comer a S. S. M. M. A termos que na manhã da entrada dos régios hóspedes tudo estava a postos, tudo pronto e capaz de os receber.

O Joãosinho andava deslumbrado. Electrisara-o rápido o simpatismo daquele entusiasmo. A sua alma virgem, inebriada, alteava-se ridente, como um balão côr de rosa no céu límpido e azul... Em meio daquele delírio, parecia-lhe bem triste e destoante a sua jaqueta de pano preto, debruada de larga fita de sêda, a sua calça cinzenta de riscado, a sua ampla facha, também preta, com duas grossas borlas de lã azul-clara. — Quereria vestir-se de vermelho.

Durante a manhã viu e admirou quanto pôde, em companhia dos seus dois patrícios. Depois jantaram como nove; e foram logo pressurosos tomar logar no Rocio, para assistirem à entrada solene dos reis. Porque foram cedo, ainda conseguiram instalar-se no escadoz do Hospital. E, então, ¿ como iludir as longas horas da espectativa, senão observando quanto os rodeia e comunicando-se mútuamente as impressões?

— Olha o regimento 9, que perfeito! Tenho pena de o vermos daqui só p'las costas; queria ver a cara aos porta-machados.

— ¿ P'ra lhes ver as barbas, sr. Joãosinho?

— As barbas e o saial.

— O saial, isso sim; *qu'antè* as barbas, foi tempo! Hoje em dia há porta-machado que nem tem penugem de bigode. Não passam duns *reclutas!*

— ¿ E aquele súcio com um fardamento todo preto, que está ao pé dêles, com uma barretina que nem a tôrre da Sé?... [1] ¿ E aquele outro, de encarnado e correias brancas, com um barco na cabeça... aquilo que será? [2]

— P'los modos são *indróminas* do tempo dos Cabrais.

---

1 Era um antigo *voluntário da Raínha.*
2 Um *capitão de milícias.*

— Quer ver o sr. bispo !?... Olhe, olhe, sr. Joãosinho !

O Joãosinho, porêm, a êsse tempo descortinara coisa melhor... À sua esquerda e no degrau superior, a uns dois metros dêle, poisava uma rapariga morena e fresca, de olhar petulante e modos desenvoltos, que chamava naturalmente a atenção. Era provocadoramente bela: — tez ardente de romana, olhos do melhor azeviche, lábios carnudos de sangue, tecidos pujantes e duros, requebros de odalisca, altura de judia. A sua plástica, tôda feita de sedução e de gôzo, inflamou poderosamente o rapaz. Um deslumbramento aquela Fornarina aldeã ! Ele não via mais nada ! Devorava-a com o olhar sôfregamente, num insofrido *crescendo* de concupiscência e ardor.

Resolveu que lhe havia de falar por fôrça, abraçá-la, tê-la, possuí-la, embora para isso tivesse... de matar o próprio rei, quando êle fôsse a entrar na Sé, em meio do séquito sagrado e brilhante ! — E movia-se a um e outro lado, e batia forte com os sapatos ferrados no lagêdo, e limpava com um lenço de sêda branca o suor da testa e do pescoço, exasperado de impaciência e de desejo.

Para mais, a môça tinha principiado também a mirá-lo de soslaio, de quando em quando, com uma expressão entre sensual e idiota, não tam sorrateira contudo que êle o não tivesse percebido.

E o Tomé, que dera conta do jôgo, disse para o do Rosário, todo invejoso:

— ¿ Já viste como o Joãosinho se arranjou ?... E levado da cramona !

A êsse tempo, uma girândola dava sinal no castelo da aproximação da rial comitiva.

Pouco depois, tendo-se apeado dos magníficos trens

que os haviam conduzido da Régua, faziam os monarcas a sua entrada triunfal em Lamego. — Belo e imponente espectáculo! Circunscrevendo o Rocio, erguem-se nobres e vélhos edifícios, dando ao recinto um certo ar de majestade com a sua arquitectura tradicional e o tom anegrado e triste do seu granito. São o Paço episcopal, o seminário, o solar dos *Móres*, a Sé, o Hospital. Por entre êles cadencialmente passou, sob o pálio, a família rial, seguida de ministros e da comitiva. E em tôrno aquele amálgama multicor de povo, enchendo o scenário, irrequieto e murmuroso; as fileiras de tropa, alinhadas e luzentes, à frente espadas e carabinas; as seges acumuladas ao fundo, numa confusão alegre de librés; o bispo e a extensa fila da colegiada, encaminhando-se graves para a Sé, dalmáticas e sobrepetizes palpitando ao vento; após êles o pálio, erguido pelos vereadores da cidade, a cobrir os reis, que marchavam briosos e afáveis, cadenciando o andamento pelos compassos da banda marcial; as opulentas colgaduras seculares, de damasco e setim, rindo vitoriosamente nos parapeitos; as bandeiras e flâmulas de paninho dançando no ar o seu *cancan:* — tudo isto evocava as luminosas telas de Pradilla ou lembrava uma dessas aparatosas scenas que se desenrolam por vezes no palco de S. Carlos.

O povo, fácilmente excitável, ardia neste momento pelos seus riais hóspedes do mais entranhado amor... Não só por êles; pela primeira pessoa a propósito, co'a bréca! A sua alma dilatava-se numa ebulição radiante de ternura, a todo o pano procurando um objecto, uma pessoa, um assunto a que se apegar.

Achavam-se neste estado psíquico particular o Joãosinho e a rapariga. Ele procurou-a com o olhar: viu-a còrada, ofegante, o lenço de sêda amarelo-de-ovo caído para a nuca, a acenar para o pálio e a deitar à raínha, com os dedos da mão unidos e direitos, estrondosos

beijos significativos. — E depois voltou-se, a encarar com êle... Então aquelas dois pares de olhos, cómicamente marejados de lágrimas, penetraram-se num relance, vertendo-se recíprocamente o excesso de inconsiderada ternura em que lhes sobrenadava a alma...

Estava tudo dito.

Terminada a cerimónia, êles aí caminham um para o outro, léstamente, improvisados familiares... puseram-se ambos a vaguear pela cidade, a balbuciar ardentes protestos, gozando as iluminações... e à noite, radiosos e fatigados, depois de terem visto entrar os reis para o teatro, foram cear e pernoitar muito amigos ao *João das três*.

No dia seguinte, foi um pequeno arremêdo de vertigem a existência da família rial. As 11 horas da manhã, depois de haver recebido el-rei as obrigadas representações de políticos e pedinchas de lavradores, tôda a comitiva partiu a ouvir missa, celebrada pelo prelado da diocese, na veneranda ermida da Senhora dos Remédios, um dos santuários mais afamados em milagres que existem em Portugal.

No percurso do Paço ao elevado morro onde assenta a ermida, percurso que não mede menos de 2 quilómetros, a multidão atropelava-se ávida em tôrno do côche rial, — que vagaroso ia subindo, — rodeando-o compacta, difundindo pela atmosfera as aclamações e os vivas, ao passo que levantava uma poeirada infernal. A música de Magueija, — uma aldeia da serra, — por um esfôrço homérico, digno de passar à História, acompanhou durante todo êste trajecto o côche rial, soprando desesperadamente, sem um segundo de descanso, os seus instrumentos de metal, que se desfaziam apopléticamente em notas estridentes. Alguns mais ardidos patriotas, em pé no estribo da própria carruagem

do monarca e agitando o chapéu tresloucadamente, soltavam pelos reis, pelos infantes e pela Carta clamorosos vivas repetidos. O povo redemoínhava pela estrada, agora mais sedento de ver que de aplaudir; e quando os côches, na subida para o santuário, principiaram a seguir pelo zigue-zague da estrada, era pitoresco de ver como os magotes apinhados, depois de haverem presenciado o desfilar do cortejo numa volta, trepavam a direito pela encosta, alastrando-se pressurosos a alcançar pelo caminho mais curto, através as estêvas, a volta imediata.

Pois lá foi também o Joãosinho ouvir missa com a sua formosa companheira. E depois de tomada com o recato que lhes comportava a mocidade, aquela ablução espiritual, desceram vagarosos a extensa e bela escadaria do santuário, ladeada de vélhos castanheiros, para irem arranjar logar em baixo, na *meia-laranja*, onde havia de celebrar-se o bôdo aos pobres.

Se aguardavam esta cerimónia, logo lhes disseram, ainda tinham que esperar. — Botaria provavelmente lá p'r'as 4 horas. — Primeiro tinham S. S. M. M. que ir ao Montepio Artístico, e visitar o asilo da Infância Desvalida, e regressar ao Paço a darem recepção, e ir venerar o antiquíssimo templo de Almacave, évo de 16 séculos, pretenso tabernáculo das primeiras côrtes gerais da monarquia. — Tinham que esperar.

Embora... Foram entretendo e cavaqueando íntimamente, como no delicioso abandôno de dois amantes internados pelo mais umbroso duma devesa. Porque, naquele momento alheado e quente, nem o brilho do sol que num sossêgo ridente cobria a cidade e os campos com a sua toalha de oiro; nem o bulício da multidão endomingada e turbulenta, que cruzava por junto dêles incessante, por vezes quási a acotovelá-los; nem o panorama único e impagável da enorme escadaria, bem como dos outeiros laterais, desaparecendo literal-

mente sob um anfiteatro de cabeças que tinha os movimentos de uma seara ondulada pelo vento, e por cujo compacto declive se espolinhava uma louca embriaguez de côres vivíssimas, quentes; nem o pregão dos vendilhões, o estoirar das bombas e foguetes, o chilrido das crianças, o tanger da sinarada: nada disto êles ouviam, nada sentiam, nada, nem de leve, os constrangia no seu ardente sonho embevecido... Fizera-se, como de encanto, em tôrno dêles o vácuo, luminoso e esbatido como um crepúsculo de verão... Falavam do instante feliz do seu encontro, de mil projectos do seu viver futuro, da *gana* insaciável do seu amor... e davam-se com ternura agudos beliscões valentes, e assentavam-se nas espáduas fortes palmadas maliciosas.

Ela, a Delfina, era natural de Cambres, ali perto. Vivia com o furriel da 6.ª, ia para seis meses, e morria por êle, — dizia. No dia antecedente, ao instalar-se no Rocio, tinha até procurado nas escadas do Hospital um sítio donde visse bem à vontade o seu idolatrado. Este ficara-lhe mesmo em frente, na fila supranumerária, e portanto bem visível, porque o regimento dava a retaguarda ao Hospital. Sempre que podia, o *tunante* do furriel lá se voltava, a ocultas do capitão, e trocava com a amásia um rubro olhar furtivo.

Ela havia-se posto então a cogitar pezarosamente, que durante tôda a longa noite próxima, e ainda durante o dia e noite seguintes, se veria separada do seu querido Anselmo. Tinha serviço: a prevenção, as patrulhas, as guardas de honra. — Que tristeza! E p'ra que os reis tinham ido lá... Que os levasse a bréca, se só serviam p'r'a *ralar!* ¿ Como passaria ela tantas horas?... ¿ Que seria da sua sorte?...

Neste ponto dos seus pensamentos, a sorte a oferecer-lhe o snr. Joãosinho; e ela, de condição fatalista, aceitara resignada essa nova imposição do destino.

Passada a festa do bôdo, foram-se a Delfina e o seu amante da véspera té à Alameda Municipal, um copadíssimo bosque de plátanos, faias, acácias e *eucaliptus*, onde o sol penetra a custo, o ar é quieto e embalsamado, a vida vegetal duma fertilidade que assombra e o silêncio perfeito e amigo. Era sol posto. O crepúsculo alagava a Natureza com lácteas escorrências duma luz agonizante. Um não sei quê de enervador e mórbido, um como que esbatimento de sensualidade, espraiava-se dolente pela espessura daquela frondosa cerração... Penetrado por uma febril voluptuosidade, o Joãosnho apertou com violência o braço à Delfina e disse-lhe, com a voz áspera e difícil:

— ¿ Então, afinal, vens ou não vens comigo ?...

— Ora... a tua terra deve ser tam feia ! — murmurou Delfina, com um momo gaiato de criança.

— Vens ! ? — repetiu êle, apertando-lhe mais o braço, ameaçador e concupiscente.

E ela, com um peganho na voz, tôda rendida:

— Vou, sim, filho... vou p'ra onde tu quiseres !

A êste tempo, à porta dos Paços do Concelho, ali mesmo ao lado, o furriel da 6.ª, que fazia parte da guarda de honra, apresentava armas aos monarcas, que chegavam da inauguração do Hospital novo e se apeavam para o jantar.

Repetiram-se nessa noite as iluminações. Noite amável e plácida, consentiu que serenas fulgurassem por dilatadas horas as lanternas e os balões, pequenas luas multicores alumiando os largos vistosamente, desenhando as ruas em linhas e abóbadas de fogo, coroando festeiras a cimalha do castelo, definindo as fiadas principais das habitações, e dando à cidade em conjunto o aspecto encantado e loução de uma vista nocturna

de cosmorama. Tambêm os coposinhos de papel de algodão, còrados ou brancos e iluminados a azeite, — os chamados *pirilampos*, — produziam um belo efeito, com o seu ingénuo ar minhoto de luzes de arraial.

Não faltaram os lançamentos de pombinhos brancos com laços de sêda azul; os discursos recitados em plena rua como intróito para a oferenda de um ramalhete; nos intervalos da récita do teatro, a declamação de poesias laudatórias, atiradas dos camarotes às próprias faces dos louvados com enfático entusiasmo; nem mesmo as petições importunas, os enfadonhos requerimentos, os esquecidos memoriais.

Um modesto industrial de Alvelos, fabricante de cestinhos de vêrga, brindou com um molho dêles a família rial.

Uma pobre mulher, amante dos seus reis como dos próprios filhos, arremessou-lhes, quando passavam, um enorme ramo de cravos, exclamando:

— Desculpem, que vai atado com uma linha!

Um lojista de quinquilherias apresentou na fachada da casa um retrato do monarca, em lôna, iluminado de noite por transparência, e flanqueado por estas duas quadras bárbaras, que o Joãosinho saboreou embasbacado:

Neto d'Afonso, o scetro lusitano
Cingido das grinaldas da vitória
Prende um povo de heróis ao soberano,
Que não sabe esquecer a avita história.

Faz teu povo feliz e serás grande;
Portege a indústria, a agricultura, a arte.
Um povo livre é forte e a fama espande
O nome do seu rei por tôda a parte!

Pela madrugada seguinte, partiam os monarcas, ministros e comitiva em demanda da capital, e o Joãosinho cavalgava com Delfina na direcção de Aveloso.

IV

Fácil nos primeiros cinco quilómetros, que se percorrem de Lamego té Penude ao longo da estrada a macadame, o caminho para Aveloso principia depois a embrenhar-se em áspera subida pelos contrafortes da serra das Meadas: caminho pedregoso e falso, cortado de torrentes, ladeado de precipícios, que só quadrúpedes muito conhecedores e seguros sabem sem risco percorrer. Ainda mal não tem o cavaleiro descido uma calçada íngreme, de lágeas escorregadias e luzentes como espelhos, firmando-se todo nos estribos e retesando com fôrça a rédea ao animal que monta, e já precisa alargar-lhe o govêrno, para que êle possa efectuar a custo alguma ascensão em degruas, altos e desterroados como os da pirâmide de Chéops... Agora vai gozando para a esquerda do caminho um largo panorama desafogado e revôlto, duma orografia gigante, para logo ter de se abater de repente, as mãos à frente e os olhos fechados, a precaver-se da errupção de sarças e de silveirais que bastos e rasteiros a um e outro lado o agridem, numa selvagem exuberância.

A Delfina principiava a aborrecer-se, a sentir-se fatigada. — Pelas alturas de Feirão, derivava longamente a paisagem dos flancos do carreiro, calva e sinistra como uma mortalha. Por tôda a parte um solo gretado, hirsuto, negro, entumescido por montões enormes de granito adusto, — a *elefantíasis* do deserto; por'qui por'li, extensos listrões amarelos de campos de centeio maduro, debruando a noite compacta do terreno como se

fôssem a orla de panos funerários; a frouxo o sol iluminando êsses cabeços ingratos, que lhe absorvem o melhor da pródiga luz; pequenas povoações, lutuosas como espectros, agachadas e distantes, como temendo-se mútuamente. — O país umbroso do Cocito; o refúgio da decepção e da dor.

Tinha agora já mêdo a Delfina e chorava interiormente pelo seu Anselmo. Filha por assim dizer da cidade, onde vivia de muitos anos, costumada a considerar a rua da Olaria como o *nec plus ultra* das ladeiras e o largo da Sé como a última palavra em amplidão, sentia-se agora possuida dum pânico secreto perante tôda aquela imensidade implacável. Ali se lhe afirmava pela primeira vez na sua grandiosa imponência a Natureza. Ela sentia a sua pequenez ante aqueles *fandangos* petrificados do xisto e do granito, tremia da mudez zombeteira dos penhascos rodeando-a, como treme a borboleta entre os dedos da mão que a apanhou.

— ¿ P'ra onde vamos, João ?... Isto é tam feio ! Tenho mêdo.

— ¿ Mêdo de quê, tolinha ?... Vais comigo.

E apertava-lhe a cinta com o braço, que passava à ilharga da rapariga, a suster a rédea da robusta égua. Porque a Delfina ia junto do seu novo amante, sentada de lado, à frente do albardão.

Por fim, a continuidade ininterrompida do mesmo espectáculo foi-a naturalmente afazendo a êle; principiou então a tranqùilizar-se, a olhar com demora os panoramas... a gostar, a aplaudir.

Avançavam cautelosamente por um terreno alagadiço e mole, coberto de erva miudinha, e onde fartas pôças de lôdo armavam não raro ao viajante traiçoeiras armadilhas. Era o dôrso da Gralheira. Para a esquerda, grandes aglomerações caprichosas de urgueiras, verdes e arbustivas, em belas formações cónicas,

vegetavam por entre as penhas escalvadas, nessa promiscuidade gelada dos mausoléus e dos ciprestes num vasto cemitério. À direita, o terreno deprimia-se gradualmente em desníveis sucessivos, tapetados com abundância de urzes, de fetos rústicos e de urgueiras, cujo verde, de tons suavemente nuançados, manchava nitidamente a espaços a flor aveludada, amarela ou branca, do sargaço; depois continuava-se numa estirada seqüência de vales e de corcôvas té junto à bacia estreita do Douro, de cujos aprumados contrafortes se avistavam as cristas majestosas, e para além da qual se alteava ainda, azulada e indecisa, a serra do Marão. Na frente, a recortarem-se firmes no azul embaciado de agosto, com uma tinta luminosa e fresca de aguarela, montões gigantes de calhaus pardos de granito, assumindo os mais fantásticos perfis: castelos feudais arruinados, com tôrres esboroadas, fossos, barbacãs; novelos enormes e redondos, pacientemente dobrados pelos séculos; anacoretas esguios, orando curvos e de joelhos, o livro à frente, poisado sôbre uma caveira. Ainda na frente, mas a grande distância, com a linha esfumada pela espessura da atmosfera interposta, uma pirâmide geodésica, ridícula, mal segura, assentava no crânio anguloso dum cabeço. — Uma tela, em suma, digna de Kaulbach no grandioso do conjunto, na vastidão da perspectiva, na visionação larga e irrepreensível.

O sol principiava a aquecer: e a acção enervadora dos seus raios, junto com a debilidade do estômago vazio, produzia em Delfina uma quebrantadora sonolência, que a fazia cerrar os olhos e carinhosa encostar a cabeça ao ombro do Joãosinho.

Despertou a um murmúrio grave e prolongado, um cadenciado zoar, um como que estirado borborinho metálico e plangente, que vinha a crescer, a crescer e a aproximar-se... repercutido de eco em eco, reflectindo-se

de pedra para pedra, alagando o ambiente num estranho dilúvio sonoroso, saltitando pelas quebradas. Era um mixto singular de vozes humanas, do lúgubre dobrar dos sinos, do trotar de uma cavalgada.

— Que é isto?! — perguntou assustada a Delfina.

— São os gados da Estrêla. Olha, olha...

Com efeito, tôda a vasta serrania que de Bustelo se dilata para leste a Montemuro, à Gralheira e a Feirão, de ordinário tam tristonha e despovoada, a ponto de se percorrerem nela 18 a 20 quilómetros sem que se encontre o mínimo vestígio de habitação humana, veste invariavelmente durante uma pequena quadra do ano um aspecto animado e de-véras encantador. Por pouco mais de um mês, desde os primeiros dias de julho té ao S. Bartolomeu, costumam êstes píncaros inóspitos ser demandados por uma população adventícia de pecureiros conduzindo os seus rebanhos. Povôam em chusma as montanhas por cabeças aos milhares. Indígenas pela maior parte da serra da Estrêla, de lá retiram no estio, não só porque lhes escasseia ali o alimento, mas principalmente para não prejudicarem os renovos da agricultura, nesta época ali em inteiro desenvolvimento. Os donos dos rebanhos confiam-nos a *maiorais*, que os veem governando superiormente, e na serra os distribuem em bandos por pessoal idóneo, que fiscalizam de contínuo. Como retribuição dêste serviço, espécie de viagem reparadora para os lanígeros, recebem os *maiorais* no regresso um tanto por cabeça de gado, e são obrigados a apresentar aos patrões as peles de tôdas as reses que morrerem.

E não poucas morrem, na verdade, vítimas pela maior parte de epizootias de carácter canceroso.

A Delfina gozava deliciada o espectáculo dum destes rebanhos colossais! Por entre a inúmera legião

das reses, gordas e roliças como a mesma fartura, pacíficas e alvas como a inocência, pincham algareiros os chibos, de ordinário perralhos e negros, a capricho adornados pela fecunda inventiva dos pastores. Cingem-lhes os pescoços largas coleiras de coiro, donde pendem chocalhos enormes, alguns compridos de meio metro, cujo considerável pêso os pobres animais suportam por um admirável prodígio. As testeiras, adornam-lhas caprichosas cabeçadas, feitas em lozangos com tiras de pano de côres vivas, predominando o amarelo e o carmezim. Estas mesmas tiras sobem ennastrando-lhes os chavelhos, que, furados transversalmente, em andares, dão passagem a finas hastes de madeira donde pendem aos pares os pequeninos chocalhos, e os guisos redondos e luzentes; e por fim, como vistoso remate, ainda por vezes no tôpo de cada retorcida ponta se equilibra por maravilhosa arte um par de bandeirinhas de côr.

Todo êste aparato cativante, com o seu tilintido fresco, o seu nervoso tremular e os seus arrogantes reflexos còrados pelo sol, dá aos delgados chibos um tom de ousada galanteria, um soberbo ar pedante que, dirieis, para a parte feminina do rebanho os faz dobrar de encantos, e que dando-lhes vagamente a noção do seu embelezamento, os torna buliçosos, alegres, vaidosos, turbulentos. — Revêem-se na sombra... agradam-se; surpreendem os requebros das fêmeas... ensoberbecem-se: e êles aí vão presunçosos e altivos, saltitando, a deliciar-se em amoroso recreio, a entestar com graça uns contra os outros as frontes bicornes, erguendo as mãos, ao passo que semeiam doidos pela parda monotonia do rebanho a estúrdia alegria dos seus enfeites.

Guardas fiéis da manada, cães enormes e hirsutos, de coleiras ouriçadas de pontas de ferro, lutam de noite com os lôbos.

Delfina olhava de pausa o rebanho, que lhe ia des-

filando à ilharga, em baixo, afogando tôda a encosta, e não se fartava de admirar.

— Muito bonita é esta *tropa!* Dou-me por bem paga de ter vindo. Vale a pena!

— É p'ra que vêja, sua tôla! Não é só nas cidades que há coisas bôas; nós também as temos por cá. E agora, não sei se sabes que vamos ter com êles. ¿Vês aquela sombrasinha em baixo?... Vão ali passar a hora do calor e juntamente preparar o comer. *Pediremos-lhe* um cibo, que eu já sinto em mim uma *raleira* que não vejo nada!... Anda, pequena, que vais hoje almoçar anho fresco!

Estava calor, na verdade. Eram 10 da manhã. Tinham gasto seis de Lamego té ali. Pesava sôbre a terra um ar de forno; as avesitas, cansadas, mal podiam aventurar pequenos vôos demorados; e a folhagem verde-bexiga das urgueiras tinha reflexos de bronze oxidado.

Tornearam com pausa o cabeço, a procurar o caminho para Alhões, e pouco depois entravam no fresco recinto escolhido pelo *maioral* do rebanho para bivacar: um pequeno bosque de pinheiros e de carvalhas, que a própria inclinação da serra, como um pára-luz gigante, abrigava em parte dos ardores do sol.

Os cães de guarda estiravam-se moles pelo solo, a bôca muito aberta e a língua pendente, longa e vermelha. Os cordeiritos dispunham-se aos grupos de forma circular, muito quietos e cabisbaixos, com os focinhos para o centro. Emquanto, não longe, os pecureiros preparavam a *fritada*, a sua refeição mais saborosa e dilecta.

Comem-na de ordinário só ao dia-santo, ou por uma ou outra data para êles memorável; e os afortunados e raros viajantes a quem já por acaso se ofereceu a ventura de provar dela, que digam se a *fritada*

não é um produto culinário soberbo, superior em gôsto e em qualidades aperitivas a quanta complicada mistela da cozinha francesa nos temos comprazido em importar.

Junto a um fio de água, um rapaz tisnado e forte lustrava com um trapo e terra humedecida o interior de uma ampla cassarola de cobre, onde caberia seguramente um anho inteiro. Mais ao alto, um cabreiro mais idoso desembaraçava da pele e das vísceras a rês votada ao sacrifício, e que fôra um cordeiro adulto, apartado dentre os mais volumosos e nédios do rebanho. Mais ao alto ainda, dois outros dispunham seis calhaus a pino, rudimento de cozinha onde seria guisado o delicioso manjar. Emquanto um quinto juntava o combustível, — de tôjo e fetos secos, com alguma hastita de pinheiro; e por último um outro punha em bateria as almotolias e mais petrechos indispensáveis.

Passeando distraìdamente, fumava num cachimbo o *maioral*.

— Aviar, aviar co'êsse lume, Manuel! que temos hoje hóspedes ao jantar.

— Estou a acendê-lo... ¿ Mas que hóspedes vê vocemecê?

— Olha ao alto: aquele cavaleiro a dar a volta pelo carreiro. Vem por fôrça adonde a nós.

— E a modos que traz *contrabando*...

— E de pêso... — comentou apimentadamente o Vatel da comitiva.

— 'Stá o lume aceso. Venha a cassarola!

— Lá vai.

E o mais moço dos sete foi então assentar sôbre as pedras do fogão improvisado o enorme vaso culinário, que lampejou scintilante, lambido das labaredas.

Verteram-lhe dentro água e azeite, até a deixarem mais de metade cheia; sôbre êste líquido segaram depois com uma navalha de ponta três grandes cebolas,

e polvilharam-no com fartura de sal, pimenta em grão e colorau. Seguidamente, tampa em cima, para ferver.

Apeavam-se entretanto os dois famintos viajantes; e o Joãosinho, depois de haver prendido a égua pela arreata ao tronco de um pinheiro, dirigiu-se ao *maioral*, com tôda a forçada urbanidade a que o levava a fome e que a sua natureza arisca e rebelde lhe permitia.

— Salve-o Deus, snr. maioral...

— Viva, snr. caminhante. Então, ¿ fugir ao calor ?...

— É como diz... O sol escalda.

— Pois chegue-se a nós, que muito estimamos; e mais, pode logo *adregar* de comer da nossa *fritada*.

— Olha quem êle é !... — exclamou radiante o rapaz da cassarola, que desde a chegada do recêm-vindo não deixara de o fitar com insistência, como julgando reconhecê-lo.

— ¿ Quem é, quem é, ó Vitorino ?...

— É o snr. Joãosinho de Aveloso, *o menino da casa-branca !*

E acercou-se dêle solícito, muito respeitoso, todo risonho.

Cada um dos seis restantes o cumprimentou com igual afabilidade, ao passo que todos olhavam desconfiados a bela Delfina, o *contrabando*, a qual discretamente se ficara atrás.

— Pois, snr. Joãosinho, já se não vai sem provar do nosso anho ! — insistiu obsequioso o *maioral*.

— Eu e aquela menina... — ampliou o Joãosínho, com um pequeno gesto altivo, indicando Delfina, a reabilitá-la por êste meio do significativo mau ar do agrupamento.

— Pois 'stá entendido ! — apressou-se a emendar o garoto Vitorino; e depois, acotovelando-o familiarmente, a meia voz: — ¿ Então que arranjinho é êste, hein ?...

— Trago-a de Lamego e vai comigo p'ra casa.

— P'r'Aveloso ! ?... — interpelou o outro, muito sério. — ¿ E a pobre da Eufrásia ?

— Diabo !... — praguejou o Joãosinho, súbito colhido por esta idéa importuna. Depois, novamente ao ouvido do Vitorino: — *Num há-de haver duda*... Escondo-a bem.

A êste tempo, como já a calda escachoasse, foi o anho p'ra dentro do caldeiro; um comprido colherão de ferro periódicamente a voltá-lo, manejado pelo rancheiro do bando.

Tinham-se todos acocorado em círculo sôbre a relva e dispunham na sua frente os pratos lisos de barro, os garfos toscos de ferro, a boroa, o queijo e o vinho.

— Pois, meus rapazes, venho de ver o rei ! — exclamou o Joãosinho, muito familiar, na mira da plena conquista das bôas graças dos pastores.

— Ah ! foi !?... ¿ E que tal ?...

— Ora ! é um homem com'os mais, e a raínha a mesma coisa... e os ministros, e todos.

— ¿ Êle de que vinha vestido ? Diz que anda todo cheio de oiro...

— Qual oiro, nem qual cabaça !... Na segunda-feira entrou de farda como um general, e ontem andou sempre de preto singelo, tal qual os fidalgos da cidade.

Aqui o maioral, na sua qualidade de pessoa mais grada do grupo, entendeu do seu dever dirigir a palavra à rapariga:

— ¿ Então vai-se até Aveloso, não é assim ?

— É verdade; tomara-me já lá... ¿ Ainda fica longe ?

— São duas léguas, mas bôas... daquelas que mediu a vélha.

O cozinheiro, inseparável do anho, terminava a êste tempo com o mexer da colher; e depois de pulverisar o guisado com mais colorau e pimenta, tampou-o e barrou a tampa herméticamente em redor com terra humedecida. Espertou o lume, e deixou por esta forma apurar o decocto precioso. Ao cabo de dez minutos, era des-

tampado; e a gorda e fragrante emanação que então se escapou do vaso, capaz de ensalivar as próprias pedras, era o sinal de estar pronta a *fritada* a comer.

Depois de bem comidos e refeitos, e em cima dormida uma longa séste reparadora, punham-se os dois novamente a caminho, ao passo que o gado debandava pela serra.

Foram passar à ilharga da pirâmide quadrangular de Montemuro, alta de 1382 metros sôbre o nível do mar, e que sobranceira avistavam desde pela manhã... cortaram, no sítio da Lameira, mesmo pelo centro de uma outra floresta de bandeirinhas travêssas, de chavelhos ponteagudos, de chocalhos tilintantes, de balidos clamorosos... receberam deliciados pelas faces o beijo reconfortador e casto da brisa do crepúsculo... e, ao anoitecer, ante seus olhos se erguiam na frente a giba opaca e negra dum outeiro, e neste a meia encosta a povoação, de cujos casebres os longos rastos brancos de fumo semelhavam o vôo vago de outras tantas nebulosas flutuando num céu de tinta.

V.

Ao crepúsculo da manhã, ainda mal declarada a luz do dia, já a bôa da Eufrásia tinha ido ao extremo do povoado, à *casa-branca*, saber se o *menino* havia chegado.

E, fôsse arrelia inexplicável do acaso, fôsse pressentimneto instintivo do coração, o certo é que a bela casa do snr. Joãosinho, alta de dois andares, sécia e branca como um montão de neve, cujo aspecto de ordinário a afagava ridente com a meiguice inefável de um bom sonho luminoso, essa casa tam dela e tam querida, onde lhe haviam descorrido em lances inol-

vidáveis os anos ditosos da infância, pareceu-lhe que naquele dia tinha assumido uma fisionomia estranha... Tinha um aspecto agoirento. Estava mofadora, trocista. As portas das janelas, pintadas a verde com as almofadas de encarnado, como que espelhavam sarcasmos; o telhado ponteagudo e vermelho parecia a arisca solidificação de uma gargalhada.

A Eufrásia sentia-se apreensiva, inquieta, sem saber porquê... Bateu à porta de mansinho. O caseiro veio abrir, deixou transparecer um certo embaraço ao encarar com ela, e retorquiu-lhe precipitadamente: — que o *senhor* tinha chegado de saúde, a noite passada; que ainda estava recolhido; que não se encomodasse ela a esperar, que êle de-certo a iria logo lá ver... — E logo a porta fechada à chave, tam depressa acabou.

Retirou, pensativa e triste, a rapariga. Nunca a tinham recebido assim... ¿ Que haveria ?... E então que ela naquele dia se tinha arranjado o mais garridamente que pudera, para rever o seu amor ! — Vestira uma saia nova de burel, com sua larga barra encarnada, tôda em recortes; um coletinho decotado e curto, com enfeites de veludilho verde-garrafa, acolchetado na frente; jaqueta também de burel, com duas ordens de pequeninos botões multicôres, sobrepostos em parte uns aos outros. A camisa forte de estôpa subia-lhe em pregas longitudinais à altura do pescoço, que cingia muito justa, para abrir-se depois e cair num largo cabeção de renda. Ao colo uma fiada de pequenas contas de oiro, na cabeça um lenço de ramagens, nos pés uns tamarquinhos broxeados de amarelo. — Tudo, afinal, perdido ! Que paixão !

De volta a casa, logo de contar à mãe o sucedido. A tia Antónia, porêm: — que não fôsse tôla, que se deixasse de *maluqueiras;* o caseiro estaria azêdo naquele dia; nem o snr. Joãosinho tinha culpa.

A Eufrásia esperou tôda a manhã; o snr. Joãosinho não veio. Confirmavam-se os seus presságios! — Dirigiu-se exasperada à janela, como se com fitar a viela pudesse determinar-lhe a aparição. Então viu em frente, na fonte, — uma telha partida, entalada na rocha, dando curso a um débil fio de água, — um grupo de três mulheres chalrando com grandes ares de mistério. Talvez estivessem falando dêle... Foi pé-ante-pé encostar-se ao limiar da porta, para escutar.

— É o que te digo; posso jurar! Chegou *onte* co'ela e tem-na em casa... — dizia a *Zéfinha*, emquanto chegava o caneco à bica, para encher.

— Forte pouca vergonha! — resmungava uma vélha encarquilhada, de grande chapéu de abas, encodeado e rôto, a qual tinha vindo, a fiar pelo caminho, só para colhêr a novidade.

— Nada, eu cá não *acardito!* — protestou com ar convicto, pondo o cântaro à cabeça, a terceira, uma rapariga muito nova a quem o Joãosinho andava requestando, e de quem ela entrevia a alma pelo diorama falaz dos 18 anos.

— Coitada! Sempre és bem tôla!... ¿Pois ainda te fias nêle?... ¿Não sabes o que me fez a mim e às mais?

— Nada, nada... Demais a mais, ¿qual era a mulher que p'r'amor dêle vinha assim da cidade p'r'aqui?... Só uma que lhe quisesse muito!

— ¿Como tu?... Ora não há! Aquele homem é capaz de ir buscar uma mulher ao inferno! tem artes de mandinga p'ra nos cativar. E depois, zás, um pontapé!

— É um grande desavergonhado! — apostrofou a vélha. E depois, como visse a Eufrásia à porta:

— Calem-se, calem-se, raparigas!

E logo as três debandaram, sem erguer o rosto para

o casebre fronteiro, de mêdo das interrogações da aleijadinha.

Ela, porêm, que tinha ouvido tudo, encostada à porta se ficou, muito lívida, fazendo a sua renda... Só não atinava com o ponto, e os seus dois côtos disformes moviam atoadamente as agulhas no espaço, sem conseguirem tecer uma única malha.

Dali a horas, era voz pública na aldeia o novo concubinato do rapaz. Reprovação geral. As mulheres por ciúme da própria valia, os homens por inveja e mesmo por amor à moral, celebravam em acorde um canto indignado de censura. E êste rumor, surdo de princípio, foi crescendo, sonoramente ameaçador, sem que o Joãosinho de nada soubesse, entregue como se conservou todo o dia às delícias do seu Eden de ocasião.

A Eufrásia tremia por êle novamente, e agora mais do que em nenhuma época anterior. Quisera ir avisá-lo, aconselhá-lo, suplicar-lhe, fazer-lhe grandes ralhos, trazê-lo à bôa razão; mas... uma repulsão invencível a impedia de avançar. Um como que asco misturado de compaixão a constrangia, e fazia-a parar em meio do caminho, para logo retroceder. A *casa-branca* e Eufrásia repeliam-se, como electricidades do mesmo nome. Parecia-lhe agora que tinha um ódio mortal àquela casa da sua infância, cúmplice aquiescente na sua vergonha. Detestava-a ! porque visivelmente a escarnecera, de manhã. Mas a êle... oh ! a êle, não ! Amava-o ainda mais, se era possível.

Sôbre a tarde, correu boato que havia chegado a Casais um sargento de Lamego, o qual vinha impulsionado pelas mais ferozes tenções. Falava-se vagamente no rapto de uma rapariga que vivia com êle na cidade; da licença que o homem havia pedido, apenas

dera notícia da traição; de um almocreve que tinha tomado por guia; da vingança estrondosa que vinha tomar.

O caso, — começou a correr, — relacionava-se com a aventura do Joãosinho, evidentemente; mas não passava de incerta notícia propalada; nada tinha de positivo, que se soubesse. Talvez rumor adrede preparado para hostilizar o *menino*. Embora; a tia Antónia preocupou-se de-veras com êle, porque no fim de contas amava extremosamente o *seu* Joãosinho, de quem fôra ama dedicada, e não queria que lhe sucedesse mal.

A Eufrásia preocupou-se igualmente, e resolveu de si para si acudir pela segunda vez à vida de seu irmão em risco, embora segunda vez tambêm tivesse de ir expor a própria vida... ¿ Mas como sair de noite, sem que a pressentisse a mãe ?... Pois que esta, já escarmentada do desastre de há dois anos, e agora posta de sobreaviso ao notar a manifesta exaltação da filha, desperta alêm disso pelo próprio cuidado que tinha no *seu menino*, seria de-certo obstáculo invencível a qualquer tentativa de escapulidela nocturna. A Eufrásia bem via como a mãe a observava de esconso, na compreensão inteligente do seu desígnio. — ¿ Que fazer ?...

Só havia um meio... À ceia, entornou no caldo da mãe uma infusão de papoilas. A mãe adormeceu profundamente.

E lá saíu a rapariga, firme, resoluta. O céu estava quási inteiramente nublado. Soprara todo o dia um sudoeste rijo e fresco, — batedor da tempestade, — cujas primeiras gotas caíam agora, grossas, compassadas, quentes, a levantarem do solo poeirento o cheiro particular à terra humedecida.

A Eufrásia apanhou duas enormes pedras do chão.

Depois, antes que pudesse avistar a *casa-branca*, voltou costas na direcção dela, e seguiu o seu caminho a recuar, a recuar sempre. — Não queria tornar a ver aquelas horríveis portadas de janelas, pintadas de verde, com as almofadas de encarnado. — Assim mesmo às arrecuas lhe subiu as escadas de pedra, transpôs o patamar e sentou-se no degrausinho do portal de entrada, com os olhos extraordinàriamente acesos na escuridão da noite, como os olhos de um lôbo faminto.

Passada meia hora, não mais, viu distintamente uma sombra, silenciosa e prudente, despegar-se da parede ennegrecida do último casebre do logar... depois arriscar no pequeno largo alguns passos mesurados e perscrutadores... em seguida avançar direita à casa! Manejava um instrumento cortante, que baço reflectia o brilho das raras estrêlas.

A Eufrásia tremia tôda, como em baixo, no fundo do vale, os juncos vergastados do temporal. Numa pungente indecisão, ela viu o vulto acercar-se da *casa-branca*, num relance; e que já agora com decisão procurava por meio do sabre-baioneta forçar uma das portadas das janelas do rés-do-chão. Pela vigorosa aplicação do aço cortante nas juntas, aquelas madeiras carcomidas e decrépitas iam cedendo, friáveis, esfarelando-se. Um esfôrço, um impulso mais, e pelos batentes a escâncaras poderia aquele inimigo à vontade escalar o parapeito! — Então a Eufrásia ergueu-se de salto e pôs-se furiosamente a bater com as duas pedras na porta, sempre de costas para ela, emquanto da laringe pêrra arrancava um alarido atroador.

Parou o furriel do 6.ª na sua faina, indeciso e pávido ante o que se lhe afigurava uma intervenção sobrenatural... De repente, abre-se o portal com estrondo, e uma forma humana branca apareceu no limiar. Tanto bastou para que o destemido filho de Marte julgasse muito a propósito esgueirar-se, num segundo, e trans-

por o pequeno muro de um cortêlho, onde se refugiou. Felizmente, estava êste desabitado, por forma que nenhum habitante suino o traíu com o seu grunhido.

Aberta a porta, o Joãosinho dera com a Eufrásia, que lhe fez perceber tudo num relance. E galgara quatro a quatro os degraus; e percorria agora a aldeia, alucinado, de pistola em punho, apenas em roupas brancas, todo na demanda do ousado militar.

Chovia a torrentes e o vento soprava embravecido.

Os vizinhos, que haviam acordado alvoroçados, tiveram dificuldade em conter o *menino;* e feita pelas choças e casebres uma busca, tam ruidosa e guerreira como infrutífera, à luz desgrenhada dos archotes, tôda eriçada de foices, de enxadas, de espingardas caçadeiras, voltou-se cada um a sua casa, ainda mais mal humorado contra o snr. Joãosinho e praguejando da tonteria imperdoável da Eufrásia, que os tinha ido despertar no melhor do sono primeiro.

O João achou a casa, mas não achou a Delfina.

É que, no mais aceso da pesquisa, quando a luz escabelada e fumosa do alcatrão lambia a face adusta dos casebres do centro da aldeia, cá no extremo o Anselmo saíra do seu providencial refúgio, vira à janela a Delfina, inquirindo assustada o espaço com o olhar, abordara-se-lhe num momento... depois, êle: «que tinha vindo buscá-la expressamente !» ela: «que a tinham forçado a dar aquele passo, que não amava senão o seu Anselmo, que aquilo ali era medonho...»

E foram-se muito amigos: um todo indulgência, a outra tôda alegria.

VI

— ¿ Então como vai o seu *menino*, tia Antónia ?

— Ai ! muito mal, snr. Tomé.

— ¿ Ainda guarda a cama ?

— Guarda e guardará. Aquilo 'stá ali a chocar a morte... Não há esperanças de o salvar... Ai ! meu rico *menino* da minh'alma !

E a pobre vélha desfazia-se em pranto por êsse a quem amamentara com carinhos de mãe.

— *Tamem*, má lembrança êle teve de trazer da cidade aquela recreada... Cabeça de vento !

— Pois foi !... Se não fôra semelhante tentação, estaria aquela noite muito bem sossegado na sua cama a dormir, nem o *demonico* seria causa de êle correr assim à rua, quente da cama e mal agasalhado, a apanhar a ventania e a chuva.

— E que chuva !... Pouco tempo andei eu na busca, e mais fiquei todo alagado.

— Assim, apanhou esta grande catarral, que lhe caíu no peito e lhe constipou a arca do sangue... Parece-me que o leva dêste mundo ! Meu rico filho !

Nova explosão de pranto da vèlhinha, sublinhada de soluços reumosos.

— Vamos, leva de tantas penas, tiasinha. Vocemecê, se êle fôsse seu filho, não o estimava mais.

— Credo !... Quere-me parecer que lhe quero tanto como à minha aleijadinha !

E ao recordar-se da filha, a tia Antónia transfigurou-se. O seu rosto garatujado pelo lagostim dos anos, como que rejuvenesceu de repente, radiante, numa jubilosa aclaração de orgulho. — Aquela sua Eufrásia, que assombro e que exemplo ! Que abnegação sem limites !

— A minha aleijadinha... oh ! essa é santa como as que mais o são !... Tem sido tôda a vida o seu Anjinho da Guarda. Quando pequenos, trazia-o às cavaleiras, evitava-lhe as quedas, arredava-o do sol; depois salvou-lhe a vida com o sacrifício dos seus dedinhos; agora, não o deixa um só momento, é a sua enfermeira constante. Nem come, nem dorme, nem descansa... nem

pode, — diz ela, — emquanto o não vir escorreito e bom.

— Era digna de melhor sorte, coitadinha!... Mas, — co'a breca! — ao menos é o orgulho de uma mãe! — clamou com alma o Tomé da Prelada, um dos mais fervorosos admiradores das virtudes da Eufrásia.

— Coitadinha, sim!... Quando foi p'ra chamar o médico, lá se foi ela e veio, num dia, a Resende, 8 léguas de péssimo caminho, debaixo de chuva, porque todo o dia choveu, como se fôra no pino do inverno. Eu quando a vi de volta, tôda encharcada, disse-lhe: — O filha, tu vais-me adoecer! — e vai ela respondeu: — Não adoeço porque não quero. Preciso tartar do snr. Joãosinho. — E assim tem sido! Minha santinha!... Se ela se me vai também!...

— Era o que faltava! Nada, não pense nisso, tia Antónia. Deus Nosso Senhor ainda lhes há-de pagar a ambas o bem que teem feito àquele tontinho. Mas diga-me: ¿o médico deu o caso como desenganado?

— Deu, sim senhor... — E, sufocada em pranto: — A mim me disse êle que o *menino* só por milagre se poderia salvar! Eu prometi à Senhora dos Remédios ir à sua romaria, que é daqui a nove dias, e subir-lhe de joelhos a escadaria do santuário, se ela o salvar.

— Vocemecê podia lá, mulher! Só também por milagre é que agüentaria tam grande subida.

Depois, já junto da porta:

— Até logo, tiasinha. Vou lá vê-lo, que eu sou amigo dêle.

— ¿P'ra que vai lá?... Olhe que êle não o conhece. Agora está sempre delirado.

— ¿Então não conhece ninguêm?

— Ninguêm, a não ser a minha Eufrásia! Essa, chama por ela a cada passo... pede-lhe perdão... e não quere que mais ninguêm lhe faça os remédios e o trate, senão ela.

— ¿Não lhe dizia eu, tia Antónia?... Começa Deus

a pagar a sua filha do bem que tem feito ao rapaz!
E saíu, limpando furtivo à camisa uma lágrima que se obstinava em traír-lhe a comoção.

A 5 de setembro, a-pesar de têrça-feira e portanto dia de trabalho, não se distribuíra pela costumada labuia a população masculina de Aveloso. Aglomerava-se quási tôda, silenciosa e triste, no adro da capelinha. Eram 11 da manhã, — uma genuina manhã de estio. O ar pesado, imóvel, côr de cinza... o sol ardente como o hálito de uma fornalha... fulva e recosida a terra, chispando de cada calhau de granito miríades de vítreas scintilações... as sombras projectando-se duras e opacas, como se aguareladas fôssem a nanquim... retoques brancos nos telhados, rubros nas fisionomias, amarelos na vegetação. Um quadro feito de ardência e de secura.

E todos endomingados, — caso estranho! Camisas muito lavadas, cabelos e barbas lisos do pente, grandes chapéus desabados de feltro, bôas jaquetas e mesmo rabonas, pela maior parte negros, e nem um só tamanco. Os mais remediados empunhavam abertos uns pára-sóis monstros de algodão azul com barras brancas, a ponta de metal amarelo ao alto, muito luzente. Grupos espalhados pelo adro contemplavam taciturnos o solo declivoso e fendído; outros, os vélhos e os fracos, apoiavam-se contra as primeiras casas do povo, a colher-lhes a sombra protectora. E de espaço a espaço lá ia algum pedir refrigério à esbeiçada telha da fontesinha, colhendo a água na aba do chapéu.

Também, ao acaso distribuidos naquele pequeno recinto, os machos, as éguas e os jumentos, com freio e aparelho, torciam-se na tortura do ferroar das moscas, davam-se no ventre pequenos coices repetidos, dobravam nervosos as mãos batendo as ferraduras, ou

então fustigavam pendularmente os quadrís com a cauda e sacudiam-se numa forte e sonora vibração de todo o corpo, fazendo tilintar as ferragens.

Pela porta da ermidinha aberta vinha uma toada monótona e lúgubre, que como que atenuava o dardejar ardente do sol, no seu ar frio e sepulcral, — verdadeiro sôpro da morte. Tratava-se com efeito da morte. — Um esquife poisava sôbre as lágeas: dentro o cadáver do Joãosinho.

Terminada a psalmodia fúnebre, saíu o acólito, de cruz alçada, e logo empós o féretro: um triste esquife negro de varandinha, coberto por um pano de veludilho, tambêm negro, com uma grande cruz amarela de braços pendentes, como uma freira da Adoração Perpétua, e dentro, inchado e lívido, o cadáver do *menino da casa-branca.*

Descobriram-se todos, e ajoelhavam à passagem do ataúde. O pároco montou a sua mula; seguiram-lhe o exemplo aqueles que tinham que montar; os peões foram rodear os portadores do féretro, para se irem caridosamente revezando; um avançou a cobrir a cabeça nua do acólito com o seu amplo pára-sol; e êste grotesco e solene acompanhamento lá se foi descendo ao acaso, desmanchado, indistintamente, sob o flagelo da calma abrasadora, pelos trilhos ásperos da montanha, a acompanharem à última morada o seu irmão, lá baixo, a Tendais, no fundo do vale, a uma légua de distância do logar.

Do interior da casa fronteira à fonte partia um longo chorar convulsivo e gritado, emquanto a sineta da capela chorava tambêm seu trémulo rosário de lágrimas, que iam acordar plangentes os ecos das quebradas... E o esquife lá ia descendo, desfeito em ásperas sacudidelas pelas escabrosidades violentas do caminho. As franjas do pano negro fustigavam e largavam, em vai-vens sacudidos de ébrio, os balaústres da

varandinha; e o pobre morto dançava dentro, inteiriço, inerte, a catalepsia do desequilíbrio...

O João do Oiteiro trabalhava no seu campo, quando o saimento por lá passou. Descobriu-se, emquanto murmurava entre dentes:

— Desta vez, a morte enganou-se... Rapou-o cedo, como se êle fôsse bom!

VII

A Eufrásia ia todos os dias invariavelmente orar sôbre a cova do Joãosinho, lá no fundo, a uma légua de distância de Aveloso, no adro da capela da freguesia. Levava-lhe um cravo dos do seu craveiro, que espetava na terra mole e recêm-calcada; rezava, rezava muito... e depois voltava para casa, afogueada, exausta, esbraseada de calor.

Não havia meio de a impedir.

A mãe implorou, chorou, proìbiu, tentou a fôrça: tudo em vão! E dês'que a filha lhe significou um dia, serena como um mármore e resoluta como a fatalidade: «Nem que me matem, deixarei de ir!» nunca mais a impediu. Curava simplesmente de lhe ter sempre preparado algum alimento reparador e mimoso para o regresso, e que a rapariga nem sempre se resolvia a tomar.

Quando se lhe acabaram os cravos, levava flores silvestres; quando estas, à entrada do outono, se acabaram, então passou a levar-lhe simplesmente as lágrimas e a oração.

Em novembro, a chuva era quási constante, os caminhos iam enlodados e já o frio causticava. — Não importa! A Eufrásia lá visitava quotidianamente a sepultura do adro; e aos domingos, à *missa do dia*, a mul-

tidão anotava reverente aquela dedicação obstinada e sublime.

Quantas vezes não chegava a pobresita a casa, debaixo de rijas cordas de água, enregelada, trémula, a pingar, as extremidades roxas e quási insensíveis... e a mãe a sentava logo à lareira, ante um bom fogo amigo, e se apressava a despi-la, a mudar-lhe o fato, a fazê-la comer !

E quantas e quantas a pobre tia Antónia, em dia de temporal pegado, se não vinha plantar à porta, ansiosa, no crudelíssimo receio de que a filha não vingasse romper e lá se ficasse ao desamparo, morta também, enlodaçada, hirta !

Pois na véspera de Natal, — um Natal como poucos para a gente de Aveloso, porque tinham arranjado padre que lhes viesse dizer a *missa do galo* à sua capelinha, — a tia Antónia logo de manhã principiou a moirejar muito açodada na preparação da sua *consoada*. Queria nesse dia regalar principescamente a Eufrásia, logo que ela chegasse do cemitério, ingerida de frio. E preparava, animada, risonha, quási feliz, uma abundante panelada de sopa sêca, um coxão roliço de carneiro, tenro como vitela, e um gordo salpicão.

O dia cerrara-se brumoso e gelado. Ao meio-dia principiou a nevar. Neve em frocos, primeiro, miudinha e freqùente, como migalhas de pão que a mão de Deus estivesse esfarelando lá da altura; depois em pedaços maiores, leves e macios como algodão em rama; depois em farrapos enormes, compactos, que levavam o frio té ao âmago da propria alma.

E não cessava de cair. E já a vèlhota, em ânsias:

— Ai da minha Eufrásia !... Que aflição !

Silenciosa e lenta acamava-se sôbre a terra uma mortalha imensa. A aldeia tomava um aspecto fan-

tástico banhada por aquela irradiação branca e pacífica de luz Jablochkoff, e com as suas casas muito negras, coroadas de alvíssimos toucados, a recortarem-se na atmosfera côr de chumbo, quási luminosas.

Quando a Eufrásia se levantou de orar, já a neve tinha caridosamente estendido em tôrno dela o seu fôfo tapête imaculado. O gêlo derretido havia-lhe repassado a roupa e os membros franzinos. Invadia-a um torpor suave, obliterador, nunca sentido... um como alheamento da vontade, uma esponja sôbre a memória, uma impotência abstracta dos sentidos. Deu alguns passos a custo, cada um mais vagaroso, mais pêrro, mais curto, mais incerto que o antecedente. Não sentia os membros; as articulações emperravam-lhe quais molas de ferro muito oxidadas... Depois, a tentação, o desejo invencível de dormir.

Parecia-lhe que ela mesma era tôda feita de gêlo... como se a neve, que caía incessante, se tivesse ali acumulado e arranjado artìsticamente a formar aquele vulto de mulher! — ¿Que fazia ali?... — Então, por um supremo esfôrço da inteligência, já quási totalmente apagada, lembrou-se que se morria de frio... compreendeu o seu estado, a sua sorte! E ergueu o rosto para o céu, de mãos unidas, numa expressão inefável de grato júbilo voltou para junto da cova, e sôbre ela a todo o comprimento se deixou cair.

...Em curto espaço, silente cobria a neve uma e outra com o mesmo cândido lençol.

Setembro 1887.

A CONSOADA

Tinham chegado, havia um instante, da igreja.

No silêncio álgido da noite retinía ainda alegre o bimbalhar dos sinos. A mesa estava posta, — vêlhos candelabros de cobre, acesos sôbre a alva toalha imaculada, e em volta de cogulo fumegando as iguarias. Na cal fendilhada da parede resplandecia, esta noite carinhosamente festoada de flores, uma grande oleografia, em retábulo doirado, duma das celebradas *Virgens* de Murillo, fresca, menineira, a alma tôda nos olhos, e em volta pelas nuvens sua graciosa farândola de amorinhos côr de rosa. O ar estava tépido, embalsamado. E no rectângulo negro das vidraças a opaca radiação da noite, basto rasgada pelos farrapos da neve que caía, realizava visualizações fantásticas, luarentos contrastes de diorama.

Toca de arrimar na cozinha, ao canto da chaminé, os guarda-chuvas pingando, largam-se as capas, des-

calçam-se as galochas, ruidosamente sacodem-se os vestidos; emquanto de rodilhão invade a sala a tropeada cantante das crianças; e erguendo-se de salto do escabelo, a esfregar os olhos, a vélha serva Leonor, perdida de sono, resmoneia num alívio:

— Ora louvado seja Deus !

E já à mesa o bom do Simeão se dirigia, direito à granda poltrona de coiro. Toma-lhe a direita sua mulher, — irrepreensível companheira de cincoenta anos, — uma pequenina e interessante nonagenária, de vagos olhos espirituais e longas mãos de cera; e à esquerda senta-se-lhe a sua bôa e paciente Eugénia, a filha mais nova, de preto, fisionomia macerada e longa, repassada tôda desta austera diafaneidade tranqùila que é feita de castidade e abstenção, de isolamento e saùdade. Seguia a variegada profusão de tôda a mais parentela, — os filhos que vieram de longe, empregados no comércio, na magistratura, no govêrno civil em Viseu; um cunhado, capitão do 14; as respectivas espôsas, tias, sobrinhas, primas, — ao todo trinta e tantos comensais, afóra a galhofeira e turbulenta assistência das crianças, que redonditas e chilreantes se aninhavam sôbre almofadas postas nas cadeiras, avançando o queixo, cotovelos na toalha, e abrindo para as travessas com os doces uns grandes olhos ávidos.

Nos primeiros minutos, um guloso silêncio se intervalou, cortado apenas do discreto tinir de loiças e metais. Só o vélho patriarca de carinho insinuou à filha:

— Eugénia, então ! vá de pezares hoje...

E ela, com infinita tristeza:

— ¿ Eu não lhe dizia, pai ?...

E esmorecida arredava de diante de si o prato, para melhor apoiar na mesa o cotovelo, de antebraço ao alto, e de pêso o rosto afogando no lenço, a breve trecho empapado de lágrimas.

Casada ia para sete anos.

Casada com o José Ventura, um honrado e perfeito rapaz, vizinho seu na cidade, cuja garbosa imagem logo os seus olhos infantes se haviam acostumado a ver inseparável dos brinquedos. Depois, na adolescência, a mesma comunicativa e franca liberdade afeiçoara-lhes os corações, irmanando-lhes os destinos. Falado o casamento, — o rapaz era sério, honesto, trabalhador, tinha bens bastantes, — os pais da Eugénia consentiram. Em bôa hora, mercê de Deus! Ao cabo de três anos de inalterável bonança conjugal, três inocentes eram o vivo penhor do seu afecto.

Mas as coisas da vida iam mal... Pegara brava a moléstia nas oliveiras e nos castanheiros, o *mildiu* acabava de lhe devastar a vinha, já os estrangeiros lhe não visitavam a adega, o *pulgão* comia-lhe as cearas. A continuarem as coisas por aquele pendor, era uma fatalidade! — Tinha ali assim três anjinhos... e o mais que viria... tinha obrigação de lhes deixar que comer!

Depois de muita hesitação, muita tormentosa luta interior, muita lágrima represada, — não havia remédio... dolorosamente concertou com a mulher e partiu para Lourenço Marques. E ela, a pobre, ficou-se em casa dos pais, paralelamente morta para o exterior, para a luz, para a alegria, arrastando, como um burel, a sua resignada saüdade, paresiada na mansidão duma irremediável tristeza.

Com uma resignação de freira, alheia por completo ao mundo, vivendo na perpétua lembrança do marido, na exclusiva preocupação dos filhos, passou anos Eugénia sem sair de casa, levando uma vida tôda crepuscular, na inteira abdicação do seu querer, colada ao dever como a lapa ao rochedo, alumiada e forte sempre a alma do alimento ázimo do Passado, o seu fino rosto austero idealizado por uma transcendente, uma

inabalável expressão de confiança e de doçura... Sem um queixume, sem uma revolta, sem uma indignada apóstrofe ao Destino, ela sofria mas esperava, esperava sempre... forte dessa poética submissão, dessa fidelidade sem têrmo, essa irredutível e santa conformidade de que a nossa província ainda conserva o segrêdo. Embalde vinham as amigas desafiá-la: «que estava dando cabo de si... não tinha geito nenhum... que faria se fôsse viúva!» Esquivava-se invariável às mais inocentes diversões. Ouvia, ouvia tudo, num desdenhoso silêncio, e ao cabo abanava negativamente a cabeça, cerrando as pálpebras.

Escrevia amiúde o marido. Sempre cartas consoladoras, ainda era o que valia! Passados os dois primeiros anos, estava fazendo rápidamente fortuna. Tivera uma hospedaria; agora era já senhor de prédios, tomava empreitadas de construções, era grande acionista duma companhia mineira.

O Simeão esfregava as mãos, contente, e exclamava, descendo aos netos os olhos húmidos:

— Abençoada resolução!

Eugénia, porêm, nas suas cartas, extensos e adoráveis breviários de coisas de família, — a saúde dos pais, a saùdade que a ralava, os progressos, as graças, as doenças dos filhinhos, — passava sempre de alto, num leve roçagar de desdêm, pela questão de interesses, e invariávelmente terminava com esta frase:

— ¿ Quando te tornarei eu a ver?...

Ùltimamente anunciara êle uma próxima vinda à metrópole, — para matar saùdades, para revigorar a saúde. Dizia o paquete em que vinha, designava o dia da partida. Foi èntão na modesta casa do rocio de Pinhel uma alegria doida... Não se falava noutra coisa; aos quatro ventos da cidade se confiou a consoladora notícia. Dia por dia com alvorôço se contava o tempo de viagem do vapor. Liam-se com avidez no *Século*

os telegramas marítimos, a ver quando davam conta das sucessivas estações da sua rota. Sem entender nada de geografia, arranjou no entanto Eugénia um mapa, e aí, de olhos húmidos, como de instinto ia seguindo o progressivo e moroso avançar do ídolo da sua alma. Fez roupitas novas aos pequenos, para aparecerem ao pai. Dava repetidas acções de graças ao céu; o seu entusiasmo, a sua fé, o seu amor não conheciam limites.

Pela mais feliz das coincidências, acontecia que o seu José devia ter desembarcado na véspera em Lisboa, e chegaria a casa portanto exactamente naquela mesma noite de Natal! Eugénia queria de fôrça ir, com os filhos, esperá-lo abaixo, à estação, a Vila Franca das Naves. Entretanto, frustrou-lhe a resolução a inclemência do tempo. A família opôs-se. — Sempre eram 18 quilómetros de mau caminho, desabrigado, ínvio... E a chuva, o vento, a neve... Uma imprudência! Seria o mesmo José o primeiro a censurar... — Resignou-se portanto a ficar. Mandaram-lhe à estação a melhor alimária de cavalaria que havia na terra, a mula do snr. abade, cedida com a mais pronta decisão; e para o espírito inquieto, para a alma ansiosa de Eugénia se foram então fechando intermináveImente as horas. Repercutia-lhe doloroso o bater da pêndula no pulsar do coração, e o seu adorado marido não vinha!

Por fim, perdera já por completo a esperança. E agora à mesa, ante a ingénua e comunicativa alegria do momento, a dolorida tristeza da sua alma cerrava-se cada vez mais intensa e mais profunda.

Entretanto, continuava meigamente o pai a querer animá-la:

— É que o vapor não entraria a barra ontem, filha... ¿ Isso que admira, com o mau tempo que faz?...

— Sei lá o que foi !

— É isto. Não podia ser outra coisa... Se tivesse entrado, bem vês... o combóio passa em Vila Franca às 8... depois, p'ra cima, a mula do snr. abade desunha bem... são três horas da estação aqui.

— Ora ! nem que viesse a pé... — corroborou o capitão, — já estava farto de cá estar !

— Tudo isso é assim, tudo muito belo... — redarguiu, apreensiva, Eugénia, — mas é que eu não faço senão pensar... — E de repente, depois duma hesitação, com ar aflito: — Ai, Deus do céu ! receio muito que lhe tenha sucedido alguma coisa...

— ¿ Então porquê ?... — interrogou mansamente, com uma bondosa doçura incrédula, do outro lado do Simeão, a espiritual vèlhinha.

— Ora, a mãesinha bem sabe... as mulas diz que são amaldiçoadas. Antes queria que lhe tivessem mandado outro animal ! ¿ Porque não pediram ao médico ?

— Está sempre a precisar... — aclarou o pai. — Isso são histórias !

— Não são tal ! — insistiu Eugénia com vigor. — No Presépio a vaca chegava palhinhas ao Menino, para o agasalhar, e vai a mula comia-as. Por isso a Senhora a amaldiçoou.

— É verdade ! é verdade ! assim diz a mestra... — aqui acudiu com interesse o filho mais vélho, o Josésito, abrindo em claras convicções os olhos.

— Pois sim, filha... — insistia com amor o vélho, a derivar, — mas come...

— Não tenho vontade...

— Estes bôlòs de bacalhau... estão óptimos !

— A mim amargavam-me com'o piorno !

E o bom do pai, largando a travessa, desistia.

— Valha-te Deus ! — E, sempre no empenho de espertar a animação, arredando daquela festa as som-

bras, agora interrogava o neto: — ¿ Então que histórias foram essas que te ensinou a mestra ?

— Sim, senhor ! — acudiu pronta a criança, com o mesmo tom de convicção escampe. — Sei essa história tôda da fugida p'r'o Egipto. Ainda há mais coisas... Ao atravessar a burrinha um tremoçal, quási sêco, as ervas faziam muito barulho, dando sinal aos perseguidores... e vai a Senhora amaldiçoou-as tambêm.

— Meu anjinho ! — exclamou com ternura a avó, desvanecida.

— E tambêm está amaldiçoada a perdiz, — continuou muito sério o rapaz. — Só a pena...

— Conta lá .. — disse-lhe a mãe, momentâneamente distraída.

— Foi assim... Quando Nossa Senhora fugia, um bando de perdizes, levantando-se-lhe na frente, assustadas, espantou-lhe a burrinha e deu sinal ao inimigo. Vai a Senhora exclamou: «Malditas sejais !» S. José perguntou: «¿ Por inteiro, carne e tudo ?» E a Virgem respondeu: «Não, coitadas ! a carne, não... Só as penas.»

Aplaudiram todos, encantados, o pequenino narrador, cujos lábios de cereja a mãe comia de beijos.

Súbito, — que estranho estrupido é êste ? ! — no pleno sossêgo daquela hora alta, áspero e vibrante ressoou no pátio um significativo tropear de ferraduras. Logo um trinado silvo familiar, e num segundo, quando, à instantânea impulsão do espanto, mal haviam tido ainda os convivas tempo de se erguer da mesa, já o José Ventura invadia de rompão a sala e estrangulava a mulher de comoção nos braços, balbuciando entre soluços de escachoante amor:

— A *Genêta !* a minha querida *Genêta !*

Emquanto, pequeninos e dobrados, todos em lágrimas, dêle se abeiravam os pais, trémulos na ansiosa

suplicação duma carícia; e aturdida, boquiaberta, a vélha Leonor exclamava, limpando os olhos à serguilha do avental:

— Parece mentira!

— Mentira me parece a mim mas é eu estar de volta outra vez! — bradava na veemência da sua ardente emoção o rapaz. — Aqui assim na nossa casa... junto da minha mulher, dos meus filhos, dos meus vélhos, dos amigos!...

E ia e vinha, a um e outro lado, irrequieto, gárrulo, feliz... dava abraços, palmadas, beijos, entregava-se, dispersava-se... num tresbordar suave de efusão prodigalizava o melhor e o mais íntimo do seu ser, irreprimívelmente expandia a sua sentimentalidade reprêsa de tantos anos.

— ¿ Mas que horas são estas de aparecer?...

— Com efeito!

— Já ninguêm fazia conta de ti!

— Que ralações aqui iam!...

— Faço idéa... bem me lembrou! — disse o José Ventura, olhando com amor a mulher. — ¿ Mas que querem?... O combóio vinha atrasado, os caminhos estão péssimos!

— Louvado seja Deus Nosso Senhor! — murmurou de mãos postas a santa vèlhinha, considerando o filho.

— Como tudo isto me parece bem! — exclamou num ímpeto o recêm-chegado, sentando-se, com todos os mais, à mesa. — Que bela compensação a tôdas as minhas penas e trabalhos! Que saúde ao corpo, que refrigério à alma!

— Comes? — perguntou-lhe o pai.

— Ai, não! Trago uma fome de pedras... Vou já começar aqui por êstes ovos verdes.

— Agora tambêm eu como! — rompeu, sentando-se junto dêle, a mulher.

E reatando conversa, patriarcalmente, como se de

princípio também ali estivesse, como se nada de anormal, desde o comêço da ceia, se houvera ali passado, disse ainda, todo natural, o José:

— ¿ Mas que conversa era essa então com que estavam, de maldições ?... Eu ainda ouvi...

— Falava-se de quando foi da fuga de Nossa Senhora, com S. José e o Menino. Diz que ela amaldiçoara então a mulinha do Presépio, os tremoços, as perdizes...

— ¿ E então dos noitibós e das cotovias, não sabem ?... — disse o José, sorrindo.

— O quê ! ?

— Ainda me lembro !

— Sabes mais do que nós...

— Pois então ! Contava-me aquela nossa criadita vélha, a Emília... Ora espera, ¿ como era ?... Ah !... Quando Nossa Senhora ia a caminho, os besbelhoteiros dos noitibós iam na frente, a gritar: «Ela aqui vai ! ela aqui vai !» E atrás as cotovias, apagando as pègadas da burra com as patitas, diziam: «Mentira ! mentira !» Por isso Nossa Senhora abençoou estas e amaldiçoou aqueles.

— ¿ É verdade, mamã ? — perguntou com interesse o Josésito.

— O papá nunca mente.

E a cada instante o papá, radiante, cheio de si, na amorosa incidência da atenção de todos, e com os filhos pendurados em cacho dos ombros, do colo, do pescoço, demandava a mulher com os olhos rasos de água, numa expressão fundente de ternura:

— A minha *Genéta !*

Maio 1891.

O SOLAR DE LONGROIVA

I

Sentados um frente ao outro, junto ao enorme fogão de pedra, o vélho marquês e sua filha escutavam num silencioso respeito o fragor medonho da tempestade. Era em agosto, a 24. Dia fatidico e temido, que o diabo escolhe de preferência para as suas tropelias. Tinham soado demoradamente dez horas no antigo relógio da sala, cuja alta e vacilante caixa de nogueira dissimulava a um canto o seu descalabro de séculos.

Lá fora a cerração era profunda. Esquadrões compactos de intermináveis nuvens de chumbo galopavam doidamente por um céu de tinta. Como se empenhadas numa luta épica contra o Desconhecido, carregavam, cresciam, inflamavam, alastravam, erguiam-se num *crescendo* sem fim. Se acontecia entrechocarem-se, então dos flancos negros um dardo fulgurante partia, ziguezagueando num segundo o seu clarão sinistro pelo

espaço. E abalava a amplidão um longo ribombar, ululante e quebrado, de fortíssima trovoada.

Todo o dia levara a formar-se esta formidável tempestade equinoxial. Começara sôbre a tarde; e agora, durante a noite, ia poderosamente desdobrando o seu estralido retumbante.

No vasto salão de jantar, quadrado e frio, pai e filha escutavam silenciosos: êle firmando-se com as mãos nos braços da sua cadeira de espaldar e endireitando o tronco, a cada ronco do trovão, nervosamente sacudido do seu triste alheamento habitual; ela trémula, aterrada, com todo o sangue no coração, ajoelhando amiúde e sibilando febrilmente os versículos do *Magnificat.* — Esta sala de jantar ocupava um dos extremos da ala meridional do palácio. Três amplas sacadas rasgavam-se-lhe na parede que olhava ao nascente: a parede terminal da ala. Na parede oposta, dando para o interior, abria-se uma larga porta de espessas ombreiras de granito; e por ela enfiavam-se, numa interminável perspectiva rectilínea, senhorial e augusta, as portas da longa seqüência de salões que, a perder-se por êles a vista, se iam alinhando a todo o comprimento daquela porção do edifício, — salões todos com a mesma feição majestosa e sombria, o mesmo ar parado, o mesmo quietismo de dogma, a mesma solenidade de múmias, a mesma escuridão de necrópoles, os mesmos tetos negros de castanho, artezoados e profundos, rematando num octógono almofadado donde ressaltava o brazão fidalgo da família.

Produzia uma dolorosa sensação de abandôno, evocava e fazia reviver a História, impregnava-se da atmosfera hirta do passado, aquela imensa planura de soalho negro, a subir, a subir e a apagar-se na distância... cavalgado de onde a onde pela linha dos portais de granito, também cada vez mais pequeninos e vagos, sucessivamente... e do alto, para a linha do sobrado a descer

e a fugir também, uma imensa linha análoga de lampiões de cobre esfumeados. Só dois se acendiam cada noite, os dos dois salões extremos: a galeria dos retratos e a sala de jantar. E assim a infinita linha dos portais, vista de um dos extremos, alongava-se então interminavelmente na cerração da noite, que só mui ténue rasgava lá no outro extremo, como uma estrêla de quinta grandeza, a luz escassa e bruxuleante do outro lampião.

Naquela memorável noite de agosto parecia crescerem a cada instante na sala a escuridão e o desconfôrto. A chuva fustigava incessante as vidraças com ruído; entrava a cacimba pelas fisgas mal vedadas; e o vento rijo que soprava do sul, com uma ou outra rajada do quadrante oposto, davam-se batalha ali mesmo dentro da vasta quadra, produzindo no lampadário de cobre de vidros fuliginosos grandes intermitências de luz.

— Que valente refrega vai pelos astros, cáspite! Era assim que devíamos ter repelido desde a primeira hora essa peste dos jacobinos.

— E se nos cai alguma faísca, meu pai?! Estamos aqui num alto... Ai, Nossa Senhora!

— Mil raios deviam ter arrasado há muito Portugal!

— Meu pai, então!... Olhe se Deus nos castiga!

O vélho teve um sorriso incrédulo, emquanto a filha continuava nas suas orações.

Neste comenos, incendiou o espaço um relâmpago estonteador — rútilo té à cegueira, — e logo após êle troou um estampido eléctrico medonho, tam estrondosamente cheio, tam metálicamente sonoro e tam cavamente retumbante como se o resultado fôra do desmoronamento universal. O marquês ergueu-se súbito instintivamente; emquanto Beatriz, a loira e franzina criança, redobrava na prece, ajoelhada, e ao pai lançava um mudo olhar apavorado, receosa expressão do castigo pela suposta blasfêmia... Então abriu-se uma porta pequena que dava para a copa e a cozinha, no andar

térreo, e por ela desfilaram trémulos e côr de cêra os serviçais da casa: a pequenina governante octogenária, de grande rosário na mão; a criada de quarto da menina, de chambrinho de flores e avental branco; o escudeiro, muito grave, todo de preto; o cozinheiro, o palafreneiro, o hortelão.

O nobre marquês acolheu-os muito paternal:

— Venham, meus filhos, venham... e coragem ! Isto é um fenómeno natural... Tenham confiança no Senhor.

Ajoelharam todos em volta de Beatriz, emquanto D. Nuno, o vélho marquês, passeava nervoso ao longo do salão.

Agora o vento, que entrava estrangulado pelas fendas das sacadas fronteiras, — duas em cada duas das paredes laterais da sala, — tinha apagado o lampião. Uma simples vela de cera tremeluzia sôbre a longa e sólida mesa de comer, de pés torcidos, posta a meio da sala, com sua toalha de linho estendida, pendendo muito aos lados, como uma mortalha. Aos ângulos remotos da casa acumulavam-se as sombras... o teto, agora por iluminar, parecia cheio também por nuvens de tempestade... as vélhas poltronas alinhadas junto às paredes diríeis que dançavam como espectros... parecia deslocarem-se em endemoninhada dança as grandes figuras desbotadas dos panos da parede... e as pontas da toalha de linho, sacudidas pelo vento, realizavam macabras flutuações de trajes de fantasmas.

Beatriz, mais que assustada, parecia agora inquieta. Levantava-se não raro e dirigia-se a alguma das três sacadas do nascente, procurando ver para o exterior. Tentava perfurar a noite com o seu olhar ansioso... mas a torrente de água que açoitava os vidros nada de distinto lhe deixava entrever. Então vinha um relâmpago, que lhe fazia levar a mão aos olhos com um pequeno grito, e Beatriz voltava desconfortada ao seu logar.

Duma das vezes, o pai perguntou-lhe — ¿ que tinha ?... Se era na esperança de ver amainar a tempestade, que se deixasse disso. Tinham até madrugada. Eram cruelmente insistentes as trovoadas de agosto, por ali. — Não obstante, a filha voltou ainda à sacada, uma e outra vez. As pálpebras tremiam-lhe, e os seus grandes olhos verdoengos perdiam-se na ânsia velada de qualquer agonia íntima, que lhe subia da alma.

Súbito, por entre o rugir de mais um trovão, ouviu-se distintamente a sineta do portão a tocar com desespêro. — ¿ Quem seria ?... — foi a interrogação muda que, ao encararem-se surpreendidos, se leu nos olhos de todos. — ¿ Quem poderia ser ?... — repetiu alto o vélho, correndo por seu turno à sacada. E logo, retirando:

— A noite é um prego... não vejo nada ! Abílio, vai ver.

O hortelão ergueu-se da sua posição humilde e lésto desceu a escada da cozinha.

Produzira-se em todos um pequeno movimento de curiosidade. Um cheiro intenso a ozone sufocava. Beatriz, ajoelhada, mas de busto erecto, sem respirar, pregava agora na porta da cozinha os seus grandes olhos verdoengos.

Voltou daí a pouco o Abílio, todo molhado.—Que era um cavalheiro em jornada, surpreendido pelo temporal, que vinha pedir poisada por aquela noite. — Beatriz, radiante, os olhos scentelhando como esmeraldas, curvou-se tôda no escuro para ocultar a comoção. D. Nuno, magnânimo e hospitaleiro, apressou-se em ordenar:

— Que entre ! Chega a horas de ceia; tanto melhor p'ra êle e p'ra nós ! Que entre ! José, vai-lhe recolher e pensar o cavalo. Adão, anda ! mais um talher na mesa... em frente ao de minha filha. Miguel, vá ! a última demão à ceia. D. Joaquina, uma cama para o nosso hóspede. Vamos, meus filhos, é por Deus !

Os serviçais voaram, enquanto Beatriz continuava a dissimular.

Passados instantes, entrou um rapaz bem parecido e fresco, fino e bem posto, a pele rosada e leitosa, uma ligeira penugem doirada enquadrando-lhe virginalmente as feições. O seu primeiro olhar, — um relâmpago de audácia e de ventura, — foi para Beatriz. Depois, êle a desfazer-se para com o vélho fidalgo em gratulações hipócritas... Era um esbelto rapaz! Em pé a meio da sala, com as roupas a escorrer coladas ao corpo e dois finos regatos derivando-lhe das calças pelo soalho, tinha mesmo nesta situação lastimosa e ridícula, um não sei quê de elegância e donaire, um condão ingénito e emergente de simpatia. Acusava na pronúncia um certo ar estrangeirado, mórmente no ferir dos *rr* e das sílabas nasais.

Agradou-se dêle D. Nuno.

Mandou que lhe fornecessem roupas para se mudar. Depois, à ceia, conversaram muito, com grandes correntes de efusivo agrado. Os grandes olhos verdoengos de Beatriz faíscavam... invadia-a uma tremura pela espinha... tinha as extremidades frias... e ennovelava-se tôda, como com mêdo, sob aquele olhar impudente do fresco e rosado moço que tinha diante de si. De quando em quando, ela olhava tambêm o pai, via-o solene e feliz à cabeceira da mesa... e então tôda a sua face se contraía num esgar fugidio, numa como súplica de perdão.

Depois de servido o último guisado, ao chá D. Nuno acabou de reparar que indubitávelmente o seu hóspede tinha um modo nasalado e feio de emitir os nomes em *ão*. Correu-lhe o semblante uma nuvem sombria. Perguntou brusco:

— Mas, por mal perguntar... ¿ que nacionalidade tem o senhor ?...

E o hóspede, embaraçado:

— Eu, senhor marquês... sou natural de Toulon.

O vélho amareleceu de cólera.

— Meu Deus ! um jacobino !... Um jacobino em minha casa !

E de salto ergueu-se, rubro de indignação.

Fizera-se em tôrno um silêncio aterrado... A termos de se ouvir o bater perdido da pêndula, alternando com o tic dos pingos de água que uma fenda do teto deixava cair no sobrado, pesadamente.

Beatriz parara de viver. Adão, o escudeiro, muito grave, atrás do vélho marquês com um prato contra o peito, aguardava...

D. Nuno ergueu devagar a sua longa mão de aristocrata, horizontal, direita à porta, e ainda começou:

— Queira...

Mas logo, deixando cair o braço, enternecidamente:

— É meu hóspede... Perdão !

II

O vastíssimo solar de Longroiva poisava na eminência dêste nome, no coração agreste da Beira, inteiramente desafrontado e dominante em tôdas as direcções. Tinha uma verdadeira situação de vélha estância feudal, assim alcandorado e livre. No tôpo de aspérrimos taludes de granito, era o rei daquele país quási deserto; e a sua imensa mole de pedra, — um pequeno corpo central flanqueado por duas longas alas, paralelas, — lembrava alguma intratável águia gigante, rudemente poisada no seu poleiro natural.

Pertencia a uma família nobre entre as mais nobres do reino, cujas origens iam perder-se em nebulosidades genealógicas coetâneas dos primeiros vagidos da nacionalidade em formação. O seu primeiro ascendente

averiguado e certo havia sido condestável; e desde êle até D. Nuno, uma raça impoluta e varonil borbulhara sempre, opulenta de grandes feitos heróicos, importantes cargos públicos, altas virtudes cívicas, manifestações brônzeas de carácter, sublimidades, isenções, martírios. Verdadeira raça estreme, sem mácula e sem receio.

Enrijecera em guerreiros chefes de hoste, dobrara-se em conselheiros liais ao rei, inteiriçara-se em estritos mantenedores da justiça, mirrara-se em prosélitos loucos do ascetismo, alara em navegadores ousados, desdobrara-se em colonizadores, florejara em cardeais, inflamara-se em patriotas. E nunca a menor acção desprimorosa, nem a mais pequena mancha, nem o mínimo desvio lhe desluzira a existência, longamente arrastada durante sete séculos pelas contínuas vicissitudes da vida do seu país. Era um diamante encastoado em ferro a biografia dos de Longroiva. D. Nuno mantinha-lhe briosamente o culto e as tradições.

Ao tempo do começo dêste conto, — 1811, — não era já da primitiva a fábrica arquitectónica do solar. O primeiro, — irregular e maciça construção do século XII, coroada de fortes ameias, cercada de barbacãs, entumecida de cachorros, sustida por grossos pilares refeitos, aberta em janelas seteiradas, — ameaçava ruína iminente ao tempo de D. João IV, já carcomida e senil. Foi então reconstruida em maior tômo pelo representante da casa, um dos imortais quarenta conspiradores, a quem outorgara o título de marquês o tíbio rei reconhecido. Teve pois o palácio essa feição pesada e soturna, característica das grandes construções naquela época, de estiolamento artístico absoluto entre nós. A quem o observasse pela frente, apresentava a forma de um U invertido. Ao fundo um pequeno corpo central, tendo encostada a majestosa e ampla escadaria, tôda de pedra, de duplo lanço e corrimão de balaústres,

com estatuetas bárbaras de guerreiros; depois, partindo-lhe dos flancos perpendicularmente e avançando para o observador, vinham duas compridas alas paralelas terminar junto à estrada e constituíam as duas pernas do U. O imenso pátio interior era lageado, nu, e as passadas dos transeúntes arrancavam dêle sonoridades de cisterna.

Contava o palácio dois pavimentos: o térreo, todo rasgado em frestas gradeadas por grossos varões de ferro, apenas com duas portas laterais, fronteiras e a meio do pátio, uma em cada ala; e o pavimento ou andar nobre, com muito pé direito, assente sôbre um largo e bem saliente cordão de cantaria, regularmente aberto a tôda a volta em largas sacadas, de cornijas salientes, e superado por uma balaustrada espêssa de granito, com pirâmides nos ângulos, no mesmo estilo do corrimão da escadaria. Uma grade de ferro, com portão ao certro, vedava duma ala a outra, tôpo a tôpo, o longo pátio interior. Via-se uma grande sineta chumbada a um dos pilares do portão. Nas traseiras, com porta para o corpo central, a capela.

Olhava ao nascente esta grossa mole, insignificativa e augusta. E em vão a cada manhã o sol pretendia alegrá-la com as suas primeiras carícias doiradas... Aquela arquitectura simétrica e massante, poderosamente definida por grossas linhas negras de granito, cavada nos largos rectângulos negros das portadas por pintar, comida a cal de abcessos musgosos, as cantarias fendidas pelo calor, as telhas rôtas pelos temporais, mantinha inalterável a sua rugosa austeridade. Apenas as altas vegetações do parque cingiam uma parte do ano com as suas galas aquele ninho arisco da honra a todo o preço.

Nascera ali D. Nuno em 1744 e ali fôra criado. O primogénito de cinco irmãos. O seu limpidíssimo caracter, da mais pura água e da mais rija têmpera, adelgaçara-lho ainda o marquês seu pai, se era possível, na lição freqùente do exemplo bebido na biografia dos avoengos.

Porque é de saber que tôdas as noites, antes da ceia, êle conduzia o menino Nuno pela mão à galeria veneranda dos retratos, e uma a uma aí lhe desfiava as façanhas dos heróis. Cada noite uma biografia: — davam bem para tanto os feitos de todos êles, de interminável enumeração. Em a noite seguinte, o pequeno repetia ufano a lição da véspera; depois passavam a outro retrato. E ali poisavam, horas e horas, ante cada um dos vélhos paineis lascados, sob a luz esfumeada da lâmpada de bronze. o pai ensinando, o filho assimilando... E da noite venerável das suas telas aqueles bravos heróis do passado como que sorriam então, confiados, agradecidos.

Pendiam dos altos muros: um batedor invencível da moirisma, todo de ferro, ao peito sua grande cruz vermelha; um cruzado entusiasta e visionário, a cavalo, conduzindo pelo ar a hoste que armara à sua custa; um rígido doutor togado, cingido pela estreita garnacha, cuja negrura já nos estragos do quadro se confundia com a negrura do fundo indecifrável; a espôsa, tôda marfim e rosa, dum dos monarcas de Leão; um fidalgo de longos sapatos ponteagudos, audaz e impudente ante a realeza, que êle afronta de mão no punho da espada, enterrado na cabeça o gorro esguio; um vélho navegador sincero, companheiro de Magalhães, de mangas e calção golpeado, apontando radioso para uns terrenos vagos, lá muito ao longe, no infinito azul; um volumoso cardeal macio, todo púrpura e isenção; um freire prègador, de longa face cordoveada e lívida; uma

das vítimas da trágica nevrose de Alcácer-Kibir; a madre-regente dum convento de carmelitas, condecorada; um restaurador, um conselheiro, um reformador, um ministro... e trinta outros vultos, todos justamente grandes, todos igualmente imortais. Mas o primeiro entre todos, o mais poderosamente dominador, o mais venerado, o mais santo, era o grande condestável do qual não havia retrato, mas cuja armadura se erguia inteira no tôpo da colecção, à direita da porta da galeria, — de viseira calada, escudo sobraçado, a imensa lança a prumo, e êle em forquilha sôbre a armadura do cavalo, como surpreendido na sua rútila marcha para a Glória. E pendia-lhe ao lado a espada, esguia e direita, os copos em cruz.

Acêrca desta espada pesava mesmo sôbre os de Longroiva um encargo singular! — Estatuira por testamento o condestável que a sua lâmina fôsse conservada sempre límpida e luzente, através das gerações, como o símbolo da limpidez, que êle queria também sempre inalterável e incorruptível, do viver da sua raça. Tinham cumprido religiosamente os descendentes a vontade do finado. Tôdas as semanas limpa e untada com escrúpulo minucioso, a fôlha da lendária espada mergulhara sem uma mancha durante sete séculos de seguida, na sua longa baínha oxidada. Era limpa pelo escudeiro, que vinha recebê-la reverente à porta da galeria, das mãos do morgado, ou seu representante, do solar. Com o andar dos tempos tinha-se convertido num culto supersticioso a limpeza da lâmina do condestável. Esqueceria tudo, menos êste cuidado na conservação do seu estado de pureza. E aquela comprida fôlha de dois gumes, extraordinàriamente adelgaçada pela amorosa fricção de séculos, era o deus protector da casa, o seu oráculo temido, o seu númen tutelar. Era assim que, quando algum dos austeros fidalgos titubeava, aos rebates da consciência nímiamen-

le escrupulosa, no empreendimento de qualquer acto da sua vida, aí presto corria a examinar qualquer átomo de ferrugem significando uma desaprovação.

Afizera-se às lições o pequeno D. Nuno; perdera o mêdo, — gostava; a sua pequenina alma cristalina vibrava de comoção; e de todos êstes soberbos heróis de lona, apagados na resolução secular das tintas, mas redivivos na amorosa veneração da família e na história do país, transbordava um manancial de virilidade e de fé, reçumava uma caudal de virtudes, evolava-se um predomínio de raça dominante, que o penetravam profundamente por uma espécie de transfusão moral. E ao cabo revendo sempre, límpida como um veio da água do parque, luzente como um espelho, rútila como o sol, a fôlha da espada do condestável.

Também a sua vida foi a continuação lógica da vida dos avós; levaram-no a isso a ideossincrásia hereditária, o *meio*, a educação. Governara a India por espaço de sete anos, rudemente empenhado em prol do nosso prestígio colonial. Ensaiou mil remédios, qual dêles mais radical e mais completo, com que de pronto sustar a decomposição cancerosa do nosso empório do oriente. Tudo em vão. Ao cabo dêsses sete anos, tropeçando na inércia governativa, mordido pela inveja, acossado pela intriga, odiado dos indígenas, impotente contra o crime, veio de rota para a capital, acabrunhado e taciturno, trazendo na alma uma grande sombra irredutível. Em Lisboa, o viver dissoluto e imprevidente da côrte acabou de entenebrecê-lo. Quiseram dar-lhe um cargo junto à raínha. Recusou enojado e refugiou-se em Longroiva, com mêdo das recâmaras de Queluz, êle que não receara os florestais da India.

Tinha 47 anos. A vida apertava-se-lhe num sombrio circuito, entre aquelas grossas paredes nuas do palácio, em meio daquela monotonia arrastada da solidão. Oprimia-o com todo o pêso dum largo montante godo aquele

isolamento absoluto, apenas povoado por imaginações dançantes dos agravos que pela vida fora tinha colhido. A armadura do condestável sentia-a tôda em cima de si. E o seu único prazer era o de velar pela pureza da lâmina sagrada, orgulhoso de ao menos achar nela, cada semana, a imaculada confirmação do seu viver.

Os seus quatro irmãos tinham morrido todos. Pensou então em casar, menos por inclinação própria, do que pelo desejo de legar descendentes. Era mister perpetuar através dos évos, indefinidamente, a tradição imaculada da família. Por isso, receoso da escolha, procurou com esmero, destrinçando genealogias, desbastando avoengos; e decidiu-se afinal por uma fidalga tambêm de raça, com solar ali perto, junto a Marialva, a qual, de sangue azul sem jaça, — parecia, — não viria deslustrar a progénie castiça dos de Longroiva. Foi porêm curta a D. Nuno a vida conjugal; quási não passou da lua de mel. Ao cabo dum ano delicioso finava-se-lhe a consorte, deixando-lhe nos braços, infante de meses, Beatriz.

O pobre marquês teve de reevocar então tôda a hereditária coragem do seu sangue para resistir ao golpe; porque êle amava perdidamente a marquesita, escolhida a princípio naquela preocupação egoista de perpetuação da raça... adorada depois como um sublimado tesouro, que era, de ternura e virtudes conjugais. O amor pela mãe concentrou-o pois todo na filha. Desde então, nunca mais desfranziu o rosto inteiramente; de contínuo jazia mergulhado num triste e sombrio alheamento, que se lhe tornou habitual. E assim foi passando os dias serenamente, a distribuir-se em carícias por Beatriz, e no culto pela fina lâmina sagrada.

A primeira invasão francesa revoltou-o no mais fundo das entranhas. Aquela expoliação brutal exasperou-o... fazia-o agitar-se enfurecido e doido pelos sa-

lões de Longroiva, gesticulando e bramindo como um grande leão enjaulado.

Ele detestava triplamente os franceses: ao ódio contra os conquistadores juntava-se nêle a fúria contra os revolucionários, a sanha contra os ateus. Era uma questão de patriotismo, complicada com um litígio de interesses e uma obsessão religiosa. Queria ir combatê-los. Retinha-o o amor da filha, — essa metade adorável de si mesmo, já então senhora, — que êle se arreceava de deixar ali só. Por fim o dever teve mais fôrça nêle que o coração. Equipou cincoenta homens à sua custa, — isto aos 65 anos, — e partiu. Andou por lá três anos, sustentando à larga os seus homens, na brecha contra os jacobinos. Vinha ao solar a intervalos, prestes logo a repartir. Bateu Soult na defesa de Amarante. Durante o cêrco notável de Almeida, êle foi sempre o primeiro nas sórtidas, que repetia quási diáriamente; e após aquela pavorosa explosão do paiol, que derrocou parte da praça, — explosão de tal fôrça que, no dizer hiperbólico do povo, os sinos da igreja vieram balhar a baixo, ao Côa, a 1 quilómetro de distância, — depois dessa catástrofe ainda hoje misteriosa, retirou-se a Longroiva, desconfortado e empenhado, com algumas cicatrizes mais e muitos mil cruzados de menos.

Ainda assim, mal tinha tido tempo de chegar e já novamente partia, insofrido, a juntar-se com a sua gente ao exército anglo-luso, então concentrado na montanha gloriosa do Bussaco. Depois da derrota ali de Massena, recolheu definitivamente ao solar.

Voltado ao nascente, para a fronteira, desafogado e livre, êste vélho palácio de Longroiva parecia um baluarte inexpugnável da lusa independência. Um verdadeiro ninho de condores. Pela frente despenhava-se-lhe

dos alicerces, quási a prumo, um ciclópico amontoamento de blocos de granito, por entre os quais se rasgava essa garganta medonha de Vale Talhado, — ninho temeroso de crimes e lendas sobrenaturais. Depois, para lá, o Côa, êsse grande fôsso natural. E numa outra eminência, lá muito ao longe, recortando-se vigorosas no horizonte, as duas tôrres quadradas do castelo de Pinhel.

Na cauda do edifício alongava-se pela extensão duma légua um vélho parque, em declive suave para o poente, a ir topetar com as vastas escoriações graníticas do termo da Mêda. Das duas alas do palácio, a meridional, a dos salões, avistava ao longe o castelo de Marialva; a do norte, espécie de extenso dormitório flanquado de quartos de dormir, defrontava com a aldeia misérrima de Longroiva, que na sua triste aglomeração de palhoças vinha humilde lamber a muralha do vélho parque solarengo.

O marquês e a filha eram cognominados na aldeia *os pais dos pobres*, e com razão. Avultadas esmolas distribuíam, ao domingo, pelos míseros de Longroiva e arredores. A ideal Beatriz deliciava-se no seu belo papel caritativo. Chamavam-lhe *a santinha*. E era com ostensiva e real jubilação na alma que ela, cada domingo, vinha acolher ao salão de entrada quantos a demandavam com a súplica dum auxílio. Assim, não pouco sofreu ela quando, depois do regresso do Bussaco, seu pai, arruinado, se viu na dura necessidade de reduzir, como tôdas as mais despesas, as esmolas do domingo.

III

Terminada que foi a ceia, o vélho marquês pegou dum grande candeeiro de latão, e, seguido do hóspede

e da filha, pausado foi a todo o comprimento atravessando a ala sul do palácio.

Da sala de jantar entraram na das visitas, cujos oito espelhos maciços, de larguíssimas molduras de madeira doirada, em talha alta, reflectiram baçamente a luz do grande candeeiro; depois, no vasto salão de baile, essa mesma luz acendeu nos pingentes cristalinos dos lustres miríades de irisações fugidías; no salão-museu, roçou a mêdo pelas arestas de coisas fenomenais e estranhas, — presépios, contadores, relíquias, amuletos, destroços de batalhas; na sala de armas, arrancou das juntas das cotas, dos tórax dos arneses, das lâminas dos floretes tenuíssimas radiações azuladas; pela muda frialdade doutras peças fluiu sem quebra no seu largo cone luminoso; e foi morrer quási por completo na galeria, sob o alto clarão fumoso da lâmpada de cobre lapidado.

O marquês seguia na frente, sereno e contente, todo de preto, (nunca mais largara o luto depois da morte da mulher), a ampla testa branca desfranzida, os raros cabelos brancos maciamente acamados em tôrno da nuca côr de rosa, o olhar vivo e doce sob as pálpebras longas, numa íntima dilatação de prazer a face, cuidadosamente barbeada. Parecia o seu venerando vulto arrancado de alguma das telas de roda pendentes, e posto ali assim de repente a caminhar... Marchavam todos em silêncio: o vélho na frente, jubiloso; um pouco atrás o seu hóspede, devorando e despindo Beatriz com os olhos; esta à ilharga dêle, ora aproximando-se irreprimívelmente do mancebo... ora avançando para o pai, revoltada de si mesma, num rebate do seu pudor de virgem, da sua honra de mulher.

Assim atrávessaram ainda o corpo central do edifício, — o vasto salão de entrada, — e voltando depois sôbre a direita, entraram na ala setentrional, ao longo da qual um corredor seguia, com quartos a um e outro

lado. Penetrando no primeiro, à esquerda, o marquês acendeu com o seu candeeiro um outro, que poisava, muito limpo, em cima dum vélho tremó doirado; depois, inclinando-se diante do hóspede:

— Faço votos para que tenha uma noite tam feliz como vai ser a minha, por ter um hóspede sob o meu teto.

E retirou com Beatriz.

O corredor interrompia-se, a mais de meio da ala, por uma sala transversal, e continuava-se depois para lá, té ao extremo do nascente, com dois quartos à direita e dois à esquerda. Eram os aposentos da família. Uma das três grandes sacadas do extremo da ala dava-lhe de dia muita luz. Os dois quartos da direita eram de D. Nuno: biblioteca o da esquina, ao nascente; quarto de cama o contíguo, interior. Davam para o pátio lageado. Os de Beatriz, — fronteiros, — eram respectivamente quarto de toucar e de dormir. Olhavam para o norte; e a donzela recebia assim as emanações balsâmicas do parque e tinha ante os olhos as palhoças negras dos seus queridos pobresinhos.

Ao entrar na sua câmara, o vélho marquês sentia-se preocupado. As linhas puríssimas do rosto tornavam a cavar-se de presagas rugas; faíscava-lhe a momentos um relâmpago na pupila; e era como se no interior do seu cérebro se ferisse uma procela como a que bramia lá fora.—Um jacobino em sua casa, ali, debaixo do mesmo teto ! À sombra daqueles telhados venerandos, tabernáculo incorrupto, desde séculos, do culto pela religião, pela pátria, pelo rei ! Era um assombro... parecia-lhe um absurdo, quási uma infâmia. E todavia era a verdade ! Ele mesmo o internara muito de sua vontade num dos quartos da casa, a poucos metros dali !—Vagamente arrepêso e sentindo-se trabalhado pela insónia, fenómeno aliás freqùente no fidalgo, durante os últimos anos, alongou-se numa ampla cadeira forrada de damasco, aos pés do leito, e, por economia, apagou o

candeeiro. Aí então, no silêncio e na sombra, a cabeça nua encostada ao espaldar do vélho assento estofado, o espírito em ânsia do fidalgo continuou a alhear-se perdidamente e a espiralar-se em fugas pelas regiões do sonho e da loucura. — ¿ Quem seria aquele forasteiro ?... Francês... Pertencera porventura a algum dos batalhões que tinham bloqueado Almeida; ter-se-iam encontrado talvez como inimigos, frente a frente... e descansavam agora amigos sob o mesmo teto, não obstante o antagonismo irredutível das suas crenças ! ¿ Quem seria ?... A sua gentileza de hospedeiro impediu-o de o interrogar sôbre a sua vida; êle porêm é que deveria ter dito quem era, e o seu destino, o que fazia, emfim... Corria-lhe essa obrigação moral ante a obsequiosidade sem reserva da hospedagem. Não o fizera; porquê ?... Era talvez um aventureiro, um impostor, acariciando qualquer intento reservado... Por Deus, que idéa ! — E os sedosos cabelos brancos do fidalgo eriçavam-se na sombra; e já o pobre vélho via tremeluzir no escuro a espada do condestável... com uma nódoa infamante.

Depois, por um capricho de fantasia sonolenta, recordava uma scena de *baixo império* que surpreendera em Queluz: um façanhudo capitão da guarda-rial abraçando e osculando uma açafata por trás dum reposteiro. Depois, vinham-lhe à memória dolorida as ingratidões da India, os tédios da viagem, a morte de sua mulher. Depois, sentia-se como debruçado sôbre a bôca dum pôço muito fundo, um negro pòço de lama, onde o vestido branco de Beatriz se afogava... E então gritava interiormente, alucinado: — Minha filha ! minha filha ! — E ia a precipitar-se no pôço, para a resgatar... Mas a profundidade do abismo era infinita... êle descia, descia sempre, com a velocidade da queda a multiplicar-se, e a face pegajosa da lama sempre distante... e o vestido branco de Beatriz cada vez menos distinto !

Súbito, desvanecia-se esta visão mortificante de pesadelo e ante êle erguia-se de novo, enigmática, a figura rosada do hóspede, cruzada por uma grande interrogação.

— ¿ Quem seria ?...

Era um simples e cobarde trânsfuga do exército de Massena. Filho de pequenos proprietários rurais em Toulon, fôra recrutado com uma leva de vizinhos para o último corpo de exército invasor que devia cair sôbre Portugal, onde tinha de tropeçar no Bussaco e retirar desbaratado pelo assombro das linhas de Tôrres-Vedras.

O rapaz era madraço e fraco, efeminado; na escola todos os condiscípulos lhe batiam, chorava à menor contrariedade e negava-se ao trabalho. A sua família entrara sem dúvida em plena degenerescência, porque o recrutado juntava à cobardia e fraqueza de compleição uma preocupação constante de sensualidade. Tendia para os prazeres da carne como para a imundície o varrasco. Desde muito pequeno provocava os garotos seus companheiros a obscenidades precoces, contrárias ao sexo e à natureza; mais tarde, metia-se com as criadas na cama; e passava horas estendido no campo, ventre ao sol, solapado nos caminhos, para espreitar de sonso as pernas às raparigas.

Só para as atracções carnais extraía coragem do seu pálido sangue empobrecido. De resto, nas acções e nas palavras muitíssimo grosseiro, por índole e por educação.

Alistado na fileira, bastas vezes fez tenção de desertar; falecia-lhe o ânimo. Em frente de Almeida, apavorado ao zinir das primeiras balas e atraído por uma moçoila frescalhona que o rentava, decidiu-se. Combinou com ela e uma madrugada fugiu... Aborreceu-a e deixou-a ao segundo mês, depois de lhe haver roubado um bom saquito de moedas, arriscando-se em seguida a uma vida aventurosa por ínvios atalhos, refu-

giado num viver de lôbo, posto neste dilema temoroso: a foice roçadoira dos indígenas ou o fuzilamento sumário na frente do seu antigo batalhão.

Foi assim que o acaso o atirou para Longroiva. Viu Beatriz à sacada, um dia, e pareceu-lhe que ela o seguia dos olhos com interêsse. Informou-se: — era uma mina o caso! Fidalga estreme, muito rica, filha única! Nada de tergiversações; atacar de frente, com audácia. Ali era êle valente... Tinha tudo a ganhar e nada a perder. — Os passeios junto ao palácio amiudaram-se então, repetiram-se quotidianamente e com um êxito completo. Esperava-o com efeito a fidalga ansiosa... impacientava-se quando êle tardava, rejubilava ao descobri-lo, demorava-se muito na janela, a segui-lo, a segui-lo sempre, com uma ternura quebrada no olhar... E foi quando cantou vitória aquela alma estercoral. Poderia estabelecer-se ali sólidamente bem. O vélho D. Nuno andava ao tempo ainda entretido em Almeida. — Que o levasse o diabo! Provavelmente ficava por lá, feito em frangalhos. E êle poderia vir a entrar na posse de tôda aquela opulência de solar! Que ditosíssima coisa! Abençoada deserção!

E do fundo da sua alma fruste repontava indecisa, ao lado do antegôsto da ventura, uma vontadinha acre de poluir, de manchar aquele brazão de armas impoluto, insculpido no largo portal do palácio. O seu ódio instintivo de plebeu, acordado de fresco na Revolução, repoltreava-se na perspectiva duma infâmia feita à nobreza. Passados tempos, já êle tinha por confidente o escudeiro da casa, aquele sério Adão, que sob a sua imperturbável gravidade ocultava um vício furioso de beber. O toulonês embebedava-o copiosamente; e um belo dia mandou por êle uma cartinha a Beatriz.

Esta gostava realmente do rapaz, e parecia-lhe que era por êle ser bem parecido e rosado, elegante, fino, quási imberbe. Ao receber a carta, — rubra de comoção,

— apressou-se em a lêr, com o coração nas fontes... o seu primeiro movimento foi de deceptiva estranheza. — Uma carta tam banal e tam grosseira, dum moço tam delicado! Parecia impossível... Uma carta em que despejadamente se entrava logo em certas liberdades melindrosas!... — A fidalga pensou:

— Isto será por conhecer ainda pouco o português...

E iludida a sua pobre alma por êste sofisma, tam grosseiro como as letras que o inspiraram, pôs-se a amar desesperadamente o desertor.

Beatriz revoltava-se por vezes contra si mesma, recriminava-se, odiava-se... A cada nova missiva chegada, o primeiro ésto do seu sangue nobre era de repulsão; mas a cabecinha reagia depressa, tresloucada, os instintos maus sobrenadavam... e êsse criminoso amor renascia, cada vez mais exclusivo, mais absoluto, mais ardente! Nas cartas sucediam-se as libertinagens, as nudezas, as abjecções, as proposições equívocas e ia-se deixando Beatriz gostosamente arder naquele fogo impuro, e assistia sem defesa à galopante depravação da própria alma.

Trágicamente medonho o florido gangrenar daquela mocidade! — A filha de D. Nuno comprazia-se na perversão, e o seu pequenino ser viciado maculava a pureza secular da casa, como uma nódoa de graxa que esparrinha para um espelho. Sentia a devorá-la os desejos mais ignóbeis; e muitas noites passava no silêncio morno da sua alcova, escandecida, semi-nua sôbre o leito, a lêr e a sentir aquelas torpes frases em brasa, que ela chegava com frenesi às túmidas florescências virginais da sua carne, numa alucinada evocação do amante.

Este não perdia tempo; continuava ateando o incêndio pela excelência simpática do combustível. Sempre grosseiro e bestial, a nobreza e donaire do seu físico provinham-lhe de avítas reminiscências dos amo-

res frutificados duma freira qualquer, muito fidalga, com um labrego de Toulon. Vinha do fruto espúrio dessa cópula sacrílega.

Entretanto, voltava D. Nuno da brilhante refrega do Bussaco, ainda com o entusiasmo no coração. Em breve recaíu porêm no seu vélho e sombrio alheamento. sem olhos para ver a desonra a crescer-lhe ao lado, inexorávelmente... Verdade que a filha punha todo o cuidado em desviar dêle as suspeitas: não escrevera nunca ao amante, por medida de prudência; e só quando sabia o pai longe é que consentia em lhe aparecer.

A educação de Beatriz incutira ao disvelado pai não pequneas apreensões e receios. Notara nela, desde a puberdade, uma lassidão, uma sonolência excessiva, uns fortes quebramentos de vontade, e tendências ingénitas à voluptuosidade e ao gôzo, que o alarmavam. Mesmo o seu nariz, longe da pura aresta do nariz grego, tradicional na casa, tinha uma quebra impudente, erguia-se e esborrachava-se na ponta por um modo inquietador.

Parecia viver mais dos sentidos que do espírito a sua filha. Já êle a tinha surpreendido, mais duma vez. silenciosa e atenta, a seguir durante horas, embevecida, as correrias amorosas dos pardais pelo arvoredo. As próprias scenas caridosas do domingo seduziam-na mais por o que tinham em si de bulício, de variedade, de imprevisto, do que pela sublimidade própria do acto que representavam. Muitas vezes, à noite, na fria galeria dos retratos, quando lhe explicava, à solene luz fumosa da lâmpada, as façanhas dos avoengos, ela ouvira-o bocejando... Até uma noite Beatriz, cocegada de tédio, ousara contrariar:

— Oh, meu pai ! seriam muito grandes todos êsses senhores, sim... mas muito aborrecidos !

Para a tocar mais de brio e de piedade, levava-a por vezes confiado à nave da capela, ao fundo do palácio, e aí lhe desfiava com alma a existência sublimada duma ascendente da casa, canonizada pela Igreja, que em cheiro de santidade morrera e jazia inteira, incorruptível no mesmo côncavo do altar. Beatriz respondia:

— Coitada !... Não gozou coisa nenhuma !

Estas e outras manifestações destoantes do carácter de Beatriz determinavam no vélho vagos receios, vivos paroxismos de dor... Mas, entretanto, ela continuava amando o pai, continuava socorrendo os seus pobres, continuava a andar mansa e jovial... a espada do condestável mantinha-se límpida e brilhante.. e o vélho marquês tranqùilizava-se.

Ùltimamente, porém, dera-lhe ao desertor para se impacientar. Ardia por entrar na posse efectiva da sua conquista virginal, que possuía virtualmente apenas, de distância. O saquito roubado tinha vertido há muito a última moeda, e agora era o Adão que o sustentava, na espectativa interesseira duma recompensa futura. Aquela multidão de ferrolhos interpostos entre Beatriz e o seu desejo exasperava-o. Já mais que uma vez tentara escalar o quarto da donzela, por alta noite, na claridade cúmplice das estrêlas. Detivera-o sempre o seu acobardamento natural e a recusa formal da namorada. Mas esta por seu turno sentia também que não podia esperar... Os seus 21 anos salubérrimos estoiravam. De meses que fazia esforços inauditos para resistir... Foi então quando, nas últimas semanas, o vélho marquês notou que a làmina sagrada do condestável, não obstante límpida sempre, perdera no entanto o brilho rútilo de outrora e se obstinava em manter-se, por mais que a friccionassem, despolida, fôsca, embaciada.

O grave escudeiro Adão atribuía ao grão mais gros-

seiro do aço êste fenómeno inquietante. Mas D. Nuno tornava-se cada dia mais apreensivo e taciturno.

Ora por êsse tempo os dois amantes combinaram que, ao primeiro estratagema plausível, o estrangeiro entraria em palácio. Depois, naquela tarde funesta de agosto, ao sentirem condensar-se a tempestade, resolveram, — muito estimulados na atmosfera vibrante de electricidade, — que nessa mesma noite o desertor viria ao solar pedir gasalho, como viandante, contra a inclemência do temporal. E eis porque Beatriz, no mais agudo período da tormenta, freqüente se dirigia ansiosa e inquieta, às janelas da sala de jantar.

Seria 1 hora daquela noite fatídica de S. Bartolomeu, quando D. Nuno, que continuava sonhando acordado na sua ampla cadeira de damasco, julgou ouvir o cicío quási imperceptível duma porta vagarosamente rodada, com tôda a precaução... Mais um desvarío, sem dúvida, da sua pobre cabeça tresnoitada. ¿ Quem poderia àquela hora andar, cávido como um bandido, rodando portas pelos corredores ?... — Desvarío.

Todavia, o mesmo cicío vagaroso repetiu-se discretamente, — ia jurar !... — muito a mêdo, como se a porta aberta há poucos segundos tivesse sido agora fechada pela mesma mão. — Era célebre !... Só se o vento... Mas a tempestade tinha amainado.

¿ E se êle tinha hospedado um gatuno, um biltre, um assassino ?...

Ergueu-se presto e caminhou para a porta do quarto, que abriu também de mansinho. Esquadrinhou o corredor com a vista, não viu ninguêm; fez concha da mão fitando o ouvido... Nada ! O corredor alinhava-se êrmo e calmo sob a claridade alvacenta das estrêlas, que entrava pelas portadas abertas da ampla sacada. — Desvarío seu, sem dúvida ! — Sorriu de si mesmo.

E já ia a recolher tranqùilo, quando, sem consciência quási do que fazia, impelido por uma como que vontade alheia, atravessou pé-ante-pé o corredor nas suas pernas trémulas de septuagenário, e foi acurvar-se à porta fronteira, a espreitar para o quarto de Beatriz.

Uma última pequenina inquietação levava-o a indagar da segurança da filha.

Então, mal tinha dirigido o raio visual solícito através a fechadura, que logo cambaleou e teve de amparar-se à ombreira e evocar num supremo esfôrço de angústia tôda a sua leonina coragem, para não cair redondo no sobrado.

É que em meio do quarto, ao clarão lácteo da lamparina de prata, o desgraçado vira a sua querida filha pendente num espasmo histérico do pescoço do rosado hóspede, que impetuoso, trémulo, os lábios contra os lábios, a estrangulava perdidamente num convulso abraço... — Maldição !... A desonra caía-lhe assim de chofre, implacável, sôbre a cabeça, como um maço feito de tôda a cantaria do solar. E a cabeça não se lhe esmigalhava !... e êle ficava-se ali assim, debaixo do pêso imenso daquela marretada, a encarar, a considerar, a pretender medir tôda a incomensurável, a irreparável profundeza da sua desgraça sem remédio ! Maldição !

O marquês aprumou-se na penumbra... de braços para o ar, num suspirado arranco soltou a alma em farrapos pelo espaço... e corredor fóra logo caminhou, imbecil, perdido, deslise como uma sombra, — a cabeça amarfanhada contra o peito, as articulações hirtas e indobráveis. E a visão daquele abraço de fogo, estrangulado, ia-lhe dançando na frente, — côr de sangue.

Ao chegar ao salão de entrada, estacou tomado de pasmo e ergueu a cabeça lívida, empastada de suor frio... Porque a um dos cantos do salão, uma grossa trave de castanho, posta ao alto, do soalho ao teto, escorava

êste fortemente, ali rachado e abatido pelos temporais de oeste. E pareceu ao desgraçado que a viga tremia, e que ia cair, e com ela todo o travejamento do teto, clamorosamente.

Refugiou-se aterrado na galeria.

Aí, o grande lampião de cobre, tôda a noite aceso, lançava do alto oblìqùamente contra as telas e o sobrado um largo clarão fumoso, que cortado em linhas negras divergentes pela sombra dos colunelos de metal da lâmpada, similhava uma imensa aranha de luz. Havia um estranho ar relentado, de abandôno e de morte. No sobrecenho contraído de todos aqueles vultos de personagens havia uma fulminadora censura. E a sombra da armadura do condestável trepava de esconso pela parede, numa larga amplificação, ameaçadora, enorme.

O mísero marquês correu tremendo a arrancar a espada da bainha. Tinha junto à ponta uma nódoa de ferrugem. Maldição!... Uma síncope fê-lo cair em pêso, como um cadáver, ante a armadura inflexível do avoengo, a soluçar:

— Perdão! perdão!...

A cava repercussão da sua queda no ôco ventre da armadura foi a única resposta a esta súplica lancinante.

D. Nuno ergueu-se logo, empunhando a vetusta espada, alucinado. — Aquela nódoa, aquele estigma infamante era forçoso fazê-lo desaparecer... Como?... Lavando-a no sangue dos culpados. Sim! os dois deviam morrer... que dessa onda de sangue o aço sairia límpido e fumegante! — Voltou então à ala do norte, firme, resoluto, brandida à frente a espada, a face arrepanhada num estranho *rictus* de decisão, de dor e de sarcasmo. Ao chegar em frente das portas dos dois quartos, sentiu-se porêm tomado duma grande cobardia. O coração tomava passo ao dever. Ir matar as-

Então, de espada em punho, irrompeu no quarto da filha

sim duas pessoas, traiçoeiramente, como um infiel! Ir derramar o sangue de sua filha!... Sua filha!... Como ela degenerara e se perdera, a pobresinha! — As fôrças abandonavam-no. E a mão pendia-lhe do braço flácido e longo, sem alma de manter a espada.

Entrou no seu quarto, à direita, e arrojando para sôbre a cama a lâmina enferrujada, arremessou-se de joelhos contra a cadeira de damasco, destemperado, cego, desfeito, com a cabeça em cachão. — Quem devia morrer era êle... êle, sim! que deixara criminosamente cair a primeira nódoa na pureza nunca desmentida de catorze gerações! — E o desgraçado aferrava-se a êste subterfúgio, como a um pretexto que o absolvesse de poupar a filha. — Ele, sim, morreria! ¿ Quem, senão êle, maculara para sempre o brazão da casa, dando hospedagem a êsse biltre de jacobino?... Bem! — E ergueu-se para o suicídio. Mas de novo, ao empunhar a finíssima lâmina: — E quem te conservará limpa de futuro?!... ¿ Quem fica aí puro bastante para velar pela tua pureza?... Oh, meu Deus! ninguêm... Não! Beatriz não pode viver...

E num ímpeto fremente de súplica ao alto, avançou para a sacada do nascente, como invocando para o sacrifício o estímulo dos poderes sobrenaturais.

Resultara agora a noite clara e limpidíssima; a lua acabava de nascer, desdobrando pelos cabeços uma mortalha imensa. E o marquês viu lá muito ao longe, — negras no lilás do céu, — as duas tôrres quadradas do castelo de Pinhel, firmes como a concreção inamovível do Dever. Deu-lhe ânimo a contemplação daquela rígida escuridade. Essas duas tôrres naquele momento eram uma sugestão, um símbolo; eram como que a petrificação da sua própria alma.

Então, de espada em punho, irrompeu no quarto da filha; e abeirando-se do leito, onde impudente avolumava aquela *beast with two backs* de que fala Sha-

kespeare, D. Nuno frespassou roupas e carnes com a espada, que por último foi enterrar-se, trémula a fumante, nas penas do colchão.

IV

Desde aquela funesta noite, o espírito imundo de *Belzebut* ficara habitando, no dizer do povo, a vastidão sombria do solar. Os aldeões evitavam-no amedrontados. Mesmo de dia, preferiam fazer maiores caminhadas, torneando-o de largo, a passar-lhe junto do grande portal insculpido e lavrado. Tinham mêdo a *algum arejo*, a algum horrível *encantamento*. Ao saírem os almocreves para o seu tráfego distante, lançando ao pescoço distraídos a corda da arreata, bradavam--lhes as amásias:

— Ouviste? toma conta... *Guar'-te* do ar do palácio! Não me queiras vir p'r'aí tolhido de tôda a vida.

E é que em tôda a aldeia nunca mais se abriu uma porta, das que olhavam para o solar. O próprio pároco, supersticioso e rude como um cabreiro, mandou pregar e calafetar as duas janelas da residência que defrontavam com a ala norte do palácio. Muitos míseros do logar, cujas imundas e acanhadas tocas tinham por único respiradoiro a porta, taparam-na a pedra e argamassa porque ela dizia para o solar de D. Nuno, e abriram outra na parede oposta. Alguns mesmo, os que moravam mais achegados ao parque, êsses abandonaram temerosos a possilga e foram edificar mais longe, no extremo oposto do povoado. Era uma debandada geral e intransigente. Fazia-se em tôrno uma clareira de terror, um grande vácuo pasmado. A aldeia, receosa do demónio, deslocava-se lentamente. E alguns labregos, que no dia seguinte ao de S. Bar-

tolomeu tinham passado pelo solar, juravam mesmo ter visto, muito distintas no portal, as pequeninas pègadas bífidas do bode do inferno.

Tinha andado ali o diabo, evidentemente. Tinha feito das suas... Nem de outro modo podia explicar-se a desaparição subitânea da *santinha* mais do fidalgo, que nunca mais ninguêm tinha visto, bem como a fuga precipitada, e nunca assaz bem esclarecida, de todos os serviçais. Só a D. Joaquina continuara na casa; mas essa, na sua qualidade de vélha bruxa, ficara sem dúvida para fazer as honras da casa ao imundo tetrarca das trevas.

De resto, não havia ninguêm, por Longroiva e subúrbios, que não jurasse agora ter visto, uma por outra noite, luzitas lívidas tremeluzindo e galopando de janela em janela, pelo interior do palácio; ou que não tivesse ouvido mesmo longos gemidos, berros furibundos, amaríssimos choros soluçados, pios de mochos, vôos de corujas, tilintar de ferros e arrastar de cadeias... Almas penadas, *indróminas*, bruxarias... ***Abrenuntio !***

A verdade era que aquela casa, varrida exteriormente pelo terror, abrigava no interior o desespêro. D. Nuno passava ali, na suprema solidão sonora e fria do palácio, uma existência entrecortada e paroxísmica, raiante da loucura.

Conhecido dos criados, na madrugada de 25, o duplo assassinato, debandaram horrorizados. Aquela muda e sangrenta catástrofe nocturna pareceu-lhes que os ameaçava também com o seu fatalismo sobrenatural. Debandaram. Só a D. Joaquina, — a pequenina governante octogenária, — que ali fôra criada de criança, ficou velando pelo vélho marquês, louco de desespêro. Ele contara-lhe tudo num ímpeto, bruscamente; e ela,

sem bem atingir todo o alcance do desastre, absolvera no íntimo D. Nuno, — bem o sabia ela incapaz duma infâmia ! — e curara de pôr todo o seu cuidado ao serviço de quem via tam perdido.

Os dois cadáveres foram em segrêdo inumados sob as lágeas da capela. E o pobre D. Nuno vagueava agora de contínuo, de sala em sala, ora clamando pela filha, ora perseguindo a sombra do jacobino, ora bramindo exasperos, imprecações... já amaldiçoando-se, já batendo-se, já carpindo-se... com todos os sintomas dum violento desarranjo cerebral complicado com a absoluta destemperação da alma.

De princípio, por um dêstes clarões retrospectivos de demente, lembrou-se que talvez da família de sua defunta espôsa é que tivesse vindo o garfo dissoluto, que êle teria enxertado assim na árvore secular de seus avós. — Ele tinha escolhido com todo o escrúpulo; mas, em suma, um lapso... — Pôs-se a reler manuscritos genealógicos, sem fim, encarniçadamente. Queria achar plena confirmação, ou da sua excelente escolha ou do seu inqualificável crime. Achou. Tinha errado, o desgraçado !... Enganara-se... Lá estava !... Porque a avó em quinto grau da mãe de Beatriz, casada com um vélho fidalgo estéril, clandestina e românticamente fiara dum pagemsito imberbe a perpetuação da sua raça.

Fôra então êle, D. Nuno, o verdadeiro culpado, o autor de tôda a vergonha, o descuidoso malandrim que a Longroiva trouxera o gérmen irreparável da desonra ! — Esta certeza terrificante e esta responsabilidade mortal acabaram de perdê-lo. A cada hora, esbraseado, os olhos circuitando nas órbitas aflitivamente, agonizava. Vivia, resolvia-se na dor... Era o réu convicto de catorze gerações !

Fugia das sacadas. Evitava absolutamente todo o som, tôda a luz, todo o contágio do exterior. Parecia-

-lhe que o mundo mofava dêle... Mais que uma vez pensara no suicídio. Era uma resolução assente. Apenas esperava, para a realizar, ter conseguido restituir o antigo brilho à espada do condestável, que tôda a longa noite êle se obstinava em esfregar e limpar... sempre sem resultado!

E eram sempre as noites agitadíssimas. Então êle corria como um possesso os aposentos todos, buscando, filando, esmagando atoadamente... nem êle sabia o quê! — Hoje bradava que não via nada, que tinha muito frio... e fazia acender quantos lampiões e lustres havia pelo solar. A ala sul do palácio, então de tôpo a tôpo intensamente iluminada, na sua perspectiva resplendente parecia adornada para alguma grande festa senhorial. Como que iam entrar a cada momento, — empoados, graves e risonhos, — os grandes nobres do passado, rugindo sêdas, trazendo com graça pela mão as duquesas donairosas, de branco e oiro, com anquinhas de preço, ou ténues vestidos caídos como túnicas, ligados logo abaixo dos seios por uma simples fita de setim. A orquestra afinava... ia principiar o baile. E no extremo da extensíssima fiada de salões aparecia então, alucinado, cambaleando vertigens, sujo, esfarrapado, trôpego, o vulto sinistro do marquês.

Noutro dia, temeroso de quanto o rodeava, medroso da própria sombra, fazia cerrar e apagar tudo, — tudo menos a lâmpada da galeria... e aí, sentado no chão com a espada do condestável entre os joelhos, passava a noite na porfia doida de limpá-la, — consumindo-se, tressuando, enfurecendo-se até cair, exausto de fadiga, no colo da bôa e solícita governante. Porque a nódoa de ferrugem tinha naturalmente alastrado, depois da noite fatal; outras muitas se manifestaram mesmo seguidamente. Era a total oxidação da lâmina. E aquela limpeza sem método, atabalhoada, ainda mais favorecia o crescimento do negro usagre. A termos que

se desfazia de dor o pobre louco, ante a acusação inexorável daquela úlcera infamante.

— Se eu a limpasse, por Deus!... Para morrer depois!

Doutras vezes, julgando combater um exército de jacobinos, feria na sala de armas contra o ar combates singulares fenomenais, em que berrava, mugia, ringia os dentes, esbandalhava-se em gesticulações rabiosas, acutilava a esmo as vélhas armaduras, derribava a golpes os arneses, as cotas, as lanças, os elmos de bronze... e numa derradeira cutilada, dada sôbre o vácuo, acabava por se ferir a si mesmo.

Uma noite, em novembro, no salão de entrada, pôs-se a contemplar com insistência idiota a grossa trave que sustinha o teto. Essa grossa viga denegrida, — que êle tinha abanado já mais duma vez furiosamente, a querer precipitar com ela a queda do imenso teto profundo, — parecia-lhe agora de bronze, muito larga, muito sólida, descomunal... Sôbre ela erguia-se, alta a perder-se nas nuvens, uma imensa pirâmide rutilante, feita das façanhas de todos os seus antecessores: — lá reluzia a couraça do vencedor dos moiros; lá brilhavam os oiros e as sêdas da raínha de Leão; lá tremulava ao vento a pluma do barrete do fidalgo impudente; lá vogava no azul a vela enfunada do navegador; lá galopava para a Morte a iluminada vítima de Alcácer-Kibir; lá deflagrava a santa na fogueira do martírio; lá rutilava no vértice a espada do condestável. — Que glorioso e singular monumento! Que excelso!... Ele ia encorporar-se também nessa pléiade de semi-deuses!

De repente, rompendo do portal negro da capela, um loiro jacobino salta dois passos de *cancan* de encontro à viga de bronze, a viga tomba... e a gloriosíssima pirâmide esbarronda-se, e vem tôda cair com um

estrépito medonho sôbre a cabeça do pobre doido.

Sentiu uma comoção aniquiladora, uma dor de esmigalhamento na cabeça, soltou um gemido e caíu de joelhos sôbre a frente.

Recolhido à cama, parecia que seria para não mais se erguer. Uma opressão na cabeça, causticante e intolerável, enlouquecia-o... tinha o cérebro de chumbo, a febre devorava-o... O médico, chamado expressamente de Trancoso, declarou que nada havia a fazer. Assim, a D. Joaquina aguardava a cada momento angustiada o fim próximo do fidalgo.

Num desmazêlo de morte jazia o resto do palácio. O pó amortalhava os móveis de branco; teias de aranha espêssas e negras aproximavam as arestas das coisas; os vélhos damascos pendiam em farrapos, roídos da traça e da humidade; as corujas, penetrando por um vidro partido, tinham mesmo vindo fazer ninho nas almofadas do leito de Beatriz; e dos negros tetos profundos daqueles salões desertos baixavam, como cortinas de cenotáfios, grandes panos de sombra.

Uma ante-manhã, D. Nuno, no delírio da febre, — num momento em que a governante o deixara, para lhe ir preparar um caldo, — saltou do leito, e assim mesmo de branco e descalço correu à galeria. Queria, é de saber, ir limpar a espada do condestável. Empunhou-lhe com alma a cruz dos copos e puxou: a lâmina não saiu. No abandôno dos últimos dias, a humidade e o repouso haviam-na colado à bôca da baínha por um círculo negro.

O vélho puxou mais... Nada ! Tornou a puxar...

Quando compreendeu, montou-lhe ao cérebro uma chama congestiva e caíu fulminado na sombra da armadura do condestável.

Janeiro 1893

O SÊRRO

I

Ia grande azáfama aquela tarde na deliciosa quinta do Sêrro. Baldes de água para os lagares, mantas para a cardenha, lenha a monte na cozinha do caseiro, longas pilhas de cestos vindimos alinhados no terrado. Era em fins de setembro, — a úbere sazão da safra dos vinhedos.

Devia começar no dia seguinte a vindima, e esperava-se com o cair da noite a chegada do rancho dos trabalhadores. Vinham de Chavães, da serra. A risonha quinta assumia assim o seu pitoresco aspecto, movimentado e ruidoso, de cada estação autunal. Ia celebrar-se ali festeiramente o anual abraço amigo da abundância com a fadiga, do suor com a alegria. Ia ser amojado o seio magnânimo da Terra, num concertante imenso de folias e descantes pelos altos outeiros escalonados.

A região riquíssima do Douro vestia o seu ar mais característico. Os pâmpanos ruborizavam-se, as cepas vergavam ao pêso de chorudos cachos de ametistas, as fôlhas tinham a espaços na côr abrasadas recordações dos poentes do último agosto, os xistos lascavam-se calcinados, a terra esboroava-se, das largas figueiras choviam sombras perfumadas... na ininterrompida seqüência dos caprichosos morros, colinas, montanhas, plainos, precipícios, todos paralelamente regrados de alto a baixo em cerradas várzeas de pedra, palpitavam os minúsculos tons vistosos, movediços, dos vindimadores, — e a horizontalidade gloriosa dos seus degraus, alternadamente cinzenta e verde, assim triunfalmente aprumada para o Infinito, explendente do rubro dos saiotes das *apanhadeiras*, risonha da alvura das camisas dos *carregadores*, vibrante das canções dos vários grupos tresmalhados, lembrava um imenso trono gratulatório, todo aceso, adornado e erguido numa apoteose em louvor da Natureza.

Como se confrange dolorosamente o coração dos que vão hoje procurar ao Douro a emoção entusiástica do seu passado glorioso ! Que espantoso contraste, que doloroso silêncio, que medonha desolação !

Tôda aquela imensa orografia, revolucionada e áspera, de há poucos anos ainda regularmente vestida duma verdura compacta e rasteira, hoje ergue desesperadamente para um céu impassível as suas calvas proeminências côr de fogo. A braveza e a aridez mais completa imperam ali quási absolutamente. Terrenos barrentos, avermelhados, secos e fendidos como as paredes dum forno, arredondam-se pelo dorso de montanhas e montanhas sem fim. É uma terra calcinada e maldita; nem o mato se atreve a cobri-la; apenas, em ténues agulhas doiradas, pequeninas gramíneas se lhe descobrem numa ou noutra vertente, muito a mêdo. A espaços, vêem-se rolar de várzea em várzea grandes

calhaus de xisto ponteagudos, no descalabro eloqùente do abandôno. A bordadura deliciosa de pomares, que outrora guarnecia, junto aos regatos, a fímbria dos outeiros, carregada e luzente como uma larga guarnição de setim verde, mirrada pela sêde desapareceu quási por completo... E é agora que o caminho de ferro, como uma pungentíssima ironía póstuma, se lembra de vergastar com o seu silvo de troça a ressequida desolação daquele país falido !

Há trinta anos a esta parte, ainda não era assim. O Douro produzia vanglorioso o melhor vinho do mundo. E os ingleses acorriam bastos a adelgaçar a bestialidade e a afogar o *spleen* nessas impagáveis adegas de Espinho, do Pinhão e do Tédo.

Era excepcionalmente pitoresca e bela a situação da quinta do Sêrro. Assente no alto duma grande encosta aprumada, independente pelo norte, pelo nascente e pelo sul, constava dum largo terreiro elíptico, todo murado, com dois portões de ferro, — um a oeste, dando para o caminho de Taboaço, outro fronteiro, pegando com os atalhos para as vinhas próximas. Ao centro do terreiro erguia-se a casa, dum só andar sôbre o térreo, muito caiadinha e viçosa, debruadas de amarelo de ovo as umbreiras do portal e das janelas. Ladeavam-na dum lado os lagares, do outro a habitação do caseiro. Ao rés-do-chão o armazêm. Encostado à parede que dava para o terreiro, um amplo tanque de cantaria.

Pequenina mas garrída, muito ventilada e soalheira, as suas salas eram tôdas forradas a papel vistoso, de ramagens, e irrepreensívelmente pintados de branco os tetos de madeira apainelada. Ali naquele alto, alcandorada e dominante, aberta francamente de todos os ventos à salubérrima viração dos campos, parecia um

aviário para águias, o celeiro da alegria, uma gaiola para a luz.

Na sua sala terminal do poente, — com duas grandes janelas, formando esquina, — era costume desdobrar em esteiras por sôbre o soalho os frutos opimos da quinta: maçãs, laranjas, pêras, melões, marmelos, pêssegos, uvas, figos... E então a bonita quadra, tôda expansiva ao vento de dois quadrantes, fortemente iluminada pelo sol que vinha quebrar-se flamejante no facetamento multicolor da fruta, saturada de emanações balsâmicas, ressoante do zumbido de milhares de insectos gulosos, fugazmente doirados na passagem pelos feixes da luz, era como que uma glorificação panteísta, um cantinho realista do Paraíso, uma pujante festa pagã.

O terreiro, cuidadosamente alhanado e raspado, bordava-se de cedros ao longo de todo o muro.

Esta aprumada encosta do Sêrro pegava por oeste à montanha de Barcos. Pelo sul, a vertente precipitava-se quási a prumo té ao ribeiro, tôda escalonada em vinhas e bacelos com suas partições pontuadas de oliveiras; em baixo, entalado pelos montes contra o ribeiro, luxuriava um fresco pomar frondoso, ladeado a leste por uma grande mata inextricável; acima da mata, o imenso bacelo de Fornêlo, ainda êrmo de videiras, de degraus alvos e irrepreensíveis e na virgindade da sua recente construção; mais acima ainda, ao longe, a fita anegrada e estreita do casaria de Taboaço, com duas largas manchas brancas terminais, — a capela do cemitério e a casa do marechal; e acima de Taboaço, já no vago e adentando negramente o horizonte, a serra agreste de Chavães.

Ao norte da quinta, corria-lhe fundo e estreito, lá muito em baixo, o rio Távora, espreguiçando-se em zigue-zagues de ébrio por entre frescos outeirinhos de vinhedo; da banda de lá do rio, avançava perpendicular

da massa da montanha, liso e cheio, o Monte Redondo; para cima, a uma altitude já considerável, bocejavam os logares de Balsa, Desejosa, Castanheiro e Pessegueiro, por cujos planaltos a cultura da vinha, menos adequada, ia já com dificuldade entrecasando-se com as ondulações doiradas do centeio.

Finalmente, para os lados do norte era por igual extenso e desafogado o panorama gozado do Sêrro. A encosta do monte, também dêste lado íngreme, mas muito arborizada, descia ao Távora, abrigando nos flancos a povoação dupla de Santo Aleixo, — muito dividida, tôda entressachada de hortas, vinhedos e pomares, — defrontando com o Penascal; depois, caminhando direito para o norte, um caleiro angustiado e profundíssimo segue, — por cuja goteira murmura o Távora, — riscado todo de vinhas, afogado de pomares junto ao rio, e semeado de pequenas quintas caiadas, com portas vermelhas, dois ciprestes à frente, como sentinelas. E, ao cabo do caleiro, uma nesgasinha barrenta e amarela do rio Douro, — *o ponto* da Cachucha, — acima da qual se apruma na margem direita uma altíssima montanha de dorso antediluviano, té um têrço da altura coberta por uma enorme mata, radiante como uma estrêla, e terminada no seu cume largo e redondo, já junto às nuvens, pela capelinha de Santa Luzia.

Ao descair daquela tarde amena de setembro, emquanto pelo terreiro se desenrolava a grande azáfama ruidosa, prenunciadora da próxima colheita, a uma janela da casa da fruta, a do poente, uma mulher scismava abstraída, apoiado o antebraço no parapeito, o olhar perdido vagamente ao longo do caminho de Taboaço. — Era Teresa, a mais nova das filhas de Duarte de Sousa, o proprietário magnânimo da quinta.

Com o franzino busto enquadrado na janela, e assim concentrada e imóvel, parecia uma estátua; e só de quando em quando acusava que vivia, quando, ao soltar um longo *ai* suspirado e ansioso, demorada a mão lhe passeava pela testa, a afagar e a reter uma idéa que a eterizava... Vinha caindo a noite lentamente, como um imenso para-luz. Um suave esbatimento de frescura mesclava e confundia os contornos das coisas em promiscuidades indecisas. Uma aragem ligeira passava, tremida como um carinho. Ao sul, a serra de Chavães, Taboaço e tôda a série de montanhas que vinham, té Fornêlo, terminar junto ao Távora e ao ribeiro, afogava-se num negro esbatimento, larga mancha de tinta apenas com as linhas terminais da serra vigorosamente cortadas na transparência lilás do céu. Para o nascente, os planaltos corpulentos de Monte-Redondo, da Balsa e do Castanheiro reflectiam um doce esmaio de luz alvacenta e fugidía. Ao norte e ao poente, sôbre os cabeços, uma abóbada ainda ao rubro rutilava, tinha uma fúlgida incandescência de fornalha que se apaga, e ia reflectir uma vermelhidão fugaz e tremida, abaixo, lá muito ao longe, nessa nesgasita do Douro que nas faldas da Cachucha se conseguia avistar. O Távora, êsse, apenas distinto aqui ou ali em pequenas placas mansas, — sem uma ruga, sem uma corrente, sem uma engelha, — tinha a brancura oleosa do leite, o reflectir parado da mica, e a lúcida opacidade vítrea dum espelho de Veneza.

Teresa continuava à janela, imóvel, passando a espaços a mão pelo cabelo ou premindo ligeiramente com o polegar e o indicador as pálpebras, que fechava, tôda no alheamento dum sonho delicioso. O aroma da fruta espalhada em tôrno embriagava-a... e ela abandonava-se tôda, na inércia dos seus nervos distendidos, àquela funda suavidade melancólica, tôda feita de calma e de frescura.

De repente estremeceu... Uma ligeira mão poisara-lhe no ombro, muito amiga.

Era da irmã mais vélha, Maria, que lhe perguntou, entre afectuosa e repreensiva:

— ¿ Que fazes tu aqui, não me dirás ?...

E Teresa, muito confusa:

— Es... es... estou a ver se descortino o rancho; mas por ora ainda nada.

— Tontinha !... e pensas que me iludes !... — atalhou Maria, com um sorriso benevolente de incredulidade. — Esperas o teu bacharel, bem sei... Oh, não negues, não negues ! É inútil... Tenho mais oito anos do que tu: vejo-te e adivinho-te com olhos de mãe... Cuidado, Teresa ! lembra-te das versões que correm... O Augusto não te convêm. É tam mal afamado ! Não confies nêle. Toma conta !

— Mas que scisma ! Já te disse que queria ver chegar os da vindima e nada mais.

— Os da vindima !... — emendou a irmã, com um sorriso irónico. — ¿ E ainda os não viste, nem ouviste ?... Pois, menina, bem podes então tratar dos ouvidos. Ora olha com atenção.

Efectivamente, ali já a bem poucas centenas de metros, vinha avançando pelo caminho de Taboaço um ruidoso rancho de homens e mulheres, cantando, tocando e dançando endiabradamente. Ouvia-se-lhes distintamente o *tlim*, *tlim* dos ferrinhos, o cavo ribombo do zabumba, um ou outro guincho mais estrídulo, e até a espaços o sapatear ferrado dos dançarinos sôbre as fragas do caminho.

Avançavam turbulentos, estúrdios, brutais, electrizados, na frente uma dupla fila incansável de dançarinos, — berrando e pinchando de braços ao ar, castanhetas nas mãos, brèjeiras aproximações de ventres a cada volta e os quadrís saracoteados; — depois, alinhada, a orquestra, — bombo, ferrinhos, rebeca e vio-

lão, — executando a *chula* clássica das vindimas; depois em confusa multidão o grosso do bando, homens de jaqueta ao ombro e sacos às costas, pendentes de longos varapaus; mulheres de cestos à cabeça, onde avolumavam pães de centeio incomensuráveis, negros e rijos como pedras, o garfo de estanho espetado a um lado, e por cima, enterradas entre a vêrga e o pão, as tamanquinhas.

— Anda, anda, que chegam já! — insinuou Maria num relance.

E levou consigo, quási passivamente, a irmã.

No terreiro da casa, sôbre o patim da escada, o fidalgo esperava radioso a entrada do rancho. Vieram ladeá-lo as filhas. E êle, — baixote, rotundo, sanguíneo, o ventre enorme, a pele muito branca, o bigode escanhoado, a barba grisalha aparada curta a emmoldurar-lhe a maxila, — reflectia da sua fisionomia magnânima e aberta a mais resoluta e santa beatitude. De mãos nos bolsos das calças, o chapéu para a nuca, as pernas abertas em compasso e um lume afectuoso fosforando no azul imaterial dos olhos, aguardava impaciente. Em baixo o caseiro, os serviçais dêste e o Elias, o vélho familiar da casa, aguardavam também.

O rancho entrou triunfalmente pelo portão de ferro, aberto de par em par. Avançou na mesma cadência da marcha, os dançarinos à frente, rubros, roucos, revendo suor; depois a orquestra, muito estridente, repetindo sempre com bravura o mesmo bárbaro estribilho; depois a multidão promíscua do rancho, apinhoando-se, premindo-se, entre caóticas nuvens de pó. Chegados à base da escada, pararam, e um: — Viva o fidalgo! — unânime, rompeu vibrante de tôdas aquelas gargantas, indo vitorioso multiplicar-se longe pelos morosos ecos das quebradas.

O fidalgo, ao vê-los entrar, havia tirado instintivamente as mãos dos bolsos e alargara os braços, como

para um grande amplexo cordeal. Depois, descera a congratular-se misturando-se com êles, muito expansivo e afável, cercado por tôda a colónia masculina. Análogamente, Maria e Teresa foram distribuir sorrisos por entre as serranas, que abraçavam de longe, muito respeitosas.

Era noite fechada. Estava frio. Rebalsava o terreiro um cheiro acre e relentado de porcaria. Ao longe, em Taboaço, começavam a picar as trevas de vermelho os pirilampos da iluminação particular. Daí a pouco, recomeçava o bando a sua serenata, emquanto se lhes aprontava a ceia na ampla cozinha do caseiro. Choviam as quadras lisonjeiras, as louvaminhas galantes, o panegírico da família. Maria dava ordens; e ao mesmo tempo Teresa, que lograra escapulir-se ao *Argus* fraterno... tudo era obstinar-se junto a essa mesma janela do poente, como quem esperava o que quer que fôsse de essencial e decisivo.

Terminada a ceia da gente da vindima, dadas as ordens para o dia seguinte ao feitor, passeava o fidalgo no terreiro, esfregando muito satisfeito as mãos.

— ¿ Que te parece a nossa gente êste ano, Elias ?... — perguntou ao vélho criado, que ia passando.

— Bôa, muito bôa, senhor. *Aquaje* tôda do ano passado. E vem lá a mais cada mocetão !

— Melhor ! Teem muito que vindimar êste ano, graças a Deus !

— Pois já se deixa ver ! Gente **lombeira** não serve... O que me parece, meu senhor, é que vamos começar o trabalho com chuva.

— Qual chuva, nem meia chuva !

— Não mas sim, senhor !... Olhe vóssoria p'r'o norte... veja: Santa Luzia está de capelo.

Efectivamente, no tôpo do monte da Cachucha, mes-

mo rente à capelinha, uma esguia nuvem de bistre cortava opacamente a ruborização esvaída do ar.

— Não há-de ser nada, se Deus quiser, — atalhou com segurança o fidalgo.

Pouco depois, sentava-se a família à mesa para cear. E a Maria não passou despercebido na irmã um fogo insólito nos olhos, um mal-estar sôbre brasas, um modo desastrado de comer. Deixava a cada instante cair o garfo... entornou o chá pela toalha.

— ¿ Tu que tens ?... — perguntou, muito intencional, penetrando-lhe a alma com o olhar.

— Há-de ser sono ! — respondeu o pai bonacheiramente. — Vai, filha, vai-te deitar.

Teresa, apenas tal ouviu, rápida correu a refugiar-se na sua alcova de virgem, mesmo sem dar graças a Deus.

II

Duarte de Sousa Pinto Osório era um dos fidalgos de mais nomeada e tômo de tôda a comarca de Armamar. Aparentado com os Guedes de Barcos, com os Albuquerques de Viseu, com os *Móres* e os Silveiras de Lamego, a sua estirpe desenrolava-se altaneira entre as primeiras, numa inflorescência heráldica brilhante e gloriosa. Possuìdor da segunda casa de Taboaço em importância e haveres, costumava ter a média anual de oitenta pipas de vinho, todo de primeira qualidade, afóra as frutas, o pão e o azeite.

O seu palacete, junto à praça, quási ao centro da vila, era uma bela edificação tôda de pedra, quadrada e maciça, o andar térreo todo em lojas, o primeiro em amplas salas regulares, o segundo em quartos de cama e em alcovas. A cozinha, pegada à face oriental da casa, formando corpo saliente, era uma vastíssima e

aparatosa quadra, verdadeira cozinha monástica, de chaminé a perder-se nas nuvens, lareira de pedra talhada por gigantes, mesas de pedra para a louça, tanques de pedra para lavagens, depósitos de pedra para a água, repartimentos de pedra para os lumes e para o sal. Inteiramente enlutada pelo fumo de séculos, assim negra, colossal e cavernosa parecia o antro dalgum estranho ciclope transviado.

No ângulo mais desafogado da casa aprumava-se um lindo mirante, todo vidraça e ferro, sôbre a rua. À frente, rodeado por um muro de degrau interior e parapeito, estendia-se um grande pátio lageado, que os indígenas chamavam a *quintã*. Dava-lhe ingresso um grosso portão de castanho acancelado, à esquerda do qual se erguia sôbre o muro um gracioso nicho dórico, de granito, de lâmpada pendente, envidraçado, abrigando no interior muito cómodamente uma imagemsita risonha, em barro, da Senhora da Conceição.

Era nímiamente devoto, e já de longe, aquele vélho tronco dos Osórios. Abundavam na família os fanáticos, os mártires, os missionários; tinham-se mesmo já dado alguns casos notáveis de monomania religiosa. Fanatismo e miguelismo, — era a divisa ao transe da família. Duarte de Sousa mantinha gostoso e intransigente, por convicção e por atavismo, as tradições legadas pelos avós. A lâmpada pendente ante a imagemsinha da Senhora da Conceição era invariávelmente acesa cada noite, com um esmero particular. Ele ouvia missa todos os dias, estivesse onde estivesse. Mesmo no Sêrro, na quinta, ia ouvi-la abaixo, a Santo Aleixo; e para isso pagava a um padre, que vinha diáriamente celebrar à ermida do povo o divino sacrifício. Tributara sempre a D. Miguel um respeito supersticioso, absoluto. Por morte dêle tomara luto dum ano. Nunca lhe pronunciava o nome que lhe não antepusesse reverente a rúbrica: — *Senhor!* Cria piamente na próxima chegada

do filho ao reino; e jurava que havia de então ir a Lisboa, vê-lo entrar, deslumbrante de tôda a glória da sua divina majestade.

Herdara um carácter excessivo, impetuoso, todo extremos, arrebatamentos e violências, junto com uma imaginação vigorosa, intensamente animativa, criadora e ardente. Os seus nervos de sensitiva estavam impulsivamente engatilhados sempre para o excesso, para a explosão. Não havia no seu temperamento a doçura da meia-tinta, a suavidade do claro-escuro. Um temperamento todo *mancha*, pròpriamente impressionista, pronto sempre a deflagrar. A compaixão e o ódio, o afecto e o rancor, a dedicação e a cólera sucediam-se nêle rapidíssimos, como as descargas duma bateria eléctrica em acção.

No fundo, uma alma bondosíssima, um coração de diamante. Doía-se imensamente da desgraça. O conhecimento de qualquer infortúnio deixava-o, dias inteiros, preocupado e triste. Bemfeitor por índole, por tendência natural, a caridade exercia-a com tôda a sublimidade característica, feita de abnegação e silêncio, desta virtude extraúmana. Era mesmo por hábito dadivoso e magnânimo. Nunca dava esmola inferior a cinco tostões; e nas suas viagens longe, ao Pôrto, a Viseu, a Lisboa, a Londres, recompensara sempre com fabulosas gorgetas os criados que o tinham servido.

Era o seu vício, — um vício adorável de alma de anjo, — êste de ver sempre em tôrno a si desdobrar-se uma toalha sorridente de sorrisos e bênçãos. De larga fisionomia, expressiva e insinuante, os seus grandes e claros olhos azúis, — dum intenso azul celeste, diáfano e enxuto, — eram-lhe o espelho infalível da alma. Olhos de colorações cambiantes com o estado interior, toldavam-se de negro nos paroxismos da cólera, nas expansões bondosas dealbavam em frescas tintas de alvorada.

Duarte Osório era muito instruido e inteligente,

Adquiria regularmente livros novos; e a sua biblioteca bem fornida, — a biblioteca dos avoengos, — opulentavam-na obras valiosas e raríssimas, como: uma edição curiosíssima do Dante, de 1578, infólio, com o busto do poeta no frontespício, na última página em medalhão ovalar um gato sentado, com a cauda à frente dos pés, e gravuras relativamente perfeitas por tôda a obra, — edição de Sansovino, a segunda que se fez das obras do maior poeta italiano, e que vale hoje contos de réis; as obras de Torcato Tasso, em seis tomos também *in-fólio*, encardernados em pergaminho, com anotações e controvérsias, e uma bela gravura alegórica, exaltando os Médicis, no frontespício, — edição de 1724, também muito valiosa; um volume, in 4.º, dos *Comentários* de Júlio César, com belíssimas gravuras elucidativas, obra de André Paladio, — edição de 1598, encadernada em pergaminho; o *Memorial histórico da criação do mundo celeste e do mundo elemental*, em perguntas e respostas, por João Cardoso da Costa, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, — curioso volume em pergaminho, edição de Lisboa, 1714, com tôda a pretensa genealogia celeste e uma tábua dos ascendentes de Cristo, desde Adão (o 1.º avô de Cristo foi o neto 72.º de Adão); a tradução dos *Elementos de Euclides* por Cristóforo Clavio Bambergensi, da Companhia de Jesus, — rara edição em dois volumes, 8.º grande (Roma, 1589), por igual em pergaminho, muito nítida, com as fôlhas a azul nas arestas; trinta e tantos volumes das elegantes publicações de Aldus, editor de meados do século XVI, afamado pela grande correcção das suas edições; entre elas um voluminho in 8.º, dedicado à *divæ Lucrecia Borgiæ et duci Ferrariæ*, contendo as poesias dos poetas Strozzi, pai e filho, e com a marcação, feita por mão desconhecida, de passagens denunciadas como a origem de pretensos plágios de Camões; depois volumes e volumes de jurisprudência; e uma colecção quás

completa de clássicos; tudo muito bem conservado, garantido da humidade e do pó.

De resto, a livraria antiga era quási tôda italiana, circunstância aliás vulgaríssima em as nossas vélhas casas solarengas, e efeito do assíduo convívio material, intelectual e político que por mais de dois séculos, de D. Manuel a D. José, manteve com a Cúria Pontifícia, com as cidades marítimas do Lácio, o nosso católico reino aventureiro.

Duarte de Sousa amava os seus livros extremosamente; e nos lances difíceis da existência, quando confrangido por alguma contrariedade ou atribulado por algum desastre, era-lhe confôrto e alívio o encerrar-se e concentrar-se por horas no seu amplo escritório, que lhe dava calmas e serenas sugestões com a fisionomia austera e rígida da sua mobília de pau preto.

Esta casa dos Osórios era rica, mas imensamente onerada de dívidas e encargos de tôda a sorte. Por todo o século passado e princípios do actual, os representantes da casa tinham esbanjado descuidosamente o património, com êsse reles egoismo espaventoso e cínico, aliás sintomático em tôdas as aristocracias decadentes. O que queriam era gozar, deslumbrar, impor, sem a mínima atenção nem previdência pelos descendentes. Aquela oligarquia abalada, sentindo-se a resvalar para o ridículo e o aniquilamento, aferrava-se perdulàriamente, para se manter, a tôdas as exterioridades pomposas do seu estado. Nem por isso deixou de cair... antes mais depressa resvalou, embaraçada nos farrapos dessas mesmas pompas a que ater-se procurava o seu orgulho.

Eram mesmo por índole perdulários os Osórios de Taboaço. Um dêles, ao tempo de D. João v, como um seu irmão tivesse sido nomeado ministro de Estado, empreendeu a então difícil viagem a Lisboa, expressamente para ir dar os parabens ao irmão. Para isso

mandou fazer uma riquíssima liteira, tôda vermelho e oiro, vestiu trinta homens com as côres da casa; com êste sumptuoso séquito marchou para a capital; e a: se conservou aparatosamente, sustentando a todos com grandeza, dispendendo sempre à larga, com fartas exibições custosas duma opulência à sobreposse, por espaço de mais de um mês. Datava daí o maior empenho da casa: — trinta mil cruzados à Misericórdia de Lamego.

Depois as operações tinham progredido sempre fatalmente, ao Crédito Predial, a particulares, ao fisco haviam-se as dificuldades pavorosamente amontoado.. e por último Duarte de Sousa, assoberbado pelo péssimo estado financeiro da casa, ao mesmo tempo, magnânimo por índole e fraco administrador, ia permitindo o correr das coisas quási à revelia, deixando acumular juros, esquecendo os encargos, perdendo a ocasiões, entretendo os crèdores... disfarçando, atamancando, adiando... irracionalmente à espera sempre dum milagre... obstinado em não ver o desmoronament esmagador que cada dia mais de perto o ameaçava.

Tivera uma furiosa e romântica paixão por um filha dos Guedes de Barcos, povoação a 6 quilómetro de Taboaço. Ia falar-lhe quotidianamente de noit a cavalo, em grande segrêdo por causa da família; entoava-lhe trovadorescas baladas por debaixo da janela do quarto de dormir. Os pais de Angela soub ram-no em breve. Liberais e muito morigerados, ab minavam duplamente o ousado trovador: pelo escâ dalo do namôro a de-soras, e porque êle era miguelist Empregaram quantos meios indirectos havia para arredar: falharam todos ! Uma teimosia invencível, d sesperante. Por último, resolveram então a seu peza recorrer à violência. Postaram à esquina da casa do

homens, armados de cacetes, para aplicarem uma sóva homérica no renitente e impávido donzel. Angela, sciente da cilada, teve ensejo de o prevenir. Não obstante, Duarte de Sousa veio também essa noite... apenas escoltado por quatro homens forçudos, valentemente providos de marmeleiros. Travada na sombra uma luta cómicamente feroz, os dois sicários dos de Barcos foram derribados a pauladas, emquanto Duarte de Sousa, muito lépido, raptava a namorada.

Passado um mês, casava com ela solene e pomposamente na igreja matriz da vila. Os pais da noiva tomaram luto por um ano.

Viveram os novos cônjuges felicíssimos, muito extremosos, muito solícitos, muito amantes, por espaço de bons vinte e cinco anos. Ao cabo dêles, o fidalgo enviuvou. Permaneceu por muito tempo inconsolável... Valeu-lhe para não sucumbir à dor o terem ficado duas filhas, — Maria e Teresa, — a suavizar-lhe a desolação sombria do desespêro.

Maria, a mais vélha, tomou logo mui gostosamente o govêrno da casa. Contava 24 anos. Passiva, doce e bondosíssima, sempre igual, sempre serena, incapaz dum repente de génio, duma desconsideração, dum desdém, duma grosseria, parecia uma individualidade cosmopolita, um ente todo aos outros, uma anulação abnegada de si própria, uma existência só feita para desdobrar-se e multiplicar-se pelos interesses e os prazeres alheios. Era a reprodução fidelíssima da mãe, essa Angela ideal, virtuosíssima e grave, que aceitara reconhecida o primeiro amor veemente que lhe ofertaram, — o de Duarte de Sousa; que o amara depois talvez tanto por um impulso sentimental activo, como por hábito e gratidão; e que também por condescendência afectuosa consentira em fugir, naquela noite da cilada. Maria era o seu inteiro retrato. Alta, magra, pálida e doentia, tinha uns grandes olhos meigos, uns lábios

mansos, um nariz quási direito prolongando a testa, delicadamente insculpido, dum perfil entre a moleza grega e a energia romana, nem arrebitado pela impudência, nem alongado pela ambição, nem rebaixado pelo pêso dos sentidos. — Era uma serenidade com alma, um sacrifício num zero.

Pelo contrário, Teresa, de 16 anos, tinha todos os contrastes, tôdas as impaciências, tôdas as transições bruscas, violentas, férvidas do temperamento de seu pai. Muito branca, sanguínea e pequenina, adornava-se da mesma regularidade expansiva de feições, os mesmos olhos azúis cambiantes, dealbados pela bondade, retintos pela cólera. Moralmente, resumia, continha em gérmen tôdas as demasias sensoriais da família, — pobre família em dissolução, fértil em mortes precoces, bizarras lesões do encéfalo, incoerências, aberrações, manias, suicídios... o pai amava-a de preferência; via nela confirmado, amplificado o característico impetuoso mas cândido da sua raça.

Ela era uma tempestade brusca de maio, a irmã um luar limpidíssimo de janeiro; Teresa um coração todo ímpetos, Maria uma alma tôda bonança. — Viviam admiravelmente os três: o pai balanceado amorosamente por aqueles dois adoráveis antagonismos; as filhas porfiando, cada uma no seu feitio, em animá-lo, adivinhá-lo, em o fazer feliz.

E o caso é que eram o enlêvo, a inveja, o respeito de tôda a vila.

Costumavam muito ir sôbre as tardes passear para *a estrada:* um largo caminho empedrado que da ponta ocidental da vila se prolonga pela aba da serra, em direcção à aldeia de Távora. Seguiam per-li fora, risonhos, plácidos, demorados... Longe bastante da vila, paravam um pouco, a gozarem embevecidos a largueza deslumbrante do panorama. — À esquerda, já distante, ficava-lhes Taboaço, muito branca dêste lado, desta-

cando da serra, no alto duma escaleira imensa de vinhedos, jardins, hortas, pomares, muitíssimo arborizada; e um tapête fôfíssimo de flores e verdura descia das casas té ao rio, numa variedade de tons prodigiosa. Para lá de Taboaço, do mesmo lado, já azulado e indeciso, o Sêrro; para lá ainda, além Douro, o cume de Santa Luzia; e por cima dêste, apenas vagamente esfumada na massa gorda do ar, lobrigava-se ainda a coròa adusta da serra do Marão. Acima e abaixo da *estrada*, desdobrava-se uma encosta aspérrima de granito, alto e revôlto, tôda em agressivos afloramentos, povoada caprichosamente de pinheiros, e, aqui e ali, debruada espêssamente de matas que descem a topetar com as águas do Távora, espolinhando-se doidamente pelos penhascos amontoados. No fundo, o rio, verde-negro, muito estreito, ziguezagueando por entre colinas baixas, orladas de arvoredo, e com grandes fitas de calhaus rolados, branquejando. Na frente, para lá do rio, ficava-lhes Monte Redondo e Castanheiro, escalonados e viçosos, com o verde mais intenso rutilando junto aos córregos, por efeito da sobreposição da perspectiva.

Era ao cair da tarde. O ar, parado e fresco, demorava as emanações balsâmicas da floresta; recolhiam festeiras aos ninhos as aves, num grande chilrear confuso; o sol, já longe da *estrada* e do rio, apenas iluminava baçamente Monte Redondo, arrancava esmaiadas scintilações das janelas da vila, còrava suavemente de lilás sôbre os serros a transparência mole do ar... e uma suavidade enervante penetrava os seres e as coisas, num *concertante* de melancolia inefável.

Seguiam mais adiante... A *estrada* agora ia subindo por entre gigantescas massas lascadas de granito, negras do musgo e do tempo, bordadas de pinheiros, urgueiras e giestas. A paisagem ressicava. Rareava a vegetação, acentuavam-se os contornos com dure-

za... Chegavam ao *penedo-rachado*, — uma enorme fraga aberta, por meio da qual a *estrada* passava estrangulada. Depois, desciam ao pontão do *Fradinho;* de guardas esboroadas, unindo os dois contrafortes graníticos duma estreitíssima garganta. Aí como é poderosamente agreste, desolada e grande a avassaladora impressão de tudo aquilo! — A um e outro lado ergue-se, a perder-se a vista por ela, a serrania alterosa, negra, impenetrável, nua. Um ténue fio de água geme nas estreitas suturas. Impera em absoluto o granito, — lascado prodigiosamente, em massas colossais, nos inúmeros precipícios das vertentes; afeiçoado e polido em largas toalhas cinzentas ao longo do leito do ribeiro; esquadrado pela mão do homem na construção da vélha ponte. Granito escalando o céu, granito desfechando ao abismo. Um épico desmoronamento petrificado. Apenas se algumas carvalhas definham pela orla do ribeiro, e, erectos nas fendas de junção das toalhas cinzentas, raros punhados de fetos oscilam ao frémito da aragem.

Avizinhava-se o crepúsculo. Já do vértice das grimpas sôbre o pontão desciam grandes crepes de sombra; o sol esclarecia a custo, nas lisas montanhas fronteiras, ténues calotes de luz; reposteiros de trevas desfranziam-se pelos vales; uma aragem fina incomodava... e então Teresa dizia para o pai, tôda possuida da trágica ruína da paisagem:

— Que tristeza, meu pai! Faz-me pêso no coração... Vamos embora!

Na retirada, encontravam-se com grupos sorrateires de namorados, que vinham àquela hora em demanda da ponte. Era o sítio preferido pelos jornaleiros e as criaditas para as suas aproximações brèjeiras. Davam-se, a pretexto do apanhar da lenha, entrevistas para ali. Êles segredavam às môças, muito lestos:

— ¿ Vais hoje ao *Fradinho*, aos tóquinhos?...

E elas, muito incendidas, com frio na raiz dos cabelos:

— Vou, vou...

Depois, ao anoitecer, lá se juntavam, com as suas pantominas de sátiros poluindo a grandiosidade severa da paisagem.

Ao tempo do comêço desta história orçava Teresa pelos 20 anos. Havia um ano, também por ocasião das vindimas, que se namorara de Augusto perdidamente. Ele pertencia a uma família de bem, de Taboaço, e estava por então no gôzo das férias grandes. Mixto problemático do sonso e do atrevido, aliança indecifrável de hipocrisia e franqueza, contava em Coímbra pouquíssimas simpatias.

O namôro com Teresa cultivara-o depois durante todo o ano por meio de cartas amiudadas. Ela exaltara-se progressivamente na leitura apaixonada das incendiárias missivas do amante, as mais delas escritas às mesas dos cafés, com a colaboração trocista dos condiscípulos, entre o emborcar de duas cervejas, o fumo de maus cigarros, ou o saborear de vários copinhos de *anis*.

Incondicionalmente ao serviço daquele amor pusera Teresa a dinamia ardente do seu temperamento. Quando o rapaz voltou a férias, exigiu-lhe cavacos nocturnos quotidianos. Falaram-se assim cautelosamente, por mais dum mês, em Taboaço; e agora, no Sêrro, Augusto chegava a cavalo, tôdas as noites; como não podia franquear o alto muro do terreiro, apeava-se longe, à beira da vinha; prendia aí o cavalo dentro duma vélha cardenha esbarrondada; e seguia depois pelo interior da vinha, sem o menor obstáculo, até postar-se na vertical da janela da fruta, à espera da namorada.

III

A vindima prosseguia, animada e próspera, por um belo tempo estival. Enganara-se o Elias na profecia: êsse *capelo*, que na tarde da chegada do rancho poisava ameaçador sôbre a capelinha, resolvera-se apenas num aguaceiro matutino inofensivo, e desde então o sol brilhara sempre imaculado e quente, instilando pelas encostas pródigamente os seus raios divinos, que no seio de cada bago de uva iam converter-se em preciosíssimas lágrimas de topázio.

Eram 11 da manhã. O sol resplandecia a prumo; e o ar, pesado, abrasado e imóvel, caía causticante sôbre os serros, como se fôra o hálito inflamado daquela enorme bôca luzente, escancarada em pleno céu. Pela orla das vinhas as oliveiras tinham reflexos de aço nas suas pequeninas fôlhas bicolores; na imobilidade hostil das balsas e dos silvedos rutilavam as amoras como contas de azeviche; as parras das vides, moles, encolhiam-se; os pardais, sufocados de calma, apenas arriscavam pequenos vôos preguiçosos: as lousas dos bacelos escaldavam, chamejantes; e só no fundo dos córregos, ao longo dos regatos minguados, a folhagem trémula dos salgueiros acusava a carícia duma aragem.

O armazêm do Sêrro estava aberto. A sua larga porta vermelha, regrada de traços de giz, abria-se de par em par, e de dentro reçumava uma fragrância tonificante de vinhos vélhos de eleição. No interior dêle, Duarte de Sousa, descoberto, colarinho à larga, extraía com a pipêta duma vélha pipa embreada um filete de vinho, para o lançar muito obsequiosamente na tamboladeira que um negociante inglês sustinha. E emquanto êste, com ares de entendedor, muito aprumado

e rubro, *provava*, chegou-se o fidalgo à porta da adega, a observar a faina da vindima.

Entravam ao tempo pelo portão do nascente seis homens em camisa, curvados à terra, amparados a grandes varapaus nodosos, trazendo no dorso cada um erguido seu cêsto vindimo, cheio de crassas uvas luzidias. Uma larga correia ensebada descia-lhes do alto da cabeça, pelos temporais e a nuca, a suster na altura dos ombros a troixa horizontal; e sôbre esta erguia-se enorme o cêsto repleto. Vinham ofegantes, derreados do pêso e do cansaço. Traziam a testa e os olhos injectados de vermelho; nos rins a camisa pegava-se-lhes ao corpo, muito molhada; e na frente pelo peitilho entreaberto via-se-lhes a cabelagem camarinhada de suor. Chegavam duma vinha a meia légua de distância, sempre a subir. Duarte de Sousa disse-lhes então, condoído e afável:

— Ora vá lá, meus homens, coragem! Despejem os cestos e venham cá.

Os homens estugaram o passo, radiosos, emborcaram os cestos mesmo do ombro sôbre o lagar, e vieram logo receber das mãos do fidalgo, muito lépidos, cada um a sua raçãosinha de aguardente, com o estalido de língua consagrado e *as graças* do costume ao patrão.

Depois, ei-los aí partem novamente para a vinha, alegres e descuidosos, quási insensíveis, sob as aguilhoadas impiedosas do sol do meio-dia.

O lagar maior estava cheio; devia naquela noite principiar o piso da uva; os homens *davam a meia-noite* do estilo. Era um dia solene para todos. Maria ordenara a ceia mais abundante e melhor: uma bôa malga de feijão, duas sardinhas e três batatas a cada homem; depois, ao entrarem para o trabalho, seu quartilho de água-pé por cabeça.

Os pisadores encaminharam-se para o lagar, em massa, todos graves, quási sérios, dir-se-ia que possuidos da solene importância do ataque que iam empreender; e às 8 da noite, sob a luz fumosa de dois lampiões de fôlha, êles em duas linhas fronteiras e paralelas, voltadas frente a frente, cada uma num dos extremos do lagar, as calças arregaçadas té ao quadril, os braços passados de ombro a ombro seguidamente, aí atacavam em cadência a uva amontoada, cada fileira num esfôrço único, disciplinado, forte, num rijo levantar e baixar de pernas alternado, tôdas como se fôssem uma perna só. Então tôdas aquelas pernas musculosas e negras se foram afundando gradualmente na massa escura, donde emergiam tintas de sangue... As valentes compressões sucessivas eram medidas por arrancos de fôrça: — *Aan! Aan!...* Principiava a distinguir-se o chapinar no líquido que se ia formando... sobrenadava uma ligeira babugem de espuma... e agora os dois grupos, já enterrados té meio da coxa na mastagada dos cachos, avançavam cada um de seu lado, sempre disciplinados na exclamação e no esfôrço, para o centro do lagar, por sôbre o qual uma grossíssima trave de castanho, firmada na parede e deitada de través, — como um cetáceo antediluviano, — sustentava no extremo livre o clássico parafuso vertical e o enorme cilindro de pedra, que haviam de fazer mais tarde a compressão do bagaço reùnido.

O ar estava quente e pesado no interior do recinto. Uma emanação vinolenta fortíssima embebedava. Os homens avançavam sempre de cada lado, verdadeiras prensas inteligentes, vindo procurar com o pé ao de cima as uvas, que arrastavam logo para o fundo, a sofrerem a mesma pressão inevitável. Um vapor espêsso sobrenadava ao lagar. Os galos ao longe cacarejavam. E, no pavimento lageado da vasta quadra, Duarte de Sousa e as duas filhas seguiam com verda-

deiro interêsse o esmagamento da uva amontoada.

Próximo das 11 da noite, começou Teresa a impacientar-se. Espreguiçava-se, movia-se amiúde, fingia grandes bocejos repetidos, levantava-se dando passeios inconsiderados, deixava escapar muito intencionalmente pequenos — *ahs!* de aborrecimento: tudo isto a implorar do pai a permissão de retirar. O pai, porêm, entretido com os homens, nem dava fé... Teresa estava de-véras contrariada, estalava de impaciência. Subiam-lhe ao rosto quentes ruborizações intempestivas; sacudia-a por ímpetos uma raiva concentrada de chorar.

Maria, a bondosíssima Maria, que a vigiava, percebeu-a. — Tinha por fôrça entrevista combinada com o bacharel... Tontinha! Que desgraça! — E a pobre irmã anuviava-se tôda, como na previsão inconsciente de qualquer funesta ocorrência.

Teve dó de Teresa, afinal. Pediu licença ao pai para retirarem ambas, e saíu com ela.

À porta do seu quarto, Teresa, muito apressada e a fingir que caía de sono, despediu-se da irmã:

— Adeus, Maria, até àmanhã... morro de sono... ¿ até àmanhã, sim? se Deus quiser!

E a irmã, observando-a de esconso:

— Deixa-me entrar, só emquanto te despes... Então!...

Leu bem evidente no olhar franzido de Teresa uma pungente e mal disfarçada contrariedade. Teimou contudo, e foi sentar-se à cabeceira do leito, muito passiva, muito doce, quási inerte, falando de coisas triviais.

Teresa estava sôbre brasas. Primeiramente, não se despia; depois, à observação muito serena da irmã, de que não parecia que tivesse muito sono quem se não apressava em deitar-se, começou então a despir-se, fula de raiva, comprometendo-se... Partiu o cordão do colete; os botões de cós das saias saltaram, arrancados;

deu uma joelhada no ferro da cama; e, ao enfiar-se finalmente sob a roupa, enterrou com fôrça a cabeça na brença do travesseiro para ocultar duas lágrimas furtivas.

Maria, muito plácida, fingia não perceber, falando, falando sempre de coisas indiferentes, numa melopeia arrastada e monótona, como a querer narcotizar a irmã. Falou, falou arrastadamente, cantarolou, rezou... e ao cabo de duas longas horas, — quando Teresa, calcinada de febre, conseguiu por um esfôrço sôbreùmano fingir-se adormecida, — retirou então.

Chegada à sala contígua, a da fruta, abriu a janela do poente e olhou para a estrada... o bacharel devia forçosamente ter esperado ali... Não viu ninguêm... — fartara-se de esperar, retirara... — E, tôda sorridente da sua acção recolheu por seu turno ao quarto e adormeceu breve, tomada de sonhos alvorescentes e inundada a alma de frescura.

Ao tempo, as duas fileiras dos pisadores chegavam de cada lado à grossa trave de castanho, a meio do lagar, e num largo brado varonil e amigo, apertando-se as mãos, davam por finda *a meia-noite.*

Teresa, rábida de impaciência, vestira-se à pressa no escuro, abrira a porta da alcova de mansinho, e arrojara-se de salto à mesma janela do poente, angustiada profundando a noite com o olhar.

Nada ! A linha sinuosa do estreito caminho perdia-se no escuro do flanco do monte, sem que a riscasse a sombra indecisa dum único ser vivo. — O seu amor esperara, sem dúvida, impacientara-se, fugira desalentado. Que horrível contratempo !... Quem sabe se voltaria !?... Tudo por causa da irmã, a finória, a abelha-mestra, que andava mas era roída de inveja a contrariar-lhe o seu plano. Oh, mas era horroroso ! Não podia ser... Era mister pôr termo a uma situação tam atrozmente intolerável. Aquela espionagem constante

matava-a... acabaria certamente por a enlouquecer! Se êles se amavam, ¿ para que peá-los assim cruelmente, quando o bom Deus os aproximava?... Nada! se êle voltasse... ¿ e voltaria?... voltava com certeza, porque a amava com delírio!... quando êle voltasse, fugiriam ambos, se tanto fôsse preciso!

Aqui tornou a perscrutar ansiada com a vista o silêncio tumular da noite... Esta contrariedade irremediável sublevava-lhe as ardências do temperamento em escabeladas ondas de alvorôço... E por fim caía de joelhos esbraseada, tonta, a cabeça a escaldar no ar frio da madrugada...

No dia seguinte, Teresa acordou com uma grande dor de cabeça, zoeira forte nos ouvidos, palidez de mármore, os olhos cavos, uma fadiga invencível nos músculos dormentes. Falava pouco. A espaços um monossílabo destacado, súbito, destoante, denotava nela fugas largas do pensamento pelas regiões obscuras de inconfessados sonhos. Todo o seu pequenino ser, nervoso e fino, vibrava de desejos, fervia de comoção.

Com um grande espanto apavorado, sentia ela agora a cada momento, sem saber porquê, tomá-la um mole deliquescer dos nervos. Irresistìvelmente, as grossas pernas nuas, a escorrerem vinho, dos homens que ao meio-dia saíam do lagar, fizeram-na tremer escandecida... Acordava nela imperiosamente a fêmea. A sua alma puríssima e amaníssma baixava ao esterquilíneo das provações bestiais. Era uma ignomínia com asas, um ditirambo no céu.

Por inaudito esfôrço de vontade, conseguiu iludir a irmã, aparentando todo o dia a mais inteira serenidade. Depois, à noite, ao cantar do galo, quando calculou que seu pai e Maria, fatigados da labuta de todo o dia, dormiriam já a sono solto, foi abrir a janela da

sala da fruta, — agonizante de receio, — circunvagou rápido a vista... e descortinou então o vulto amado de Augusto, em baixo, sob a sombra discreta dum dos cedros.

— ¿ Es tu, meu bem ?... Espera ! — segredou, exânime de prazer.

E num ímpeto tresvariado, atando um lençol, que trouxera, aos fechos da janela, deixou-se escorregar palpitante aos pés do namorado.

Abraços sem conto, estrangulamentos férvidos, beijos, protestos, exclamações, delírios... e eis os dois a caminhar por'li abaixo, muito unidos, a face contra a face, o braço de Augusto em tôrno da cintura de Teresa, electrizados ambos e trementes sob a discreta escuridão da noite... comprimindo-se, olhando-se, aspirando-se, amando-se... a descerem, a descerem, a descerem sempre a longa seqüência das várzeas, de degrau em degrau.

— Teresa, que loucura foi esta ? ! — aventurou Augusto, com a voz pêrra dum enforcado.

— Censuras-me ? !... — exclamou ela, exaltada, os olhos no escuro como dois carbúnculos.

— Censurar-te... que idéa !... Por esta nossa aproximação felicíssima, inesperada ? !... Oh, Teresa, meu amor ! faze-me justiça... Adoro-te !

— Pois bem ! A minha loucura é o que há de mais racional, de mais lógico... De casa não posso amar-te em liberdade, no pleno exclusivismo sem peias do meu pobre coração alanceado. Espreitam-me, seguem-me, adivinham-me... Ontem não me deixaram vir à janela. Um suplício intolerável !... Não posso com êle. Ou morro...

— Morres ? !...

— Ou te hei-de amar absolutamente ! livres os dois como as aves e os ventos, em meio do simpático exemplo da amiga Natureza...

— Amemo-nos livres, sim ! — repetiu Augusto. E sentiu afoguear-lhe o crânio voluptuosamente uma intenção malévola.

Teresa surpreendeu-lhe o criminoso apetite, porque atalhou suplicante:

— Mas tu não me fazes mal, não ? !

— Oh, filha ! ¿ pois eu havia de te fazer mal ?...

E um longo beijo tremiculoso cerrou pérfidamente aquele pacto de mútua confiança.

Entretanto, iam descendo sempre, muito unidos. Na passagem duma para outra várzea, como as escadas eram muito estreitas e os dois não podiam descê-las a par, Augusto tomava Teresa ao colo, e descia então muito vagaroso, medindo os passos, encostando quási a face ao seio da namorada quando mergulhava a vista para a frente, a procurar os degraus no escuro.

Afinal entraram na sombra impenetrável do pomar. Sentaram-se sôbre a relva, na várzea cimeira, — trémulos, mudos, as almas nos olhos, os músculos frios de comoção, — Augusto contra o tronco duma laranjeira, abandonada entre os joelhos dêle a pobre Teresa.

Ela agora arrependia-se da sua ousadia, desfeita de mêdo: mas ao mesmo tempo gozava inebriada aquele imensuro prazer da companhia do amante, ali assim na sombra, em segrêdo, na completa ignorância do mundo... e pendurava-se-lhe do pescoço, transportada... e tremia tôda a espaços, sacudida de vibrações que a corriam das fontes aos artelhos, e não eram seguramente de mêdo... mas de desejo.

Augusto a seu turno aquecera também. Aquele gentil e franzino corpo de virgem, ali todo dêle, no confiado e absoluto abandôno da solidão; a mágica influência enervante da noite estrelada; o aroma estonteador das laranjeiras, dos jasmineiros, das rosas, da balsamina, da madre-silva; o murmúrio dolente e vago do ribeiro que lhes corria aos pés, — tudo concorria para inflamar no

íntimo do vicioso estudante uma insofrida pira de maus instintos.

E aqui o seu diálogo recomeçou, todo em monossílabos de mimo, ciciado, brando, gemido como um queixume, voluptuoso e flébil como o cantar da água que perto corria... — Ali, sim! é que ela estava bem... Só com êle, só dêle! inteiramente votada ao seu querido amor!... Assim é que ela havia de vir falar-lhe, tôdas as noites... sempre, sempre... até casarem, até poder ser legítimamente dêle!

— ¿ E quando viria finalmente êsse dia?...

Manhosamente, Augusto derivava... A sua viciosa organização, o logar, a ocasião, a hora, o impensado rasgo da amante acendiam-lhe num criminoso arranque o pensamento e o desejo. A cabeça dançava-lhe embalada num berço de fogo. E já todo o seu infame querer se resumia agora em tomar posse inteira de Teresa, ali na alfombra discreta daquele gineceu perfumado, na protecção balsâmica da laranjeira, sob a cumplicicidade estóica das estrêlas...

Assim, num — amo-te! — impetuoso e irresistível, cingiu Teresa nos braços; mas Teresa então transfigurou-se...

— Não! não! — reagiu com fúria.

Prestes a sucumbir, sem fôrça física para lutar com um homem, sem energia moral que lhe afogasse a sensualidade espirrante, salvou-a no entanto a sua grande honestidade essencial. O que quer que fôsse de austero e branco, ao insulto daquele ataque brutal, se abriu dentro dela, que a fez maravilhosamente reagir, com um ímpeto de indignação correspondente à inverosímil extensão da sua ingénua confiança.

Intransigente, com uma vontade de aço, lutou, lutou, nesta desesperada ânsia de quem quere salvar mais do que a vida... E tendo num supremo arranco supplicado: — Virgem! valei-me!... — já agora, como por mi-

lagre, consegue derrubar o sedutor, desembaraça-se... aí salva numa carreira doida a aspérrima encosta, chega a casa, marinha pelo lençol, fecha-se cautelosamente... e, sem bem atinar como, acha-se felizmente de novo na sua cama, com as fontes a estoirar, luzes congestivas dançando-lhe na retina, e dentro do peito o coração aos aflitivos trancos.

IV

Dois meses volvidos, por uma tarde nevoenta e áspera de novembro, entrava Teresa para o pequenino recolhimento de Freixinho.

O namorado não mais veio... nem na noite seguinte àquele desregramento férvido do pomar, nem em nenhuma das noites subseqùentes. Sonegara-se, suprimira-se. — Aquele género de relações com a gentil filha do Osório, — pensou, — ia num pé muito comprometedor... Tinha um raio dum temperamento vulcânico o diabo da rapariga ! Era inconsiderada, excessiva, inclemente como um areal dos trópicos... êle também não era santo nenhum... e a coisa tornar-se-lhe-ia depois importuna como um fardo. Nada, não convinha... fôra melhor assim. Olha que amargo tropêço êle estivera por uma pena a arranjar para os dias da sua vida ! — Resolveu pois, cìnicamente, afastar-se. Ainda uma pontinha de despeito pelo malôgro da sua tentativa infame, endureceu-o. Depois, a cobardia de futuras responsabilidades amordaçou de vez aquele amor, todo animal, de símio, a que na essência se reduzia a sua impetuosa dedicação artificial. Resolutamente, pois, anulou-se, a-pesar de minado por um desejo afogueante, quando ainda a pleniposse da virgem lhe não podia ser incitamento ao abandôno da mulher.

Escreveu-lhe uma carta sêca e breve, explicando que a próxima abertura das aulas da Universidade o obrigava a partir imediatamente, — isto sem um afago de estilo, sem uma frase saùdosa, sem a mínima alusão a um próximo enlace, sem uma promessa sequer indefinida, — e nunca mais deu sinal de si.

Teresa sofreu amaríssimamente, primeiro as torturadas incertezas, depois a evidência esmagadora daquele rompimento formal, inqualificável. Horas e horas encerrada no seu quarto garrido e pequenino, debulhava-se em lágrimas mordentes, que lhe cavavam nas pétalas do rosto grandes sulcos dolorosos. A sua alucinada decisão, naquela noite já'gora inolvidável, destemperara-lhe o equilíbrio fugaz do organismo, fizera brusco erguerem-se e tomarem alento todos os viciosos desvios, tôdas ao baixas solicitações, todos os instintos maus da sua raça. Naquele tremendo minuto de luta nas trevas, ela conseguiu, sim, salvar o corpo incólume... ficou-lhe porêm dentro rugindo em cachoeiras o desejo insatisfeito. Foi um terrível alarme! Um santo impulso da vontade levara-a a reagir; mas os sentidos despertos reclamavam agora a sua parte gorada de prazer... a termos que, em horas ardentes de perdição, arrependia-se a pobre de não haver cedido à fúria do amante... exasperava-a a reconhecida impossibilidade de retroceder no tempo para realizar essa capitulação apetecida... e no dédalo amargo da sua dor, na aflitiva compreensão do infinito resvalo de ignomínia a que a má sorte queria arrastá-la, a sua alma, desnorteada e ardente, era como que um perdido sino de eremitério, que pela noite negra a fúria da tempestade houvesse arrancado à frágil protecção da tòrresita, e agora fôsse, sonoro e plangente, rolando pelo abismo, na escabelada asa do vento, de aresta em aresta, de fraga em fraga, trémulamente a ulular, a ulular um alto e dobrado gemido...

Ela conhecia então o mal e encarniçava-se no es-

magamento nojoso de si mesma... sentia pesar-lhe no esterno dolorosamente uma ânsia horrível de asfíxia. Uma grande litografia colorida de Nossa Senhora, pendente da parede do seu quarto, enviava-lhe censuras, — não a podia fitar; o aspecto ridente e loução da sua câmara incomodava-a. Por isso ela fechava as portadas da janela, afim de amortecer a luz. Mordia-a como um insulto aquela antítese inexorávelmente cáustica entre os festões brincados das paredes e o negro desbarato do seu íntimo desespêro. As fugas da imaginação abriam-lhe as rosas e as dálias do papel noutras tantas bôcas, em casquinadas de troça sublinhando o seu atro infortúnio... Outras vezes, após uma longa e absorvente meditação, em que a rubra patognose do temperamento lhe fazia dar a êste malôgro trivial dum afecto a incomensurável extensão dum desastre irreparável, a sua pobre alma perdida via-se sugestionada por um misterioso influxo a descer a fundos antros de desvario e prazer, vagamente entrevistos... e ela ficava-se então, colhida por um terror de exame, inerte, apavorada, — em pé, o corpo à frente, os braços em arco, juntas as mãos numa súplica, — imobilizada e hirta, movidos apenas a um e outro lado angustiadamente os olhos, nessa idiotia parada e repugnante dos sáurios inferiores.

Este pungentíssimo sofrer seguia-o ávidamente Maria do coração. Via a irmã penar, penar atrozmente, sôbreùmanamente; e tôda a sua alma bondosíssima e amantíssima, tôda a sua dedicação altruista sem reserva ardiam por se converter em bálsamo, morriam por consolar, calmar, socorrer. Mais que uma vez interpelou Teresa amorávelmente, convidando-a com blandícias, suplicando-a com lágrimas a que lhe confiasse a causa do seu padecer insano. Sempre debalde!

Ali por fins da vindima, uma noite, à ceia, disse Duarte de Sousa à filha mais nova:

— Teresa, ¿ tu que tens?... Sofres?... Andas tristo-

nha, macilenta, os olhos encovados, os beiços brancos... Não comes, não bebes, não passeias... ¿ Andas doente ?

Teresa enfiou, baixando os olhos.

— Isso assim não é vida, sua tolinha ! — prosseguiu o pai, muito afável, — precisas espairecer, sair. Vamos nós àmanhã todos merendar ao pomar... valeu ?

Teresa deu um grande salto aterrado na cadeira e bradou suplicante:

— Ao pomar ? !... Ao pomar não, meu pai, pelo amor de Deus !

O pai estacou, sem compreender. ¿ Donde vinha tão súbita e inexplicável repugnância ?... Uma nuvem de dúvida sombreou-lhe o semblante magnânino. Estava iminente uma explicação difícil, dolorosa... Maria percebeu-o; por isso atalhou, num relance:

— Ela está com febre, meu pai; deixe-a, deixe-a por hoje... Com licença.

E levou para o quarto rápidamente a irmã.

E então esta, uma vez sós as duas no quarto pequenino, caíu contra o colo de Maria, numa larga expluição de pranto estrangulado, e contou-lhe tudo, cruamente, febrilmente, pondo nas sabidas trivialidades do episódio tôda a escandecida ampliação do seu temperamento em fogo.

Naquela noite Maria não dormiu. A sua natureza igual e suavíssima, tôda plácida harmonia, tôda serenidade imaculada, tôda culto intransigente pelo Dever, não percebia os desmandos vertiginosos do temperamento azougado da irmã. A linha recta não compreendia o desvio. Eram-lhe impossíveis de aceitar tam vivas penas, tam agudas crises de desespêro, só motivadas no desenlace duma ligação banal. — Se teria havido mais alguma coisa ! ?...

O que, em todo o caso, a deixara positivamente aturdida, fôra o ardido desembaraço, a alucinada bolímia amorosa de sua irmã. Isto fazia-a pensativa, instilava-

-lhe no coração pelo futuro de Teresa um grande susto piedoso. — Que perigos ela ia correr, com uns repentes assim! Deus do céu!... Era preciso furtá-la ao mundo!

Sôbre a madrugada, tinha uma resolução amadurecida. Entrando no quarto de Teresa, disse-lhe: — Não te apoquentes... Estás apecadada, filha! mas isso tem remédio... O pai escusa de saber êsses pormenores... mas com uma condição: tu vais entrar em Freixinho! — Teresa esboçou uma relutância. — E a tua única salvação!... Dize ao pai, pede-lhe com instância... finge vocação. Eu ajudarei!

Teresa era a filha preferida do fidalgo. Achava-lhe analogias bruscas de temperamento, que lhe polarizavam para ela quási inteiro o coração. Por isso custou-lhe imenso a partida dela para Freixinho: e mais lhe custou ainda o passar depois em casa sem ela, cujo gárrulo bulício pairava sempre de telhas a dentro como um bom deus tutelar... sem ela, cuja turbulência alacre servia de temperar com acêrto a bondosa e monótona passividade da irmã.

Coisa notável! Teresa a deixar a casa, e a entrar por ela no mesmo instante a desgraça. Ela a sair, e logo a baterem à mesma porta, atropeladamente, as dificuldades acumuladas da administração daquele rico património.

Os crèdores, fartos de esperar, insolentes, apertavam. O negócio parecia apostado em desandar: os mercados ingleses retraíam-se, não havia saídas para o Brasil. A própria terra estava produzindo mal; no ano seguinte, a novidade não chegou a um têrço do regular. Seguidamente, a pavorosa devastação filoxérica fulminou de extermínio tôda a feraz região vinícola do Douro.

O vélho fidalgo dava-se a pêrros, exasperado, doido. A mais pequena contrariedade, ensandecido pelos clarões

do seu espírito em febre, tomava-se de bruscos excessos de cólera, brigando com a candorosa limpidez habitual da sua alma.

De uma vez, como estivesse desalentado dando balanço no escritório ao activo e passivo da casa, entra-lhe o vélho e fiel Elias, a anunciar uma visita.

— ¿ Quem é ?...

— É um senhor de Lamego.

— Que te disse eu ? !

— Ele diz que diz... é um senhor do Banco.

— ¿ Mas eu não te disse, não me tenho farto de te repetir, que não falo a ninguêm ?...

— O meu senhor, como era do Banco, pensei...

— Pensou ! pensou ! — atalhou em grita Duarte de Sousa. — ¿ E quem lhe deu a você o direito de pensar ?...

E, rubro de indignação, erguera-se de chofre o fidalgo, vociferando:

— Pedaço de burro !... Um senhor do Banco !... Apresenta-mo cá, que o corro tambêm !

Outra vez, um dia em que lhe tinha sido protestada uma letra de vulto, jogava esquecidamente o gamão com um vélho ex-frade, seu parente, muito chocarreiro e liberal. Corria-lhe o jôgo em azar; perdia sempre. No entanto, porfiando e arrastando o jôgo, sôbre os joelhos dos dois o taboleiro, ia jorrando teimosamente os dados, sempre na doentia esperança de ganhar.

— Ainda vou fazer gamão ! — afirmou, com lume nos olhos, ao bater duma vez duas pedras ao parceiro.

— Tu ? ! — mofou bondosamente o padre.

— Tam certo como estarmos os dois vivos !

— Tam certo... como chegar aí àmanhã *o bom* do teu D. Miguel !

Não foi preciso mais nada... Logo D. Duarte, incendido, contra o parceiro arremessou o taboleiro e as pedras, num repente.

Mais do que tudo exasperava-o a necessidade reco-

nhecida de olhar com atenção pela casa, de cortar largo pelas despesas, quási por completo renunciar às suas queridas e habituais munificências. Porque o seu grande coração magnânimo queria dar, dar sempre e muito. A liberalidade era o pão da sua alma, a caridade a flux o calmante afinador do seu temperamento indomável.

Entretanto, um certo optimismo hereditário enardecia-o a espaços, fazia-o confiar tudo do futuro, muito sereno e descuidoso. — Deus havia de arranjar as coisas pelo melhor... Pois então! levar-lhe-ia em conta o pouco bem que fazia, para lho multiplicar em remuneradoras prosperidades. Veriam para o ano! — E esperava para o ano, sempre magnânimo, sempre dadivoso, sempre esmoler, sempre descurando os encargos, sempre esquecendo inadiáveis deveres... E o ano seguinte vinha, invariávelmente escasso e mesquinho como os anteriores... as dificuldades amontoavam-se num *crescendo* pavoroso... e o bom Duarte de Sousa estalava de desalento, paredes meias da loucura.

Visitava Teresa freqùentes vezes. De Taboaço a Freixinho iam três grandes e fragoentas léguas, de péssimo caminho; ¿mas isso que era para êle?... Podia muito mais um rude lavrador, mòrmente sendo, como era, para ver a sua maior afeição neste mundo. — Por causa da sua rica filha seria até capaz de ir num dia ao Pôrto, se ela estivesse lá!

Das piedosas visitas ao poético mosteiro trazia sempre um traço a mais de misticismo, um tudo-nada de adoração, um pouco da religiosidade imanente do repousado e rústico logar. Aquela atmosfera sagrada e doce, de concêrto com a desolação gemente da paisagem, com a beatitude patriarcal da aldeia, ia-o penetrando insensivelmente, por uma espécie de endosmose espiritual. Assim, breve cresceu nêle a tendência ingénita à devoção... dominou-o, fanatizou-o... e desde então o fidalgo renitiu em procurar ardentemente na ora-

ção e na súplica ao Altíssimo, a um tempo, a orientação atávica da sua alma, e a seus males o miraculoso remédio.

Por efeito desta ardente e alheativa obsessão, o bom vélho transformara-se. Deixando a limpeza e o aceio fidalgo de outrora, e emmagrecido, desmazelado, inútil, as quintas ao abandôno, em maré viva os crèdores, tudo da casa à revelia, as suas questões magnas eram agora as relativas a campanários, lausperenes, bulas, indulgências, devoções. A nada mais ligava importância... Agora, segundo o seu obsecado critério, a còrte dos santos e santas do céu não fazia mais do que ocupar-se constantemente dos males da humanidade. Uma espécie de burocracia sobrenatural, própria a alcançar do Altíssimo favores e bênçãos para os eleitos. — Havia de chegar a sua vez!

Amiúde increpava de falta de zêlo pela Igreja o seu vélho parente, o ex-frade liberal, que aliás era exemplar no desempenho das suas funções eclesiásticas. Doou à igreja matriz de Taboaço uma imagem grande do Senhor dos Passos, mandada insculpir e encarnar no Pôrto, e fez abrir para ela na capela-mór, a expensas suas, um luxuoso nicho forrado a damasco, envidraçado. Um fortíssimo temporal de inverno derruira a ermidinha de Santo Aleixo: pois Duarte de Sousa fez construir à sua custa uma outra, maior, desde os alicerces; e, mandando murar cuidadosamente o recinto da antiga, fê-la converter em cemitério. Tambêm mudou a denominação da sua deliciosa quinta do Sêrro para *Quinta da Fé*. E mais um donativo para a igreja de Távora, e mais uma demão de cal na capela de S. Plácido, e mais largos presentes e oferendas à Santa Eufémia... tudo à custa da casa, cada vez mais endividada, tudo sem que os ingratos dos santos favorecidos tivessem alma de meter um empenho junto do Padre-Eterno, a bem dos haveres do seu dadivoso bemfeitor.

Teresa derivara igualmente, sem transição e sem esfôrço, para a religiosidade irracional e exclusva dos maniacos.

De princípio, o seu modo de vida novo, a inquebrantável calma do mosteiro, a bondade sempre sorridente das monjas, o sossêgo amigo da cêrca, o almo bucolismo da aldeia, a solidão, a paz, a ausência do *exterior*, contribuiram bastante para a distrair e sossegar. Abrandara, aquietara, arrefecera... como um borbotão de água fervente caíndo na amtosfera gelada dum subterrâneo. Depois, lia e tocava muito. O pai mobilara-lhe a cela com esmero: biblioteca, piano, esteira, cortinados. Teresa lia, horas e horas de seguida, afogando na viva assimilação das impressões alheias a desfibrinadora análise da sua personadliade. Lia e esquecia-se... O mundo começou a encará-lo de muito longe, num vago ar de desdêm, ridículo, inofensivo e pequeno, como se visto pela objectiva dum óculo invertido. A humilhante recordação do seu amor gorado foi-se-lhe grado e grado apagando, na resolução longínqua das impressões do exterior. Assistia rejubilada à anulação de todo o seu ser antigo. Fazia-se outra... depurava-se. E agora olhava já de frente, radiosa e firme, confiada, familiar, para a grande litografia colorida de Nossa Senhora que ela trouxera do Sêrro, e muito flamante e rubicunda lhe guardava ali a cabeceira do leito.

Muito de caso pensado, o pai, aquecido num grande júbilo interior, não lhe trazia senão livros religiosos; e entre êstes os mais sublimados, os mais transcendentes, os mais histéricos na frase, os mais ferozes no fanatismo, os mais abstrusos na idéa. A filha lera-os primeiro com mêdo, esmagada e opressa por aquela seqüência inacabável de terrores sublimes. Faziam-lhe pesadelos... Depois, possuida da trágica verdade dessas tremendas aberrações humanas, supunha-se uma peca-

dora *in extremis*, incapaz de jàmais altivolar-se a tam cérulos primores de perfeição... condenada portanto sem remédio! E a sua pobre alma transviada ardia por se sentir ungida, lambida também de Fé, como um corpo de mártir numa fogueira; e num amargo êxtase planizava rosários imensos de privações, castigos, — tudo no receio desesperante de não se poder salvar.

Entretanto, a rubras intercadências do desejo, o seu temperamento buliçoso e cálido por vezes despertava, arrancando-a do seu calmo misticismo para a despenhar em perturbações estranhas. Animava-se tudo para ela, numa comoção de incêndio, num alvorôço de apetite longamente represado. Voltava a bailar-lhe nas podridas filaças da imaginação, brusca e rútila como uma faísca, a scena lúbrica do pomar. — Estava perdida! — Olhava a litografia colorida... e Nossa Senhora de encará-la de sobrecenho. Saía para os corredores... e só então a alvura do linho amortalhando as monjas, clemente como um perdão, acalmava-a, segurava-a, fazia-a entrar em si.

Mas logo o dobre dos sinos, à noite, fazia-a dar grandes gritos histéricos... pareciam-lhe iradas vozes de arcanjos, acusando-a perante a comunidade. E as luzes eram como dardos de fogo, que lhe iam té à alma; e a sineta da sacristia, à missa, o chôro desesperado da sua alma perdida; e a Hóstia, elevada entre as mãos do padre, um implacável zero posto a seus rogos ferventes de admissão no céu... Então assistia à segunda parte da missa, ante o espanto das monjas, debulhada num largo pranto doloroso.

Duarte de Sousa observava e seguia radiante esta progressiva absorpção da filha pelo elemento espiritual. Reconhecido, cumulava de presentes e benefícios o mosteiro: um piano-órgão novo, um lustre para a capela-mór, um quadro a óleo da Senhora da Conceição; paramentos, toalhas, um cális de prata. E, — não esque-

cia, — a cada visita êle aí trazia sempre um novo livro à filha, cada vez mais destemperadamente idealista, de efeitos cada vez mais terrivelmente desorganizadores. E Teresa, lançando a divagar por aqueles sublimes desregramentos a sua inteligência de lume, tomava-se indissoluvelmente da religiosidade que a cercava. O silêncio tumular da casa, a magoada desolação dos montes esborcados, as rezas insistentes no côro, ao luaceiro indeciso da tarde ou da manhã, sibiladas no cavo recolhimento da imobilidade e do mistério, as conversas e sugestões do pai, a untuosidade do vélho confessor, as leituras, as prédicas, os sermões eventuais dos missionarios, — tudo concorria para a ganhar para o céu. Quebravam-lhe a vontade, anulando-lhe o arbítrio... acendiam-lhe a crença, apagando-lhe a razão.

Alimentava-se mal: todos os dias de preceito jejuava, nos outros faltava-lhe o apetite. Perdera a antiga coloração, brilhante e sadía; emmagrecera. Já fundas olheiras lhe cavavam té junto às asas do nariz os olhos. Bebia muito chá, principalmente à noite, — chá quási estreme de açúcar. Daí, repetidas insónias, e no seu organismo abalado minando galopante a consumpção da anemia.

Volvido o ano do noviciado, fez os votos do estilo e professou. Foi êsse um dia de festa para a família. Veio o pai, veio a irmã, veio o vélho Elias, que a tinha trazido ao colo e chorava agora como uma criança, ante aquela certeza inexorável de nunca mais ver animada a casa de Taboaço pela *sua querida menina !*

Um dos maiores motivos de desespêro da nova freira era não conseguir igualar, na transcendente ideação dos seus arroubos, na absoluta perfeição do seu misticismo alado, aquela que fôra sua homónima, — Santa Teresa, — essa adorável carmelita, feita de mármore e incenso, de cera e de lava, cujos escritos sublimes ela adorava, cuja vida, morte e destino a mordiam duma

santa emulação irreprimível. Lia-a, devorava-a, procurava imitá-la de contínuo; apreendia-lhe do coração o estilo, a paixão, a elevação, o sentimento; mas por mais que se alheasse da lama, por mais ardidamente que batesse asas a sua casta e timorata alma, jàmais lográra alcançar êsse olímpico éter, atingir aquele supremo ideal de amor subtilizado. Atraía-a e subjugava-a de preferência um pequenino volume, brochado em pergaminho, — edição italiana do século passado, — oitenta e duas laudas com outras tantas gravuras, que eram a condensação plástica de tôda a biografia da Santa, desde as suas iluminadas caminheiras em criança, a sua predestinada iniciação, té à faminta e ardente acolhida da sua alma no seio amante do Crucificado. Aquela exemplificação figurada, entrando fácil pelos olhos, tinha um enorme poder de propaganda. Valia mais que centenas de páginas de texto, fastidioso e subtil. No rosto do livro havia uma encantadora miniatura simbólica, tendo a ovalá-la esta legenda — Jesus Maria, Divœ Theresiæ Amor — torturadamente enlaçada numa tessitura de espinhos. As gravuras eram perfeitas, simples, a grossos traços nítidos, dum realismo pagão. Debruava-as na base sua explicativa legenda em latim. A filha de Duarte de Sousa fixava-as, corria-as tôdas ávidamente, da primeira à última, noites inteiras... na exclusivista alucinação do seu querer, já os olhos a enganavam, substituía à da Santa a sua imagem, na causticante inquirição daquelas scenas de exame... então, vinha-lhe uma ingénua ilusão de vaidade e imaginava ver também um outro livro análogo, piedosamente votado êste à sua memoria, inspirado na admirável lição da sua própria vida... e ficava-se esquecidamente a contemplar, num encarniçamento febril, a última fôlha do livro, — aí onde entre uma ronda de anjos, num vago imaterial, perdida a cela da Santa nas nuvens, a sua alma, uma pequenina pomba aureolada,

se lhe escapa dos lábios voluptuosamente entreabertos para o seio magnânimo do Criador... Depois, largado num repelão o livro, tôda eterizada e tremente na inefável tirania do seu sonho, Teresa prostrava-se em êxtase diante do oratório, erguia-se em férvida adoração ao Cristo; peiando o pensamento e deslaçando a alma, cerrava os olhos, procurava resumir tôda a figura do Senhor na alma visionação da sua amantíssima face divinizada... Mas aí vinha a imaginação a lembrar-lhe sempre, renitente, a banda de linho que lhe cingia os rins.

— Que horrível e imenso desespêro !... Ah, imunda carne, que tam ferozmente me perdes e me torturas ! É de endoidecer... ¿ Pois que anomalia, que irrisão, que perversão é esta ?... ¿ Será, em última análise, isto a religião: — a preocupação sensual brava a emergir dos mais enaltecidos arroubos da alma, a devoção a indultar o pecado, a abstenção a açaimar o desejo, a virtude a cavaleiro no vício... Por Deus ! pode lá ser... ¿ Então essa alvorada celeste, essa depuradora febre, essa coisa santa e misteriosa que inspirou a sublime odisseia dos mártires, que faz o orgulho do céu e o assombro da história, não passa duma repugnante antítese, um brutal contrasenso, uma hipocrisia, uma mentira, um cálculo ?... ¿ Então S. Jerónimo, Santa Teresa, Santo Agostinho, Santa Cecília teriam também êste sórdido dualismo a pesar-lhes no mais imaterial arranque de seus vôos ? ¿ Pois então, na contemplação extática das virgens para com o Nazareno, haverá sempre esta estúpida colisão entre a vontade e o instinto, entre os sentidos e o desejo, que a mim me atormenta e me revolta ?...

Nada, não ! Era impossível ! O defeito seria dela, e só dela... pobre criatura maldita ! imundo vaso de barro proìbido de se erguer ao céu !

Estes e outros pensamentos trabalhavam-na rudes

e incessantes, cruelmente. Flagelava-se, batia-se... tinha acessos raivosos, espasmos de cólera, repentes de génio imprevistos. Começava a dar cuidado no convento o seu estado. Preveniram o pai, lembraram-lhe que trouxesse um médico. E êle, o cândido visionário, a retorquir:

— A medicina da terra, — peste! — nada tem que ver co'a minha filha... Abençoada filha! meu enlêvo e minha glória... O que as snr.as julgam loucura, é santidade! é a auréola dos eleitos a distingui-la do vulgo, a impô-la já em vida à veneração dos homens!... Orgulhe-se, snr.a regente, que tem na sua casa uma santa!

E ali mesmo, no locutório, o bom vélho ajoelhava, dando graças a Deus; emquanto, do outro lado da grade, as monjas entreolhando-se encolhiam compungidamente os ombros.

Passaram dois anos.

De uma vez, em dezembro, apareceu a missionar em Freixinho, precedido de extraordinária fama, o célebre Rademacker. A pequenina igreja encheu-se a trasbordar. E então, seguro senhor do púlpito, êsse grande e iluminado homem, verdadeiro demónio da palavra, orador pelo génio, pela voz, pela figura, pelo gesto, pela arte suprema de dizer, desdobrou larga e arrebatadoramente a sua poderosa eloqüência de energúmeno, a todos persuasiva e cativante, aos ânimos fracos irresistível. Apostrofou, ameaçou e traçou a côres negras um Deus vingador e inexorável, semeando naquela massa estúpida de aldeões o pânico, ante o cabisbaixo silêncio das monjas no côro, e o destemperado carpir do mulherio acocorado sôbre o lagêdo gelado da igreja.

Teresa, muito doente, não assistira à prédica. Mas fizeram-lhe as monjas do prègador um assombroso elo-

gio. — Tam novo e tam sábio, tam santo, tam desprendido do mundo!... Era uma maravilha!

No dia seguinte, de manhã, quis ela por fôrça ir ouvi-lo; foi rodada ao côro numa cadeira. Em baixo, a igreja regurgitava já de ouvintes; subia um calor espêsso e sufocante, empapado de crassos cheiros rústicos, ao suor e ao lixo; um sibilado marmotar de beiços distinguia-se; a quando em quando, um arrastar de tamancos arranhava nos ecos da capela; e um raio de sol oblíquo, como uma auréola de encomenda, incidia na porta do púlpito, no ponto exacto por onde o missionário devia entrar.

Ele entrou, grave e modesto, pálido, olhos no chão, — de barrete na cabeça, alva e sobrepeliz. Tirando o barrete, ajoelhou muito contrito, de mãos sôbre o parapeito do púlpito, com as costas para o côro, voltado ao altar-mór. Teresa, com o tronco todo à frente, ardia por lhe ver as feições. Quando o padre, de novo em pé, soltou, voltando-se para o côro, as primeiras palavras do exórdio, Teresa dobrou de atenção... os seus olhos azúis muito abertos dulcificavam-se, queria a bôca falar... depois, à medida como o prègador avançava na sua tese, na mesma alucinativa progressão das suas quentes palavras de ameaça, o desvario, a ânsia, o terror de Teresa iam crescendo também. Misteriosa corrente estabelecera um simpatismo acre e terrível entre as fatídicas palavras do orador e o seu místico desejo. Ela passava freqùente a mão pelos olhos, como a afugentar sombras que a impediam de concentrar absoluta a sua atenção... fugido à hirta marmoreação da face, batia-lhe grosso o sangue nos fontes... a tensão nervosa escoava-se-lhe em aspirações de fadiga aflitivas.

Súbito, a uma apóstrofe mais violenta do prègador, quando mais rudes e acesas estalidavam as objurgatórias contra o pecado, entre lúgubres imagens e apo-

calípticas visões do inferno, a desgraçada não teve mais mão em si, arrancou de salto para a frente, a vida tôda nos olhos, o terror dilatando-lhe as narinas, o cérebro a ferver, a face agora congestionada... e atirando-se de mãos crispadas contra a grade, que estremeceu sonorosamente, despedaçou a alma neste grito:

— Salvai-me! oh, salvai-me! Senhor...

E caíu desamparada.

V

Desde então, teimosamente, imprevistos, brutais, os acessos de loucura repetiam-se. Amiúde armava resingas com as suas doces irmãs em Cristo, que já fugiam dela. De noite, quando tôdas recolhidas às suas celas e amadornado o mosteiro num apagado silêncio de paz e de virtude, Teresa percorria então inflamadamente os corredores e o cláustro, rezando, cantando alto, a pleno pulmão entoando sentidos trenos religiosos... ou, gradativamente apavorada e baixa, a sua voz gemia fúnebres lamentações, tinha arrancos de suprema dor, era cava, torsida e ululante como a súplica de pavor de um condenado... e não contavam para ela as horas, nem se lhe quebrantava o corpo, nem a clara noção lhe vinha da realidade... emquanto, frias de mêdo nas celas, as monjas, persignando-se, iam correr segunda volta à chave, e não sossegavam senão quando deixavam de a ouvir... Que era quando a pobre louca, tendo descido à igreja, e rouca, extenuada, se rojava de-bruços ao chão, indecisa e longa na luz crepuscular da lâmpada ao Santíssimo, colando ao gêlo obliterador das lousas a sua face escandecida.

Queria a regente mandar exorcisá-la: opôs-se o bem-senso do vélho confessor. Encerraram-na na cela;

— estilhaçou o piano, arrancou a esteira, rasgou, espedaçou os livros... porfim, descia à cêrca pelos lençóis.

Não podia permanecer no convento. Era um desarranjo, um perigo, um escândalo constante. Teve o pai de ir buscá-la.

E aqui, chegada a casa, foi o seu primiero acto de violência de alto a baixo rasgar um magnífico retrato a óleo, em corpo inteiro, tamanho natural, que o pai lhe tinha mandado tirar, quando ela professara, por um artista vindo expressamente do Pôrto a Freixinho. Era um belo retrato, flagrante de verdade e expressão, suave, sugestivo, em que o semblante amávelmente austero de Teresa, sentada e de hábito, a sua fria côr macerada, divinamente harmonizando com a simbólica alvura do escapulário, acusavam a primor tôda a gostosa sinceridade do sacrifício.

Quando, voltada de Freixinho, ela viu êste seu retrato na sala de visitas, teve um frémito de indignação:

— Eu aqui !?... A minha figura não é para andar exposta a olhos profanos !

E logo, armada do prmeiro cutelo, que apanhou à mão, retalhou de alto a baixo a tela, implacávelmente.

O pai arrepelou-se e chorou.

Durante os primeiros dias da sua estada em Taboaço, ainda logrou algum sossêgo; distraía-a a novidade. Mas breve recomeçaram as fúrias, quási diáriamente. O melhor calmante a usar com ela era então deixá-la gesticular, vociferar, estragar, gritar à vontade. Não era raro vê-la em pé sôbre uma cadeira, e muitas vezes do alto da mesa da sala de jantar, improvisando sermões, soltando grandes tiradas lamuriantes, com o gesto iluminado, com uma voz convicta e vibrante em fulmíneos raptos de eloqüência, que eram a instantânea subtilização, pela demência, do seu largo e celso

espírito... mas logo cortados cruamente por uma grosseria, uma imprecação, uma obscenidade, um disparate. E assistia a família, e vinham os vizinhos. Estes, acossados numa onda de vivo interêsse, faziam roda, escutavam-na pávidos e atónitos, numa grande piedade enternecida. O pai anulava-se, absorto e imóvel, num êxtase. E Maria, a bondosa irmã, como a estátua mesma da resignação, os olhos rasos de água no rosto longo de dor, monologava:

— Louvado seja Deus !...

Teresa tinha dias que passava fechada no seu quarto, muda e insensível, sem tomar alimento, só a costurar, a costurar. — A casa estava perdida... — explicava ela depois, no seu videntismo de louca, — precisava trabalhar para comer ! — E esta frase certeira e pungente, com a imprevidência cruel duma doida arremessada ao coração do pai, fazia-o em grossas lágrimas instilar o seu remorso amargurado.

Costumava também deitar da janela para a rua, confiando-os imbecilmente ao vento, papelinhos dobrados, cheios de indecifráveis hieroglífos. — Eram bilhetes para o seu Augusto, — explicava, muito exaltada.

A medicina, consultada, declarou-a incurável. Além de crónico, hereditário, o mal, opunha-se a qualquer tratamento eficaz o seu adiantado estado de anemia.

Nos intervalos lúcidos, compunha lôas, orações, solfejava hinos, ia escrevendo um longo catecismo, com passagens não isentas de filosófica elevação.

Pertenciam-lhe estas:

A religião sem amor é uma árvore sem sombra.

O arrependimento e o perdão de Madalena é um dogma bem dissolvente... Com a antecipada certeza do perdão, pronto sempre à contrita confissão da cul-

pa, ¿ quem não há-de folgado e livre perseverar no êrro?

A oração é um bálsamo; o amor é um prémio.

Amar a Deus sôbre tôdas as coisas; amar em cada coisa um infinitésimo de Deus.

Antes do pecado, Adão e Eva eram as duas metades da mesma alma, — amavam-se; depois do pecado, ficaram apenas sendo os dois polos do mesmo instinto, — apeteciam-se.

Fazia quási sempre companhia ao pai na oração. Ao dobre das almas, à noite, era certo ir encontrar os dois no *quarto dos santos*, prostrados de joelhos diante do oratório, imóveis na sombra, calcanhares ao alto, a vida parada, o coração em fogo, todos lá muito em cima... numa embriaguez de sonho, numa adoração exclusiva de videntes.

Jejuavam quási por hábito, constantemente. Iam todos os dias à igreja, pela manhã cedo, ouvir a missa d'alva, que era dita pelo vélho ex-frade liberal. E lá se ficavam depois, esquecidamente... prostrados no último degrau do altar-mór, todos curvos à frente, os braços erguidamente abertos, a face para o céu, borbotando na bôca ferventes frases inspiradas, e na alucinada fixidez dos êxtasis os grandes olhos azúis direitos ao Infinito...

Duarte de Sousa agora jogava perdidamente nas lotarias. Esperava do favor dos santos alguma grande sorte miraculosa; e supersticiosamente punha os bilhe-

tes no interior das redomas das imagens de maior fé. Abandonara inteiramente os cuidados da casa. Iam-na atamancando, conforme podiam, a bondosíssima Maria, e o vélho e fiel Elias, sempre solícito, sempre incansável, sempre dedicado. De resto, a despesa fazia-se com bem pouco, porque iam providencialmente ajudando os donativos e socorros espontâneos de quási tôda a vila.

As quintas tinham ido já tôdas à praça; restava só a casa de Taboaço. Bem na cobiçavam também os crèdores ! mas continham-se, com dó daquela família desventurada, com dó sobretudo de Maria, cujo inalterável bom-senso e inexgotável doçura sofriam as últimas provações em meio dos desvarios do pai e da irmã.

Para cúmulo de infortúnio, num chuveiro desesperante, de tôda a parte agora incidiam sôbre a atribulada alma de Duarte de Sousa as calamidades e as desgraças. Todos os dias alguma notícia triste... Hoje era um irmão do bom vélho, activo, honesto, inteligente, que tendo partido para o Brasil em cata de meios de fortuna, morria de febre amarela, deixando ali perto, em S. Cósmado, mulher e cinco filhos sem pão e sem arrimo. Amanhã, um seu sobrinho muito querido, oficial de marinha, que depois duma dura estação em Africa, em Rilhafoles sucumbia, em três dias, a uma pavorosa congestão cerebral. Depois, um irmão dêste, estabelecido no Pôrto, homem probo e bemquisto, suicidava-se por um desastre qualquer de amores. E agora o pai dos dois, tenalhado numa incomensurável dor, isolara-se, apático e brusco, breve resvalando a um sombrio idiotismo, e passava os dias a remendar a roupa, a mandar artiguinhos para o *Almanaque de Lembranças*, e a empilhar quanto dinheiro podia haver às mãos, em panelas de ferro, que ia depois enterrar ao fundo do quintal.

A cada nova funesta, Duarte de Sousa, ficava-se

já passivo e na aparência insensível, afeito ao calejamento da desgraça. E Maria, sempre com a sua estóica resignação, chorando mansamente:

— Louvado seja Deus !...

Todo o tempo lhe era pouco para animar o pai, para vigiar a irmã. Sem ter nunca saído da aldeia, sem a menor noção do prazer, sem um inocente momento de gôzo, seguia essa ignorada mártir, resignada e serena, com a sua cruz, sem vontade própria, desafeito do seu cuidado o pensamento pela constante aplicação ao cuidado alheio... o seu diáfano olhar de santa sempre conformado e tranqüilo, sempre incapazes seus finos lábios de cera de encrespar-se numa lástima à sua sorte, num queixume contra o destino !

Organizava-se ao tempo, — 1877, — uma grande peregrinação a Roma. De alcance principalmente político, andava falada e pregoada *urbi et orbi;* recorriam ardidos os seus promotores a todos os meios de incitamento e propaganda. Irresistìvelmente estimulado, Duarte de Sousa arranjou com dificuldade algum dinheiro, seguiu para o Pôrto; daí, a poder de esmolas, tomou a Lisboa; e conseguiu afinal, radiante, embarcar com a embrulhada chusma.

Entrando na cidade eterna, invadiu-o uma cega embriaguez de fanatismo, uma demagogia feroz de intolerância. Ameaçou de punho fechado o Quirinal. Todo o dia levava nas igrejas; e as noites iam de velada ao relento, sonhando, ao abrigo da colunata imensa de S. Pedro.

Ao defrontar com Pio IX, deslumbrante de tôda a sua glória na célebre câmara de púrpura, deu-lhe um deliquio e caiu... trouxeram-no para fora em braços. O Santo Padre interessou-se por êle, mandou-lhe dar uma esmola.

Regressou escanzelado, roto, doente, exânime, quási cego. Tinha entrado o inverno. Para o fortalecer e alegrar, Maria organizava, — com que trabalho! — nos dias plácidos de Teresa o antigo passeio pela *estrada*. Aí iam ambas amparando o vélho, uma de cada lado, vagarosamente, ante o comovido respeito dos grupos guarnecendo as portas das lojas. A paisagem era desolada e parda como o coração dos três. Grossas nuvens de chumbo oprimiam como tampas. O sol não doirava, nem de leve, os cabeços de Monte-Redondo. O rio, em baixo, não se distingüia, coberto por uma peliça de nevoeiro. O ar, imóvel, resistia ao movimento como um cutelo. E das franças das árvores pendia, — translúcida, irisada, fúlgida, — a cristalização vítrea do *sincelo*, essa finíssima concreção do gêlo que filigrana de prata as copas do arvoredo.

O vélho gostava, animava-se... aspirava sôfrego aquelas emanações balsâmicas, tam suas conhecidas. Sorria, enardecia-se; voltava de instinto o rosto para os pontos da paisagem mais seus queridos.

— ¿ Estamos na altura da maior fôrça do mato, não estamos?... Quem me dera vê-lo ainda uma vez, a ser lambido em baixo pelo Távora!

Depois, na ponte:

— ¿ Há muitos fieitos agora por aí, Maria?

— Poucos, meu pai... O ribeiro vai valente e tem-nos comido.

— O rumor é de muita água, na verdade. Cai tam depressa! Foge com'a minha vida, filhas...

E abraçavam-se todos, estrangulados de comoção.

Assim foram passando gélidamente os meses. A fraqueza e a cegueira do pai redobravam; a loucura da filha não tinha alívio. Maria consolava... e chorava.

O vélho Elias, êsse andava morto de pezar. Aos que o interrogavam sôbre o estado dos fidalgos, êle só achava lágrimas para responder... De um dia em

que andava à lenha, junto ao *penedo-rachado*, passou um dos serranos certos nas antigas vindimas do Sêrro, sincero amigo da família. Apenas viu o Elias:

— Salve-o Deus, sôr Elias. Eu até tenho cobardação de lhe falar nestas coisas; mas emfim, por mal perguntar, diga-me: ¿ como vai o fidalgo ?

— Ai ! mal, muito mal, sôr Antonho !... Aquilo está p'ra pouca dura, valha-nos Deus ! Ele diz que diz: meus filhos, com o cair da fôlha vou-me embora. São favas contadas...

E ficava-se embargado de soluços, sem poder continuar.

— Pobre fidalgo ! — comentou o António,—tam bom, tam principal, tam amigo da religião e dos pobres, no que êle deu ! Tenha fé, seu Elias, talvez êle ainda se não vá desta. Deus é pai...

— Ah ! não mas sim; não mas vai... Meu rico amo !

— ¿ E a filha, a freira, está menos doidinha ?

— Ah ! isso sim !... nem por simenências ! Cada vez pior...

Depois, numa explosão:

— Fale-me noutra coisa, homem, ou eu arrebento de paixão !

Ao desabrochar de maio, Duarte de Sousa já não podia sair. Gastava então o tempo a compor com a filha nénias e lôas religiosas, que em côro entoavam os dois plangentemente, dum modo trespassador.

Passado um mês, a fraqueza era muita, a falta de vista quási completa. Teve de guardar a cama. Um ameaço de paralisia tomou-lhe breve o lado direito. Contudo, continuava sofrendo resignado, cantando, rezando, gracejando... improvisando charadas e madrigais.

— Ora Nossa Senhora que nunca mais me deixou ir à sua missa !... É ferro ! Embora... Espero breve ser compensado com usura, p'la permissão de a contemplar sempre inalterávelmente... por tôda a Eternidade !

E ansioso rolava os cristalinos ennevoados para a parede ao lado, onde, no oratório, sabia que tinha uma miraculosa imagem da Senhora da Conceição pendurada, — a implorá-la, a rogá-la, a enternecê-la.

— Brevemente ! Agora brevemente !.. Deixe-se disso, meu pai... — atalhava Maria, a amantíssima enfermeira, engolindo lágrimas.

Finalmente, teve a casa de ir à praça também.

Estavam na rua. Não tinham um palmo de terra aonde acolher-se, uma simples telha onde se abrigar. Quando deram a notícia ao pobre cego, — era forçoso ! — êle abriu desmesuradamente no vago, como um náufrago, as pálpebras de cinza, soergueu-se trémulo, amparado às duas filhas, e balbuciou num tom de enternecer as pedras:

— São bem crueis êsses senhores ! ¿ Eles não terão família ?... Podiam ao menos deixar-me morrer... Pouco esperavam ! — E depois para as filhas, já outra vez sem fôrça, soluçando: — Perdoai-me ! Deixo-vos sem nada... Oh ! perdoai-me, p'lo Senhor !...

Foram recolhidos por caridade numa casa fronteira dum vélho amigo, homem prático e de bom negócio ao tempo rico, que tinha sido outrora feitor da quinta do Sêrro.

Logo após a mudança, instalado na sua nova cama de empréstimo, o fidalgo queixou-se duma pontada insistente sôbre o coração. Pediu os sacramentos, que recebeu com alvorôço. No dia seguinte, sôbre a tarde — uma amenissima tarde, soalheira e quente, de fim de setembro, — exalava plácidamente o último suspiro nos braços de Maria... emquanto da rua subia, muit

chibante, o bárbaro estribilho dum rancho que passava para as vindimas... emquanto Teresa, estranha da nova instalação e tendo saído por uma água-furtada, vagabundeava ao desgarre pelo telhado.

Março 1896.

FIM

Apêndice à «Explicação dos Editores»

Estava quási concluida a impressão dêste livro quando. no dia 11 de fevereiro, recebemos uma carta do snr. Miranda e Sousa, datada de 8 do mesmo mês. Acusámo-lo de não ter respondido, como lhe cumpria, à nossa serena comunicação reproduzida no princípio do volume; a nossa lialdade obriga-nos, por isso, a levantar a referida acusação.

O snr. Miranda e Sousa, com efeito, escreveu-nos, embora tardiamente. e a sua epístola é um documento que merece ficar aqui arquivado, para edificação das pessoas de bons costumes. Ei-la:

«Lisboa, 8 de fevereiro de 1917.

Snrs. Lélo & Irmão

Pôrto.

«Recebi a carta de V.as Ex.as de 2 do corrente a que só hoje posso responder por haver estado doente. Parece-me que a surprêsa de que V.as Ex.as se dizem estar possuidos pela publicação que acabo de fazer das «Mulheres da Beira», não tem razão de existir. A de-

claração de propriedade que V.as Ex.as vêem no livro é uma formalidade da lei e refere-se na hipótese presente à propriedade da edição, pois que a da obra não é há muito de ninguêm, por haver caído no domínio público por falta de registo de propriedade, nos termos dos art.os 603.º e 604.º do Cod. Civ.

«Publicando pois as «Mulheres da Beira», fi-lo no pleno uso dum direito que a lei me confere. Entretanto podem V.as Ex.as estar absolutamente certos de que se pudesse supôr que V.as Ex.as tinham qualquer ideia sôbre a referida obra, e que erradamente mesmo a ela se julgavam com direito, não teria feito a publicação porque não costumo nunca atravessar-me no caminho de ninguêm, e desejo manter sempre boas relações com os colegas, o que reputo conveniente para todos. Se lhes não pude agora ser agradável não foi minha a culpa. Esperarei pois outra ocasião em que possa demonstrar-lhes que é êste o meu desejo.

De V.as Ex.as etc.

F. C. de Miranda e Sousa.»

Como se vê, o snr. Miranda e Sousa é duma adorável candura. Ao apropriar-se duma obra escrita pelo ilustre romancista snr. Abel Botelho, ainda vivo, felizmente, justifica-se com o facto singular de que essa obra «não é, há muito, propriedade de ninguêm.» As «Mulheres da Beira», que comprámos, não pertencem sequer ao seu autor! Foi o snr. Abel Botelho quem compôs os admiráveis contos que constituem o tômo presente, mas nenhuns direitos, jurídicos ou morais tem sôbre êles. Estranha doutrina !...

Pôrto, 28 de Fevereiro de 1917.

Os EDITORES.

INDICE

COLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

Porta da Egreja de Marvilla — Santarem.